

SÉRIE RECOMEÇAR - LIVRO 4

*A dança sempre foi sua vida.
Ryan sua salvação.*



Ainda Há esperança

ELIZABETH BEZERRA



PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ainda Há
esperança

PERIGOSAS ACHERON

Índice

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Epílogo](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O PASSADO



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

9 anos antes

Eles estavam brigando de novo. Já era a terceira vez naquela semana. E por mais que seu pai dissesse que não era por causa dele, Ryan sabia que tinha participação em cada discussão entre o casal. E se sentia impotente por nunca conseguir evitar isso, e mais, por não ter conseguido chegar ao coração de sua mãe adotiva. E ele havia tentado muito.

— Você tem que parar com isso, Laura —
Ouvindo seu pai se exasperar com ela — Essa obsessão não é saudável e a deixará maluca.

— Esquecer? — Ryan se afastou da porta

de onde observava tudo, quando Laura passou em frente a ele, caminhando, agitada, em direção ao marido — Obsessão? Você chama a busca pela minha filha de obsessão?

— Ela também era minha filha.

— Mas fui eu quem a carregou nove meses em meu ventre, senti seus movimentos, me emocionei quando ela chutou pela primeira vez. Fui eu quem a segurou em meu peito enquanto amamentava — Ryan apoiou as costas contra a parede, fechando os olhos, o discurso doloroso de Laura chegando aos seus ouvidos — Eu que senti naquele maldito dia que algo estava errado e insisti para não sairmos. Sou eu que não durmo quase todas as noites pensando e chorando pelo bebezinho que arrancaram dos meus braços. Os meus braços que, desde daquele maldito dia... — suas palavras carregavam uma dor que Ryan sentia poder tocar — estão vazios.

Ele ouvia a mesma história desde que era um menino que acabara de chegar àquela casa. Não havia um dia ou uma oportunidade que Laura deixasse de falar ou lamentar sua filha perdida. Ryan também havia perdido alguém que amava. A sua mãe, cuja morte foi provocada pelo próprio marido, agora cumprindo pena em um presídio estadual.

— E nunca, enquanto viver, esquecerei ou deixarei de procurar a minha filha.

— Mas você é muito boa em esquecer — acusou Nicholas, cego pela raiva, que quando passasse o faria se arrepender das palavras duras — Esquece todos os dias que tem um marido e que temos um filho. Um filho vivo!

— Ele não é meu filho! — as palavras duras fizeram Ryan perder o ar.

Ele levou o punho à boca, tentando reprimir o soluço preso em sua garganta.

— Abri minha casa para ele — disse ela em um tom amargo — Demos um lar, uma escola excelente e tudo o que pudesse necessitar. Mas nunca vou poder colocá-lo em meu coração no lugar de Rebecca, como você fez.

— Não coloquei Ryan no lugar da nossa filha — disse Nicholas, em um tom cansado e vencido — Abri um espaço em meu coração para ele. E se fizesse isso, também conseguiria ver que garoto incrível ele é. Seu desejo de mãe seria suprido.

— A única forma de suprir o vazio em meu peito é poder abraçar minha filha.

Abrindo os olhos, Ryan se afastou da parede e caminhou silenciosamente pelo corredor. No decorrer dos anos, ele ouviu muitas declarações semelhantes a essa. Muito cedo, ele aprendeu que o coração de Laura era algo que ele jamais conseguiria alcançar.

E foi naquela noite, após ter chorado a rejeição pela última vez, que deu a notícia ao seu pai. Queria passar uma temporada fora do país, estudando. Sentiria falta de Nicholas e, principalmente, sentiria falta de Caroline, sua melhor amiga desde que chegara àquela casa. Mas escreveria para ambos e ligaria sempre que tivesse oportunidade. Também poderia voltar nas férias. O que ele não conseguia mais, era esperar um amor que nunca seria dado a ele. Tampouco ver o casal se destruindo cada vez mais, conforme os anos amargos os consumiam.



Ryan aguardou Caroline abrir o coração e a alma para ele, enquanto a assistia mergulhar a colher em uma enorme taça de banana split. O que ele precisava dizer a ela deixaria seu já frágil coração mais abalado. Faria as coisas de outro

modo, se pudesse, mas não tinha esse poder.

— Meu pai diz que está tudo bem — disse ela, remexendo o caldo que havia se formado no pote — Mas eu sei que não está. Não quero que a mamãe morra, Ryan.

Ele perdeu a mãe muito cedo, mas ainda se recordava dela. A forma carinhosa como sorria e o abraçava à noite. Mesmo lhe dando tão pouco e muitas vezes passando necessidade, sabia que foi amado por ela. Então, entendia a dor de Caroline, assim como os seus medos.

— Se o seu pai diz que tudo ficará bem — segurou a mão dela e recebeu um sorriso de volta —, deve confiar nele.

— Acho que você tem razão. Como diz o Michael, é preciso ter fé. Era muito pior quando não sabíamos o que a mamãe tinha.

Foram longos meses de angústia com Olivia entrando e saindo do hospital, até descobrir que

PERIGOSAS ACHERON

tinha um tipo raro de câncer.

— Vamos ajudá-la a vencer isso — disse ela, tentando demonstrar empolgação.

Mas Ryan a conhecia, por trás do sorriso doce e encorajador, seus olhos espelhavam tristeza. Melancolia que possivelmente estava prestes a aumentar.

— Mas agora fale de você. Disse que tinha algo importante a dizer. Tem a ver com a tia Laura?

Ele soltou a mão dela e praticamente se encolheu na cadeira. Além dos empregados da mansão Summer, que diariamente o olhavam com pena, Caroline foi quem viu de perto a indiferença, ou mais certo a dizer, a apatia com que Laura tratava Ryan. Excluindo as discussões que tinha com Nicholas, Laura nunca foi cruel ou disse diretamente palavras que pudessem feri-lo, mas o distanciamento que empunha e frieza o machucavam muito mais. Ainda assim, ele a

PERIGOSAS ACHERON

entendia. Era uma mãe ferida em busca de uma filha que talvez nunca chegasse a encontrar, mesmo que estivesse viva, como ela acreditava. Já havia se passado dezesseis anos e nenhuma informação importante sobre a criança desaparecida havia chegado até eles.

— Tem e não tem.

— O mesmo de sempre? — dessa vez foi ela a procurar a mão dele sobre a mesa — Tia Laura ainda ignora você.

— Eu sinto que as coisas estão mais complicadas agora. Não apenas comigo — disse ele — Mas com eles. O casamento deles. Nicholas, o papai...

Nicholas havia perguntado a Ryan, ao adotá-lo, se gostaria de chamá-lo assim. E tinha agido como tal desde que o levou para o seu lar.

— Ele não está suportando mais a apatia e o sofrimento dela. Acho que ele sofre em dobro, mas

PERIGOSAS ACHERON

a Laura não vê. A dor dela parece cegá-la para a dor de todas as outras pessoas à sua volta.

— Ela ligou algumas vezes, mas nunca foi visitar a mamãe. A tia Laura afasta de perto dela todos que a amam — Carol murmurou com tristeza — Se você não tivesse chegado àquela casa, acho que não continuaria indo. Parece que a minha presença a faz sofrer mais. Eu me pergunto como será esse verão.

— É exatamente sobre isso que quero falar com você.

O que tornou a permanência de Ryan na casa enorme, bonita e elegante, mas sem calor humano, foram as visitas de Caroline e todas as férias que passaram juntos. Ela trazia vida e luz à mansão silenciosa.

— Eles vão se separar, e não quero ser só mais uma peça da mobília que Laura ignora quando passa.

— Ryan, eu sinto muito.

Caroline não conseguia imaginar seus pais se separando. Havia tanto amor e carinho entre os dois. Tanto amor, que transmitiam aos filhos todos os dias. Mesmo com a doença de Olivia, o casal continuava apaixonado e romântico. Um amor tão bonito que a fazia desejar ter algo assim, algum dia.

— Eu vou embora em uma semana.

Ele notou quando o lábio inferior tremeu e ela o mordeu rapidamente, tentando evitar que ele percebesse como a notícia a deixou abalada.

— Está indo embora? Para onde? E com quem?

— Vou terminar os estudos na Europa. Provavelmente em um colégio interno, na Inglaterra ou na Suíça — ele olhou para a mão dela ainda na sua e brincou com os seus dedos — Vai ser legal, vou poder visitar vários museus, e quem sabe encontro algum curso de Arte que me

PERIGOSAS ACHERON

interesse.

Ele amava desenhar e passava muito tempo entretido com blocos, lápis e carvão para desenhos. Fez inúmeros desenhos de Caroline, e no último Natal, a presenteara com um belo quadro de um deles. Ela sempre seria sua musa.

— Você quer mesmo ir? — a pergunta foi realizada em um tom triste, que mesmo se ela quisesse, não conseguiria esconder — Eu nunca mais vou te ver?

Eles eram melhores amigos. Enquanto Ryan se isolava em casa, escondendo-se atrás de seus desenhos, Caroline não sabia lidar com as garotas fúteis e às vezes cruéis da sua escola, e refugiava-se no balé e nas horas vagas que passava com a mãe. Começou a dançar por ela, mas acabou encontrando na dança escape e paixão.

— Preciso de novos ares — disse ele — Mas eu volto nas férias, ou você pode me visitar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Com a mãe iniciando um tratamento, ela não sabia se queria ficar longe dela. Mas esperaria ansiosamente por Ryan, todos os dias.

— Você me escreve?

— E ligarei sempre que conseguir — prometeu ele, dessa vez com um encantador sorriso no rosto — Não vou deixar você, Caroline. Só estarei um pouco mais longe agora.

— Vou sentir sua falta, Ryan — ele secou a lágrima manchando o rosto dela — Muita falta.

Ele sentiria saudades de Nicholas, da casa que passou a ser o seu lar nos últimos anos e até mesmo saudade de Laura, andando como um fantasma atormentado por todos os cantos. Mas de quem ele mais sentiria falta, e via isso pela forma que seu coração doía, seria de Caroline. A menina doce e divertida, que fez os seus dias tão coloridos como um arco-íris após a chuva.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 2

Dois anos depois

Caroline adorava esse lugar. Foi nessa sorveteria que passou bons momentos com sua família, divertidas tardes com Ryan e onde o viu pela última vez, antes de ele ir para a Europa. Não teve coragem de ir até o aeroporto vê-lo partir. Queria guardar o sorriso dele e a forma carinhosa que a olhava quando dividiram mais um pote do seu sorvete favorito.

Foram tantos momentos especiais vividos ali. Lembranças que Stacy manchava com suas insinuações venenosas, enchendo o coração dela, já destruído pela morte de sua mãe, de angústia.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já tem meses que sua mãe partiu, Caroline — disse Stacy, com tão pouco sentimento na voz que, para quem ouvisse, parecia que Olivia havia feito uma viagem qualquer, e não deixado todos eles para sempre — Você tem que começar a superar isso.

Ela tentava superar. Carol tentava ser forte todos os dias, porque prometeu isso à sua mãe, quando a viu e a abraçou pela última vez. Até mesmo só chorava em seu quarto, sozinha à noite, para não preocupar o pai, visivelmente abalado, e seu irmão Michael, que parecia mais perdido que todos eles. Foi a fragilidade deles que deu espaço e oportunidade para que Stacy voltasse a se aproximar.

— A minha mãe morreu, Stacy — sempre que admitia isso, o coração se partia um pouco mais — Não foi passar o fim de semana no spa, como a sua.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu pareço dura? Mas alguém precisa dizer a verdade. Olivia morreu, mas você continua viva. Não pode se tornar um fardo para o Max e o Michael.

As palavras duras tiveram exatamente o efeito que Stacy secretamente vinha desejando. Deixou a menina perdida e solitária, insegura.

— Eu acho que é seu dever pensar melhor sobre o colégio interno — Continuou e deu um longo gole em seu suco natural, para que a menina absorvesse com calma a sua sugestão — Aquele garoto que você vivia no pé, foi estudar fora, não foi?

A única razão que fez Caroline pensar na possibilidade, na primeira vez que Stacy sugeriu isso em um jantar na casa dela, foi pensar em Ryan, que continuava estudando fora.

Não se viram no verão, após a partida dele, e no seguinte tinha sido o falecimento da mãe de

PERIGOSAS ACHERON

Caroline, que foi quando o reencontrou no velório. Apesar da dor que sentia, rever Ryan, ter seus braços em volta dela, ouvir suas doces palavras de consolo, a fizeram se sentir conectada a ele de uma forma bem diferente.

Agora, sem Rebecca, a única amiga verdadeira que achou possuir e que foi embora sem olhar para trás, falava com Ryan mais vezes, mesmo que na maior parte fossem conversas rápidas e interrompidas drasticamente no telefone.

— Parece que deu certo para ele — disse Stacy — Tenho certeza que você se dará bem também. Soube que lá tem um excelente programa de balé.

O balé era importante para Caroline, mas desde que a mãe partiu, não havia conseguido colocar uma sapatilha, e Stacy tinha conhecimento disso. Dançar a fazia lembrar Olivia, lembrar-se dela fazia seu coração doer até que se visse em

PERIGOSAS ACHERON

lágrimas.

— Eu vou me casar com o Michael, você sabe — Afirmou Stacy, mostrando a anel de noivado que havia ganhado dele — Com ele estudando e eu cuidando para reformar a mansão, não teremos tempo para uma criança, e logo teremos as nossas. E seu pai, bom, já sabe como está. E não fique esperando aquela garota voltar, como Michael esperou. Ela não vai. Pense bem no que falei, seja um peso a menos para os dois, querida. Sei que não é isso o que você quer.

O pior de tudo que Stacy despejava sobre ela, de forma tão mesquinha e indelicada, era que havia grande verdade em parte do que dizia. Michael terminaria os estudos e construiria um lar ao lado de sua esposa. Max sofria muito pelo luto, mas para aguentar o peso da dor, passava todo o tempo no trabalho ou trancado no quarto. Caroline estava por sua conta.

Caroline entendia a tristeza de Ryan, agora mais do que nunca. Ser esquecido e deixado de lado por quem se ama doía muito. E ao contrário dele, não contou com a sorte de ter alguém que amava tornando os dias dela mais leves e suportáveis. Ao menos, Nicholas estivera lá para ele.

Estava sozinha.

— Posso pensar até amanhã?

Não queria ser um estorvo para sua família, como Stacy insinuava. Só precisava de tempo para ajeitar as coisas. Tanto Laura, como Nicholas, a quem a morte de Olivia parecia ter reunido, tinham partido para a Europa, para ficar mais perto de Ryan. Talvez pudesse passar um tempo com eles, pelo menos até seu coração machucado conseguir se curar.

— Claro que sim, Caroline. Sei que fará o melhor, minha querida.

A voz gentil em nada combinava com o sorriso satisfeito que Stacy ostentava.



Assim que retornou a casa e ter passado rapidamente em seu quarto, à procura do telefone que Laura havia passado para ela, Caroline trancou-se no escritório do pai para a ligação mais importante de sua vida. A que mudaria tudo para ela.

Aguardou ansiosamente a ligação ser atendida, depois se encolheu de preocupação quando ouviu o aviso para que deixasse um recado após o sinal.

— Tia Laura? É Caroline. Desculpe entrar em contato com você, depois de tanto tempo... — o nó se formando em sua garganta dificultava poder a ela dizer o que gostaria— É que meu pai anda bem triste, e o Michael...

Ela respirou fundo e tentou mais uma vez segurar as lágrimas.

— Acho que sabe que vai se casar em breve e... Eu poderia ficar alguns dias com você? Sabe, como nas férias de verão?

Lembrar o passado e como foi feliz em todas as viagens de férias que teve ao lado de Ryan, o carinhoso Nicholas, e às vezes, até mesmo da apática Laura, mexia muito com ela.

Refreou os soluços e secou o rosto rapidamente, antes que a ligação fosse encerrada.

— Não quero te incomodar, mas... bem, se eu puder. Não tenho muito tempo para esperar a sua resposta. Então, se eu puder... Bem, me liga.

Após encerrar, Caroline apoiou a cabeça contra a mesa fria e deixou que os sentimentos fossem finalmente libertos com suas lágrimas. Ainda era apenas uma menina, mas a vida já vinha mostrando o quão dura poderia ser.



Ela esperou pelo retorno da ligação aquela noite. Esperou por toda a manhã seguinte, e quando Stacy a pressionou mais uma vez por uma resposta, pediu, quase às lágrimas, que esperasse um pouco mais. Um dia se tornou dois, que se transformou em uma semana. Tempo suficiente para que Caroline tivesse que encarar a realidade. Laura não iria ligar.

Bateu na porta do quarto do irmão, no fim de semana seguinte ao seu retorno semanal da faculdade. Sabia que ele fazia isso ainda apenas por ela e pelo pai.

— Posso entrar?

O encontrou no computador pesquisando algo, mas a página foi fechada assim que Caroline se aproximou da cadeira que Michael ocupava.

— Queria dizer que pensei muito, a semana toda, e acho que a sugestão da Stacy sobre a escola na França é realmente boa.

Michael a encarou com surpresa. Segurou a mão dela, e juntos foram até a cama dele, onde se acomodaram.

— Tem certeza de que é isso que você quer? — perguntou, com gentileza e afeto — Há alguma coisa estimulando sua decisão?

A vontade de Caroline era gritar que sim. Que Stacy mal esperara o corpo da mãe deles esfriar no caixão para lotar a cabeça dela de veneno e incertezas.

— Conversei com a Sra. Dupuis, a minha professora de balé — ela tentou soar animada ao dizer isso — Ela disse que eles têm um ótimo programa de dança. Será excelente para meu futuro como bailarina. Era o sonho da mamãe, lembra?

Além disso, ela poderia voltar a colocar as

PERIGOSAS ACHERON

sapatilhas sem temer cair no choro e preocupar a sua família. Ninguém em Paris a conhecia. No máximo, a achariam maluca, mas estava acostumada a ser vista assim. Nunca conseguiu se encaixar na escola mesmo. E as coisas só pioraram quando esteve em uma festa de uma garota de sua sala, e avançou sobre ela após a mesma ter insinuado que a doença que impossibilitava a mãe de sair de casa era algum tipo de loucura, que um dia a afetaria também.

— E o papai? — perguntou Michael, fazendo sua atenção voltar para ele — Não acha que ele anda bem estranho?

— Ele está tentando lidar com a perda da mamãe do jeito que ele sabe — disse ela — Passa mais tempo na Hunter que aqui. E eu não quero ser mais um motivo de preocupação para ele.

— Sabe que não é assim, Caroline — Michael saiu em defesa dele. Não que Max
PERIGOSAS ACHERON

precisasse — Ele só precisa de tempo. Talvez eu deva dar uma pausa...

— Não, já perdeu um semestre da faculdade — ela buscou a mão dele, prendendo-a na sua — Eu ficarei bem. O papai ficará bem. Você ficará bem?

Michael desviou o olhar para suas mãos unidas.

— Tudo seria diferente se ela estivesse aqui — murmurou ele, a amargura e tristeza impregnadas em sua voz.

E Caroline sabia que o “ela” não seria Olivia, mas sim Rebecca, a garota que partiu o coração deles de milhares de formas diferentes.

— Por que ela fez isso Carol? — ele indagou, quando foi abraçado por ela — Por que fez com que nós a amássemos e depois... foi como se isso não significasse nada.

Apesar de sua tenra idade e quase nada de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

experiência de vida, Caroline sabia que Michael havia aceitado as investidas de Stacy por dois motivos. Primeiro por ela, pois acreditava que a ruiva egoísta pudesse ser a amiga que Rebecca já não era. Por isso, ela estava indo embora, para tirar dos ombros de Michael o peso dessa obrigação.

O segundo, ele tentava esquecer o primeiro e talvez único amor da vida dele. Quanto a isso, Caroline nada poderia fazer. Esperava que o tempo o fizesse enxergar que poderia estar caminhando em direção a um grande erro.

— Eu não sei — afagou seus cabelos e o consolou como deveria estar sendo consolada por ele — Mas eu não me arrependo de tê-la amado. Ela foi a amiga que precisei ter.

A doce Rebecca, que havia entrado em suas vidas, sempre estaria no coração de Caroline.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3

Um mês depois

Ryan sentia bem mais do que felicidade em saber que Caroline estaria mais próxima dele. Ainda existia um país os separando, mas era bem melhor do que um continente inteiro. A única coisa que eclipsava sua emoção em ter a amiga de volta em sua vida era Rebecca. Tanto ele, como qualquer pessoa em sua família estavam proibidos de trazer qualquer membro da família Hunter de volta para a vida dela.

E embora Ryan não soubesse tudo o que aconteceu para que sua irmã — pois foi assim que decidiu aceitá-la em sua vida — sentisse ódio e

desprezo contra os Hunter, a dor que ela tentava mascarar todos os dias era bem evidente para ele. Assim como Rebecca, ele passou anos escondendo um coração magoado, então conseguia identificar um.

E se o desejo dela não fosse suficiente para que fosse com calma e mantivesse Carol em uma distância segura dos outros, seu novo e sonhado relacionamento com Laura era.

Não foi nem mesmo o retorno definitivo da filha que a fez mudar, conquistando o coração dele. Após uma viagem ao Novo México e ter quase morrido em meio a uma guerrilha perigosa, Laura deu-se conta de que amava a filha desaparecida, mas amava Nicholas e queria amar Ryan também.

E o jovem aceitou seus pedidos de perdão e, principalmente, o amor, mesmo que tardio, que Laura desejava oferecer. Ryan não queria, não podia perder o amor que finalmente começava a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

receber, se contrariasse os pedidos de Rebecca.

Se isso a fizesse ir embora e Laura sofresse com a falta da filha, e principalmente com a falta da neta, em algum momento poderia culpá-lo.

Ele não queria isso. Estava preso entre o carinho que tinha por sua mais antiga e querida amiga, que agora precisava muito dele, e o amor e a lealdade à sua família, finalmente em paz e completa.

— Ryan, eu sinto muito por isso — disse Laura, quando o carro que o levaria para o aeroporto chegou — Sinto por não estar lá com você.

Ele queria dizer que quem sentiria mais a falta dela era Caroline, mesmo que tivesse conversado com a garota por telefone, no dia anterior, desejando boa viagem. Não seria o mesmo que um abraço afetuoso de quem fora a melhor amiga de sua mãe.

PERIGOSAS ACHERON

Mas Laura já carregou e talvez ainda carregasse peso suficiente em seu coração, para que ele a pressionasse mais.

— Diga a ela que a amamos muito, por favor.

— Eu direi — prometeu ele.

Após o abraço afetuoso que trocaram, Ryan entrou no carro quando o motorista abriu a porta para ele. Observou Nicholas e Laura com as mãos unidas, na calçada em frente ao hotel que se hospedariam até Ryan voltar. Ele estava a caminho do aeroporto para recepcionar Caroline, que passaria uma longa temporada em um internato na França.

Por experiência, Ryan sabia que chegar a uma escola nova, principalmente em outro país, podia ser uma experiência assustadora. Ainda maior para uma garota que sempre viveu em um lar protegido e cheio de amor, como Carol. Seria bom

para ela ver um rosto querido, mesmo ele ficando a duas horas de trem ou um voo de uma hora de distância.

Ele enfiou as mãos nos bolsos do jeans quando parou em frente ao portão de desembarque. O painel de aviso informava que o avião tinha pousado há pouco mais de dez minutos. Os passageiros já deveriam ter começado a ser liberados, mas provavelmente aguardavam para recuperar suas bagagens.

Cerca de quase meia hora depois, pessoas foram saindo, amigos se encontrando, parentes fazendo festa entre eles, outros chegando a trabalho, rostos carrancudos querendo fugir dos grupos que se formavam.

Ele ergueu a cabeça. Andou para lá e para cá, até que viu uma garota com uma mochila nas costas e um jovem carregando uma mala ao lado dela.

— Caroline! — ele chamou.

PERIGOSAS NACIONAIS

Os olhos tristes e apavorados, que tentava esconder possivelmente do irmão, com os cabelos soltos, rapidamente procuraram por ele em meio ao amontado de pessoas que começava a se desfazer.

— Ryan? — disse ela, correndo em direção a ele.

A garotinha, que ele viu pela última vez na sorveteira, pouco mudou desde os dois anos que se passaram. Mas havia algo mais em Carol, uma experiência de vida que ainda era cedo demais para que tivesse adquirido. Era como se sua inocência e crença em um mundo cor de rosa, o castelo protegido no qual viveu, tivesse desmoronado.

— Não sabia que viria — ela aceitou o abraço dele — Está sozinho?

— O papai tinha negócios em Paris — ele voltou a esconder as mãos nos bolsos da calça e olhou para os próprios sapatos ao responder: — Eu vim com ele e pedi que me deixasse aqui antes.

PERIGOSAS ACHERON

Odiava ter que mentir para ela, mas não havia outra alternativa. Assim como Nicholas e Laura, que estavam apenas a alguns minutos de distância, sentindo culpa por não estarem ali com ela.

— Certo — ela sorriu, tentando disfarçar o desapontamento, e deu um passo para o lado, revelando o rapaz atrás dela — Lembra do Michael?

Eles se cumprimentaram. Não teve muito contato com o irmão de Caroline, tinham idades diferentes e interesses também.

— Vão ficar em um hotel?

— Até amanhã, quando poderei me instalar na escola — respondeu ela.

— E posso ir com vocês?

— Eu iria amar — disse ela e, dessa vez, o sorriso parecia ser verdadeiro — Ele pode, né, Michael?

— Acho que é bem legal você ter um rosto

conhecido por perto — disse ele — É sempre bem-vindo conosco, Ryan.

Apesar de ele não ter, ou não ter tido, tanto contato com Michael, Caroline sempre falou maravilhas dele. E o observando de perto, parecia um cara legal, pelo menos com a irmã. Se via o amor que tinha por ela.

Por que Michael não dedicou tal sentimento a Rebecca e à filha que tinham? Por que ficou noivo de outra, fazendo o coração de sua irmã congelar no peito?

— Eu carrego sua mochila — vendo os dois começarem a caminhar, Ryan ignorou as perguntas para as quais ainda não teria resposta e os seguiu.

— Obrigada — disse Carol, e o sorriso ficou mais tímido, mas também mais bonito, quando Ryan segurou a mão dela.

Os três seguiram falantes até o carro que os aguardava para levar ao hotel.

O que o trio não viu, e talvez nunca viesse a saber, é que em um canto discreto do aeroporto, um casal abraçado os observava de longe. Felizes que estivessem juntos, mas pesarosos por não poderem se aproximar.



Enquanto Ryan e Caroline dividiam a mesa, devorando um lanche que havia sido entregue pelo serviço de quarto do hotel, Michael desceu para o saguão do hotel com o intuito de fazer uma ligação rápida ao pai deles, avisando que haviam chegado em segurança e também para trocar rápidas palavras com sua noiva.

— A mamãe... quero dizer, a Laura — ele pigarreou e tomou um longo gole de suco para continuar — Disse que pretende visitá-la assim que puder e que a ama.

Carol jogou mais ketchup em suas batatas,

PERIGOSAS ACHERON

mas não levou nenhuma delas à boca.

— Tudo bem, Ryan, eu entendo — disse, remexendo o prato — Stacy me explicou tudo. A Laura vê em mim a sua filha perdida. Foi por isso que nunca quis me ter por perto.

Inicialmente, a venenosa da noiva do irmão dela poderia ter tido razão, refletiu Ryan, mas nada poderia estar mais longe da verdade agora. Ele queria muito dizer isso ela. E até mesmo chegou a abrir a boca para falar, quando Michael retornou, impossibilitando isso.

— O papai disse que liga mais tarde — juntou-se a eles à mesa — E Stacy foi às compras.

Ryan e Caroline trocaram um olhar divertido ao ouvirem a última parte. Nenhum dos dois conseguia entender como ele não enxergava o tipo de pessoa fútil que era sua noiva.

Estava quase anoitecendo, e com Carol demonstrando cansaço, Ryan decidiu que deveria ir

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

embora, com a promessa de que voltaria na manhã seguinte, e junto com Michael, a acompanharia para a nova escola.

Os Summer o esperavam no carro na frente do hotel, quando ele saiu. O viraram do avesso para saber cada detalhe. Como Caroline estava? Como se sentia? Perguntou sobre eles?

À sua maneira, Ryan via o quanto estavam preocupados e que sentiam ter que agir dessa forma.

Às vezes, como naquele momento, ao ver sua amiga frágil e solitária, sentia raiva de Rebecca, e essa raiva quase o fez ser sincero com Caroline. E se Michael não tivesse os interrompido a tempo, teria quebrado a promessa que havia feito a Rebecca, de nunca contar a Caroline onde ela estava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 4

4 meses depois

A vida no Institut Juliet não iniciou tão difícil como Caroline imaginou que seria, ao cruzar os enormes portões de ferro e após se despedir de Ryan e seu irmão Michael. Claro que nos primeiros dias, principalmente na primeira noite, chorou encolhida na cama, no quarto que dividiria com outra interna, uma garota de cabelos ruivos e muitas sardas pelo rosto.

Sentiu saudade da mãe, que nunca mais poderia abraçar. Sentiu saudade do pai, a quem esperava que ficasse bem. Sentiu saudade de Michael e torcia para que agora, que já não a tinha

como um peso sobre os seus ombros, fosse sábio o suficiente para não tomar decisões que viesse a se arrepender no futuro. Ela sentiu saudade até mesmo da rabugenta Sra. Dickson, de Marisa, a cozinheira de olhar gentil, e de Bill, o motorista taciturno.

Ainda chorava às vezes silenciosamente, mas a cada dia prometia a si mesma derramar uma lágrima a menos. E ela fazia o possível para que a adaptação, nesse que seria, por um longo tempo, seu novo lar, fosse o menos assustadora possível.

Foi doloroso colocar as sapatilhas e o uniforme de balé novamente. Mas conseguiu ao menos assistir à aula até a metade, antes de correr para o vestiário em busca de refúgio. A segunda aula foi melhor que a primeira, a terceira melhor que a segunda, e assim os dias se repetiram.

Tornou-se amiga da acolhedora e divertida Raeden, sua companheira de quarto, e de suas inseparáveis amigas, Melanie, uma negra muito

PERIGOSAS ACHERON

bonita e faladeira, e Fan, a tímida asiática de olhos gentis.

O restante da escola, em sua maioria, era de pessoas legais. Havia apenas uma competição não declarada para quem iria pegar o papel principal na apresentação de fim de ano, *O Quebra-Nozes*, mas Caroline não se importava com isso. Ela apenas queria dançar, e dançava muito, sempre que era possível ou quando ficava sozinha na escola, já que a maioria das garotas retornava ao seu lar nos fins de semana.

E apesar de ainda sentir um buraco no peito quando pensava em sua mãe, o balé a fazia se sentir mais próxima de Olivia. Ela girava, saltava e se equilibrava nas pontas dos pés. Exigindo o máximo de seu corpo, sempre se entregando mais. Só havia ela, a música e a grande alegria em dançar.

Foi sorrindo prazerosamente que Caroline saltou no ar e finalizou o *grand jeté* de forma

PERIGOSAS ACHERON

graciosa. A música parou, mas um aplauso animado tomou o lugar dela.

— Perfeita. Sempre perfeita.

Olhou em direção aos aplausos e a voz animada.

— Ryan! — ela saltou feliz até ele, jogando-se animada em seus braços — Você não me disse que viria!

Eles só se viram uma vez a cada mês, durante os quatro meses que Caroline esteve na escola. Seus estudos, somados às aulas de balé, quase não a deixavam com tempo livre para outras coisas. Ryan também possuía suas obrigações, já que se preparava para ingressar na faculdade no ano seguinte, além dos cursos de Artes que começara a fazer. Mas os dois nunca deixavam de se escrever e falar ao telefone sempre que tinham oportunidade.

— Eu prometi que iríamos comemorar seu aniversário — disse ele.

Era sábado, e o aniversário dela tinha sido na terça-feira. E apesar de não ter tido vontade alguma de comemorar no dia, como suas amigas insistiram que fizesse, recebeu presentes suficientes para deixá-la nostálgica e surpresa. Um cheque bem generoso de Max, entregue pela diretora da escola, para que comprasse algo bonito que desejasse. Um porta-retratos com uma foto de toda a família enviado por Michael, e que era o objeto mais preciso em sua mesa de cabeceira. Um vestido novo de Raeden para uma ocasião especial, um par de botas de Melanie, um frasco de perfume de Fan, e até mesmo Nicholas e Laura haviam enviado um lindo cartão com um par de sapatilhas novas.

— Sinto muito desapontar você — disse ela ao se afastarem — Não há muito o que fazer na Juliet.

— E quem disse que ficaremos aqui?

— Não vamos?

Ele balançou a cabeça e abriu um enorme sorriso para ela.

— Falei com papai, que falou com a diretora — disse ele — e desde que nunca escapemos dos olhares atentos do Sr. Cunningham, podemos sair.

— Sr. Cunningham? — ela sentou no chão para desfazer os laços das sapatilhas.

— O motorista.

— Nós temos um motorista?

— Presente dos meus pais, para irmos onde quisermos. A cidade é toda nossa.

Carol estava feliz que o relacionamento entre ele e os Summer estivesse melhorando a cada dia. Principalmente que Laura o estivesse tratando com o carinho que ele merecia. Já era visível que o Ryan de hoje era bem mais seguro, comunicativo e confiante, diferente do garoto que saiu de Uptown há quase três anos.

E contagiada pela animação dele, Carol

PERIGOSAS ACHERON

correu para o quarto, tomou um banho rápido e buscou no guarda-roupa o vestido que Readen lhe deu. Aquela, sem dúvida, era uma ocasião especial. Calçou as botas dadas por Melanie e estreou o perfume adocicado, presente de Fan. Encontrou Ryan ao lado do motorista, em frente a um enorme e elegante carro preto.

— Pronta para a aventura? — Ryan abriu a porta para ela.

Mais do que pronta; Caroline precisava disso. Correr com ele de mãos dadas pelos pontos turísticos que escolheram para visitar. E que Ryan, seu melhor amigo de infância, conseguiu o que ninguém mais havia conseguido há quase um ano: fazê-la sorrir verdadeiramente. Os sorrisos estampados por ela, em todas as fotos, foram genuínos.



Sentada sobre a cama, em uma posição de ioga, Caroline olhava os dois porta-retratos em cima da mesinha de cabeceira. Duas fotos que tinha grande carinho. À esquerda, na moldura vinho, retratava ela com seus pais e irmão, um ano antes de sua mãe ficar doente, todos exibindo um sorriso feliz na casa em Greenville. A da direita, mostrava ela com Ryan, os braços na cintura um do outro, tendo como pano de fundo a Torre Eiffel. A mesma garota, e ao mesmo tempo tão diferente. A primeira, cercada de amor em seu mundo superprotegido, não tinha a menor ideia de que seu castelo ia desmoronar. A segunda, andava em meio às ruínas, tentando manter-se em pé todos os dias.

— Carol! — Raeden entrou exultante, trazendo com ela o murmurinho agitado que circulava no corredor — A Srta. Lorraine já colocou a lista no painel. Você não vem?

Era o dia em que cada aluno que havia feito o

PERIGOSAS ACHERON

teste para *O Quebra-Nozes* saberia seus respectivos papéis. Ela havia participado, porque era praticamente obrigatório fazer isso e também porque *O Quebra-Nozes* era um dos espetáculos mais preferido de sua mãe. Mas Caroline não se importava se teria o papel principal, ou se seria apenas uma bailarina de apoio.

— Pensei em escrever uma carta para o meu pai e irmão — avisou ela.

Raeden colocou as mãos na cintura e caminhou graciosamente até ela. Bailarinas tinham uma forma peculiar de andar e manter a postura, principalmente se fosse aluna da exigente Srta. Lorraine.

— Pode fazer isso à noite! — ela puxou Caroline pelas mãos, arrastando-a até a porta — A apresentação do fim de ano é importante. Todos os pais estarão aqui. Bom, espero que dessa vez os meus pais estejam.

Os pais de Raeden eram diplomatas importantes, que passavam mais tempo viajando pelo mundo do que com sua única filha.

— Aposto que você ganhou o papel de Klara — disse Raeden ao caminharem juntas até o painel de avisos — A Srta. Lorraine só te fez elogios nas últimas aulas.

Não porque, como as outras alunas, Caroline esteve desesperada e empenhada em conseguir o papel. Sua dedicação às aulas e as horas a mais que passava treinando eram sua fuga da solidão. Algumas alunas poderiam olhar com despeito e certa inveja para os elogios que os professores faziam a ela, mas poucas notavam que todos os finais de semana, enquanto elas retornavam felizes para as suas casas, ela ficava quase sempre sozinha no gigantesco e silencioso colégio.

Elas esperaram que os rostos felizes e desapontados fossem se afastando da frente do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

longo quadro branco, para se aproximarem.

— Vamos lá — disse Raeden, passando os dedos pela lista — Braund... Braund... Achei.

Caroline se aproximou um pouco mais para averiguar qual papel sua animada amiga tinha conseguido.

— Meu Deus! — Raeden pulou animada sobre Caroline — Consegui a Sugarplum Fairy. Acha que meus cabelos vermelhos têm a ver com isso?

Ela apenas sorriu da insegurança desnecessária dela.

— Acho que tem a ver com você parecer mesmo com uma fada — disse Caroline — e dançar como uma.

Raeden abriu um tímido, mas orgulhoso sorriso.

— Agora, vamos ver qual papel foi reservado para você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Passaram por Hamilton, dois Heath e um Holland até encontrarem o sobrenome Hunter.

— Ah, eu sabia — ela bateu palmas, pulando no lugar — Caroline Hunter como Klara.

Enquanto para sua amiga Raeden não era espanto algum Caroline ter recebido o papel principal, ela olhava para o quadro de avisos, admirada. Tinha feito uma ótima apresentação durante seus dez minutos de teste, mas havia dançado com o coração, porque era o que amava, nunca esperou realmente conseguir o papel.

— O que vocês estão festejando? — perguntou Fan junto a Melanie, parando ao lado das duas.

— Vou ser a Sugarplum Fairy — respondeu Raeden, sem segurar o sorriso — E nossa pequena Caroline será a Klara.

As duas receberam os mesmos cumprimentos acalorados, antes de Melanie e Fan procurarem os

PERIGOSAS ACHERON

próprios nomes na lista.

— Sou uma das fadas — disse Melanie ao comemorar — E você, Fan?

— Elenco de apoio — apesar do papel, não parecia chateada — Uma das ratazanas.

Elas deram espaço para que outros alunos buscassem seus nomes, celebrassem ou expressassem desapontamento, antes de voltarem para o quarto que Caroline e Raeden dividiam.

— Ai. Meu. Deus! — Raeden estacou em frente à porta — Vi que o Louis será o Quebra-Nozes.

Louis Duperré era filho da diretora da escola e um dos melhores bailarinos, se não o melhor bailarino na Juliet. O seu sorriso perfeito e cabelos loiros, que constantemente caíam sobre os olhos turquesa, faziam as garotas suspirarem pelos corredores sempre que o viam.

— Isso é incrível — suspirou Fan, ao

PERIGOSAS ACHERON

visualizar o casal juntos — Louis e Caroline.

— Eu não tenho idade e nem interesse para pensar em rapazes agora — disse Caroline, bastante enfática ao esclarecer isso — Só a dança me importa, garotas.

— Isso é por causa do Ryan? — provocou Raeden, batendo o ombro no dela — O lindo garoto de olhos e cabelos escuros.

Ela tinha sido a única a encontrar Ryan em uma de suas visitas a Caroline.

— Ryan é apenas meu amigo — respondeu, fugindo dos olhares curiosos ao seguir até a porta para abri-la — É quase como um irmão. Eca!

Ela nunca pensou em Ryan assim. Claro, Caroline não podia negar que ele vinha se transformando em um rapaz muito bonito. E a confiança que começava a adquirir, devido ao novo relacionamento com os pais adotivos, dava a ele um charme difícil de ignorar e resistir. Mas Ryan era

PERIGOSAS ACHERON

como um irmão para ela, e era assim que deveriam considerar um ao outro.

— Parem de enchê-la — Melanie veio em defesa dela — Caroline estuda muito, porque quer chegar ao Bolshoi, não é mesmo?

O Bolshoi era um dos sonhos dela. Antes de sua mãe morrer, ela teria se contentado com American Ballet Theatre e até mesmo a companhia de Uptown. Mas agora, sentia viva a necessidade de realizar isso por sua mãe. Se tornar uma grande e reconhecida bailarina profissional.

— Quem sabe, não é mesmo? — afirmou Caroline — Agora, vou escrever as cartas que eu pretendia.

— Claro que não, nós precisamos comemorar no Lebrun — sugeriu Fan, animada — Com o melhor sorvete de Paris.

— Fan, se continuar se empanturrando de porcarias assim, nunca conseguirá um papel

PERIGOSAS ACHERON

principal — acusou Melanie.

Diferente das outras três, que realmente tinham grande paixão e dedicação com o balé, Fan Tung estava na Juliet porque a mãe a obrigava. Por isso ela não se importava com a dieta rígida que uma bailarina precisava seguir e nem gastava tanta energia durante as aulas de dança.

— É só um sorvete, Melanie — retorquiu Caroline, abraçando uma Fan emburrada — Então, vamos pedir as autorizações, garotas.

Quem a olhasse poderia dizer que o motivo do seu sorriso era devido ao seu papel importante na exibição de fim de ano da escola, mas Caroline estava mesmo feliz por ter essas três divertidas e animadas meninas ao lado dela.

Capítulo 5

Ryan não a via há três meses. E não era a distância a culpada disso, poderia ter pegado um trem de Londres a Paris. Ou se estivesse com muita pressa, um voo rápido com o mesmo destino. Só que ele não pegou o trem, tampouco Caroline mostrou novos interesses de ir visitá-lo, mas eles conversaram muito por telefone. Ela esteve ocupada com os ensaios para sua apresentação de balé, que aconteceria na escola no fim do ano, e tinha novos amigos agora, com quem também dividia seu tempo. Ele entendia isso e ficava feliz por ela. Ryan também estava preso às suas atividades escolares e aos cursos que havia decidido fazer.

Ele prometeu a si mesmo e à Carol que a distância, a rotina corrida que levavam e nem as pessoas novas que entravam em suas vidas, iriam mudar o que sentiam um pelo outro. E ao longo dos três meses separados, Ryan acreditou mesmo nisso. Contudo, ao olhar para o palco onde ela dançava lindamente, arrancando emoções, não apenas dele, mas de todos na plateia, e ao vê-la finalizar o espetáculo e dirigir ao seu parceiro de palco um olhar terno e gentil, sentiu que alguém poderia, sim, mudar isso.

E Ryan se sentiu mais do que ameaçado pelo bailarino com estilo de galã de Hollywood. Ele sentiu ciúmes. Não um ciúme de amigo, ou até mesmo de irmão, como deveria se considerar em relação a Caroline. Ele começava a vê-la como uma linda garota a amadurecer.

A garotinha que tinha surgido na escada de sua casa, obrigando-o a falar e brincar com ela,

PERIGOSAS ACHERON

existia agora apenas em suas lembranças mais doces. Carol seguia para se transformar em uma linda mulher, e Ryan não conseguia mais ignorar isso. Assim como o bailarino ao lado dela, que a seguia até onde Ryan estava com seus pais.

— Caroline, você estava maravilhosa —
Laura foi a primeira a recepcionar a dupla — Olivia ficaria tão orgulhosa.

Foi visível observar que, ao ouvir o nome da mãe ser citado, seus olhos transmitiram emoção.

— Obrigada, Laura. Dei tudo de mim hoje por ela — retribuiu o abraço que recebia e depois se dirigiu ao homem de sorriso gentil ao lado da esposa — Nicholas, fico muito feliz que tenham vindo.

Após cumprimentar o casal Summer, Caroline se dirigiu animada a Ryan. Gostava dos Summer, mas os meses e a falta de apoio deles colocaram um grande muro entre eles. Mas Ryan?

Não. Por Ryan, ela tinha um carinho que nunca iria mudar.

— É tão bom te ver — murmurou ela, abraçando-o com carinho — Senti tanta saudade.

E ao tê-la tão junto dele, sentir o perfume adocicado que vinha de sua pele e seus cabelos, Ryan teve a completa certeza que os sentimentos dele mudaram.

— Esse é o Louis — disse ela ao se afastar — Louis, esses são velhos amigos dos meus pais. Nicholas e Laura Summer e seu filho Ryan, o melhor amigo que já tive a vida toda.

Foi difícil evitar que a lembrança de Rebecca não pairasse sobre cada um dos Summers. Mas Louis, em sua ignorância bem-vinda, quebrou o clima ao se apresentar efusivamente.

— Já falamos com a diretora e vamos levá-la para jantar — disse Laura, piscando de forma nada discreta para Caroline — Pode trazer seu amigo

também.

— Eu adoraria — disse ele, com um sorriso amigável — Mas a minha mãe é a diretora, e ela tem planos essa noite.

Rayn quase suspirou de alívio pelo rapaz ter declinado. Podia ser egoísta, mas queira Carol apenas para si. E já teria que dividi-la com seus pais.

— Vejo você amanhã — disse Louis, depositando um beijo carinhoso, e demorado demais para Ryan, na bochecha dela.

Carol sorriu, encantada, e o observou partir.

— Ele é um colírio para os olhos — disse Laura, ao passar o braço pelo ombro de Caroline.

Com um bufar desanimado, Ryan viu as duas seguirem para fora do teatro, confabulando o quanto encantador Louis conseguia ser.

— O primeiro amor é bem confuso, não é? — ele ouviu Nicholas dizer.

— Como assim?

Era tão óbvio seus sentimentos por sua melhor amiga?

— Já passei por isso — disse seu pai, quando começaram a caminhar para fora de casa — Descobrir que gosta da outra pessoa quando se sente ameaçado.

Ryan jamais teve essa conversa com ele antes. Já achou uma ou duas garotas bonitas no internato, e até mesmo chegou a beijar algumas vezes uma delas. Era um jovem aprendendo a conhecer o corpo e entendendo a atração que uma garota despertava nele. Mas nunca expôs qualquer dúvida a Nicholas.

— Carol é minha amiga — retrucou ele.

— Mas gostaria que fosse algo a mais.

— Não. Claro que não — negava isso não apenas a Nicholas, mas a si mesmo — Somos só amigos, papai.

— Certo. Então deixe-me dar um conselho — afinal, Nicholas não estava nada convencido com o que ele acabou de afirmar — Se for amor de verdade, nada, ninguém e nem o tempo impedirá que aconteça. Mas isso não quer dizer que não deva lutar por ela quando chegar a hora.

Anos depois, Ryan veria que o conselho foi sábio e profético. No momento, ele só conseguia se sentir confuso.



Nicholas e Laura já tinham se recolhido à sua suíte, mas permitiram que os jovens ficassem um tempo a mais na sacada do quarto conjugado, observando a noite, jogando conversa fora.

Ryan tinha pegado algumas almofadas nos sofás, as jogado no chão para que se sentassem e uma manta no quarto para os cobrir.

Eles falaram das últimas semanas de cada

PERIGOSAS ACHERON

um. Do espetáculo de Carol e de como ela se sentia feliz ao dar seguimento aos sonhos que compartilhou com sua mãe.

— Eu me sinto tão próxima a ela, Ryan — nesse momento, Caroline tinha o braço enroscado ao dele e a cabeça apoiada em seu peito, enquanto ele acariciava os cabelos dela — Não sei como explicar, mas é assim que eu sinto. Quando danço, parece que nada de ruim chega perto de mim. É como agora. Como quando estou perto de você.

As palavras dela o atingiram forte no peito. Ele também se sentia ligado a ela, como nunca se sentiu ligado a alguém.

Cedo demais, ou de um jeito intenso demais para um jovem da idade dele, Ryan teve a mais absoluta certeza de que Carol era a garota da sua vida.

Nicholas tinha razão. O primeiro amor era confuso. Ele brigava com o que achava certo e com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o que sentia. E em meio a tudo isso, havia o segredo que nunca contou a ela, que nunca poderia contar, até que Rebecca o liberasse disso.

O que Carol diria, ou como se sentiria sabendo que esse tempo todo eles a estavam excluindo? Da vida deles, da vida de Olivia.

E ao mesmo tempo que descobria que seus sentimentos por ela cresceram e se modificaram, percebia que não a merecia.

— Esse rapaz, o Louis — não conseguia evitar questionar — É seu namorado?

O tempo que ela levou para responder foi longo demais. Aterrorizante demais para ele.

— Ainda não — disse ela, agarrando-se mais ao braço dele.

— Ainda não? — Ryan tentou esconder a decepção na voz dele com o que ela disse.

Sentiu, pela primeira vez, o vislumbre de ter o coração partido.

PERIGOSAS ACHERON

— Sei que ele tem interesse — disse ela, antes de soltar um bocejo — Mas, por enquanto, quero me concentrar na dança.

O peito dele ficou um pouco mais leve. Enquanto a dança fosse mais importante na vida de Caroline, seu coração, temendo ser ferido, podia ficar um pouco mais calmo.

— Você estava linda hoje, Carol — murmurou, voltando a acariciar os cabelos dela.

Não obteve resposta. A respiração tranquila indicava que a jovem tinha caído no sono. Alguns minutos depois, ele se juntou a ela.

Nicholas não ficou surpreso quando os viu juntos na manhã seguinte. Já Laura, apesar de não expressar nenhum pensamento ao marido, ficou preocupada.



Enquanto Rebecca e Brianna o crivavam de
PERIGOSAS ACHERON

perguntas, Ryan só conseguia pensar em uma coisa: implorar à irmã que o liberasse do segredo que parecia o sufocar.

Inicialmente, tinha aceitado e cumprido os desejos de Rebecca em se manter longe de qualquer pessoa da família Hunter, devido à sua gravidez avançada. Depois, porque estava em um período de adaptação na Inglaterra, e continuou mudo porque achou que ela precisasse de mais tempo.

Ele acreditou que a chegada de sua filha Olivia fosse, aos poucos, amaciar o coração dela, mas parecia que Rebecca construiu uma muralha ainda maior.

— Farei o possível para ir em uma próxima apresentação dela — disse Rebecca — Claro, vou olhar escondido.

Apesar de magoada e muito ferida pelo irmão de Caroline, era visível que pela garota ainda sentia muito carinho. Ryan desejava tanto que esse

PERIGOSAS ACHERON

sentimento prevalecesse.

— Por que escondido? — retrucou Ryan — Por que não chegar perto dela e dizer o quanto sente a sua falta, em vez de buscar notícias por mim?

O sorriso de Rebecca se desfez. Ela deu a Ryan um olhar frio que raramente dava.

— Já deixei claro meus motivos, Ryan.

— Ela não quer reencontrar o Michael e se arriscar a perdô-lo — disse Brianna.

Rebecca a olhou ainda mais duro, mas sua amiga sabia que ela muito latia, mas pouco mordia.

— Olha para ela, Ryan — Rebecca indicou a bebê dormindo tranquilamente na cama.

Os dedinhos na boca, vez ou outra mexia os lábios em um pequeno sorriso.

— Michael está noivo de outra. Ele não deseja saber da própria filha. Ninguém me disse, eu ouvi isso dos lábios dele — disse ela, as palavras

saindo trêmulas — Você, mais do que ninguém, sabe como é para uma criança se sentir rejeitada.

Ela tinha tocado no ponto fraco dele. Ryan passou anos desejando o amor de Laura. E embora ela nunca tivesse o tratado mal, sua indiferença o magoava mais.

— Faria isso com a Olivia? Que ela se sentisse rejeitada pelo próprio pai?

Ele olhou mais uma vez para a menina inocente na cama. E a resposta era óbvia.

— Não teria. Eu jamais deixaria Olivia sofrer.

— Sabia que poderia confiar em você.

Rebecca sorriu, agradecida e carinhosa para ele, enquanto Brianna saía do quarto bufando.

No fundo, ele sabia que Rebecca manipulava os seus sentimentos, usando a bebê para conseguir o que queria: manter os Hunter longe deles. Mas ele sabia também que, no futuro, o preço disso seria

PERIGOSAS NACIONAIS

cobrado.

De todos eles.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 6

Apesar de ter sido seu lar a vida toda, voltar à Uptown não era algo que agradava a Caroline. Sentia-se mais em casa na escola nova, com os novos amigos, do que jamais se sentiu na cidade natal. As garotas de sua antiga escola eram más. Não que na Juliet não existisse pessoas malvadas, mas eram a minoria e Carol agora já sabia como se defender das poucas que arriscaram tentar serem cruéis com ela. A dor e sofrimento que enfrentou nos últimos meses a machucara, mas a fortalecera também.

Apesar disso tudo, ela sentia felicidade em rever o pai e seu irmão Michael. Era Natal e contava com a presença de Raeden, já que seus pais

faziam uma viagem de trabalho delicada para um país do Oriente Médio. Não quis deixar a jovem sozinha na escola, embora as duas já tenham se acostumado a isso, pois foram longos finais de semana no colégio, mas o Natal era um dia para estar com a família e amigos.

— Vi pelas fotos que seu irmão é muito gato — disse Raeden, quando a acomodou no quarto que iria ficar até voltarem ao colégio — Só não sabia o quanto era pessoalmente. Além disso, tem todo aquele charme.

Para surpresa e decepção de Caroline, quem as recebeu no aeroporto tinha sido Michael, e não o pai, como ele prometeu ou ela esperava.

Caroline colocou a segunda mala dela, que ajudou a levar para cima, sobre a cama e a encarou seriamente.

— Por favor, não vá se apaixonar por ele — proibiu ela — Já tive uma amiga de coração

partido. Não quero ver isso se repetir.

Pensar em Rebecca causava a ela a mesma dor de quando pensava em sua mãe. Com a diferença que a primeira nunca quisera partir, deixando-a sozinha.

— Além disso, Michael tem uma noiva — continuou, após liberar uma careta — Acredite em mim. Você não vai gostar de tê-la no seu pé.

Para o desencanto dela, mesmo após ter partido e deixado claro a Michael que estava bem e ficaria na Juliet, ele seguiu com o noivado. Talvez não se importasse em estar ligado a uma mulher que não amasse, ou Stacy o amarrou pelo sentimento de gratidão que ele acreditava que deveria nutrir por ela. Mas as escolhas de Michael não diziam respeito a Caroline. Ela tinha partido para deixá-lo livre da víbora, e se ainda assim ele mantinha um compromisso com ela, jamais poderia culpar a irmã.

Após deixar a amiga para que desfizesse suas malas e descansasse um pouco, Caroline foi à procura do pai, a quem não havia visto ainda e sentia enorme saudade.

A Sra. Dickson saía do quarto de Max, quando a jovem se aproximava. As sacolas nas mãos dela chamaram sua atenção. Entre papéis e restos de comida, havia garrafas, muitas delas, para sua surpresa. A senhora rapidamente tentou disfarçar e avançar no corredor rapidamente.

Max deixava o banheiro, quando ela entrou no quarto. Os cabelos estavam molhados pelo banho e ele parecia mais magro e cansado do que se lembrava. O olhar triste, no entanto, continuava o mesmo.

— Filha — ele estendeu os braços amorosos para ela, e entre sorrindo e chorando, correu para

PERIGOSAS ACHERON

ele — Minha filha...

— Papai...

Eles se abraçaram com amor, com carinho e uma incrível saudade pressionando o peito. Mesmo que se escrevessem, falassem ao telefone, nada se compararia para ela com o amor que sentia pelo seu pai, através do abraço dele.

— Senti tanto a sua falta, papai — confessou, enxugando as lágrimas quando se separaram — Como você está?

Passou as mãos no rosto dele, pelos ombros e braços.

— Está tão magrinho, pai. Não tem comido? Nem dormido bem?

Ela começava a se perguntar se tinha agido certo em partir. Ela precisava mais de Max, ou era ele que precisava dela?

— Não tem sido fácil — admitiu, agarrando sua mão, levando-a até a cama dele para que se

PERIGOSAS ACHERON

sentassem — Tenho dedicado meu tempo à Hunter.

Ele desviou o olhar dela para mexer no travesseiro na cama. Travesseiro que sua mãe tinha pousado a cabeça.

— Mas ficarei bem. O trabalho ajuda.

Ele lhe deu um sorriso fraco. Possivelmente desejando que mesmo o sorriso a confortasse, mas Caroline via as dúvidas crescerem em seu coração. Falaria sobre isso com Michael depois. No momento, queira aproveitar o carinho e aconchego de Max.



A noite estava se provando uma grande tragédia. Ninguém na casa, excluindo Raeden, estava em clima para comemorações. E esse sempre foi um dos dias mais aguardado e comemorado por Olivia, mesmo quando esteve doente. Só que a mãe de Caroline não estava

presente, e olhar para o lugar vazio na mesa, onde ela deveria ter estado, trazia uma forma diferente de dor para cada um deles.

Max passou a esvaziar as taças de vinho com a mesma velocidade que as enchia. Michael estava apático, tentando dar a Stacy a atenção que exigia dele, e Caroline procurava sufocar a dor em seu peito para não se erguer da mesa e chorar em seu quarto.

A noite de Natal era para ser feliz, mas se tornou melancólica para todos eles. E logo que os pratos foram retirados, cada um deu uma razão diferente para abandonar a mesa.

Raeden precisava ligar para os pais, Michael precisava levar Max, que dormia sobre a mesa, para o quarto, depois levar Stacy, e Carol informou que ligaria para Ryan, para desejar boas festas a ele.

Ela já fizera isso em sua última visita, antes de deixar Paris. Trocaram presentes e entregou a

PERIGOSAS ACHERON

ele um lindo cartão de Natal. Mas ela precisava ouvir uma voz amiga. Alguém que a compreendesse, mesmo que não pretendesse falar nada de suas últimas horas desastrosas.

Trancou-se no escritório de seu pai e aguardou a ligação ser completada.

— Casa dos Summer.

Sentiu frio percorrer todo seu corpo. Foi como se as janelas atrás dela tivessem sido abertas abruptamente, trazendo um vento gelado. Conhecia aquela voz, tinha certeza disso.

— Alô?

Ouviu o chamado mais duas ou três vezes, antes de sair do seu estado de choque.

— Rebecca? — a voz saiu engasgada, e ela tentou colocar mais firmeza no que dizia — Rebecca, é você?

Max, antes de ficar alcoolizado, tinha permitido que Raeden e ela tomassem uma taça de
PERIGOSAS ACHERON

vinho. Que elas ultrapassaram, após ele não ser capaz de controlar a si mesmo. Mas Caroline não havia bebido tanto assim. Não fora além da segunda taça.

— Desculpe, não conheço de quem fala — disse a voz do outro lado da linha — Ligou errado.

— Espere, moça! É da casa dos Summer? Estou procurando o Ryan.

Ela não podia deixar que a ligação fosse encerrada. Ao atender, a mulher tinha falado “residência dos Summer”. Então não errara ao fazer a ligação.

— Um momento.

Caroline ouviu vozes ao fundo. Som de música e algumas risadas. Também achou ter ouvido um som de bebê. Deveria ser de um dos convidados de Laura. Foi impossível para ela não comparar as duas casas. Enquanto uma parecia esbanjar alegria, a outra parecia um mausoléu, frio

e solitário.

Não muito tempo depois que a mulher a deixou ao telefone, ouviu o clic de uma porta sendo fechada, abafando o som animado e passos rápidos.

— Carol?

— Oi, Ryan. Incomodo em ligar?

— Não. Humm... Claro que não. Estou surpreso, pensei que estivesse em sua casa. Em Uptown.

Caroline enrolou o fio do telefone em seu dedo. Ouvir a voz de Ryan era bom, mas por dentro parecia que um furacão a bagunçava.

— Estou. Só achei que, bem... eu poderia te ligar. Queria ouvir sua voz.

Houve um significativo silêncio.

— Você está bem?

A resposta honesta para a pergunta dele era “não”. Mas Caroline engoliu o nó sufocando sua garganta e obrigou que o sorriso na sua voz fosse

mais convincente do que em seu rosto.

— Ótima — ela forçou uma risada descontraída — Bebi vinho demais. Não desejo assustar você.

Ela não desejava mesmo era estragar a noite dele com seus problemas.

— Carol... — insistiu ele.

— Quem era a mulher no telefone? — Indagou, querendo mudar o foco para outra pessoa — Parecia alguém que eu conheço.

Ele tossiu e limpou a garganta, deixando-a ainda mais ansiosa pela resposta dele.

— É a Srta. Griffin — disse ele rapidamente — Parente da mamãe. Não acho que a conheça.

Sobre isso ele tinha razão, ela não acreditava que conhecia nem mesmo Laura.

— Tem um bebê aí?

— É. Hã... É filha dela.

Caroline desenrolou o fio dos dedos e fez o

PERIGOSAS ACHERON

mesmo processo de novo.

— Eu achei que a voz...

— Como está Michael e seu pai? E Stacy?

Michael e Max pareciam uma casca vazia, e o pai dela parecia querer encher a dele com bebidas que o fizesse esquecer que Olivia não estava mais entre eles.

— Estão bem — mentiu, odiava mentir para ele, mas sabia ser necessário.

Ryan já tinha absorvido muito dos dramas da vida dela.

— Acho que vou desligar. Diga a Nicholas e a Laura que desejei uma boa-noite — sussurrou ela — E Ryan?

— Sim?

— Foi bom falar com você. Sinto que quando o chão falta sob meus pés, você sempre está ao meu lado para me impedir de cair.

Ouviu seu pigarrear. Foi sincera com ele,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sabia que sempre poderia ser.

— Sempre vou estar ao seu lado — disse ele
— Mesmo quando não quiser que eu esteja.

Isso nunca iria acontecer, pensou ela.

— Carol? Eu... — a respiração dele foi tudo
o que ouviu durante os segundos angustiantes —
Foi bom ouvir sua voz. Feliz Natal.

— Feliz Natal, Ryan.

O telefone ficou mudo antes que ela pudesse
acrescentar mais à sua declaração contida. Falar
com ele foi suficiente para que ao menos um pouco
do peso opressor em seu coração fosse embora.

Ao sair do escritório, encontrou Michael
ajudando Stacy a colocar seu casaco. Ele disse algo
a ela, que deu as costas para ele e olhou friamente
para Caroline antes de sair.

— Vou deixar Stacy em casa. Vai ficar bem?

— Agora que ela vai embora, sim.

— Carol! — Michael olhou duro para ela.

PERIGOSAS ACHERON

Ele nunca entendeu a birra que sua irmã tinha de sua namorada, agora sua noiva. Isso porque não via como Stacy era dissimulada e tratava Caroline com rispidez e crueldade irônica quando ele não estava perto delas.

— Carol, ela tentou ser sua amiga. Você nunca quis.

Caroline bufou, cruzando os braços. Sabia que seu gesto a faria parecer infantil, como sempre fez, mas não conseguia evitar.

— Aposto que foi o que ela te disse.

— Você não demonstra ser diferente. Aliás, nunca demonstrou. Até mesmo essa noite — queixou-se — Ela podia ter ficado com a família dela, tendo uma noite alegre e feliz, mas preferiu a gente.

— Ah, é? Então, por que está indo embora?

Michael olhou em volta da sala.

— Será que é porque não há nada a ser

comemorado aqui? Papai está apagado em seu quarto. Sua amiga deve ter feito o que você deveria ter feito e ido dormir, enquanto você está aqui, mal-humorada.

Ela não estava mal-humorada. Estava triste. Ninguém, exceto Ryan, havia detectado isso. Ainda assim, não foi capaz de se abrir com ele.

— Deveríamos ter aceitado a sugestão dela — disse ele — E passado a noite com sua família feliz, então.

Teria sido tão ruim como a noite realmente foi. Em seu território, Stacy teria sido mais odiosa do que normalmente era.

— Você é um burro! — acusou Carol — Eu quero voltar a Paris.

Quem sabe da França, poderia ter ido a Londres passar a noite de Natal com os Summer. Teria sido um fardo a menos para Max, que só tinha se importado aquela noite com a garrafa de PERIGOSAS ACHERON

vinho, e um problema a menos para Michael e sua noiva. Sentia que só causava danos por onde ia.

— Talvez você devesse voltar — disse, magoando-a.

Como ele pôde ter dito aquilo? Estava ali por eles.

Ele olhou irritado para ela, que respondeu à altura. Dois corações feridos que não sabiam como ou a quem buscar ajuda.

— Talvez eu volte — disse ela, ferida. Passou tantos meses fora, que achou que reencontrar a família seria tão importante para eles como tinha sido para ela — Não se importa com mais ninguém, além de você. Por isso a Rebecca te largou. É um egoísta.

A dor que viu surgir em seus olhos foi como se tivesse desferido nele um tapa, que o fez recuar e ela se arrepender do que disse. Não quis ser cruel com Michael, estava apenas ferida.

— Michael — tentou ir até ele, que retrocedeu ao toque dela — Não quis dizer aquilo.

— Mas disse.

Observou enquanto ele se afastava. Sentia que sua família estava desmoronando, e acreditava que nada poderia fazer. Mal conseguia fazer algo por si mesma.

Capítulo 7

O nome de Ryan foi anunciado. Ele seguiu a fila de alunos indo em direção ao palco montado e aos seus mestres com sorrisos simpáticos no rosto. Ele desviou o olhar rapidamente para o lado, buscando os rostos amigos. Todos estavam ali. Seu pai Nicholas, sua mãe Laura – ainda era um pouco estranho para ele se referir a ela dessa forma, mas os dois estavam tentando um relacionamento mais próximo e amoroso. Principalmente porque Laura havia pedido que fosse assim, e ele viu sinceridade nela e no esforço que fazia para, tanto ele como Brianna, se sentissem realmente como parte da família.

— É isso aí, Ryan! — ouviu sua irmã adotiva

gritar e balançar os braços do bebê em seu colo, quando olhou para as duas.

Ele sorriu para sua família quando pegou o canudo de seu professor e pousou para a foto ao lado dele, mas sentia falta de uma pessoa. Ryan sentia a ausência do sorriso acolhedor e orgulhoso de Carol o iluminando como se fosse o próprio sol.

Nos últimos meses, o contato entre eles se tornou ainda mais escasso, com poucas visitas de Ryan e mais conversa por telefone. Ela indo para seu último ano escolar e preparação para uma grande companhia de balé e Ryan rumo ao curso universitário em Arte.

E enquanto Caroline crescia e ganhava corpo e traços de mulher, evidenciados ainda mais pela dança, Ryan tinha deixado a barba crescer e começado a malhar. Os dois foram notando gradativamente a diferença um no outro a cada vez que se viam. E essas evoluções os deixavam

PERIGOSAS ACHERON

atraídos, mas nenhum deles pensava arriscar tantos anos de amizade por algo que poderia ser apenas uma empolgação juvenil.

— Ryan? — Laura e sua voz sussurrada surgiram na porta entreaberta de seu quarto, naquele dia, mais tarde — Posso entrar?

— Claro que sim, mãe.

O sorriso luminoso que ele viu surgir em seu rosto ao ouvi-lo tratá-la assim compensou o receio que teve ao falar.

Ele afastou a mala aberta na cama para que Laura se acomodasse e sentou ao lado dela.

— Animado com a viagem?

Por ele ter alguns dias livres antes de iniciarem as atividades na faculdade, e por Carol entrar em férias de verão, eles decidiram fazer uma pequena viagem ao sul da França. Os pais de sua amiga Raeden possuíam uma casa de veraneio em Paloma Plage.

— Estou contente de passar um tempo maior com Carol — disse ele — Nos últimos meses não fizemos isso.

— Você gosta muito dela, não é?

Ryan a amava. Amou a garotinha tagarela que nunca o deixou em paz em todas as visitas na casa de Uptown. Amou a adolescente frágil por ver seu mundo desmoronar aos seus pés, mas corajosa o suficiente para enfrentar tudo isso. E se apaixonava pela mulher linda e determinada seguindo os seus sonhos, que ela prometia se transformar.

— Sim. Eu gosto muito.

Mas ele sentia que vivia um amor tão ou mais proibido que Romeu.

— Eu sinto muito, filho. Por tudo o que eu fiz no passado e por ficar ao lado de Rebecca, ao implorar que você mantenha esse segredo — Laura buscou sua mão — Não é responsabilidade sua. E

sei que isso o sufoca, mentir para sua melhor amiga.

Não era apenas isso. Ao mesmo tempo em que ele se sentia culpado por não revelar a Carol o que sabia, temia ser rejeitado por ela. Perderia a família e uma das pessoas mais importantes de sua vida, à custa de um segredo que não lhe pertencia. Sim, estava sendo covarde. Talvez um pouco egoísta, por manter os dois lados importantes para ele intactos. Como um homem dividido entre a sua família e a amante.

— Não foi certo a Rebecca exigir isso e não foi certo eu ter aceitado, mas temo perdê-la. E do jeito que está machucada, não duvido que se afaste de nós — ela levou a mão à garganta, como se com isso pudesse desfazer o nó formado ali — E levar a Olivia. Eu juro que morreria de tanta tristeza, meu filho.

Ele, mais do que ninguém, sabia que não era

PERIGOSAS ACHERON

exagero da parte dela. Laura sofreu anos na busca por Rebecca. Tinha sofrido dia a dia com o empenho dela.

— Mas eu já prejudiquei muito você — ela colheu rapidamente as lágrimas caindo de seus olhos — Neguei o amor que você merecia, porque sentia que meu coração estava morto.

Ryan sentiu, sim, a falta de amor dela. Mas não podia deixar de agradecer que, apesar disso, Laura e Nicholas tinham dado a ele um lar. Uma cama quentinha para dormir todas as noites. Uma excelente escola, viagens para lugares que ele nunca sonhou conhecer, e agora, uma família completa. Sendo justo, ele tinha mais a agradecer do que reclamar.

— Mas o liberto para o que desejar fazer. Quando disse que o queria como meu filho, estava sendo sincera — Laura olhou amorosamente para ele — E como mãe tenho que ser justa, mesmo que

isso faça minha outra filha sofrer. Encontrarei uma forma de ter o amor da sua irmã de volta. Senão, me restará amá-la de longe.

— Eu posso falar com Carol — disse Ryan, agitado — Se explicar as coisas, talvez ela possa entender.

Ryan não queria que ninguém mais sáísse ferido além do que já estavam.

— Faça o que seu coração mandar, meu querido — Laura se levantou e depositou um beijo carinhoso na cabeça dele — Desejo que tenha uma boa viagem.

Ele mordeu o lábio ao começar a meditar sobre o que a mãe tinha falado a ele. Deveria ter alguma forma de todos eles se redimirem.

— Diga a ela que Nicholas e eu sempre a vigiamos de longe para que nada a faltasse, não apenas pelo pedido de Max, mas porque a amamos — sua voz saiu enfraquecida — Que estivemos ao

lado dela através de você.

Ryan tinha intermediado as informações sobre Carol ao casal. Não sobre as mensalidades escolares estar em dia, ou se ela tirava boas notas. Isso eles recebiam mensalmente da diretora da escola sem que a jovem soubesse. Eles se preocupavam, mesmo que às escuras, com seu lado emocional.

— Direi a ela — ele sussurrou, mas Laura já havia deixado o quarto.

Ele se sentia mais otimista. Mais leve. E agora, muito mais animado após a conversa com sua mãe.

— Filho? — ele se sobressaltou ao ouvir a voz grave de Nicholas da porta.

— Se veio dizer que estou livre para contar toda a verdade a Carol — iniciou ele, com um largo sorriso surgindo em seu rosto — Mamãe já fez isso.

Nicholas deu a ele um olhar espantado. E

PERIGOSAS ACHERON

Ryan percebeu que tinha cometido uma pequena gafe. A ideia sobre aquilo foi completamente de Laura.

— Ela fez — ele pigarreou e entrou no quarto — Bom. Isso explica muita coisa. Mas não é por isso que vim. Embora, mantenho a palavra dela.

Claro que ele manteria. Nicholas faria qualquer coisa para agradar a esposa. E ele era bem menos manipulável por Rebecca como a mãe dela era. Nicholas amava a filha grandiosamente, mas sabia ser justo e principalmente colocá-la em seu lugar, quando via que podia se exceder. Nicholas fazia muito por ela e fechava os olhos para muitas coisas, porque ele sentia culpa. Uma grande culpa de ter desistido de procurar por sua menina quando Laura lutou até encontrá-la.

— Seu presente de formatura — disse ele, juntando as mãos em frente ao corpo — Pensou que iria esquecer?

— Achei que o presente fosse essa viagem.

Nicholas jogou o braço sobre os ombros do rapaz, ao caminharem para fora. Enquanto a fixação em encontrar Rebecca manteve sua esposa viva, Ryan tinha sido o escape dele. O garotinho assustado que levou para casa preencheu um pouco seu coração vazio e necessitado de ser pai.

— A viagem, você fez por merecer. Foi um excelente aluno e filho perfeito — disse — O que tem lá fora é um presente.

Primeiro, ele viu Brianna e Rebecca, segurando a filha, com sorrisos empolgados. Só depois notou que o carro atrás delas tinha um laço vermelho gigante o envolvendo.

— Um carro?

Ele se afastou de Nicholas para olhar mais de perto.

— Um carro? Você é modesto, Ryan — Brianna não perdeu a oportunidade de provocá-lo

PERIGOSAS ACHERON

— É *O* carro.

Realmente, o esportivo era o sonho de qualquer garoto da idade dele.

— É meu, pai? — ele olhou emocionado para Nicholas, que sorria feliz.

— Todo seu. Daqui a Paris, se pegar o cais, são no máximo três horas — disse Nicholas — Achei que iria querer algo bacana para levar as garotas pelo Sul da França.

Grandes ideias passaram rapidamente pela mente dele ao ouvir a sugestão.

— Obrigado — correu até Nicholas e o abraçou — Eu amo você, papai.

Não pelo carro ou pela vida confortável que Nicholas proporcionava a ele, mas porque no coração de Ryan ele era o seu pai. Foi ele que o criou e deu todo amor que precisava, enquanto seu pai verdadeiro, que nunca tinha enviado a ele um cartão em seu aniversário, cumpria os longos anos

de prisão que o juiz havia estabelecido.



Foi com muito custo, após o jantar, ao falar com Carol por telefone, ajustando os últimos detalhes para o dia seguinte, que ele não revelou tudo a ela. Respirava fundo sempre que a necessidade esmagadora surgia e se fixava em sua mente, pois essa conversa deveria ser feita no momento certo, no local apropriado. E cada vez que pensava um pouco mais, ficava claro para ele que o melhor era até mesmo esperar que a viagem terminasse. Ryan não era inocente em acreditar que Carol aceitaria suas justificativas por ele ter mentido, sem inicialmente mostrar-se magoada, mas ele contava que tornaria esses dias inesquecíveis, ao ponto de fazê-la entender o quanto a amava e se importava com ela.

— Ela já está dormindo? — perguntou ao

chegar, nas pontas dos pés, no quarto todo rosa e branco de Olivia.

Como sairia bem cedo no dia seguinte, queria se despedir da criança.

Rebecca admirava a bebê no berço e fez sinal para que se aproximasse. Os dois passaram os minutos seguintes enchendo o coração de amor ao olhar a menina. Depois ela diminuiu a luz do quarto e eles caminharam em direção à porta conjugada que levava aos aposentos dela.

Assim que eles entraram no quarto, Rebecca ligou o aparelho ao lado da cama, que informaria qualquer suspiro de Olivia, e o convidou para sentar com ela. Apesar de poderem pagar uma babá em tempo integral, Laura tinha insistido em cuidar da neta enquanto sua filha estudava. Mas em seu tempo livre e todas as noites, Rebecca se dedicava à filha.

— O papai disse que foi você quem escolheu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o carro — disse ele, puxando assunto.

— Eu vi que você ficava o admirando sempre que passávamos por algum. Fico feliz em ter acertado. Ele queria muito agradá-lo.

Nicholas era a pessoa mais incrível que o jovem conhecia. Por tudo o que ele passou, pois também tinha perdido a filha e passado anos longe dela, não havia se transformado em alguém com coração duro e amargo. Nem todo o dinheiro dele o fazia se sentir melhor que qualquer pessoa. Ele julgava o caráter de alguém pelo que era, e não por uma conta bancária recheada. Cresceu como empresário, mas nunca foi injusto ou cruel com alguém.

— Ele conseguiu. A mamãe também fez uma coisa muito legal hoje.

— Ela me disse.

— Disse? — sua surpresa era realmente autêntica.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Rebecca assentiu, e ele viu seus olhos lacrimejarem. Nunca foi capaz de resistir a um olhar triste.

— O que tenho para te contar não é uma coisa fácil para mim.

Antes mesmo que ela falasse, Ryan sentiu o coração se comprimindo no peito. O que ouviu deixou-o revoltado, furioso e um pouco compreensivo por Rebecca querer viver em seu casulo.

— Tem que me prometer não contar para ninguém, Ryan — implorou ela, ao secar os olhos — Nem aos nossos pais.

— Mais um segredo para que eu tenha que guardar, Rebecca?

— O que acha que o papai fará quando eu contar tudo?

Ele passou a mão pelo rosto. Sentia-se sufocar em meio a tantas mentiras e segredos.

PERIGOSAS ACHERON

— O que mais quer de mim?

— Não conte a ela, Ryan — Rebecca ajoelhou-se em frente a ele — Por favor, não conte sobre mim e Olivia.

— Porque você vai embora e fará o coração da mamãe despedaçar de novo?

Ela soltou um soluço, olhando desesperada para ele.

— Pela Olivia, que não merece ser rejeitada pelo próprio pai ou ter uma madrasta como a Stacy — suplicou ela — E porque estou te implorando.

Antes não entendia as razões dela para agir como agia, agora compreendia, embora achasse que era um erro. Ele estava dividido.

— Preciso pensar — disse ele ao se levantar — Mas vou fazer o que meu coração mandar fazer.

Os dias que passaria com Caroline determinariam o mais correto a fazer. Até lá, ele esperava que Rebecca repensasse suas atitudes e

PERIGOSAS ACHERON

fosse ela a tirar esse peso dos ombros dele.



De Londres até Dover, o lugar que Ryan pegaria a balsa que o levaria até o porto de Calais, levaria 1h30min de viagem. De lá até Paris seria mais ou menos o mesmo tempo. Isso significava que ele teria muito, mas muito tempo para refletir.

Sobre o que Laura lhe disse.

Sobre o que Rebecca contou.

E principalmente no que ela tinha implorado a ele. Que continuasse em silêncio para que ela e a filha vivessem em paz. Só que as três horas de viagem, com uma parada apenas para usar o banheiro e comer alguma coisa, apenas contribuiu para que ele adquirisse uma enxaqueca infernal. E Ryan ainda não tinha chegado a nenhuma conclusão.

Mas ele colocou um sorriso bonito no rosto

quando parou o seu carro em frente à Juliet e atuou bem em demonstrar a animação que deixou no quarto da irmã ao sair, para mostrar o carro e falar das férias divertidas que teriam.

— Vou despachar as malas com o motorista e irei com vocês — disse Raeden, sorrindo melosamente para ele — Você não se importa, não é mesmo, Ryan?

Ele não era o garanhão da escola, e antes de ter seus sentimentos por Carol bagunçando a sua cabeça, flertou e teve momentos românticos com algumas garotas. Ele sabia, como qualquer rapaz, quando uma garota estava a fim dele. O que era uma surpresa, pois sempre que viu Raeden, sendo a última vez antes de elas irem para Uptown passar o Natal na casa de Carol, não tinha notado qualquer interesse romântico vindo dela.

— Claro que ele não se importa — disse Caroline, animada, e ao que parecia, alheia às reais
PERIGOSAS ACHERON

intenções de sua amiga para se aproximar de Ryan — Será muito divertido. Como os três mosqueteiros.

— Duas mosqueteiras — corrigiu Raeden, aproximando-se de Ryan para tocar em seu braço de forma mais íntima do que ele desejava — E um cavalheiro galante.

E quando as duas foram buscar as autorizações que permitiam a viagem delas, Ryan não sabia dizer o que o chateava mais. Carol não se importar nem um pouco pela amiga insinuar suas intenções em relação a ele, ou o fato de que, em algum momento, teria que dizer à jovem que não estava interessado.

Realmente, esses dias de férias prometiam serem inesquecíveis.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 8

A casa de praia dos pais de Raeden era maravilhosa. Toda branca por fora, com majestosas palmeiras e outros tipos de vegetação circulando em torno dela, dava a sensação de estarem em uma pequena ilha isolada de tudo. Por dentro, a casa também era clara e revestida em mármore. As portas e janelas que davam para o exterior eram de vidro, fazendo com que dentro parecesse ainda mais claro. Os móveis de bom gosto e com designer para simular um ambiente tropical.

— E você diz que quase não vem aqui — comentou Caroline, quando foi acomodada em seu quarto — Esse lugar é incrível.

Ela mal podia esperar para ir tomar banho de

PERIGOSAS NACIONAIS

mar ou pegar um bronzado na piscina.

— Grande demais para uma pessoa só. Há os empregados, mas não é a mesma coisa — disse Raeden — E meus pais nunca podem vir comigo. Então, venho pouco.

Caroline podia compreender um pouco Raeden, como era dolorido o descaso das pessoas que mais deveriam te amar e cuidar de você. Por isso acabaram tendo na Juliet uma família.

— Agora, eu queria te perguntar uma coisa — disse ela, se dirigindo até uma poltrona em frente à janela.

— Sabe que pode me perguntar o que quiser.

Após a visita no Natal, de Raeden ter conhecido sua família despedaçada e ter sentido na própria pele um pouco do veneno de Stacy, que ameaçou a jovem para que ficasse longe de Ryan, o laço de amizade entre as duas se estreitou ainda mais.

PERIGOSAS ACHERON

— Você e o Ryan. São só amigos mesmo?

Caroline ignorou a mala que desfazia para encará-la.

— Somos mais do que amigos — disse, para o desapontamento da outra — Somos como irmãos.

O rosto desencantado de Raeden ganhou brilho com o sorriso que deu.

— Nesse caso, você não se importaria se eu buscar uma chance com ele, certo?

Carol ficou surpresa. Raeden paquerava alguns dos alunos da Juliet, e sempre que conseguia ficar em casa com os pais, nos finais de semana, ressurgia nos dias de aula contando sobre um garoto novo que conheceu.

Melissa e Fan a consideravam uma garota namoradeira demais. Caroline a via apenas como um espírito livre.

— Você e o Ryan?

— Eu já o achava lindo na primeira vez que o

vi — disse, regada de empolgação — Mas agora... Meu senhor! Acho que é a barba que deixou crescer.

Caroline tinha que admitir, nem que fosse para ela mesma, que sua amiga tinha razão. Ryan ganhara mais corpo e ficara mais maduro com a passagem do tempo. Já não conseguia vê-lo mais como o garoto tímido que conheceu. Sim, ele se transformara em um belo rapaz. Outra coisa que a surpreendeu foi perceber que imaginar Raeden e Ryan como um casal a incomodava. Muito.

— Não sei, Rae — a chamou pelo apelido carinhoso — Seria muito ruim vocês namorarem, depois terminarem e ficar um clima ruim entre nós três.

Uma parte do que disse era verdade. Não queria ficar pisando em ovos sem poder falar de um paro o outro, caso um relacionamento amoroso entre eles não desse certo. Mas a verdadeira razão

PERIGOSAS ACHERON

pelo súbito descontentamento de Caroline era o ciúme.

— Isso não vai acontecer — Raeden pulou da poltrona — Ele logo vai para a universidade. É bem grandinho para agir como um homem. E eu sou crescida o suficiente para saber que relações podem dar certo ou não. O que me preocupava era você. Então, já que não se importa...

Ah, mas ela se importava, e muito. Mas não podia dizer isso à sua amiga. Se ela gostava de Ryan e ele pudesse ter interesse nela, não havia nada que pudesse fazer. Mesmo isso machucando seu coração, como começava a machucar.

— Vou ver se ele quer dar uma volta na cidade comigo — disse ela, animada — E você, desfaça as malas e descanse um pouco. Pode aproveitar a piscina, se sentir-se entediada.

Caroline a observou sair saltitando. Preferia ter ido com os dois dar uma volta pela cidade. Mas,

PERIGOSAS ACHERON

para isso, teria que dizer a verdade a Raeden. Então terminou de tirar suas roupas da mala e guardou todas em seu devido lugar no closet. Tomou banho e até tentou se deitar na cama para um cochilo.

O problema era que sua mente passou a tarde toda pensando em Ryan com sua melhor amiga e no que eles deveriam estar fazendo juntos.

Ela deu uma volta na praia e passou longos minutos olhando para o mar. Lembrou-se da última vez que esteve na praia com sua mãe. Tinha dez anos na época. A lembrança de toda a sua família reunida e feliz trouxe lágrimas aos seus olhos.

Entrava na casa pelos fundos, quando avistou Ryan e Raeden chegarem parecendo bem íntimos. Carol não sabia como descrever o que sentia, nem dosar a raiva que esse sentimento provocava nela.

— Sério, Ryan — Raeden tocou o peito dele de uma forma insinuante e íntima demais para o gosto de Caroline — Eu nunca vou conseguir te

PERIGOSAS ACHERON

agradecer o suficiente.

Quando ele segurou a mão dela, sorrindo, foi o máximo que Caroline pôde suportar. Sempre viu Ryan como seu. Seu melhor amigo em toda a vida. Dividi-lo com outra a machucava e a fazia se sentir egoísta, porque Raeden era uma garota legal.

— Foi bom o passeio? — perguntou aos dois, para que a vissem.

Ryan rapidamente soltou a mão da jovem ao seu lado e caminhou em direção a ela.

— Teria sido ainda melhor com você — disse, ao tocar o rosto dela — Sua dor de cabeça melhorou?

Dor de cabeça?

Olhou carrancuda para a amiga. Raeden levou o indicador aos lábios, e com um olhar suplicante, pediu a Caroline que não desfizesse a mentira que inventou.

— Ah, sim. Melhorou um pouco.

Por que estava ajudando Raeden, quando queria ver os dois bem longe um do outro?

Porque ela se sentia como a amiga que se apaixona pelo namorado da outra. Embora tenha chegado na vida de Ryan bem antes de Raeden, não foi verdadeira ao dizer que não se importava em vê-los juntos. Tinha jogado pela janela, talvez, sua chance.

— Se não quiser ir ao jantar na cidade — disse ele, preocupado — faço companhia a você.

Carol gostaria mesmo é de uma noite toda sozinha com Ryan, como a que tiveram no hotel. Acreditou que essa viagem proporcionaria para eles muitos momentos assim. Mas antes que pudesse aceitar a sugestão, Raeden passou o braço pela cintura dela.

— Carol vai ficar bem, não é mesmo? — disse ela, sorrindo — O remédio que tomou, até lá, já deverá ter surtido efeito. E a gente vai se divertir

se arrumando, coisas de garota, Ryan. Nos vemos mais tarde.

Ela praticamente foi arrastada por Raeden até o quarto dela.

— Obrigada por não ter me delatado — disse, escorando-se contra a porta, assim que entraram.

Enquanto o quarto em que Caroline foi instalada tinha suaves tons de amarelo, na suíte de Raeden predominava os tons de branco e bege.

— Apenas dessa vez. Eu não gosto de mentiras — disse ela — Por que mentiu para ele?

— Ryan se recusou a sair sem você. Não foi sem um bom motivo. Desculpe — ela parecia realmente arrependida — Eu só queria algumas horas sozinha com ele.

Caroline podia entender seu desejo de passar algumas horas com Ryan. Além de bonito, ele era gentil e encantador. E também compreendia ter

PERIGOSAS ACHERON

usado a pequena mentira sobre ela para conseguir convencê-lo a sair. Também faltou com a honestidade, ao esconder que ver os dois juntos a entristecia.

— E o que Ryan fez para que sentisse gratidão eterna?

“Por favor, não diga que a beijou.”, ela implorou em pensamento.

Havia descoberto, tarde demais, seus sentimentos por ele? O que aconteceria com a amizade dos dois? Era certo que Ryan – embora nunca tivesse compartilhado nada – tenha passado o tempo com algumas garotas no colegial. Mas o que Carol não via, seu coração não sentia. Porém, saber sobre os dois, e pior, vê-los juntos, e ouvir a amiga futuramente suspirar por ele em cada canto da escola, seria demais para ela.

— Encontramos o filho de um dos amigos dos meus pais. Um garoto que tive um romance de

PERIGOSAS ACHERON

verão e que me trocou por outra, porque não quis dar a ele o que me pediu — explicou Readen — Abracei Ryan na frente dele, dando a entender que namoramos.

— Raeden!

Ela fingir que namorava seu melhor amigo era tão ruim como se fosse real.

— Nada de bom vem com mentiras.

Carol, mais do que ninguém, sabia disso agora. Tinha que fingir não sentir ciúmes dos dois e não parecer a amiga chata.

— Eu sei, mas foi muito bom ver a cara dele de idiota. E... — ela esfregou as mãos, animadas — Me dá uma nova chance de deixar Ryan mais próximo de mim.

— Ele mentiu por você?

— Não. Assim como você, só não me desmentiu.

Para Caroline, eles três não passavam de
PERIGOSAS ACHERON

grandes enganadores.

— Agora me ajuda a escolher algo para essa noite.

Ela não queria perder a amizade de Raeden também, ao disputar a atenção de um garoto. Até algumas horas atrás, sua única preocupação era se formar e conquistar uma vaga em uma grande companhia de balé e ser uma excelente bailarina.

Os dias de férias que acreditou que seriam os melhores de sua vida, ao lado de seus grandes amigos, já não parecia em nada como tinha idealizado.

O jantar na cidade não foi nada divertido para ela. Raeden monopolizou a conversa e Ryan em grande parte da noite. E se esquivar dele não foi apenas um stratagema para dar à amiga momentos para que o casal se aproximasse mais, foi o necessário para evitar que o mau humor que a abateu a fizesse querer avançar no pescoço dos

PERIGOSAS ACHERON

dois.

Caroline refugiou-se em seu quarto assim que retornaram para casa, ignorando o chamado de Ryan às suas costas. Revirou-se na cama até o avançar da madrugada, dormir foi difícil, e quando acordou próximo ao horário de almoço, encontrou um bilhete dos dois, avisando que foram fazer um piquenique na praia.

Sem ela?

Uma coisa era dar espaço para que Raeden tivesse sucesso em seus avanços para conquistar Ryan, outra era que os dois fizessem programas juntos e a ignorassem como se fosse uma visita indesejada. Pois bem, não se uniria a eles em seu momento romântico. Passaria uma tarde na piscina, tendo um dia excelente sozinha.



Ryan não conseguia entender Caroline.

Desde que eles chegaram a Paloma Plage, ela vinha agindo de forma estranha. Não se parecia em nada com a Carol divertida e amigável que ele conhecia e amava.

— Não acha melhor retornarmos e ver se ela acordou? — perguntou a Raeden, quando ela se juntou a ele na areia ao voltar de um mergulho no mar — E se ela ficar chateada quando achar o recado? Ela já anda bem irritada.

Ele não viu o que a jovem escreveu às pressas e deixou sobre a mesa, e começava a se indagar se houve tempo para a garota escrever palavras suficientes que impedisse um mal-entendido de se instalar.

— Carol anda descontente por outro motivo — disse a garota, procurando algo em sua bolsa de praia — O garoto que ela paquera não pôde vir nessa viagem com a gente.

— Garoto?

— Você o conheceu. O Quebra-Nozes na apresentação de balé na Juliet.

Ryan não conseguiu ignorar o rapaz, porque foi a primeira vez que sentiu ciúme de Carol, como um jovem sente de uma garota que gosta.

— Eles estão juntos? — indagou. Mesmo que doesse saber a verdade, ele precisava perguntar.

— Eles estão sempre juntos, por causa da dança — respondeu ela, tirando um frasco da bolsa — Agora, se quer saber se estão namorando? Ainda não. Mas você não é o tipo de irmão ciumento, né?

Raeden riu do absurdo de seu comentário. Que para Ryan não era tão absurdo assim. E sabia que Raeden tinha intenções amorosas com ele. Era jovem, mas não estúpido, então buscou na garota algum traço de maldade ou veneno no que dizia. Infelizmente, não enxergou nenhum dos dois. Além disso, ela não poderia saber que os sentimentos dele por Carol não se assemelhavam em nada com o que

PERIGOSAS ACHERON

um irmão – era assim que Caroline o via e se referia – deveria sentir.

— Passa protetor nas minhas costas? — pediu, ao desfazer o nó da parte de cima do biquíni, deitando de bruços ao lado dele.

Ele atendeu à solicitação o mais rápido que conseguiu, e para o desapontamento da jovem, fugiu para o mar. Mais do que água fria para esfriar a cabeça, Ryan precisava de um tempo sozinho para pensar. A jovem seguia tomando sol quando ele decidiu dar uma longa caminhada pela areia.



O sol começava a se pôr, quando Caroline deu por sua tarde na piscina encerrada. Pegou o livro que tinha escolhido na biblioteca, e que esteve lendo por quase duas horas. Recordou alguém que adorava passar tardes assim, na piscina de sua casa em Uptown. Pensou em Rebecca e como gostaria

PERIGOSAS NACIONAIS

que ela pudesse estar ali. Que seus conselhos pudessem ajudar sua mente confusa. Mas Rebecca não estava ali com ela, assim como sua querida mãe Olivia. Sem as duas, às vezes se sentia perdida.

Ela foi afastada de seus pensamentos quando ouviu o casal retornar. Pulou da espreguiçadeira e avançou para dentro da casa, seguindo o som das vozes. Raeden, risonha e falante como sempre, e Ryan tentando ser gentil. Só mais alguns dias, disse a si mesma, tentando colocar um sorriso convincente no rosto ao se unir aos dois.

— Carol, porque não se juntou a nós na praia? — perguntou Raeden, ao abraçar a cintura dela — Foi divertido.

Ela não podia admitir a verdade, então outra vez mentiu.

— Ainda estava com dor de cabeça, preferi a piscina.

PERIGOSAS ACHERON

— Dores de cabeça frequentes — Ryan se aproximou, colocando a mão gentilmente na testa dela — Não é melhor consultarmos um médico?

Carol gostaria de fingir que sofria de algum mal, e assim ter Ryan só para ela o tempo todo, vigiando e cuidando dela em seu quarto. Mas estavam ali para se divertirem, e não era certo estragar tudo para todos bancando a garota caprichosa.

— Só foi cansaço da viagem — disse ela, abrindo um sorriso que esperava que, dessa vez, parecesse convincente.

— Isso é ótimo, porque vamos sair para dançar — disse Raeden, animada — Minha amiga Selenia fará uma festa em sua casa, hoje à noite.

Rir e dançar poderiam ser exatamente o que Caroline estava precisando, e esse primeiro programa entre eles prometia ser divertido.

— Vamos para o meu quarto — Caroline foi

PERIGOSAS ACHERON

agarrada pela mão e afastada de Ryan, sendo conduzida em direção à escada — Quero que me ajude a escolher algo sexy e bonito para o Ryan.

Embora seu coração tivesse encolhido com a espetada que pareceu ter recebido no peito, Caroline decidiu que sufocaria o amargo sentimento. Também se arrumaria e ficaria bonita. Talvez Ryan notasse isso.

— E você teve algum progresso na praia, essa tarde? — ela traçou círculos imaginários na cama, tentando aparentar indiferença.

— Se você considera progresso Ryan passar o protetor solar nas minhas costas, mais rápido que o Flash— disse Raeden, pegando vários cabides de seu closet —, acho que sim. Quando disse que ele era muito tímido e reservado, eu deveria ter levado isso com mais seriedade.

Ryan sempre foi um garoto mais fechado e reservado com as outras pessoas, mas não com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Caroline. De certa forma, saber que poucas pessoas conseguiam entrar no coração dele, como ela entrava, era reconfortante.

— O que acha desse? — indagou Readon.

Todos os vestidos que mostrava a Caroline eram bonitos. Só que a jovem estava desatenta demais, pensando se teria alguma chance amorosa com Ryan, para dar a atenção que a amiga esperava receber.

— É muito bonito — respondeu.

Seus pensamentos estavam muito longe do quarto.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 9

Ryan começava a acreditar que tudo ficaria bem entre eles, apesar de nunca ter conseguido descobrir exatamente onde as coisas começaram a dar errado. De qualquer forma, não queria desperdiçar a noite meditando sobre isso. Caroline parecia se divertir com os amigos de Raeden. Ela conversava, dançava e exibia o sorriso que ele amava ver em seu rosto.

— Essa música é nossa, Ryan — exigiu Raeden, surgindo na frente dele, não dando ao rapaz uma nova oportunidade de escapar — Já reparou que os nossos nomes combinam?

“Sinceramente”, ele pensou, “Não.”

— Isso deve ser um sinal, você não acha? —

indagou, passando os braços ao redor do pescoço dele, deixando-se embalar pela música romântica que tocava — O destino trabalhando ao nosso redor. Ryden. Viu só, soa perfeito.

Ryan também não tinha muito que falar sobre sinais e destinos. Sua atenção estava mesmo voltada para o jovem que conversava com Caroline, em um dos sofás da sala ampla e movimentada. No sorriso galanteador que dava a ela e era retribuído.

— Aquele não é o seu amigo que vimos no shopping?

Raeden afastou o rosto do peito de Ryan e olhou em direção ao casal.

— Ah, sim. É o Jay — disse, dando de ombros — Mas acho que a Carol é mais esperta do que eu fui.

— O que quer dizer com isso?

— É só que o Jay se acha a última maravilha do mundo. Ficar com uma garota é um presente

para ela — Ryan não estava gostando nada do que a garota revelava — Adora um desafio.

Ele avaliou o jovem de onde estava. Era bem-apessoado e o estilo bad boy, com cabelos desfiados e tatuagens nos braços, que fazia as garotas se apaixonarem.

— Desculpe — ele afastou Raeden com gentileza ao fim da música — Prometi a próxima dança a Carol.

Deixou a jovem estacada na pista e foi em direção ao casal que se afastava em direção aos fundos da casa.

— Acho que é a minha vez agora, não? — ele segurou o braço de Carol antes que atravessasse a porta que dava para a praia — Para uma dança.

— Pensei que você... — Carol olhou sobre os ombros de Ryan, procurando algo, mas abriu um sorriso logo em seguida, aceitando a mão que ele oferecia — Claro que sim, vamos dançar.

Ignorando o olhar hostil do outro rapaz, Ryan levou Caroline para o local onde outros jovens dançavam. Os dois juntos como antigamente, mas completamente diferente agora.

Com Carol agarrada a Ryan e ele desejando nunca mais ter que soltá-la, eles dançaram aquela música, depois outra e mais outra, sem que se dessem conta. E quando o ritmo mudou para algo mais animado, fazendo as pessoas se agitarem entre si, eles buscaram bebidas e sentaram na escada de madeira que dava para a areia e o mar escuro, ambos observando a noite.

— Nossa, você já vai para a faculdade — disse Caroline, colocando o copo no chão, para enroscar o braço no dele como costumava fazer sempre que compartilhavam esses raros momentos de intimidade — O meu pequeno Ryan cresceu.

Ryan entrelaçou os seus dedos com os de Caroline. Queria que ela enxergasse que havia

PERIGOSAS ACHERON

crescido mais do que fisicamente. Seus sentimentos por ela também haviam evoluído.

— E a minha pequena Caroline faladeira também — provocou ele — E daqui a dois anos, você estará na maior academia de dança de Paris.

Após um suspiro, ela apoiou a cabeça no ombro dele.

— Espero que sim — disse ela — Você sabe que amo a dança, mas ir tão longe sempre foi para realizar algo que a minha mãe nunca pôde. Ela nunca me obrigou a dançar como a vovó fazia com ela, mas eu queria poder fazer isso em sua memória.

Era um belo gesto, pensou Ryan.

— Vai conseguir. Você ama a dança pelas razões certas. É parte de quem você é, Carol. — Concluiu, afagando os cabelos dela. Rapidamente lembrou o que Raeden havia falado mais cedo, sobre sinais e destino. Caroline era o destino de

PERIGOSAS ACHERON

Ryan.

Com isso em mente, ele segurou seu rosto para que o olhasse.

— Carol, eu queria dizer que...

— Aqui estão vocês!

Eles viraram em direção à voz animada. O clima de cumplicidade e intimidade foi quebrado pela chegada festiva de Raeden, que os fez se separar em um susto.

— Vamos fazer uns jogos legais lá dentro — colocou-se entre Ryan e Carol, os arrastando para dentro — Será divertido.

O que Ryan queria ou precisava dizer a Caroline teve que ser esquecido, pelo menos por ora. Tornaram-se outra vez o trio de amigos buscando diversão naquela noite de festa.



Eles passaram o dia na praia, no dia seguinte.

Nadando, tomando sol, jogando bola. Ainda era difícil para Caroline ter que assistir à amiga jogando todo o seu charme para Ryan e fingir que não se importava. E ela começava a se perguntar se não deveria ser honesta sobre seus sentimentos de uma vez por todas.

Raeden era sua amiga e deveria conseguir entender que ao negar seus sentimentos, procurava proteger seu coração de se magoar, o que estava acontecendo de qualquer forma. Mas era mais do que isso, tinha medo de não ser correspondida em seus sentimentos por Ryan e acabar por estragar uma amizade de toda uma vida.

— O que você acha, Carol?

Ela desviou o olhar do livro que fingia ler e encarou a dupla ao lado dela.

— Sobre o quê?

— Fogueira na praia, amanhã à noite — disse. Raeden jogando as peças de um jogo que ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e Ryan tinham passado as últimas horas concentrados — Apenas Selenia e alguns amigos que vocês conheceram na festa.

— Por mim, tudo bem — respondeu Carol.

Quanto mais pessoas na casa, mais oportunidade de fugir dos dois sem bancar a chata ou rabugenta.

— E que tal irmos à cidade, tomar um sorvete? — sugeriu Raeden após olhar o céu estrelado pela janela — A noite está ótima para isso.

Sorvete e Raeden jogando toda sua doçura para Ryan seria demais para Caroline conseguir absorver.

— Vão vocês — marcou a página ao fechar o livro — Vou terminar a leitura e pretendo ir direto para a cama.

— Enxaqueca outra vez? — questionou Ryan, preocupado.

PERIGOSAS ACHERON

Ela poderia dizer que sim e estragar o breve passeio dos dois, mas a consciência pesada não a deixaria dormir à noite.

— Apenas ainda um pouco cansada da festa de ontem e a tarde de hoje na praia. Estou poupando energia para amanhã — desviou o olhar para a amiga, esperando que Ryan não visse em seus olhos que mentia — Mas vão e se divirtam por mim.

Recebeu de Raeden um agradecimento silencioso e feliz. Fugiu para o quarto, evitando qualquer protesto que poderia vir de Ryan. Quando jogou o livro na cama e o corpo ao lado dele, ouviu, através da janela aberta, o carro saindo. Secou uma lágrima furtiva ao se dar conta de que, mais uma vez, empurrou Raeden para os braços do garoto que amava. Para os braços que ela desejava estar.



PERIGOSAS NACIONAIS

Ela olhava a fogueira e jogava pedaços de gravetos quebrados nas chamas. E enquanto observava a madeira ressecada queimar, sentia-se como ela, sendo consumida por sentimentos confusos, mas que deveria manter bem guardados em seu peito.

— Eu posso estar errado — disse Jay, sentando ao seu lado diante da fogueira — Mas tenho a impressão de que você é a única pessoa que não está se divertindo essa noite.

— Acho que faço a linha mais solitária.

Não havia tantas pessoas como na festa, mas as que compareceram sorriam, conversavam, algumas cantavam com um rapaz que tocava violão. A noite também estava fresca, estrelada e muito bonita. Sim, Caroline tinha todos os motivos do mundo para estar alegre, mas não se sentia assim. No meio de tantas pessoas felizes, sentia-se solitária.

PERIGOSAS ACHERON

Olhou para o grupo onde Ryan e Raeden estavam, e retribuiu o sorriso que ele lhe lançou. Havia saído de perto deles, porque sentia que precisava de espaço e alguns minutos com ela mesma para pensar.

— Ou não tinha a companhia certa — disse Jay, entregando um dos copos que trazia nas mãos.

Caroline sentiu o cheiro de álcool antes de levar copo à boca, e fazendo uma careta, o devolveu ao rapaz.

— Ainda não tenho idade para beber.

Ela e Raeden tinham quebrado essa regra nas comemorações de fim de ano em sua casa, em Uptown, mas a situação era completamente diferente. Além disso, como dançarina, precisava manter uma alimentação saudável.

— Olhe em volta — insistiu o rapaz — Não há ninguém aqui para te vigiar.

Ela encarou os garotos e garotas espalhados

PERIGOSAS ACHERON

pela praia. Alguns tinham sua idade, outros mais velhos, como Jay. Todos eles, excluindo Ryan e mais duas garotas, circulavam com um copo de bebida nas mãos. Para se enturmar e parecer feliz, talvez devesse fazer como eles. Beber e se divertir. Mas a felicidade que Caroline buscava não vinha de um copo de cerveja ou de outra bebida com energético.

— Tudo bem — diante do olhar firme dela em recusar, Jay recuou — Eu pego um refrigerante para você.

Aproveitando-se do distanciamento dele, Caroline reuniu suas coisas. Jay havia deixado claro seu interesse por ela, na festa da noite anterior, mas não conseguia ver nele nada mais do que um rapaz bonito e insistente.

— Já vai entrar? — ergueu o olhar e encontrou Ryan em frente a ela — Ou aquele garoto a estava incomodando?

Caroline olhou em direção a Jay, que estava dando atenção a um trio de garotas que o parou para jogar charme para ele. Ryan não gostava do jovem e não ficou muito contente em saber que Selenia o tinha trazido.

— Eu só descobri que não gosto de tantas festas — ela riu de si mesma — Acho que sou uma velha num corpo adolescente.

Ryan agachou para pegar a sandália que ela havia deixado cair, também sorrindo.

— Isso eu posso entender.

Ambos tinham alma de artistas. Eles gostavam de paz e tranquilidade. Apreciavam uma boa conversa a lugares tumultuados e barulhentos. Gostavam de se olharem nos olhos e ter a certeza de que sabiam o que passava na mente um do outro, e quase sempre eles sabiam. O grande problema era descobrir o que guardavam no coração.

— Ryan!

Eles ouviram Raeden gritar por ele, indo em direção ao mar.

— Acho que alguém passou um pouco do ponto — disse Caroline, ao observar a amiga que dançava, trôpega — Você cuida dela?

Ele olhou indeciso entre a jovem alcoolizada gritando por ele e a garota com quem realmente gostaria de estar.

— Ok. Eu cuido.

Caroline pensou nos sinais que Raeden tanto gostava de dizer. Talvez esse fosse mais um dos muitos avisos alertando que eles deveriam nutrir exatamente o que tinham: uma linda amizade.

E ela já tinha perdido tantas pessoas no decorrer de sua curta vida. A mãe, Rebecca, de certa forma o pai e o irmão para a distância que os afastavam. Seu melhor amigo era tudo o que tinha.

— Não deixe que ela beba mais ou faça alguma idiotice — pediu a ele ao se despedir —

Boa noite, Ryan.

Ela colocou as mãos ocupadas na cintura dele e sentiu as dele na dela. Ficou nas pontas dos pés, sentindo o perfume de Ryan ao se aproximar de seu rosto. Depositou um longo beijo no canto da sua bochecha, próximo aos seus lábios, e antes que fizesse alguma estupidez, como beijá-lo de verdade, se afastou correndo em direção à casa.

Trancou a porta, não apenas para impedir que as pessoas que circulavam da praia até a casa entrassem, mas para impedir a si mesma de sair.



Com Raeden sofrendo as consequências de seus abusos na noite anterior, passaram o dia todo em torno da piscina, e à noite, escolheram algo mais leve, como ir a uma exposição no museu. Desse mundo, Ryan e Caroline amavam e gostavam de aprender.

— Vai ter um luau na praia amanhã —
Raeden se aproximou deles com o telefone nas mãos — Já disse a Selenia que nós iremos.

Os dois se afastaram do quadro que observavam e olharam para a jovem que, aparentemente, havia se recuperado da ressaca que passou o dia amargando.

— Garota, onde desliga você? — Caroline a provocou.

— Depois da visita da Donovan — lamentou ela, a mulher citada era assistente dos pais dela — e da ligação nada amorosa dos meus pais, preciso mesmo me divertir.

— Pelo menos eles estão preocupados com você — disse Ryan.

Raeden trocou com Caroline aquele olhar que só amigas íntimas conseguiam entender.

— Estão preocupados que eu não cometa os erros do ano passado e possa envergonhá-los mais

PERIGOSAS NACIONAIS

uma vez — esclareceu ela — De qualquer forma, são nossos últimos dias de férias. Você vai para a faculdade e Carol e eu retornaremos para as aulas massacrantes na Juliet. Vamos aproveitar, pessoal!

As pessoas em volta olharam torto para a empolgação da garota. Caroline deu de ombros antes de seguir a amiga. A facilidade que Raeden tinha para transformar a tristeza, por ser negligenciada afetivamente pelos pais e a dor que isso causava nela, em momentos felizes, Caroline tinha para se fechar em si mesmo.

— Pode ser legal — Ryan empurrou-a levemente com o ombro.

— É, pode ser — ela o empurrou de volta.

Era a penúltima noite deles em Paloma Plage. Talvez sua última oportunidade de fazer desses dias de férias algo especial.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

Caroline pegou duas mechas de cabelo em cada lado da cabeça e as prendeu com uma fivela prateada. Apesar de ter aprendido a usar maquiagem nas apresentações do balé, usou apenas um batom claro na boca, por ser uma festa na praia, e uma porção generosa de rímel nos olhos.

Escolheu um vestido de linho, sem mangas, de aberturas largas nos braços e decote. Um top branco cobria todo excesso de pele de fora. Nos pés, sandálias de tiras com pedrinhas delicadas. Sentia-se como uma dessas alunas hippies de faculdade. Sentia-se, acima de tudo, muito bonita.

“Será que Ryan irá gostar?” pensou ao se olhar no espelho mais uma vez.

PERIGOSAS NACIONAIS

Então, tristemente deu-se conta de que isso realmente não importava.

Chegou à sala, e apenas Ryan estava por lá. Usava uma camisa branca e bermuda passando dos joelhos. Ele havia trocado a barba por fazer por um cavanhaque bem aparado, que o fazia parecer ainda mais sexy.

— Senhorita — ele caminhou até ela, segurando suas mãos nas dele — Você está linda.

— Você também — ela mordeu o lábio, sem ter a menor noção de que isso era gracioso para ele — Quer dizer... Está ótimo.

Os dois se olharam por longos segundos. Presos um no outro. Mudos. Estáticos. Como se qualquer movimento, um simples piscar de olhos, ou um suspirar, pudesse estragar o momento que desejavam que fosse eternizado.

— Eu já estou pronta! — Raeden gritou da escada.

PERIGOSAS ACHERON

Caroline olhou em direção à voz empolgada e seu queixo caiu quando a avistou. Usava um vestido colante vermelho, exageradamente curto. Saltos altíssimos, que ela não fazia ideia de como combinariam com a praia, e os cabelos lustrosos caíam escovados sobre suas costas. O que Caroline tinha economizado na maquiagem, Raeden reforçou. Não que sua amiga estivesse muito vulgar, mas o visual combinava mais com uma noitada em uma casa noturna do que um luau na praia.

— Encantadora — disse Ryan, quando ela ofereceu a mão a ele para descer o último degrau — Podemos ir?

Para o desgosto de Caroline, ela usou a proximidade entre eles para enroscar o braço no de Ryan, brindando-o com um sorriso doce, puxando-o em direção à porta.

— Você não vem, Carol? — indagou

PERIGOSAS ACHERON

Raeden.

Ela saiu de seu estado imersivo e rapidamente os seguiu em direção à saída.

— Vou na frente com você, Ryan — disse Raeden, ao procurar algo na bolsinha que carregava — Separei aquela seleção de músicas que você disse que gostava.

Sem aguardar a confirmação dele, a garota abriu a porta e pulou no banco ao lado do motorista. Ele olhou Caroline com um pedido de desculpa e abriu a porta traseira para que ela entrasse. Ela nunca foi uma pessoa egoísta, invejosa ou malvada, mas começava a nutrir por Raeden uma irritação um pouco difícil de controlar.

Queria dizer à sua amiga que ela estava claramente forçando a barra. Mas sabia como eram as coisas no mundo *rapazes versus garotas*. Se dissesse o que pensava a ela, poderia supor que Caroline estava com ciúmes deles. O que era de

PERIGOSAS ACHERON

fato verdade.

No passado, antes de se ver guerreando com os próprios sentimentos, o comportamento de Raeden com qualquer outro garoto causaria nela apenas divertimento. Mas não era qualquer garoto. Era o seu Ryan. Bom, talvez não fosse mais tão dela.

— Aqui estão as músicas que você disse que gosta — disse Raeden.

E durante o curto caminho até a praia, Caroline decidiu manter-se calada, tentando prestar atenção na música, ou na linda paisagem passando diante de seus olhos, e menos na conversa entre os dois. Principalmente em como Raeden, “sem querer”, às vezes esbarrava a perna na dele e como colocava a mão em seu joelho quando queria atenção.

Chegaram à praia decorada com flores da estação, lâmpadas e lamparinas que a mantinham

PERIGOSAS ACHERON

iluminada. Havia algumas tendas espalhadas com barracas de comida e bebida, além de muitos jovens com idade próxima das duas amigas, mas em sua maioria, universitários em busca de diversão.

Eles se juntaram aos amigos de Raeden, incluindo Selena e Jay. O grupo passou boa parte do tempo ouvindo uma banda cover tocar.

— Não aguento mais esses sapatos — se queixou Raeden, ao ver Ryan se afastar com outros rapazes, em busca de bebidas para elas.

— E por que veio com eles, se sabia que andaríamos na areia? — questionou Selena.

— Porque assim tenho a desculpa perfeita para pedir que o Ryan me leve até em casa para trocá-los.

O sorriso matreiro não deixava dúvidas a Caroline de suas reais intenções. Uma coisa sobre Raeden, ela tinha que admitir, a garota era esperta.

Colocar os saltos impróprios para uma festa

PERIGOSAS ACHERON

na praia não fora um erro grotesco; foi proposital. Ela sabia criar oportunidades para ficar sozinha com Ryan.

— Você não se importa de ficar algum tempo com eles aqui, não é mesmo? — indagou Raeden — Acho que o irmão da Selenia gostou de você.

Caroline olhou para o ruivo atencioso ao lado da irmã. Ele era encantador e parecia um jovem legal, mas não fazia o coração dela suspirar.

— Só fica longe do Jay — aconselhou Raeden.

Ela quis perguntar o que quis dizer com o aviso, quando o grupo de rapazes retornou. O pedido de Raeden foi atendido, e Caroline observou o casal se afastar, sentindo o peito dolorosamente oprimido.

— Ei, você tem algo mais forte do que Coca-Cola? — ela sondou Jay ao seu lado. Seu copo já estava vazio e a banda fazia um intervalo na

apresentação.

— Pensei que não tinha idade para beber — provocou ele, recordando do que lhe dissera na fogueira.

— Não tem ninguém vigiando, certo? — indagou ela, observando os poucos adultos com copos ao redor deles — Mas você pode comprar uma para mim.

Caroline abriu um pequeno sorriso. Não era tão boa em fazer charme como Raeden, mas esperava que isso a ajudasse a convencê-lo.

— Eu já volto.

Estava agindo de cabeça quente e coração ferido, constatou, ao receber a bebida e aceitar o pedido de Jay para que dançassem.

Ela não queria beber. Não queria dançar — não com Jay — e não queria ter que retribuir os sorrisos sedutores que ele lhe dava. Mas já havia passado algum tempo, desde que Raeden saiu para

trocar os sapatos, e já deveriam ter retornado da casa.

— Preciso procurar um toalete — disse a Jay, quando a música que dançavam terminou — Volto logo.

Não desejava ir ao banheiro, o que queria era se livrar do rapaz que não tinha entendido, em nenhuma das vezes que dançaram, onde exatamente deveria permanecer com as mãos.

Ela decidiu caminhar pela praia. Distante o suficiente para que a música e a gritaria das pessoas se tornassem apenas um sussurrar ao longe. E perto o suficiente para visualizar as barracas e borrões em volta delas, caso precisasse voltar. Ryan ficaria furioso em saber que andava sozinha no escuro. Mas Ryan não estava com ela, e pelo jeito, ele e Raeden aproveitavam a noite muito melhor que Caroline.

Ela tirou as sandálias e sentou sobre elas para

PERIGOSAS ACHERON

observar o mar. Tanta coisa em sua vida havia mudado. Perdeu pessoas que amava. Conheceu outras. Descobrira sentimentos que ainda estava aprendendo a lidar.

— Encontrei você — ela saltou ao reconhecer a voz atrás dela — Sabia que não tinha entendido errado.

Com uma garrafa na mão e um copo na outra, Jay surgiu em frente a ela.

— Entendido errado?

— É. Se você queria ficar sozinha comigo, minha linda — disse, sentando ao lado dela — Era só dizer.

Caroline deslizou na areia, afastando-se dele o máximo que conseguiu.

— Sozinha, sim — afirmou ela. — Mas não com você, Jay.

— Pode parar de bancar a tímida — em vez de ficar irritado, ele sorriu.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele ofereceu o copo a ela, que recusou. Dando de ombros, Jay abriu a garrafa e tomou um longo gole pelo gargalo.

— Jay, se você não se importa, eu realmente prefiro ficar sozinha.

Ele bebeu da garrafa mais uma vez e limpou os lábios com as costas da mão.

— Você sempre diz uma coisa quando quer dizer outra?

Jay deslizou suavemente para perto dela, fazendo Caroline se sentir acuada. Ela olhou para as luzes e tentou calcular quanto tempo levaria de volta ao luau.

— Aposto que agora deseja que eu a beije e tem medo de admitir.

Antes que ela tivesse a chance de protestar, as mãos dele agarraram-na pelo ombro.

— Não! — tentou afastar os lábios, mas ele era maior e mais forte que ela — Jay! Não.

PERIGOSAS ACHERON

Foi tudo muito rápido. Ele a deitou bruscamente na areia. O corpo pesado cobriu o dela, e no instante seguinte, a boca dele cobriu a sua. Abriu os lábios na tentativa de mais um protesto, e ele se aproveitou disso para introduzir a língua em sua boca.

Caroline sentiu asco. Sentiu as lágrimas caindo de seus olhos. Sentiu medo. E sentiu uma força que não conhecia se apoderar dela quando o atingiu entre as pernas com o joelho e o empurrou para longe.

— Eu disse, que não! — gritou, furiosa — Não é não, sempre, seu idiota.

“Só fica longe do Jay”, recordou o alerta de Raeden, que agora fazia muito sentido.

Raeden tinha pedido que Ryan fingisse ser o namorado dela para manter Jay distante. Caroline agora conseguia entender.

— Vadiazinha mimada! — urrou ele,
PERIGOSAS ACHERON

gemendo, dando sinais de que iria se levantar.

— Babaca! — chutou a areia nos olhos dele e fugiu.

Ouviu Jay dizer diversas atrocidades e xingamentos, enquanto corria cada vez mais para longe dele. Quase cega pelas lágrimas e o coração batendo acelerado no peito.

— Carol? — parou apenas quando sentiu um corpo chocar contra o dela — Onde você estava, caramba?!

Talvez, no dia seguinte, quem sabe, admitisse a si mesma que a forma dura como Ryan se dirigia a ela era devido à preocupação visível em seu rosto, mas no momento, o medo havia dado lugar à raiva que Caroline precisava projetar em alguém.

— Onde você estava? — Empurrou-o, batendo em seu peito — Onde você estava, Ryan?

— Eu...

— Não precisa dizer. Se divertindo com

PERIGOSAS NACIONAIS

Raeden, enquanto... — Novas lágrimas transbordaram dos olhos dela ao encará-lo com mágoa — Eu nunca tenho quem amo perto de mim quando preciso.

— Eu estou aqui, Carol — ele se sentia angustiado com a acusação — O que aconteceu?

Ela viu Jay e dois de seus amigos passarem. Ele a olhou friamente e sorriu com deboche para Ryan. Dizer a seu amigo o que tinha acontecido há pouco o colocaria em uma situação perigosa. Três caras contra um rapaz não era uma briga justa.

— Só quero ir embora — engoliu o soluço e tentou impedir que novas lágrimas inundassem seus olhos.

— Nós iremos — disse ele ao abraçá-la.

Tudo o que queria essa noite era isso, estar nos braços de Ryan. Mas não em uma situação como essa.

— Carol? — Raeden surgiu ao lado deles.

PERIGOSAS ACHERON

Olhando com mais calma, Caroline percebeu que ela não tinha apenas trocado de sapato como disse, mas de roupa também. E os cabelos, antes perfeitamente escovados, agora estavam molhados. Soltou-se de Ryan e viu que os dele também estavam úmidos e suas roupas não eram as mesmas.

Feriu mais nela presenciar isso, do que a tentativa de Jay em atacá-la.

— Onde você estava? — perguntou Raeden — Estávamos te procurando.

— Cansei dessa festa — olhou magoada para um, depois para o outro — Quero ir embora.

— Vou levá-la — disse Ryan — Se quiser ficar, Raeden, veja se algum dos seus amigos pode dar uma carona depois.

Apesar de desapontada com o fim inesperado da noite, Raeden cedeu: — Viemos juntos. Vamos embora juntos.

Diferente da ida, foi Caroline quem fez
PERIGOSAS ACHERON

questão de ir sentada no banco de trás. Não conseguia encarar Ryan, não apenas pelo que aconteceu entre ela e Jay, mas também pelo o que deveria ter acontecido entre Raeden e ele.

Saltou do carro assim que Ryan estacionou. Correu para dentro da casa, tendo-o a seguindo e chamando por ela.

— Carol! — ele puxou o seu braço quando chegaram à porta do quarto — Me diz o que houve?

Ela fechou os olhos com força ao relembrar a cena na praia, e embora tivesse sido tensa e horrível para ela, só conseguia pensar em Ryan e Raeden juntos e sozinhos na casa.

— Meu primeiro beijo... — passou a mão no rosto, tentando secá-lo — Foi com um desconhecido. Alguém que eu não amo. Que nunca me fará lembrar disso com carinho.

A revelação o deixou em choque, e ela se

PERIGOSAS ACHERON

aproveitou disso para se libertar.

— Foi isso que aconteceu! Agora, me deixa em paz.

Trancou a porta e se escorou contra ela, deixando o corpo deslizar até o chão. Uma dor esmagadora comprimia seu peito, enquanto apoiava o rosto nos joelhos e se permitia chorar.

Seu primeiro beijo, o beijo que toda menina sonha e espera, deveria ter sido com Ryan. Outra coisa em sua vida que foi retirada dela.

Capítulo 11

Apesar do pedido de Caroline, para que a deixasse sozinha, Ryan permaneceu em frente à porta. Ele não conseguia se mover. As lágrimas dela e a revelação que lhe fez moviam-se como um furacão girando em sua cabeça.

— Ryan?

Ele virou-se para Raeden atrás dele. A dor que presenciou em Caroline tinha sido culpa deles. Primordialmente de Ryan. Ele deveria ter sido honesto com a garota desde que notou seu interesse por ele.

Mas havia preferido ignorar e esperou até essa noite, quando chegaram a casa e Raeden disse claramente o que desejava, forçando um beijo que

ele não pretendia corresponder. Acabou por empurrá-la sem querer na piscina e pulado em seguida para resgatá-la. Só após trocarem de roupa, teve uma longa conversa, séria e esclarecedora, com a garota. Seu coração pertencia a outra pessoa.

— Carol está bem?

Ele fechou os olhos, apoiando a cabeça contra a porta.

— Não. Ela não está — murmurou ele — Mas não quer falar comigo também.

Ryan sempre foi o ombro dela quando precisou, exceto essa noite, e isso também o machucava. Querer protegê-la e não ser capaz disso.

— Eu vou tentar — sussurrou Raeden, o afastando da porta.

— Obrigado, Raeden — disse ele, colocando a mão sobre a dela na maçaneta da porta.

Ela sorriu. Não o sorriso afetado que lhe deu

nos últimos dias, mas um sorriso amigável que deveria ter estado em seu rosto o tempo todo.

— Vá embora, Ryan — ouviu Caroline implorar e sua rejeição, lhe doeu a alma.

Com o coração em pedaços, dessa vez fez o que foi pedido a ele e trancou-se em seu quarto.



Às seis da manhã, Ryan já estava de pé, não que tivesse dormido, não conseguiu. Ele caminhou e correu na praia por uma hora, depois entrou no mar gelado, e por volta das nove horas, ainda nervoso e bastante ansioso, andava em volta da mesa de café da manhã.

— Você madrugou? — perguntou Raeden, surgindo no arco da porta.

Embora ela não fosse a pessoa que ele desejasse ver, podia ter a informação que Ryan gostaria.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você falou com ela?

— Bom dia para você também, Ryan —
gracejou, antes de ocupar uma cadeira à mesa.

— É sério, Rae — insistiu, segurando forte a
quina da mesa de vidro — Carol te disse algo?

— Bom, que o Jay é um idiota — ela pegou
uma torrada na mesa e procurou o pote de geleia —
Mas isso eu já sabia. Falei para ela ficar longe dele.

Ryan apertou os dedos contra o vidro com
tanta força que sentia que um dos dois poderia
quebrar.

— Ele... aquele desgraçado...

— Jay a beijou e tentou forçar a barra —
disse ela com pesar — Eu disse para a Carol ficar
longe. O Jay é o tipo de cara que não sabe ouvir um
não. Sei muito bem disso.

Ryan sempre ouviu a expressão “ficar cego
de raiva”, mas nunca sentiu algo que chegasse tão
próximo, até agora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você... — ele engoliu em seco, não conseguia formular a pergunta.

Diante do olhar enraivecido de Ryan, ela tratou de se explicar.

— Não. Jay estaria morto se tentasse. Eu só não tive coragem de ir além naquela época e liguei para ele desmarcando o nosso encontro — continuou ela — Depois de me dizer muitas coisas ruins, no dia seguinte estava com outra garota. Só meu coração foi partido, Ryan. Mas ouvi dizer que algumas garotas não tiveram a mesma sorte.

O soco que Ryan deu na mesa fez a garota se assustar. E ela agora não sabia se tinha feito o certo ao revelar essa parte de seu passado a ele.

— Olha, Ryan, a Carol só está chateada porque foi o primeiro beijo dela — Raeden suspirou, devolvendo a torrada ao prato — As garotas idealizam essas coisas, sabe. Ela vai superar isso.

PERIGOSAS ACHERON

Só que Caroline já estava tendo que superar muitas coisas, pensou Ryan.

— Onde eu o encontro?

Ela se ergueu da cadeira e foi para perto de Ryan. Agora tinha certeza que não deveria ter dito nada. A fúria que Ryan sentia era perigosa.

— Deixa para lá.

— Você pode me contar, Rae — insistiu, com uma frieza na voz que a assustou — Ou posso descobrir sozinho. Só que quanto mais ódio eu acumular por procurar esse desgraçado, pior será quando o encontrar.

— Tá bom, mas tem que me jurar que não fará nenhuma idiotice — implorou ela, ao buscar papel e caneta.

Ele sorriu sombriamente quando recebeu o endereço.

— É sério, Ryan. Os pais do Jay são influentes aqui — condessou.

— Cuida da Carol — disse ele, se dirigindo para fora.

A casa de Jay não ficava muito longe de onde Ryan estava hospedado. Como era de se esperar, o rapaz se encontrava dormindo, e ele precisou ser bem argumentativo para convencer a empregada a tirá-lo da cama.

— O que você quer... — a pergunta do rapaz foi interrompida quando Ryan acertou um soco potente em um de seus olhos.

— Isso é pela Raeden e principalmente pela Carol — ele se aproximou do jovem cobrindo um lado do rosto com a mão e deu outro golpe, dessa vez no estômago — E por qualquer garota que tenha desrespeitado.

Sua vontade era agredir Jay até que o outro estivesse inconsciente a seus pés. Era o que ele merecia. Mas uma parcela racional bem pequena em Ryan sabia que havia ido longe demais.

PERIGOSAS NACIONAIS

Praticamente invadiu, além de agredir uma pessoa em sua propriedade. Não ligava para as consequências que poderia ter, mas como isso poderia prejudicar Nicholas e seus negócios, se a foto do filho sendo preso aparecesse em algum jornal.

— O que está acontecendo aqui? — a empregada que havia deixado Ryan entrar surgiu na sala.

Aproveitando-se da distração de Ryan, o outro voou contra ele, empurrando-o contra a lareira, onde ele bateu as costas. Viu o punho vindo em sua direção, mas não foi rápido o suficiente para impedir o golpe no canto da boca.

Aos gritos da empregada, um empregado se aproximou e separou os dois rapazes.

— Nunca mais chegue perto dela — gritou Ryan, ao ser arrastado para fora — Sequer olhe para ela, ou juro que eu te mato.

PERIGOSAS ACHERON

— Diz para Carol que os lábios dela têm gosto de morango — debochou Jay, ao ser arrastado por duas empregadas que tentavam contê-lo — E que sabe onde me encontrar, caso queira continuar de onde paramos.

Nem todo amor e respeito que Ryan sentia por Nicholas conseguiriam conter sua ira naquele momento. Por sorte, o homem tinha força suficiente para continuar a levá-lo para fora.

— Eu tenho certeza absoluta que Jay mereceu a lição que tentou dar a ele — disse o homem ao conduzir Ryan até seu carro — Mas você não vai querer arranjar briga com os Black, meu rapaz. Esfria a cabeça e vai embora.

Ele não sabia que tipo de pessoas eram os membros da família, mas por Jay Black, conseguia imaginar.

Ryan tremia de raiva quando entrou no carro e deu a partida. Dirigiu com cuidado e atenção

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

redobrada. Parou em uma praia não muito longe da casa de Raeden. Ainda não podia voltar para lá. Ficou sentado em cima do capô, olhando o mar, as ondas quebrando na areia e os pássaros que alçavam voo no ar. O cenário à sua frente refletia calma, bem diferente do que Ryan sentia por dentro.

Ele só conseguia pensar que um babaca como Jay tinha manchado o sonho romântico de Caroline e roubado o beijo que deveria ter sido dele. Foi assim que imaginou ao programarem esses dias de férias. Dizer toda a verdade sobre o passado, sobre Rebecca e Olivia e principalmente sobre os sentimentos dele.

Sabia que teria a raiva e a decepção de Caroline, mas também contava com o perdão e o desejado o beijo que teriam ao se reconciliarem. Nada aconteceu como planejou e tudo parecia ficar cada vez pior.

PERIGOSAS ACHERON

Ryan ainda se encontrava meio aéreo quando retornou. A primeira a vê-lo atravessar a sala foi Caroline. Ela se afastou do abraço que recebia de Raeden no sofá, correndo até ele.

— Ryan? O que aconteceu em seu rosto?

Os dedos dela sobre sua face machucada era todo remédio que ele precisava.

— Nada importante — disse ele.

— Nada de importante? Você foi atrás do Jay e brigou com ele?

Racionalmente, Ryan entendia a revolta dela. Esse não era ele, não costumava resolver suas coisas na base da pancadaria, mas Black tinha ido longe demais, antes com Raeden, e depois com Caroline.

— Está brava porque eu briguei com ele?

— Estou zangada porque você brigou — rebateu ela — E porque ficamos preocupadas com você. Ryan, eu sei resolver meus problemas

sozinha. E fiz isso muito bem, quando você não estava lá.

Não foram apenas as palavras duras que o magoaram, mas a verdade contida nelas. Ryan não ajudara Caroline, não a protegeu como queria, e agora tentava colar os pedaços. Isso o deixou frustrado e impotente.

— Entendi — ele se afastou dela, indo em direção à escada.

— Aonde você vai? — chamou Carol, em um tom angustiado — Precisa de um curativo.

Ele parou no meio do caminho, fechando os punhos: — Também sei me cuidar. Fiz isso a vida toda.

Ambos se magoavam quando na verdade queriam apenas proteger um ao outro.

Naquele dia choveu. Fora da casa e dentro deles mesmos.

A última noite deles ali não foi festiva,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

carregada de uma saudade precoce. Eles queriam retornar às suas vidas normais e para trás dos muros que ergueram em volta de si.

E enquanto Caroline e Raeden seguiram de volta para Juliet, no carro com motorista enviado pelos pais da jovem, Ryan teve uma longa, solitária e pensativa viagem de volta para casa. Não contou a verdade a Caroline e nem sabia se um dia conseguiria fazer isso.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12

Caroline fez o que sempre fazia ao se sentir triste e solitária: entregou-se de corpo e alma à dança. Até que seus dedos sangrassem e o corpo afundasse, exausto, na cama. Todos os dias eram iguais. E enquanto as amigas se ressentiam com o afastamento e dedicação a seus ensaios, Louis Duperré via como uma grande oportunidade de se aproximar mais dela.

— Se você tinha dúvidas sobre o papel de Cisne Negro, pode tratar de esquecê-las — ele elogiou, ao colocá-la no chão — O papel será seu.

Não ensaiava todos os dias apenas porque desejava ser a bailarina principal. Esse era seu escape. Caroline não pensava em Ryan e na briga

que tiveram em Paloma Plage. Na forma seca que se despediram, e que fazia semanas que não se falavam, nem mesmo pelo telefone.

Entendia que os primeiros dias na faculdade poderiam ser puxados para ele, mas poderia, ao menos, ter enviado mensagens ou escrito uma carta, como fazia em Uptown. Mas ela também não dera nenhum passo em direção a fazerem as pazes. A culpa também era dela.

Em sua defesa, podia dizer que sentia medo de abrir demais o coração, revelando seus sentimentos ao ligar, ou confessá-los ao escrever. E eles mal conseguiam ser amigos no momento, quanto mais um casal, forçado por sentimentos que só existiam dentro dela.

— Hoje você merece um sorvete — ele passou o braço sobre os ombros dela quando saíam da sala de ensaio — E não vou aceitar uma recusa.

Caroline não se atreveria. Eles tinham se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aproximado bastante e o rapaz tinha sido paciente, não a enchendo de perguntas que ela não se sentia à vontade para dar respostas.

—Tudo bem — aceitou com um sorriso — Você está merecendo também.

Ela colocou a mão em sua cintura e usou o corpo dele como apoio para aliviar a pressão nos dedos feridos dos pés. Foi assim que o trio de amigas esbarrou neles no corredor.

— Nós vamos tomar sorvete no Lebrun — disse a Raeden, encarando Fan e Melanie em seguida — Querem vir?

— Acabamos de vir de lá — respondeu Raeden — Nós íamos te convidar, mas tudo o que faz é se trancar no estúdio.

Caroline notou o tom amargo na voz dela, e realmente não se aborrecia com isso. Andava mesmo negligenciando as amigas.

— Me desculpem.

PERIGOSAS ACHERON

Ela tinha que encontrar equilíbrio em sua vida, ou perderia as poucas pessoas que queriam estar ao seu lado.

— Mas a gente consegue entender o motivo — disse Fan, com seu olhar sonhador indo de Caroline para o rapaz bonito ainda a abraçando.

— Ah, mas nós não... — tentou explicar que não havia nada mais que amizade entre ela e Louis.

— A gente entende, Carol — disse Melanie, e as três se afastaram rindo.

Ao menos uma coisa boa, ante a confusão sobre o relacionamento dela com Louis, havia resultado. As amigas entendiam melhor seu afastamento por causa de um possível início de namoro, do que ela precisar ter um tempo longe delas.

— Espero que você não tenha ficado chateado — disse Caroline, após ver a garçonete se afastar deles com os pedidos — Eu poderia dizer

que elas não são assim o tempo todo, mas estaria mentindo.

— Tudo bem. Gostei de como soou, e teria gostado ainda mais se fosse verdade — ele buscou a mão dela sobre a mesa — Gosto de você, Caroline.

Se dissesse que estava surpresa, estaria mentindo. Notou, desde o início, o interesse do rapaz, apenas não havia estimulado isso.

— Nesse momento, só quero saber da dança — disse ela, afastando sua mão.

— Uau! — ele sorriu, nem um pouco ofendido — Geralmente, a dança me leva até as garotas, e não me afasta delas.

— Não é só isso. É que...

— Você gosta de outro cara.

Ela assentiu, envergonhada. As taças foram colocadas na mesa e Caroline teve um tempo para refletir sobre o que não tinha confessado ainda nem

às suas melhores amigas.

— Deixe-me adivinhar — disse ele, mexendo na cobertura em seu sorvete — Ele não gosta de você, ou não sabe que gosta dele.

— Todas as alternativas estão corretas — gracejou ela, tentando aliviar o peso que essa dor lhe trazia — Na verdade, o Ryan gosta de mim. Sei que gosta, mas não da maneira que eu desejo.

— Um primo distante, ou um amigo de infância?

— Amigo — respondeu — Melhor amigo. E isso estraga tudo.

— Eu fui apaixonado pela Maya dos meus sete aos quatorze anos. Nós éramos ridiculamente inseparáveis.

Era mais do que provável que a história não continha um final feliz, ou ele não estaria contando a ela.

— E o que aconteceu?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Os pais dela voltaram para a Índia e a gente manda cartas escondido um para o outro — ele mexeu no sorvete, depois passou a ponta da colher no nariz dela, fazendo-a rir — Você podia me fazer esquecer a Maya, e eu te fazer esquecer o Ryan. O que acha?

Ela retribuiu a gentileza manchando o queixo dele com sorvete. Ambos riram.

— Não funciona assim — disse ela, ao se ajeitar na cadeira — Você sabe.

— Agora não, mas espera só até eu receber uma carta de Maya, dizendo que se casou com o noivo prometido — disse ele, com certo ar de tristeza — Ou você vir o Ryan com outra.

Será mesmo? Questionou a si mesma. Seria mesmo preciso ver Ryan namorando outra pessoa para seus sentimentos por ele morrerem e dar uma chance a Louis? Os avanços fracassados de Raeden deram uma amostra amarga de como seria isso.

PERIGOSAS ACHERON



Caroline não foi a única a sofrer com a ausência que eles se impuseram. Ryan também focou nos estudos e nas novas amizades. E ele tinha uma leve vantagem, estudava na mesma universidade que Rebecca e Brianna. Passavam muito tempo juntos, o que o confortava e deixava com sentimentos conflitantes.

Por isso, quando se sentiu mais confiante, decidiu quebrar o mal-estar entre ele e Caroline, indo visitá-la na Juliet. Estava aguardando na recepção que fossem procurá-la, quando Raeden com suas amigas o avistaram.

— Quanto tempo, Ryan! — ela o abraçou com alegria genuína.

— Você sabe onde está a Carol?

— Está no Lebrun com o namorado — respondeu a garota oriental, de quem ele só ouvira

falar e visto de longe — Você é o irmão dela?

Ryan levou alguns segundos para entender e responder a pergunta, de tão atordoado que ficou.

— Quase isso — balbuciou.

— O irmão dela se chama Michael — retrucou Raeden, olhando feio para a garota — E não fala o que você não sabe.

— Desculpe — sussurrou a outra, visivelmente arrependida — Eu não sabia que era um namoro secreto.

— Ai, Melanie, a leva daqui — resmungou Raeden, revirando os olhos.

As duas garotas saíram cochichando, mas a atenção de Ryan estava em quem havia ficado.

— Namorado?

— Não liga para a Fan. Essa é romântica por natureza — explicou ela — Louis e Carol só têm passado muito tempo juntos, por causa do balé.

— O bailarino? O mesmo que você disse em

Paloma Plage, em quem Carol estava interessada?

— Bom, eu achei que ele fosse o motivo pelo mau humor dela — respondeu, dando de ombros — Na verdade, não sei o que rola.

O que rolava é que, pelo visto, assim como na praia, Ryan tinha chegado tarde demais. O tempo que deu para ela pensar apenas a jogou para os braços do bailarino mais rapidamente.

— Você se importa? — Raeden tocou o braço dele — Ryan? Quando disse que gostava de outra garota, era Caroline?

Que diferença fazia revelar isso agora?

— Eu tenho que ir — disse ele rapidamente, começando a se afastar.

— Mas e a Carol? — Raeden ainda tentou impedi-lo — Não veio vê-la?

— Meu pai teve assuntos de negócios na cidade — mentiu — Só passei para uma visita rápida. Diga a ela que ligo qualquer dia.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sem dar a chance que Raeden notasse a farsa que ele era e o quanto saber que Caroline ter seguido em frente o magoava, ele fugiu. Correu pelo extenso pátio rumo à saída, e quando atravessou os portões, buscou o ar que tinha negado aos seus pulmões. Não que o órgão ardendo o incomodasse, havia outra parte de si doendo muito mais.

Ryan sabia que precisava ir embora. Pegar seu coração sangrando no chão e partir, mas ele se viu parado em frente à sorveteria onde esteve com Carol, em algumas de suas visitas a ela. Ter ouvido sobre o namorado de Caroline por suas amigas doeu. Mas ver o casal juntos, entrosado e feliz, golpeou ainda mais forte seu coração ferido.

Ele rindo e passando o sorvete no nariz dela. Caroline sorrindo, manchando o queixo dele. E as mãos unidas em uma conversa íntima. Sua alma foi despedaçada ali.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Perdera a sua chance. Ou talvez nunca tivera uma.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 13

Caroline ficou chateada por Ryan não ter aguardado que ela retornasse à escola. Mas manteve a voz jovial e alegre quando ele ligou, alguns dias depois. Não disse nada ao telefone. No entanto, sentia que tudo entre eles havia mudado desde sua viagem a Paloma Plage. Perdia Ryan pouco a pouco, e isso deixava um vazio em seu peito que ninguém nunca conseguiria preencher.

E os dias seguiam quase que normais. Ela conseguiu o papel principal na apresentação de balé da escola. Laura e Nicholas vieram ver a apresentação, como da outra vez. Sentia algo estranho neles ao olhar para ela, como se carregassem culpa. Ryan não veio, estava doente,

pelo que Laura havia informado. E ela recebeu uma ligação do irmão com uma mensagem do pai, com quem já não falava há algum tempo.

Visitou a família no Natal, as coisas pareciam piores do que no último ano. Stacy mais insuportável e cruel, e Max distante e infeliz. Sem Raeden a acompanhá-la dessa vez, passou mais tempo trancada no quarto do que com a família. E até sentiu alívio quando retornou à Juliet. Era seu último ano, e pretendia se divertir.

— Em dois dias será o aniversário de Carol — disse Raeden, ao se juntar às amigas sentadas no tapete — E sabe o que eu acho? A gente deveria fugir.

— Fugir? — exclamou Fan, arregalando os olhos o máximo que podia.

Nenhuma delas tinham ido para casa naquele fim de semana e decidiram fazer uma festa do pijama no quarto que Caroline dividia com Raeden.

— 17 anos, garota — disse ela — Você é quase uma adulta.

— E para onde nós iríamos? — sondou Melanie, curiosa.

— Vamos dançar! — Raeden remexeu o corpo no chão — O primo do cara que conheci no último fim de semana trabalha em uma casa noturna, no centro da cidade. Só precisamos de identidades falsas.

— Eu acho que não quero — recuou Fan — A minha mãe me mata se descobrir.

— Eu também acho muito arriscado, Rae — apoiou Caroline — Para irmos até Lebrun, precisamos de autorização e tempo para ir e voltar.

— É por isso que vamos fugir — disse ela, animada — Meninas, é nosso último ano. Sabem o que isso significa?

Elas fariam testes para várias academias de balé, mas poderiam ser aceitas em instituições

PERIGOSAS ACHERON

diferentes. Seus caminhos iriam se separar.

— Vamos fazer uma coisa divertida e louca — disse ela — E se descobrirem, farão o quê? Só temos mais alguns meses de aula. Além disso, contamos com uma ajuda extra.

— Que ajuda? — sondou Fan.

— O Louis. Vai conseguir as autorizações falsas — disse Raeden — E o carro para irmos e voltarmos.

— E se Louis também for pego — concluiu Melanie, animada —, como filho dela, a diretora não terá como nos punir. Raeden, você é um gênio do mal.

Ela se curvou, fazendo agradecimentos. Assim como Fan, que se mostrava reticente, Caroline preferia encomendar um bolo e passar uma noite agradável com elas, mas não queria bancar a estraga-prazeres, então decidiu que se deixaria levar.

Sempre foi correta e estudiosa. Talvez fosse o momento de agir como uma adolescente normal. Como uma garota normal, pelo menos uma vez em sua vida.



Ryan sabia que estava tratando com masoquismo o próprio coração. Mas era o aniversário dela. Um dia especial que ele precisava passar ao seu lado. Mesmo que uma frieza estranha tivesse se imposto entre eles.

E quando a viu se aproximar em um vestido florido, com os longos cabelos caindo soltos por seus ombros, presenteando-o com um sorriso lindo, sentiu algo, entre dor e alegria, ocupar espaço em seu peito.

— Algo confortável e bonito — disse ela ao girar para ele — Eu espero que tenha conseguido os dois. Eu só não sei por que e para onde vamos.

Ele a avaliou mais uma vez, antes de ter coragem de se aproximar para abraçá-la. Não poderia ter Caroline como ele queria, mas nunca conseguiria deixar de amá-la.

— O confortável foi para que não se cansasse logo e quisesse voltar para casa — confessou ele, aproveitando mais do que deveria o abraço de boas-vindas — E bonito porque sou um belo idiota querendo desfilar com uma garota bonita ao seu lado.

— Aposto que tem muitas garotas bonitas em Londres — retrucou Caroline, se afastando dele — Mas agradeço o elogio, Ryan. Você também está muito bonito. Aposto que anda deixando alguns corações suspirando nos corredores da faculdade por onde circula.

Conquistava a atenção de algumas jovens. Amigas de Brianna, conhecidas de Rebecca, ou suas colegas de sala. Nenhuma delas causava nele

PERIGOSAS ACHERON

os mesmos sentimentos que Caroline. Podia ter o amor não correspondido e muitas feridas provenientes disso, mas sempre que estava ao lado dela, como agora, sentia-se bem e feliz.

— Algumas — murmurou ele, e como ela seguia apressada à frente dele, não notou o desapontamento em seu rosto surgir.

— E para onde vamos? — perguntou novamente, ao parar em frente ao seu carro, aguardando que ele lhe abrisse a porta.

— Parque de diversões.

— Um parque de diversões? — indagou ela, sorrindo — Sério?

— Com direito a pipoca, muito sorvete, cachorro-quente e algodão doce — Ele enumerou o que para ela parecia todas as maravilhas do mundo — E talvez um grande urso, se a sorte estiver com você.

— Comigo? — indagou, quando ele sentou

no banco ao lado dela, colocando o cinto.

— O presente será seu.

Ela queria dizer que o melhor presente estava bem ao lado dela, mas engoliu as palavras. Após tanto tempo longe dele, com apenas algumas conversas esporádicas por telefone, tinha prometido a si mesma que faria desse dia uma lembrança feliz. Nem que tivesse que bancar, a cada minuto, a amiga perfeita.



Eles tiveram um dia maravilhoso, pensou Caroline, ao abraçar o grande urso branco que ele não tinha conquistado na barraca de tira ao alvo, mas pagado uma quantia considerável para presenteá-la. Sem sombra de dúvidas, foi um dos melhores aniversários de sua vida. Só perdia para os que ela havia passado ao lado de sua falecida mãe.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu amei cada minuto, Ryan — disse, quando ele estacionou em frente à escola.

Caroline queria tanto ter coragem de dizer a ele o quanto realmente havia significado para ela.

— Preciso te dizer uma coisa — ele passou a mão em sua bochecha e segurou o queixo dela — Pedir, na verdade.

O coração dela disparou em uma batida acelerada.

— Acho que merece o que desejar.

Estaria ela prestes a ouvir o que vinha sonhando secretamente há tantos meses? Que Ryan se declarasse a ela?

— Seus aniversários.

Desapontamento, seguido de confusão, a tiraram do ar.

— Seus aniversários. Todos eles — disse ele, em um tom emocionado — Pelo menos algumas horas para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Caroline não conseguia entender agora o que esse pedido significava. Sabia apenas que era o que seu coração desejava também. Se isso era tudo o que teria de Ryan, agarraria esses futuros momentos com unhas e dentes.

— Eu te dou. Todos eles.

Eles se olharam com todos os sentimentos revelados. O amor que sempre sentiram. Não havia mudado, havia crescido.

Toc. Toc.

O som na janela abalou e interrompeu o momento deles. Ryan abaixou o vidro e Melanie surgiu na janela.

— Agora chega, Summer — Totalmente alheia do que havia interrompido, ela abriu a porta — Carol agora é nossa. E a gente tem muitas coisas para fazer.

— Tipo o que, Melanie? — indagou ela, quase zangada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ficarmos bonitas para a nossa fuga? — disse ela — Louis já entregou o que precisamos para essa noite. E Ryan, não quer vir?

Diante do olhar curioso dele, Caroline explicou. Não tinha contado antes, porque não sabia como ele iria reagir a essa pequena imprudência, e não quis estragar o ótimo dia que eles teriam.

— Eu tenho que voltar para Londres ainda hoje — disse ele, fazendo o coração de Caroline encolher — Só tenha cuidado, está bem? E me ligue se precisar de mim.

Eles se despediram com um longo abraço. Caroline olhou várias vezes para trás, até ver o carro desaparecer. Colocou o sorriso ensaiado, de todos os dias, no rosto e uniu-se aos amigos.

Não precisaria de Ryan em sua noite maluca, mas sempre precisaria dele em sua vida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 14

Ryan deu os últimos retoques no desenho que havia iniciado há três dias. Além das telas, carvão e papel eram sua forma de arte preferida. Seus dedos viviam negros e suas roupas manchadas, mas ele não se importava com isso.

— Mudou de amor, mas não mudou a musa — disse Brianna, ao ocupar a mesa do refeitório onde ele esteve imerso na última hora.

Ele olhou o desenho da bailarina sem rosto em um salto no ar. Poderia ser qualquer pessoa, ou uma figura inventada por suas mãos de artista, mas Brianna, como qualquer membro de sua família que olhasse o desenho, saberia de quem se tratava. Havia dezenas de quadros como aquele no quarto

de Ryan. Ele deveria parar de pintá-la, mas era algo quase que inconsciente.

— O que quer dizer com mudei de musa?

— Ela está falando sobre a Lucy — Rebecca surgiu atrás deles, carregando uma pilha de livros que mal cabiam em seus braços.

Ryan olhou para elas sem entender do que as duas falavam.

— Uma viagem a Paris — disse Brianna — Para mim, isso soa muito romântico.

Ele chegou ao X da questão. Lucy era uma das amigas de Brianna. Ela tinha apresentado os dois, na esperança de que Ryan tivesse interesse em uma garota por mais do que uma noite.

— É a formatura da Carol — justificou ele — E Lucy tem parentes na cidade.

— Se eu fosse você, daria uma chance a ela — disse Rebecca.

Não bastava ter que implorar que Ryan
PERIGOSAS ACHERON

mentisse por ela. Agora a sua irmã queria cuidar da sua vida sentimental.

— Do mesmo jeito que você dá uma chance para os caras que tentam se aproximar de você?

— É diferente — murmurou ela, em um tom magoado — Eu tenho uma filha.

— E o Ryan tem um coração — disse Brianna.

— Diz que não quer saber dos Hunter porque odeia o Michael — retrucou ele — Mas eu acho que, na verdade, ainda o ama e acho que nunca vai deixar de amar.

Ryan viu a cor em seu rosto desaparecer. Tinha sido maldoso com ela, mas Rebecca estava ultrapassando o limite. Ele entendia que sua insistência de ele vir a ter um relacionamento amoroso com Lucy era porque ela queria amenizar a culpa que sentia por fazê-lo mentir, e essa mentira o afastasse de Caroline. Mas ela não podia tentar

PERIGOSAS ACHERON

cobrir os buracos que deixava aberto pelo caminho da forma que achava ideal. Eles não eram robôs.

— Começo a pensar que Ryan pode ter razão. Nesse caso, acha mesmo que protege a Olivia, ou apenas a afasta de quem deveria amá-la acima de tudo? — indagou Brianna — Você, mais do que ninguém, sabe como é crescer longe dos pais.

— Pais que nos amam, e não os que nos rejeitam — os lábios de Rebecca tremeram — Vocês nunca irão entender.

E sem dizer mais nada, ela se afastou.

— Odeio ter que dizer essas coisas a ela — lamentou Brianna — Mas não posso deixar a Rebecca que conheci ir para muito longe de nós. Às vezes, parecem duas pessoas completamente diferentes.

Ele conseguia entender todos os lados da história, o que não tornava mais fácil de lidar. Sorte tinha Caroline, longe dessa bagunça toda que se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

transformou a vida deles.

— Eu quero que você saiba — disse Brianna, pegando a mão dele — Que se algum dia desejar contar a Carol, eu estarei ao seu lado.

— E Rebecca?

— Amar a Rebecca não significa concordar com tudo que faz e diz.

Ele se emocionava com o apoio dela.

— Carol seguiu em frente, não adianta derramar o leite agora. Só faria a Rebecca sofrer. Nossos pais e Olivia sofreriam.

O que adiantaria revelar a verdade, se o caminho de ambos seguia em direção opostas? Depois da formatura dela, só haveria um momento em que seus caminhos se cruzariam: no aniversário dela.

E ele pretendia manter essa data e o acordo que selaram, pelo tempo que conseguisse.

PERIGOSAS ACHERON



Caroline tinha declinado com muito humor e amabilidade todos os pedidos de namoro que Louis lhe fizera. Ele tinha todos os atrativos que deveriam fazer seu coração palpitar. Era bonito, possuía um ótimo humor e amava a dança tanto quanto ela. Eram compatíveis em muitas coisas, mas o coração apaixonado de Caroline guardava ainda uma pequena esperança por Ryan. Esperança que feneceu, ao vê-lo chegar à sua festa de formatura com uma linda garota agarrada em seus braços. Caroline descobriu que a culpa não era das pessoas, por jogarmos sobre elas expectativas demais. Ela sempre esperou dos outros aquilo que não poderiam lhe dar. E estava na hora de mudar isso.

— Carol, isso é para você — disse ele, ao se aproximar de onde ela estava com seu grupo de amigos.

— Obrigada — murmurou, agarrando a embalagem dourada contra o peito, desviando-se do sorriso simpático da jovem ao lado dele — Acho que já conhece todos. Raeden, Melanie, Fan e meu namorado, Louis.

Não foi surpresa que viu em Ryan com o que disse, foi algo bem similar ao que ela sentia vendo-o com outra.

Dor.

Mas se isso o magoava, por que trazer sua namorada na formatura dela? Isso não fazia sentido.

— Namorado? — Louis colocou a mão em sua cintura e sussurrou a pergunta para que apenas ela ouvisse.

— Decidi repensar — sussurrou de volta — Se o pedido ainda estiver de pé.

Em resposta, Louis depositou um beijo suave nos lábios dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Essa é Lucy — disse Ryan — É...

— Sua namorada — completou Caroline, estendendo a mão para a jovem, não dando espaço para que desfizesse o engano — É um prazer conhecê-la.

Nenhum deles, por motivos estúpidos, corrigiu o mal-entendido, condenando os corações ao sofrimento desnecessário.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 15

Alguns meses depois

Caroline havia perdido Ryan, mas encontrado Louis, que de certa forma, fazia seu coração machucado doer menos. Mas ela ainda tinha Ryan em seus aniversários, e pelo menos nesse dia especial ele pertencia apenas a ela.

Por isso, quando o avistou escorado contra a porta de seu esportivo, exibindo um sorriso carinhoso para ela, o seu mundo voltou a se iluminar. Foi como se todos os meses que passaram sem se ver nunca tivessem existido.

— E então? — indagou, antes de puxá-la para um abraço demorado — Como foi?

Caroline tinha passado por seu primeiro teste importante. Ela estava disputando uma das vagas na principal academia de balé em Paris.

— Eu dei o melhor de mim — disse ao se separarem — Mas eles são bem exigentes. Saberei a resposta em alguns dias.

— Tenho certeza que conseguiu uma das vagas — afirmou Ryan — Vamos comemorar isso, assim como seu aniversário de 18 anos.

— Só se faz 18 anos uma vez na vida — gracejou ela, pulando para dentro do carro quando ele abriu a porta — E para onde vamos?

— O que nós vamos fazer... — ele indicou com a cabeça o banco traseiro do carro.

— Um piquenique? — indagou, animada — Onde?

— Você verá.

Eles estenderam uma manta florida no parque *O Jardim de Luxemburgo*. Esvaziaram a cesta com PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

as iguarias que Ryan tinha comprado no caminho até o teatro, onde Caroline fizera o teste.

Após a refeição e guardarem parte do que havia sobrado de comida, Ryan retirou uma garrafa de vinho e duas taças de dentro da cesta: — Hoje você pode.

Ela sorriu ao receber a taça e examinou a cor púrpura por alguns segundos, antes de degustar o sabor. Enquanto conversavam sobre o que não disseram nas cartas que trocaram (sim, eles amavam se corresponder assim), observavam as pessoas em volta.

Famílias. Casais. Turistas.

Todos tinham uma conexão, como eles dois. Admirava o palácio, a bela paisagem em volta deles e o lago que a fazia se lembrar de Greenville.

— Então, apenas a Raeden ficará com você? — indagou Ryan, quando eles deitaram lado a lado na manta.

PERIGOSAS ACHERON

— Se nós formos aprovadas no teste — disse ela — Fan desistiu definitivamente do balé, quer ser chefe de cozinha, e Melanie vai tentar algo em Nova York.

— E o seu namorado?

Ela não falava muito sobre Louis com ele, mesmo nas cartas, e também não tinha qualquer informação sobre Lucy, a namorada de Ryan. Era como se, inconscientemente, ambos evitassem magoar um ao outro.

— Ah, ele já está dentro, com certeza — disse ela — Sabe, a mãe dele tem conexões, por causa da Juliet. E você e a Lucy? É esse o nome dela, não é?

Nome que Caroline nunca conseguiu esquecer. A jovem que afastou Ryan dela e fez seu coração em pedacinhos, que ainda tentava recolher e colar.

Ele levou um tempo maior do que o normal

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para responder, e Caroline temeu ouvir o aviso que passou meses temendo saber: que Ryan deu um passo importante em seu relacionamento com a garota.

— Nós demos um tempo.

O coração de Caroline disparou, mas não de tristeza, como temia. E logo se sentiu mal pela resposta de Ryan ter trazido alívio ao coração dela. A infelicidade dele nunca seria a felicidade dela.

— Eu sinto muito, Ryan.

Embora doesse dizer, era verdade.

— Tudo bem. As coisas se ajeitam.

Caroline só conseguia pensar que uma nova oportunidade poderia estar sendo dada a ela. E que talvez Ryan e ela teriam uma chance. Só que, ao contrário dele, ela ainda estava ligada a um relacionamento. Para ser sincera com Ryan em relação aos seus sentimentos, precisava ser com Louis primeiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lembra o que a gente fazia quando criança? — apontou o céu com o dedo — Sobre as nuvens?

— Eu vejo um cachorro com sapato na boca — disse ele, respondendo à pergunta dela.

— Claro que não — ela riu alto — É um elfo lustrando os sapatos.

E enquanto discutiam e discordavam dos desenhos que as nuvens formavam, Ryan buscou a mão de Caroline, mantendo-a junto à sua, até o céu começar a escurecer e ele perceber que, em algum momento enquanto admiravam as nuvens, ela adormeceu agarrada ao seu ombro.

Provavelmente levaria um ano inteirinho para que a tivesse assim junto dele mais uma vez, e ele contaria todas as horas e minutos até esse dia chegar.



PERIGOSAS ACHERON

Caroline andava nervosa pela sala, quando abriu a porta para Raeden. Elas dividiam um pequeno, mas aconchegante, apartamento que Max tinha providenciado para que a filha continuasse a estudar na cidade.

— Já saiu o resultado? — andou rapidamente até Caroline, mas se jogou no sofá — Não era daqui a dois dias? Eu não passei, não foi? É por isso a sua cara? Isso que você quer me dizer?

— Eu terminei com Louis — disparou Caroline, em uma fala sem pausa.

— Ouw! — disse Raeden, relaxando o corpo — Pensei que vocês se dessem muito bem.

Ela respirou profundamente e foi para o sofá, sentando de lado e em frente a Raeden.

— Nós nos damos, só que...

— Você não o ama como ele esperava — completou Raeden.

Ela nunca contou à amiga sobre o seu amor

PERIGOSAS ACHERON

não correspondido pelo seu melhor amigo de infância.

— E agora, preciso dizer ao cara que eu realmente gosto o que venho escondendo dele — disse ela, unindo as mãos — E se ele não gostar de mim como eu gosto dele?

— É um risco que você terá que correr — Raeden curvou-se sobre ela até alcançar o telefone na mesa ao lado do sofá — Tenta, e se não der certo, a vida continua. Vou deixar você à vontade.

Caroline olhou para o aparelho em sua mão por muito tempo, antes de decidir se arriscar. Cada toque na linha parecia fazer seu coração disparar um pouco mais. Até que uma voz desconhecida atendeu.

— Olá. Com quem falo?

— Ah, é Lucy — respondeu a jovem, em um tom alegre — Se quer falar com o Ryan, não foi engano, está aqui do meu lado. Vou passar para ele.

Os poucos segundos que levou para ouvir a voz abafada de Ryan foram suficientes para a esperança de Caroline ser enterrada de vez.

— Alô — o chamado se repetiu até que ela saísse do transe dolorido que tinha mergulhado — Carol, é você?

— Oi, Ryan. Eu... hum... Desculpe ligar.

— Aconteceu algo?

“Aconteceu que eu te amo e cheguei tarde mais uma vez”, ela meditou.

Deveria ter confessado seus sentimentos por ele naquele dia, no Jardim de Luxemburgo. Mas ela acreditou que deveria resolver as coisas com seu namorado primeiro. Aguardou que Louis retornasse da viagem que fizera com a família, e com isso, dado espaço e tempo para que Lucy reconquistasse Ryan novamente.

— Eu não consigo encontrar o meu brinco. Foi a Fan que me deu, então, é importante para

PERIGOSAS ACHERON

mim — mentiu, secando os olhos rapidamente — E achei que poderia ter esquecido em seu carro.

— Não vi, mas posso procurar para você — disse ele — Você está bem?

— Sim. Ham... Só ansiosa com o resultado.

— Dará tudo certo, porque você é perfeita — disse ele, em um tom amoroso — Serão velhos muito burros se não aprovarem você.

Ryan ser gentil com ela, como estava sendo, só pioravam as coisas e a fazia sofrer muito mais.

— Obrigada, Ryan. Preciso ir, a Raeden está me esperando. Até qualquer dia.

Que ela sabia que seria muito tempo, pelo menos até que ouvir a voz dele não a fizesse sangrar por dentro.

— Carol?

Estava encolhida no sofá, quando a amiga ressurgiu.

— Ele nunca será meu, Raeden — recebeu o

abraço apertado, enquanto as lágrimas inundavam seus olhos — Nunca.



Em Londres

Qualquer contato com Caroline, ou até mesmo pensar nela, fazia Ryan ir da alegria à tristeza. Ele sentiu alegria em ouvir sua voz, e uma grande melancolia ao se despedir.

— Ryan? Tudo bem?

Ele olhou para baixo da escada onde Lucy o encarava com curiosidade.

— Tudo bem — disse, devolvendo seu telefone a ela — Me passa aquela peça, ao lado da caixa.

Eles estavam organizando uma exposição na universidade. E como ele nunca foi muito bom com pessoas, havia se candidatado ao trabalho braçal

PERIGOSAS NACIONAIS

junto com Lucy, que agora era apenas uma amiga, e outros alunos do curso de Arte.

— Está ficando bonito — ele ouviu o elogio às suas costas.

Dessa vez era Brianna a interromper o seu trabalho.

— Eu trouxe os panfletos — disse ela, entregando uma caixa de papelão a ele.

Após colocar a caixa sobre uma mesa empilhada de coisas, Ryan retirou um folheto.

— Eles ficaram muito bons — retribuiu ao elogio dela — Você leva jeito para essas coisas.

— Eu estou me formando em Marketing. Em alguma coisa eu tinha que ser boa — a provocação veio com um tapinha de leve no ombro dele —
Pausa para um chá?

Ele olhou em volta. A maior parte do trabalho já estava adiantada para o evento, que só aconteceria em duas semanas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por favor? — implorou ela — É quase impossível arrancar a Rebecca dos seus livros. Eu pago.

— Ok. Preciso procurar algo no carro mesmo — cedeu— Você, por acaso, viu um par de brincos?

— Brincos? — ela agarrou o braço dele enquanto saíam — O que você não me contou, Ryan?

Ele riu com o sorriso matreiro dela e afagou seus cabelos.

— São da Caroline. Não fique imaginando coisas.

Ele havia saído com outras garotas, depois de Lucy. Mas desde que não conseguia oferecer nada mais que alguns momentos em que ele tentava tirar seu antigo amor da cabeça, os encontros acabavam assim, como momentos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O PRESENTE



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 16

Era seu aniversário de 21 anos, e como em todos os anteriores, Caroline estava ansiosa como qualquer pessoa aguardando uma data especial. Sentia-se ingênua e ridiculamente tola, mas não conseguia evitar. Não era apenas o seu dia, mas o dela e de Ryan. E cada ano fora especial, mesmo que nunca tivessem cruzado a linha da amizade. Embora, em algum momento, pudessem ter mudado isso.

No seu aniversário de 19 anos, Ryan contou que não havia reatado com Lucy, após o aniversário de 18 anos de Caroline. Ela descobriu que a ligação que fizera a ele tinha dado margem ao mal-entendido, que sua cabeça fértil e coração partido

formaram. Mas ela continuou com Louis, os dois haviam conquistado o papel principal na academia de balé e estavam prestes a fazer uma grande apresentação em um importante teatro. Caroline não queria que um atrito entre eles pudesse causar tensão pelos bastidores e ensaios. Além disso, Ryan havia revelado estar tentando seguir em uma nova relação. Deixou que ele escapasse pelos seus dedos mais uma vez.

Em seu aniversário de 20 anos, havia recebido um pedido de tempo de Louis. Ele sugeriu que morassem juntos, ante a sua negativa, pois era um passo que Caroline não estava pronta ainda, mas acabaram reatando um tempo depois.

— Você já reparou que quando Ryan está solteiro, você está namorando? — Raeden chamou a atenção dela ao bater a porta do armário ao seu lado — E quando está solteira, é ele que está acompanhado?

Elas tinham trocado as roupas de ensaio para as que haviam chegado ao teatro. Era a última apresentação de Caroline, antes da semana de férias que tinha agendado. Como segunda bailarina, Raeden ocuparia o lugar dela.

— Bom, nós dois estamos comprometidos agora — ela fechou o armário, apoiando o ombro contra ele para encarar Raeden — E felizes.

— É mesmo? — ela indagou, atravessando a alça da bolsa sobre o ombro — Eu concordo com o feliz. Mas eu só te vejo tão radiante assim uma vez a cada ano. No seu aniversário.

— Isso não é verdade.

Não era uma pessoa triste. Por que seria? Conseguiu entrar em uma das melhores academias de balé, como sua mãe queria. Fazia o que amava, que era dançar. Tinha amigos, embora a vida agitada de ensaios e apresentação não deixasse sobrar muito tempo para eles, nem para a família a

quem passou a ver apenas nas férias, ou falar muito por telefone. E tinha um namorado que a amava.

O grande problema, e que jamais admitiria a Raeden, talvez nem a si mesma, era que Louis a amava, mas o que realmente sentia por ele não ia além de um profundo carinho.

— Está bem — Raeden seguiu com o tom e olhar provocativo — Vou fingir que não vejo apenas esse sorriso de empolgação quando dança ou no seu aniversário, especificamente com uma pessoa.

— Raeden, você é tão irritante — resmungou Caroline, ao saírem do vestiário — Não diga algo parecido com isso perto do Louis.

— Não dizer o quê? — indagou ele, que esperava por elas do lado de fora do vestiário feminino.

— Que eu acho que deveríamos dar uma grande festa... — respondeu Raeden, indo ao

PERIGOSAS ACHERON

socorro de Caroline — para nossa aniversariante da semana, depois que voltar do, seja lá o que, ela faz com Ryan todos os anos.

Ele não ficou muito contente em ouvir o nome de Ryan sendo citado, mas Caroline resolveu não dar importância a isso. E sobre a festa, não era exatamente uma mentira, já que Raeden tinha mesmo falado sobre isso mais cedo, antes dos ensaios. E ela estava tentando convencer a amiga que, em vez de uma grande festa, fizessem apenas uma reunião entre amigos íntimos.

Poderiam ir comer comida japonesa no restaurante que eles costumavam frequentar.

— Eu acho que você terá que abortar essa ideia — avisou Louis — Esse ano tenho planos com a minha namorada.

Caroline o olhou com curiosidade. Não tinham combinado nada, porque sempre agendavam algo para o dia seguinte ao aniversário

PERIGOSAS ACHERON

dela, já que todos os anos comemorava o dia com seu amigo Ryan e pretendia manter intocada essa tradição.

Depois que se despediram de Raeden e entraram no carro, Caroline foi em busca de sanar a curiosidade em relação aos planos que Louis imaginou para ela.

— O que, exatamente, você está planejando?

— Vamos conversar sobre isso quando chegarmos ao seu apartamento — disse ele, pressionando a mão dela de leve.

Ela não sabia se gostaria muito dessa conversa. Louis sabia bem a importância do aniversário dela com Ryan. Ele era a parte bonita do seu passado que Caroline não queria deixar para trás. Era um ritual deles.

— Então? — passou rapidamente pela porta, jogando a bolsa no sofá — Me fala o que está imaginando para depois de amanhã?

Ele fez um sinal para que ela se sentasse. Apesar de querer ficar como estava, Caroline tinha ideia que aquela conversa poderia ser difícil. Louis havia aceitado que todos os últimos três aniversários dela não tivessem sido ao lado dele, mas não tinha ficado contente com isso.

— Depois de amanhã, não — disse ele ao sentar ao seu lado, pegando sua mão — A partir de hoje, vamos viajar. Minha família tem um chalé nos Alpes, e eu acho que nós...

Louis parou por um momento. Parecia que procurava as palavras certas para dizer a ela.

— Carol, entre idas e vindas, estamos juntos há quase quatro anos. Vi você se transformar na menina linda que foi no passado, para a grande mulher que está se transformando hoje — disse ele, em uma voz suave e paciente — Entendi que não estava pronta naquela época e esperei todos esses anos.

Não era apenas sobre morarem juntos que Louis falava. Ele queria dar um passo adiante na vida sexual, ou começarem a ter uma vida sexual. E ela tentou muitas vezes, quando as coisas entre eles esquentavam, mas sempre recuava no último momento. E embora nunca tivesse falado isso a ele, tinha perdido seu primeiro beijo com a pessoa errada, e temia fazer o mesmo com sua primeira vez. Não que ela não amasse Louis, seria impossível não o amar, após tanto tempo juntos. Mas amava o suficiente para esse passo decisivo em suas vidas?

Melanie dizia, em suas conversas telefônicas, que se Caroline se perguntava isso, já tinha uma resposta.

— Eu não estou pronta, Louis — disse, levantando do sofá, nervosa.

— Não está pronta? Quando vai estar pronta? — ele levantou também — A nossa relação está
PERIGOSAS ACHERON

incompleta, e você não consegue ver isso. Eu não posso mais ficar com uma pedra de gelo, por melhor esculpida que ela seja.

— Pedra de gelo? — indagou, magoada.

Eles já tiveram brigas e disseram coisas um ao outro que se arrependeram, fazia parte de qualquer relacionamento, mas era a primeira vez que Louis foi tão cruel.

— Vamos ser honestos, Caroline. Você não quer ir comigo porque quer ficar com Ryan? — exigiu ele, cada vez mais exaltado — Não está pronta para transar comigo porque quer que sua primeira vez seja com o Ryan. E a cada aniversário, a cada ano, sonha que em um desses reencontros isso aconteça.

— Isso não é verdade!

É que com Ryan, Caroline sentia que tinha um pouquinho da sua antiga vida de volta. A cada reencontro, eles compartilhavam lembranças felizes

PERIGOSAS NACIONAIS

e novas. Ela não estava esperando que...

Será que estava?

— Para mim, chega! — ele ergueu as mãos no ar — Ficou bem claro a sua escolha. Espero que você seja feliz com isso.

— Louis... — tentou se aproximar dele, que se afastou — Louis, espera!

Mas antes que pudesse chegar à porta, a mesma foi fechada com um estrondo que fez as paredes tremerem. Caroline o conhecia o suficiente para saber que de cabeça quente não conseguiria resolver nada com ele. Também estava alterada e abalada, pelos questionamentos de Louis e as novas perguntas que fazia a si mesma.

Esteve mesmo usando os encontros com Ryan como esperança de que um dia ele olhasse para ela e a visse mais do que uma velha amiga? Manteve-se esses anos todos se guardando e sonhando com um amor impossível?

PERIGOSAS ACHERON

Tinha que ser justa, Louis não estava totalmente errado em suas acusações e julgamentos. Ele era o namorado dela, contudo, Caroline preferira passar essa data especial ao lado de Ryan, porque isso sempre tinha sido mais importante para ela.

Não seria esse o momento de finalmente deixar o passado para trás? Mesmo que, com isso, tirasse Ryan definitivamente de sua vida?

Ele era um sonho tolo. Louis era sua realidade, de certa forma, feliz.

Talvez, se desse esse passo como ele tanto pedia, seus sentimentos pudessem aflorar ainda mais. Louis tinha razão, faltava isso no relacionamento deles. Ela faria uma mala, que levaria ao teatro, e depois da apresentação daquela noite, pediria desculpas ao namorado, avisando que sim, viajaria com ele. Mas antes, precisava fazer algo bem mais difícil. Ligar para Ryan e dizer que

PERIGOSAS ACHERON

esse ano, provavelmente todos os anos seguintes, teria que quebrar a promessa que fizera a ele.



Em Londres

Ryan olhou o telefone em suas mãos por longos minutos. Ele sabia que um dia isso iria acontecer, o momento que alguém seria mais importante na vida de Caroline que ele. E embora tivesse tentado preparar o coração e tivesse muitas vezes tentado seguir em frente com outras pessoas, o que sentia por ela jamais seria esquecido.

Sentia como se parte do seu coração murchasse e enegrecesse. Teve muitas chances, não podia reclamar do destino. Ele se acovardou em cada uma delas.

Pela pequena Olivia, que via crescer, linda e feliz.

Por Rebecca, que finalmente parecia ter deixado o passado e os Hunter para trás.

Por seus pais, que estavam felizes em ter todos os filhos e a neta ao redor deles.

E por ele mesmo, que temia que, ao dizer a verdade, após tanto tempo, colocaria um muro intransponível entre Carol e ele.

Mas seus pensamentos lamentosos foram interrompidos quando ouviu uma batida na porta, e em seguida, o rosto de Brianna surgiu no vão.

— Posso entrar? — indagou, receosa.

— Claro que sim.

Ele afastou seu material de desenho na cama, liberando espaço para que Brianna se sentasse. Ela olhou os desenhos que Ryan estava trabalhando, mantendo um silêncio que não era habitual dela.

— Quer me dizer algo, Brianna?

A atenção dela estava voltada para a folha em sua mão. Uma linda paisagem de uma praia, depois

o encarou com certa cautela.

— Você sabe que Nicholas quer que a Rebecca assuma a empresa ao lado de Alex, não sabe?

Ryan assentiu.

Quando Alex surgiu na vida deles, precisamente na vida de sua irmã, enfrentando-a como quase ninguém se arriscava, Ryan chegou a acreditar que eles chegariam às vias de se mantarem, mas Alex sabia lidar com as armaduras de Rebecca, e acabaram se tornando bons amigos. Poderiam se tornar algo mais, se ela não estivesse com o coração tão fechado.

— Eu nunca tive talento para números — confessou ele, sem nenhum traço de amargura na voz — Fico feliz e aliviado que Rebecca possa seguir os passos do papai.

Ele realmente não se ressentia que Rebecca se ocupasse da empresa, o cargo que por direito era

PERIGOSAS ACHERON

dela.

— Mas você sabe que Rebecca assumir a SBI implica em outras coisas, certo?

A sede da SBI e outros negócios da família Summer ficavam em Uptown.

— Vamos voltar a Uptown? — indagou ele.

— É uma possibilidade grande. Ainda mais que a Rebecca...

Brianna calou-se rapidamente ao se dar conta de que estava revelando mais do que deveria.

— Bem, a Rebecca tem alguns planos — disse ela — A nossa volta pode enredar algumas coisas.

Com Rebecca assumindo a presidência da SBI e eles retornando a Uptown, seria quase que impossível continuar escondendo Olivia dos Hunter. Uptown era uma cidade relativamente pequena, a verdade logo poderia ser revelada.

— Qual o real motivo de você estar aqui,

PERIGOSAS ACHERON

Brianna?

Ela olhou para o chão, envergonhada.

— Amanhã é o aniversário da Carol e vocês dois sempre...

— Acabei de ser dispensado — confessou ele — Ela vai viajar com o namorado.

Brianna o olhou com pesar e apertou a mão dele, transmitindo conforto.

— Sinto muito, sei o que isso significa para você — disse ela — Mas nesse caso, facilita o que a Rebecca pediu que eu dissesse. Ela gostaria que você esperasse um pouco, até falar alguma coisa a Carol.

Ryan esperava por isso. Ele ajudou a guardar o segredo, mas ele pertencia a Rebecca. De qualquer forma, sentia um grande alívio desse peso estar prestes a ser tirado de seus ombros. De poder voltar a olhar no rosto de Carol sem a angústia de estar mentindo e traindo a confiança dela.

— Eu esperei anos, posso esperar mais algum tempo — murmurou ele — O importante é que Rebecca finalmente pretende ajeitar as coisas.

— Espero que sim — disse Brianna —
Espero que sim, Ryan.

Apesar das palavras serem positivas, ele não gostou do brilho no olhar dela.

— Brianna, vocês estão escondendo algo de mim?

Ela ficou de pé e afagou o rosto dele.

— É melhor que só saiba o necessário — disse, antes de sair do quarto.

Ele não gostou nada da última parte do que ela falou.



Paris

Louis mantinha a mão unida a de Caroline até

a cortina fechar pela última vez. Assim que os aplausos e a visão do público cessaram, ele se soltou, afastando-se dela. As pessoas o rodearam, outras ficaram em volta dela. Eles só teriam alguns momentos a sós quando estivessem no camarim, que foi para onde ela foi quando teve oportunidade.

Esperou por ele tempo suficiente para perceber que Louis não chegaria. E estava mudando de roupa, quando Raeden entrou.

— Você viu o Louis?

— Não fizeram as pazes, não é? — indagou Raeden, preocupada — Mal se olhavam durante a dança.

— Ele não quis me ouvir quando cheguei. Achei melhor esperar até o fim do espetáculo, para dizer que sentia muito e reconsiderarei o pedido dele de viajarmos juntos, e... — ela sentiu o rosto queimar, levando a mão a ele — Você sabe.

— Fazerem sexo de uma vez? — provocou

Raeden — Caramba, já estava na hora.

Embora Caroline soubesse que a amiga queria apenas deixar o clima mais leve e descontraído, dar esse passo importante ainda a preocupava.

— Você se arrepende? — perguntou a Raeden — De como foi. Com quem foi.

Raeden parou para pensar alguns segundos, antes de responder.

— Eu sei que os seus pais tiveram um casamento lindo, e ainda teriam, se sua mãe estivesse viva. Os meus estão juntos, mas acho que é só o trabalho que os mantêm ligados. Sinto que nunca houve realmente amor entre eles — declarou ela, apoiando o quadril contra a mesa de maquiagem — Eu entendo que você tenha todo esse romantismo e se inspire nos seus pais, só que nem sempre é assim, Carol. Sexo é só sexo, às vezes. E é bom, se você quiser fazer. Então, só faça PERIGOSAS ACHERON

o que você tiver vontade, quando tiver vontade.

— Eu acho que Louis merece que eu tente — murmurou ela — E eu acho que quero tentar.

Ela tinha pensado muito sobre isso, após ter comunicado a Ryan sobre a sua mudança de planos. Provavelmente, Raeden tinha razão. Estava supervalorizando demais sua primeira experiência sexual.

— Vou até o apartamento dele — se aproximou de Raeden e abraçou-a com carinho — Obrigada, amiga.

Caroline pegou sua bolsa de viagem e logo estava em um táxi rumo ao apartamento de Louis. Assim que chegou, depositou a bolsa no chão ao lado da porta e andou nervosa pelo corredor, até tomar coragem de pegar a chave reserva que ele deixava escondida do lado de fora e entrar.

Não foram as roupas dele pelo chão que a incomodaram ao passar pela sala, tampouco o lenço

PERIGOSAS ACHERON

colorido e o vestido preto caídos pelo caminho, foram as vozes sussurradas e gemidos vindos do quarto dele.

— Louis?

O casal nu e em pleno ato carnal virou-se rapidamente para ela, na porta. Caroline levou a mão à garganta, sentido um nó sufocá-la. Louis buscou um travesseiro para cobrir o quadril, e a jovem bonita de longos cabelos castanhos, que ela reconhecia como uma das bailarinas da companhia de balé, puxou o lençol para encobrir o corpo nu.

— Minha nossa! — a jovem gemeu, parecendo profundamente envergonhada — Louis, você disse que...

— Caroline e eu terminamos — disse ele, olhando com rancor para ela — E não deveria estar aqui.

Não era bem assim. Eles tinham brigado, e a forma que ele saiu do apartamento dela tinha sido

bem tensa, mas não havia considerado como um término, realmente. Mais uma vez, Caroline estava errada.

— Terminamos? — indagou, sarcástica, e encarou a jovem envergonhada.

Louis assentiu. Caroline se sentiu desolada por ver o homem a quem estava disposta a entregar, não apenas a sua virgindade, mas seu coração, na cama com outra. A mágoa foi substituída pela raiva, ao constatar que Louis era um hipócrita.

— Você me acusou de estar sonhando como uma tonta por Ryan, e está aqui com outra? — Não era a traição que a machucava mais, mas a desonestidade em relação aos sentimentos de Louis — Há quanto tempo estão juntos? Há quanto tempo me engana com ela, Louis?

— Com a Lidia? Aconteceu hoje. Mas quer mesmo que eu seja sincero, Caroline? Voltei a escrever e ter contato com a Maya desde seu

PERIGOSAS ACHERON

aniversário de 19 anos, quando te pedi um tempo — despejou ele — O noivo que os pais da Maya escolheram para ela, faleceu. Ela está em Paris, e a gente tem se visto há quase duas semanas.

— Duas semanas? — indagou Caroline, estarrecida.

Ela olhava para Louis sem conseguir acreditar.

— Caroline...

Ele se aproximou dela, mas Caroline o afastou com um empurrão que o fez bater contra a parede.

— Não quero ouvir mais nada.

Era loucura dizer isso, mas Caroline não chorava por Louis, por sua traição e encontros escondidos com seu amor de infância. Ela chorava por Ryan. Abriu mão do pouco que tinha com ele para nada.

Sua vida era uma sucessão de mentiras e

PERIGOSAS ACHERON

escolhas erradas. Cega pelas lágrimas, virou para sair do apartamento. Acabou tropeçando em sua bolsa no chão, e tentando se recompor, pegou o celular e balbuciou entre lágrimas o endereço ao motorista de táxi.

— Carol? — Raeden a encarou com espanto, quando chegou ao apartamento que as duas dividiam, puxando-a para dentro ao vê-la desolada na porta.

— Estou sozinha de novo, Raeden — Caroline soluçou, sendo abraçada por ela — Por que todos sempre vão embora?

— Eu estou aqui — murmurou ela, abraçando-a mais forte — Não vou a lugar nenhum.

Caroline queria acreditar nisso. Ela queria mesmo.

Quando ficou mais calma, segurando uma fumegante xícara de chá que Raeden preparou para ela, Caroline contou o que tinha acontecido.

Implorou à amiga que não fosse tirar satisfação com Louis, como ela ameaçou.

No dia seguinte, estava de pé nas primeiras horas da manhã. Por um lado, achava bom ter alguns dias de folga, longe da companhia, por outro, não tinha a mínima ideia do que fazer em seu tempo livre, principalmente no seu aniversário.

— Já sei o que você pode fazer — Raeden surgiu na cozinha, após retornar de sua corrida matinal — Paloma Plage. Você adora o lugar, e o terá todinho para si durante esses dias de férias. O que acha?



Em Londres

Ryan decidiu passar o dia fazendo a única coisa que o distraía, concentrar-se em sua arte. Entre pinceladas e paradas para observar o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

andamento do trabalho, gastou boa parte da manhã e quase não ouviu o telefone tocar próximo a ele.

— Alô?

— Você ainda a ama? — ouviu a pergunta ofegante do outro lado.

— Raeden? — questionou, surpreso.

— Você ainda ama a Carol, Ryan?

Ele ouviu um barulho esquisito mesclando-se à voz dela.

— Onde você está?

— No banheiro — a resposta foi quase um sussurrar — Responda à minha pergunta logo.

Ele ocupou a cadeira onde deixara alguns pincéis e esfregou o rosto sem se importar que estivesse sujando-o ainda mais com a tinta.

— Eu sempre amei — confessou ele — Acho que sempre vou amar.

Talvez fosse vergonhoso admitir isso, mas era a verdade.

PERIGOSAS ACHERON

— Então largue quem estiver por aí com você e vá para Paloma Plage — disse Raeden, antes de desligar.

Depois do impacto das palavras dela, Ryan tentou retornar a ligação, mas não obteve êxito. Estava claro que Raeden não iria falar nada além do que revelou.

Ele ficou um tempo olhando para o nada. Caroline o dispensou, porque disse que viajaria com o namorado. Talvez os dois estivessem juntos em Paloma Plage. Então, por que Raeden, sabendo dos sentimentos que Ryan nutria por Caroline, o incitava a ir para lá?

Não, ele não iria. Caroline fez a escolha dela, pensou ele, voltando ao trabalho. E tentou manter-se concentrado nele nas horas seguintes. Até que seu coração insistente o obrigou a abandonar tudo e ir em direção à Paloma Plage.

Para Caroline.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O Presente

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 17

Paloma Plage, França

A primeira coisa que Caroline fez, após deixar sua mala em cima da cama no quarto de hóspedes, foi trocar as sapatilhas por sandálias de tiras, e a calça jeans e camiseta por um vestido leve de algodão. Ela seguiu em direção à praia, de onde pretendia observar o entardecer.

Lembrou do seu primeiro verão ali, com Ryan e Raeden. Da festa na casa da amiga de Raeden e do luau na praia, à noite. O primeiro beijo que nunca deveria ter acontecido. Sua primeira e mais intensa discussão com Ryan. E se recordou de como seus sentimentos estiveram confusos e em ebulição o tempo todo. Teve momentos ternos e

tristes. Sua vida era regada desses dois sentimentos.

— Mamãe, eu sinto tanto a sua falta —
murmurou, olhando para o céu.

A brisa resvalou sobre seu rosto, fazendo-a fechar os olhos, sentindo os últimos resquícios do calor do sol beijando sua pele. Ela sentou na areia fofa, tirou as sandálias e afundou os dedos dos pés. Abraçou os joelhos e olhou para o horizonte no mar e pensou em uma época, que nem tudo era perfeito, mas os dias tinham sido perfeitos.

Tivera a mãe, o pai, o irmão Michael, Rebecca, o mais perto que já tivera de uma irmã. Ela tivera Ryan. Como era bom o tempo que ele fora apenas seu grande e mais querido amigo. Quando pensar nele fora motivo de alegria, e não o que fazia seu coração doer. Aquela foi uma boa época. Houvera a doença de Olivia pairando sobre eles, mas todos estavam regados de esperança.

Quantas vezes sentiria esperança e sairia
PERIGOSAS ACHERON

machucada?

Olivia. Rebecca. Louis.

Ryan.

A vida era dura demais com ela, ou Caroline era inocente demais por acreditar no melhor?

Esses e tantos outros questionamentos a rondavam enquanto observava o mar agitado à sua frente. Era impossível não se sentir tão pequenina diante de algo tão grandioso.

Quiçá os problemas fossem como as ondas no oceano, indo e vindo. Que não deixasse os problemas serem maiores que ela. Valorizava demais seus sentimentos, as pessoas, o que esperava delas. Talvez só precisasse deixar de esperar.

Que a mãe se curasse. Que Rebecca tivesse ficado com eles. Que o que restara de sua família se importasse com ela, e não apenas fingisse durante as conversas por telefone. Que Ryan a amasse

como gostaria de ser amada. Talvez, nesse momento, seu coração não devesse estar desejando, com todas as forças, que no dia do seu aniversário, como acontecera nos últimos anos, Ryan estivesse ao seu lado, segurando sua mão, enquanto ela mantinha a cabeça no ombro dele, apenas ouvindo-o.

Talvez...

— Caroline?

Ela estacou na areia, abraçando mais forte suas pernas. O coração batia tão forte no peito, que tinha medo de se virar em direção à voz.

Ryan, o seu Ryan estava ali.

Caroline só precisava tomar coragem e olhar para trás.



Durante todo o caminho de Londres até Paloma Plage, Ryan fez uma lista de inúmeros

PERIGOSAS ACHERON

motivos do porquê ele não deveria estar ali. E só havia um motivo para ele estar.

— Caroline? — chamou por ela mais uma vez.

Fechou os punhos com força enquanto aguardava que ela se virasse. Quando a viu de longe, sentada na praia, todas as dúvidas, receios, ou medo que tivera, desapareceram. Agora ele só tinha que olhar nos olhos dela e ter a certeza de que tomara a decisão correta ao vir procurá-la.

Observou-a apoiar as mãos e ajoelhar na areia. Para ele, era como se tudo se movimentasse em câmera lenta. Carol se erguer, ele dar dois pequenos passos em direção a ela e, antes que percebesse, segurasse sua face feliz e surpresa.

— Ryan? — ela sorriu, feliz, felicidade que brilhava em seus olhos, mesmo em meio às lágrimas contidas — Você veio.

— Eu fiz uma promessa — murmurou ele,
PERIGOSAS ACHERON

usando os polegares para acariciar seu rosto —
Você que quebrou.

— Eu sinto muito... — ela começou a dizer.

— Chega de sentir muito, Carol — disse ele
— Eu quero que você volte àquela noite na praia,
você se lembra?

Ainda com o rosto entre suas mãos, ela
sacudiu a cabeça.

— Você veio caminhar, e algum tempo
depois, eu vim atrás de você — continuou ele —
Eu disse que estava linda, que sempre a achei a
garota mais doce e perfeita. E que os meus
sentimentos por você haviam mudado.

Ela piscou os olhos pesados e suas lágrimas
tocaram os dedos dele em suas bochechas.

— Não, acho que eles não mudaram. Foram
crescendo com aquela menina.

— Ryan... — ela cobriu as mãos dele com a
sua e se aproximou um pouco mais, unindo seus
PERIGOSAS ACHERON

corpos.

— E, naquela noite, segurando o seu rosto, eu teria dito que eu te amo — ele sorriu, fazendo-a sorrir também — Não como seu melhor amigo, mas como um rapaz que descobriu amar profundamente aquela garota. Como alguém que encontra a sua outra metade.

Poder finalmente abrir a porta, que por tanto tempo estivera trancada, enchia de luz e calor o seu peito.

— Você está pronta? — ele colheu uma lágrima com o polegar e aproximou o seu rosto do dela — Para o seu primeiro beijo? Comigo?

Não era de fato o primeiro beijo dos dois, mas era o primeiro beijo de Ryan e Carol.

— Estou... — seus lábios tremiam ao falar — Mas antes... aquela garota na praia, precisava dizer àquele rapaz que seus sentimentos por ele cresceram também. E continuaram a crescer por

PERIGOSAS ACHERON

todos os anos que vieram. Eu amo você, Ryan. Como alguém que encontra sua outra metade.

Ele deslizou a mão pelo rosto delicado e acariciou seus lábios com os dele. Caroline fechou os olhos e Ryan se permitiu admirá-la um pouco mais, antes de beijá-la. Eles estiveram prontos para esse beijo uma vida inteira.

Os lábios dela eram doces e macios. Ryan iniciara de forma terna, degustando de todo o frenesi que o beijo que trocavam oferecia. E pouco a pouco, o beijo gentil foi se intensificando, liberando o ardor e a paixão que por muito tempo eles reprimiram.

Caroline agarrou-se ao peito dele e Ryan a prendeu mais firme contra a sua cintura. Ele gemeu ao abraçá-la mais forte, ela lamentou baixinho quando interromperam o beijo.

— Foi assim — murmurou ela, apoiando a cabeça no peito dele — Foi exatamente assim que

PERIGOSAS ACHERON

imaginei meu primeiro beijo. Com você.

Ryan só teve a ciência da importância disso para ela naquela noite. Ele não se importava com quantos garotos Caroline tinha beijado, ele só queria ser o último.

— Oitavo ano — disse ele, enrolando um dedo nos cabelos dela — O nome dela era Lia. Era sua festa de aniversário e estava rolando a brincadeira da garrafa. Verdade ou desafio.

Ele olhou para o mar e sorriu ao sentir Caroline abraçar mais forte sua cintura.

— Escolhi o desafio, porque havia verdades que eu só podia dizer a uma pessoa — continuou ele — Era menos importante para mim naquela época beijar a Lia em frente a todo mundo, do que abrir meu coração para eles. Você era a única pessoa com quem me sentia seguro para abrir meu coração, Carol. Sinto muito por não ter dado a você o seu primeiro beijo, mas sempre te dei algo muito

maior.

— O seu coração — disse ela, erguendo a cabeça para olhá-lo nos olhos — É o melhor presente que poderia receber hoje. Não há nada no mundo que eu desejasse mais do que você, Ryan.

Ele a beijou mais uma vez, e eles ficaram abraçados, observando as ondas indo e vindo, quebrando na praia.

— Como sabia que eu estava aqui? — indagou Caroline.

— Raeden me ligou — disse ele — Disse que se eu ainda amasse você, deveria vir até aqui.

— Ela sabia que você me amava? — a pergunta espantada fez Caroline enrugar levemente a testa — Quer dizer, dessa maneira?

— Aquele dia no luau... — ele respirou fundo — Quando voltamos para casa, a Raeden se declarou e tentou me beijar.

Embora tivesse se passado anos desde o
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ocorrido, isso era algo que ainda incomodava Carol, Ryan notava.

— Eu a afastei e acabei a derrubando na piscina, depois pulei nela para tirá-la de lá — disse ele, passando suavemente os dedos no rosto dela — Tive que dizer a Raeden que gostava de outra garota.

— Por isso estavam molhados — Carol suavizou o rosto quando tudo pareceu fazer sentido para ela.

— Eu ia dizer que a amava, naquela viagem, mas tudo saiu do controle.

— Eu amava você, Ryan — confessou ela, e o tempo verbal o fez erguer uma das sobrancelhas, levando-a a rir — Eu amo você. Mas sempre tive medo de que não sentisse o mesmo por mim e que isso estragasse nossa amizade. Você é a única coisa boa que restou do meu passado e não queria perder isso, então...

PERIGOSAS ACHERON

— Começou a namorar o Louis — completou ele.

— Não é justo dizer que foi só por isso. Louis é um cara legal — o elogio ao seu rival levou Ryan a fazer uma careta de desgosto — Ou pelo menos tentou ser um cara legal, enquanto estivemos juntos. Foi paciente comigo, mesmo que, no fundo, soubesse que meu coração seria sempre seu.

— Eu também tentei, Carol — Ryan encostou a testa na dela, encarando profundamente seu olhar emotivo — Outras garotas, novos relacionamentos, mas elas não eram você, nunca eram como você.

Tanto tempo perdido, pensou ele. Tantas mágoas que os dois haviam causado um ao outro. E havia muito a ser dito, muitos segredos a serem revelados ainda. Verdades que podiam machucar seus corações e separá-los mais uma vez. Confessar

PERIGOSAS ACHERON

o que sentiam não era exatamente uma garantia de nada, pelo menos, por enquanto. Então, pelo tempo que ele conseguisse, enquanto pudessem estar ali, sendo apenas Ryan e Carol, sem os fantasmas do passado pesando em seus ombros, sem suas famílias no meio complicando tudo, enquanto descobriam juntos a alegria de ter os sentimentos correspondidos, Ryan manteria essa outra porta fechada.

Se Caroline não pudesse perdoá-lo por não ter sido sincero com ela durante todos aqueles anos, não apenas em relação aos seus sentimentos por ela, que ao menos Ryan pudesse guardar na memória esses momentos preciosos em Paloma Plage. Provavelmente, essa decisão egoísta colocasse em risco todo futuro deles. Mas pelo menos, uma vez na vida, ele queria pensar apenas nele e Carol.

— É o seu aniversário — disse Ryan,
PERIGOSAS ACHERON

esfregando o nariz contra o dela — Sabe o que isso significa?

— Que estou ficando velha?

Eles sorriram com a alegria que só sentiam quando estavam juntos.

— A gente precisa comemorar.

— Ryan...

Caroline queria protestar. Para ela, o mais importante era que estivessem juntos. Mas Ryan queria, como precisava comemorar a data especial, com os dois sendo um casal.

— Você já me dispensou uma vez, Caroline Hunter — ele tocou-a nos lábios, impedindo-a de se manifestar — Não aceito uma negativa. Seus aniversários são meus, lembra?

— E porque é o meu aniversário — ela afastou os dedos dele de sua boca, mas os entrelaçou com os dela — Você pode ter tudo o que quiser.

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Você* pode ter tudo o que quiser — murmurou ele, beijando o dorso de sua mão — É só me pedir.

Eles se olharam, apaixonados. Caroline libertou sua mão e pulou no pescoço de Ryan, abraçando-o forte.

— Todos partiram. Você foi o único que ficou, Ryan — sussurrou, o abraçando ainda mais forte — Prometa que não irá embora, nunca.

— Eu não pretendo ir a lugar algum, meu amor.

Ele selou a promessa com um beijo. Um beijo intenso e apaixonado que os fizeram esquecer o restante do mundo por um longo tempo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18

Nas quase três horas que se seguiram, através das cortinas da janela no quarto onde Ryan praticamente a havia trancado enquanto organizava a surpresa de aniversário, ela viu, ou tentou bisbilhotar com divertimento, o rapaz entrando e saindo da casa várias vezes, carregando coisas, tropeçando em outras.

Ela não ligava para uma grande surpresa ou quaisquer preparativos imaginados por Ryan. Tudo que desejava já havia acontecido. Estava nesse pequeno paraíso com o rapaz que amava, tinha finalmente confessado seus sentimentos e com alegria descoberto que era igualmente correspondida.

Caroline agora enxergava o mundo como a maioria dos apaixonados, lindo e colorido. Embora estivesse tudo ótimo para ela, não queria frustrar a necessidade de Ryan em parecer romântico. Então, enquanto ele cuidava dos últimos detalhes, de seja lá o que estivesse aprontando para aquela noite, fechou o livro que tentara ler em sua cama desde que havia entrado no recinto e foi se arrumar.

Tomou um demorado banho de banheira. Usou o secador para deixar os cabelos brilhantes e caindo soltos em suas costas. Escolheu um vestido azul, que chegava próximo à cor dos seus olhos, que Ryan amava; dispensou a maquiagem, mas apertou levemente as bochechas, deixando-as ainda mais coradas do que estavam, sempre que pensava no possível resultado da noite romântica.

Embora tivessem tentado recriar seu primeiro beijo na praia, não havia sido com Ryan, mas ela queria que a primeira vez, o momento que

PERIGOSAS ACHERON

entregasse seu corpo e alma a um homem, fosse com ele. Acreditava que, no fundo, sempre que recusou as investidas de Louis era porque estivera esperando por isso. Tinha a sensação que esperara por Ryan a vida toda.

E ela estava encarando a garota radiante diante do espelho, notando a diferença entre a garota de sorriso forçado, que fora nos últimos anos, para a genuinamente feliz, quando uma batida na porta chamou sua atenção.

— Você está pronta? — Ryan surgiu na porta.

Ela notou, por seus cabelos molhados, que ele também havia se arrumado para ela. Usava uma camisa branca e calça de sarja. Sempre achou Ryan bonito, mas agora que podia olhá-lo sem reservas, tinha que admitir que ele ganhava uma maturidade de tirar o fôlego.

— Há muito tempo — disse ela, aceitando a

PERIGOSAS ACHERON

mão que ele lhe estendia.

E Caroline não falava apenas dos minutos que ficara se aprontando no quarto, desejando ficar bonita para ele. Estivera sendo preparada para Ryan desde que colocou os olhos no menino introspectivo e assustado que encontrara na casa dos Summer.

Saíram da casa felizes. Sorrindo e provocando um ao outro enquanto caminhavam até chegar ao caminho de pedras e conchas que Ryan havia feito na areia. Caroline sentia o coração derreter em seu peito a cada passo que dava pela trilha. Chegaram ao destino, e ela levou a mão aos lábios trêmulos.

Além da fogueira trepidando na areia, Ryan havia estendido uma manta no chão, espalhado algumas almofadas coloridas e havia uma mesa quadrada com uma garrafa de vinho e comida.

A noite começara a cair. Ryan guiou Caroline

PERIGOSAS ACHERON

até a manta, e sob o olhar emocionado dela, a acomodou.

— Eu teria feito melhor, se tivesse tido tempo de planejar... — ela o silenciou colocando os dedos sobre os lábios dele.

Depois cobriu a boca dele com um beijo. Iniciou casto e agradecido, mas rapidamente mudou para apaixonado.

— Está tudo perfeito, Ryan — colou a testa na dele quando se separaram — O melhor aniversário de todos.

E esse dia só rivalizava com as comemorações doces que tinha ao lado de sua mãe, quando ainda era uma menina vivendo em seu castelo encantado.

Ryan se acomodou atrás dela e trouxe as costas de Caroline para o peito dele. Eles ficaram observando o mar, o laranja escuro se transformar em cinza, depois um tom intenso de negro,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto as primeiras estrelas começavam a salpicar o céu. A lua redonda era testemunha do carinho que trocavam entre eles.

Caroline degustou com prazer a refeição simples, mas feita com carinho por Ryan. A fogueira iluminava seus rostos e aqueciam seus corpos, enquanto eles apreciavam o vinho. Ele pegou as taças, colocando-as em um pequeno espaço vazio da mesa, sacou o telefone do bolso, colocou uma música romântica para tocar e fez Caroline dançar nos braços dele, em volta da fogueira.

— Eu estou sonhando, não é? — murmurou ela, aconchegando-se mais no peito dele, se recusando a abrir os olhos — Se for um sonho, não quero mais acordar.

— Vamos sonhar juntos — ele alisou os cabelos dela e segurou o queixo de Caroline, procurando seus lábios para um beijo.

PERIGOSAS ACHERON

Juntos, eles se sentiam completos.

— Eu amo você, Carol. Nada mudou isso — ele afagou as bochechas coradas dela, e nunca a achou tão linda como naquele momento — Nada nunca irá mudar isso.

Exibindo um sorriso doce, Caroline beijou a palma da mão dele que estivera em sua face.

— Amo você, Ryan — a cada vez que dizia isso, sentia seu amor por ele aumentar um pouco mais, era como se confessar seu amor fosse o fermento que fazia os sentimentos deles aumentar — Sempre irei amar.

Eles nasceram um para o outro. Caroline tinha certeza disso como nunca tivera certeza em alguma coisa em sua vida.

Ryan tornou a buscar os lábios dela sofregamente. As mãos tateando o corpo de Caroline, como se quisesse desenhá-la com seus dedos. Ela buscou os botões de sua camisa,

PERIGOSAS ACHERON

abrindo-os desesperada e desajeitadamente. A camisa caiu no chão, o vestido de Caroline saiu por sua cabeça.

Ele se afastou um pouco para admirar o corpo curvilíneo coberto apenas pela lingerie delicada, mas manteve suas mãos unidas. Caroline sentia-se envergonhada, mas ao mesmo tempo, embevecida diante do corpo esculpido que ele tinha, como uma linda escultura que ela desejava não apenas admirar, mas tocar.

Ryan pareceu enxergar o desejo brilhando nos olhos dela e estremeceu quando levou as mãos de Caroline ao seu peito arfante. Desfez do sutiã que a cobria e acariciou os mamilos, que enrijeceram ao seu toque.

A fogueira ainda ardia diante deles, mas seus corpos queimavam pelas carícias que davam um ao outro. Ryan substituiu as mãos pela boca e Caroline deixou a cabeça tombar para trás, inebriada pelas

PERIGOSAS ACHERON

sensações vertiginosas que ele lhe causava.

— Tão linda — ela o ouviu sussurrar, quando a deitou sobre a manta na areia.

O céu brilhava coberto de estrelas, era como se fosse um cobertor luminoso cobrindo-os com seu brilho.

Pelos olhos dele, Caroline se sentia linda, preciosa e amada. A última peça escondendo seu corpo foi retirada pelas mãos gentis e atenciosas de Ryan. Ela voltou a fechar os olhos quando sentiu os lábios dele formarem uma trilha suave em sua pele. Era melhor do que havia sonhado e mais intenso que acreditou que poderia ser. Ryan a guiava por um paraíso desconhecido, mas que Carol estava encantada em conhecer.

A cada toque, beijo e carícias suaves, aprendia o real significado de se entregar a alguém. Ryan os protegeu e dedicou alguns segundos para encarar Carol com reverência antes de tomá-la,

PERIGOSAS ACHERON

fazê-la sua, assim como ele também pertencia a ela.

Enquanto se encaixavam, perdidos no olhar apaixonado, Ryan declarou mais uma vez seu amor por Caroline. Ela retribuiu a confissão com um beijo que transbordava todos os seus sentimentos por ele.

Voaram tão alto como gaivotas no céu, rumo a um paraíso que só pertencia aos dois.

Caroline suspirou e Ryan buscou seu rosto com um olhar atento e preocupado. Ela se agarrou mais a ele, e tinha aquela inexplicável sensação de nunca mais desejar soltá-lo.

— Tudo bem? — sondou ele, beijando o topo de sua cabeça com carinho.

Caroline tornou a suspirar e afagou o peito musculoso com carinho.

— Eu não sei explicar — disse ela — Foi tão.... mágico, Ryan. É sempre assim, ou é porque foi com você?

Era quase que indizível para ela se expressar como o momento foi e estava sendo especial para ela.

— Sexo, na maior parte do tempo, é bom — decidiu ser verdadeiro com ela.

Ryan ainda era muito jovem, mas ele já carregava alguns arrependimentos com ele, um deles era não ter se guardado para Carol, como ela havia feito para ele. Tentou em outros braços esquecer seu amor juvenil, mas ela sempre estivera dentro dele.

— Mas o que partilhamos foi mais do que isso — ele girou sobre ela, cobrindo-a com seu corpo. Usou um dos cotovelos para se apoiar e com a mão livre afagou o rosto dela, afastando algumas mechas caídas em seu rosto — Fizemos amor, por isso foi mágico.

Amor. A palavra repercutiu no coração dela, aqueceu seu peito, a fez se sentir em casa, nos

PERIGOSAS ACHERON

braços de Ryan. Seu lar passou a ser ele, mesmo com todos os quilômetros que separavam seus corpos.

Agora estavam juntos, e Caroline sonhava que fosse para sempre.

Capítulo 19

Ryan observou os cílios dela tremularem, o sorriso lânguido começar a despontar no rosto que ele considerava perfeito e Caroline se esticar preguiçosamente antes de abrir os olhos para encontrar os dele.

— Bom dia — sussurrou ela, alargando ainda mais o sorriso.

Ele bateu com o dedo na ponta do nariz dela, levando-a a rir. Estivera há um bom tempo na cama olhando Carol dormir. Admirando sua beleza, mas principalmente tentando refletir em qual momento deveria contar a verdade sobre tudo o que escondia dela.

Essa manhã com ela, quando a tinha

encantadora e apaixonada em seus braços? Quando fossem embora? Ou quando já estivessem voltando à rotina de suas vidas? Deveria conquistar seu coração e aproveitar esses dias especiais juntos, antes de se arriscar a magoá-la e possivelmente perdê-la pela mágoa que poderia instalar em seu coração ao ouvir dele a verdade?

— O que foi, Ryan? — Carol passou o dedo pelos lábios comprimidos dele — O que o preocupa?

Ele a puxou, apoiando o rosto dela em seu peito nu, tentando esconder seu ar atormentado.

— Eu só queria que isso durasse para sempre — murmurou ele — Que o que tem lá fora nunca viesse a nos separar.

Era melancólico, e Ryan sabia que não combinava em nada com as últimas horas de amor e paixão que compartilharam. Mas seu medo de perder Caroline era tão real que a dor em seu

PERIGOSAS ACHERON

coração o fazia encolher como um garotinho. Ele fora ao céu e não queria descer ao inferno, e perdê-la significaria isso.

— Então, não vamos deixar que nos separem — disse Carol girando sobre ele, colocando as pernas em cada lado de sua cintura, sentando sobre ele — Vamos fingir que aqui é uma ilha deserta enquanto estivermos aqui.

Por que não? Meditou Ryan. Todo mundo, alguma vez na vida, agiu de forma egoísta. Ele se anulou para conquistar e manter o amor de Laura. Guardou o segredo de Rebecca, arriscando perder a mulher que amava. Podia, uma única vez, pensar e agir colocando em primeiro lugar a felicidade de estar com Caroline, sem interferências. Sem um passado ou ameaça de um futuro. Apenas os dois ali, vivendo o momento.

Depois ele desnudaria seu coração a ela e imploraria seu perdão, se fosse necessário. Por

PERIGOSAS ACHERON

agora, só desejava estar nos braços da sua amada.

— Eu acho que essa — ele pousou a mão nas costas dela e a puxou para um beijo — é uma ideia excelente.

Ele iria ignorar, pelo menos por ora, a consciência gritando em sua mente, dizendo que esse não era o melhor caminho para seguirem em frente com essa relação, e decidiu mergulhar nessa ilha deserta que Caroline havia criado para eles dois. Mereciam esse tempo juntos e em paz.



Ryan amava ver Caroline dançar, assim como ela era apaixonada pelo que fazia, e ele não precisou insistir muito para que ela dançasse para ele, enquanto a desenhava na tela. Sempre fora sua inspiração, mas agora podia compartilhar isso com ela. Dois artistas que depositavam seu coração e alma no que faziam.

— Quando me deixará ver? — indagou ela, ao finalizar um passo no ar.

Ele ouvia a mesma pergunta a cada música que se encerrava.

— Quando estiver pronto — afastou o desenho do olhar curioso dela — Que tal fazermos uma pausa?

Fazia apenas algumas poucas horas que estavam na sala de dança, mas Ryan já sentia saudade de ter suas mãos, principalmente seus lábios, em Caroline.

— Vamos ver o pôr do sol na praia? — sugeriu ela, desatando os nós em sua sapatilha.

Eles caminharam de mãos dadas, os passos sendo cobertos pelas ondas quebrando na areia. O lenço de Caroline voou com o vento e Ryan o perseguiu, fazendo-a rir, o que a levou a ser perseguida por ele, enquanto corria, sorrindo. E quando Ryan finalmente conseguiu agarrá-la,

PERIGOSAS ACHERON

usaram a areia fofa mais uma vez como cama, desfrutando de mais um momento apaixonado.

Eles também passearam pela cidade. Visitaram museus, assistiram a um especial de dança folclórica e tiveram inúmeros momentos românticos juntos, como dois apaixonados em uma lua de mel.

Antes de, infelizmente, terem que partir para a realidade de suas vidas, Ryan entregou o desenho que fizera dela dançando. O sorriso doce e emocionado que recebeu fez cada momento que se dedicou ao trabalho valer a pena.

— Lembra a última vez que estivemos aqui?
— indagou Caroline, quando Ryan guardou suas coisas no carro — Eu tinha ciúmes de Raeden. Estava muito zangada com você por ter sumido naquela noite e Jay ter me beijado, depois por você ter brigado com ele por minha causa.

Foi um dos momentos mais angustiantes da

PERIGOSAS ACHERON

vida de Ryan e a primeira vez que tinha brigado feio com Caroline.

— Agora temos memórias novas sobre esse lugar — ele sorriu sedutoramente, encostando no carro e puxando-a para um beijo.

Ele amava fazer isso, agarrar Caroline quando a via distraída e cobri-la de beijos. Ela merecia ser beijada, cuidada e amada por todo tempo que passou se sentindo sozinha e negligenciada por todos que amava.

— Eu nunca vou esquecer esse lugar, Ryan — disse ela, de um jeito muito doce — Mesmo naquela época, acho que foi aqui que descobri que amava você, não apenas como meu amigo. E foi aqui que descobri que você também me ama.

— Não apenas como um velho amigo — gracejou ele, beijando-a mais uma vez.

Eles partiram levando no coração os doces momentos vividos ali. Por todo caminho, Ryan teve

PERIGOSAS ACHERON

sua consciência o acusando de que havia chegado o momento de colocar as cartas sobre a mesa, mas, mais uma vez, ele protelou a verdade.

Contaria no dia seguinte. Só precisava ter mais uma noite, mais algumas horas com Caroline em seus braços.



No dia seguinte, acordou muito cedo e antes dela. Saiu para comprar o café da manhã. Croissants, café com creme como ela gostava e uma bomba de chocolate. Preparou uma linda bandeja, colheu uma flor em um vaso na sala e levou para o quarto onde ela começava a despertar.

— Não percebi você saindo — disse ela, ao se espreguiçar e bocejar.

Ryan colocou a bandeja sobre a mesinha de cabeceira, e ignorando os protestos de Caroline sobre seu hálito matutino, a beijou.

— Estava dormindo profundamente — justificou ele — Não quis te acordar, então saí para providenciar o café.

Eles tiveram uma noite intensa e apaixonada no apartamento dela. Ryan se recordou disso e sorriu lascivamente.

— Você sabe que não deveria comprar essas coisas para mim, Ryan — lamentou Caroline, referindo-se ao delicioso doce que ele havia comprado para ela, e suspirou profundamente quando ele começou a massagear seus pés — Sou uma bailarina e preciso manter a forma.

— Continuará linda e talentosa, mesmo se for uma bailarina fofinha — provocou ele.

Caroline acreditava que Louis, seu parceiro na companhia de balé, não concordaria com ele, afinal, seria ele que teria que segurá-la no ar e pegá-la sempre que fizesse uma pirueta. Mas não traria o nome do ex-namorado para o tranquilo

momento que dividiam.

Enquanto arrumava a cama e se vestia, Ryan levava as sobras e louça suja para a cozinha. Ela o encontrou na sala, parecia nervoso e os pensamentos perdidos em um lugar muito longe dali.

Carol sabia que eles precisavam conversar. Tinham apenas aproveitado os momentos juntos, mas tinham que definir a relação. Queriam ficar juntos, disso ela tinha certeza, mas tinha a companhia de balé, com quem precisaria fazer uma turnê em breve, e Ryan voltaria para a faculdade para uma especialização em restauração.

— Eu sei o que você está pensando — disse ela, sentando sobre as pernas, no sofá ao lado dele — O que angustia sua cabeça, na verdade.

— Sabe? — ele a encarou com preocupação, como uma criança assustada sendo pega fazendo uma travessura.

PERIGOSAS NACIONAIS

Caroline riu. Ryan era tão doce, mas sério demais, às vezes. Eles só precisavam deixar as coisas fluírem e tudo entre eles ficaria bem.

— Eu em Paris, você em Londres — iniciou ela — A companhia de balé, a sua faculdade. Temos dois países entre a gente, mas acredito que dará certo, Ryan. Precisamos apenas ajustar nossas agendas.

A ruga de preocupação dele não se desfez com a sugestão dela. Não era a distância, a ocupação, sonhos ou o pouco tempo que teriam um para o outro que o preocupava. Sentiu o coração apertar, via pelo olhar de Ryan que era algo muito mais complicado.

— Lembra do que disse em Paloma Plage? — questionou ele, parecendo cada vez mais receoso, e segurou a face dela com as duas mãos — Não importa o que eu fale, sempre amei e sempre vou amar você, Carol.

PERIGOSAS ACHERON

— Ryan... — iniciou, preocupada.

— Promete que não esquecerá isso? — insistiu ele com ardor — Que eu te amo!

Ela assentiu com a cabeça. Acreditava no amor dele, porque com a mesma intensidade o amava. Juntos enfrentariam qualquer obstáculo. Por muito tempo a dança fora a vida de Caroline, mas ela via agora que Ryan era a salvação de sua alma.

— Meu Deus! — ele a soltou e passou as mãos sobre a calça — Por onde eu devo começar?

Ela teria feito a piadinha: “do início”. Mas percebeu como realmente ele estava nervoso, então, pacientemente esperou que ele estivesse pronto.

— Você lembra que os meus pais tiveram uma filha, não é?

Ela assentiu mais uma vez. Aquele assunto, por muito tempo, foi algo intocado, tanto na casa dela, como na residência Summer, quando Carol passava as férias de verão com eles.

Também foi por causa dessa criança perdida que Laura nunca conseguiu dar o amor que Ryan merecia dela. Ainda compadecida sobre isso, Carol buscou a mão dele, dando conforto.

— Eles a encontraram — disse ele, olhando para suas mãos unidas.

— Sério? — indagou, surpresa — Nossa, Ryan! Quando foi isso?

— Há sete anos — disse ele, não conseguia encará-la ainda, não até dizer tudo o que precisava dizer.

— Sete anos... — murmurou, confusa.

Laura e Nicholas nunca tocaram no assunto quando a visitavam em Paris. Ela se recordou que nessa mesma época sua mãe morreu e que o casal se reconciliou. A partir dali, Ryan disse que Laura passou a tratá-lo com mais carinho. Será que a menina estava morta? Que finalmente o casal desistiu da busca desesperada e havia enxergado

em Ryan o filho amoroso que sempre tiveram? Não tanto Nicholas, esse sempre foi um pai carinhoso com Ryan, mas Laura havia mesmo mudado a forma fria que o tratara por anos.

— Ela está...

— Com a gente. Esteve esse tempo todo com a gente.

Carol puxou a mão que Ryan segurava. Por que nunca disseram nada a ela? Por que não lhe apresentaram à jovem?, ela se perguntava, magoada.

— Você diz... juntos — arriscou a perguntar — Morando juntos?

— O detetive contratado por mamãe a encontrou vivendo em um casebre malcuidado, passando necessidades. A garota estava grávida, sem a presença do pai do bebê ao seu lado, e muito magoada — explicou ele, agora enfrentando o olhar ferido que Carol lhe dava — A Laura só queria

ficar por perto e cuidar da filha perdida e arredia.

— Mas por que nunca me contaram, Ryan?
— disse, com a voz trêmula — Teria tentado ajudar, ser amiga dela. Conhecê-la.

— Você já conhece, Carol.

Ela franziu o cenho, cada vez mais confusa com que ele dizia.

— Você lembra o nome da garotinha? Daquele bebê?

Ela forçou suas lembranças. O caso da menina desaparecida era pouco falado, mas ela ouvira o nome da garotinha ser sussurrado pelos cantos ou gritado por Laura em seus momentos de dor.

— Rebecca! — proferiu, ficando de pé.

Rebecca, como sua babá; Rebecca, a amiga que teve na infância e que a fez sofrer muito quando partiu em um dos momentos que mais precisou dela.

Tinha sido jovem demais na época para fazer a ligação entre a bebê Rebecca que Laura e Nicholas haviam perdido e a jovem encantadora que chegara como babá à sua casa.

Você já a conhece, recordou do que Ryan dissera há pouco.

— A Rebecca — balbuciou Caroline — Aquela Rebecca é filha de Laura?

Sentiu as pernas trêmulas e precisou se sentar. Sua mente era uma grande e tremenda confusão. Sentira tanta saudade de Rebecca e, no entanto, ela estivera tão perto, o tempo todo.

— Por que, Ryan? — ela sentiu uma lágrima rolar em seu rosto — Por que mentiram para mim?

— A Rebecca não queria contato com ninguém da família Hunter — disse ele com pesar — Estava ferida por Michael, Roger, Stacy.

Talvez até ela mesma, concluiu Caroline. Tratara Rebecca muito mal quando surgiu no
PERIGOSAS ACHERON

enterro da mãe dela. Acontece que, naquela época, Caroline estava sofrendo e sendo envenenada por Stacy.

Ela se recordou que a garota havia falado que Rebecca estava tendo um caso com Roger, com quem fugiu do país sem olhar para trás e para as pessoas que a amavam e precisavam dela.

O filho seria de Roger? Deveria ser, Michael era responsável e sabia se cuidar. E também não sabia dizer se a relação dos dois tinha chegado a esse ponto.

Fazia mais a cara de Roger, abandonar uma jovem grávida dele do que seu irmão Michael. Ele tinha muitos defeitos, mas havia mergulhado na própria dor pela morte da mãe e rejeição de Rebecca, e ainda por muitos meses após a partida dela, em que tentou ter notícias.

— Ela nunca deveria ter trocado o Michael pelo Roger — acusou Caroline.

Não apenas para defender o irmão, mas porque era o certo. Michael realmente a amou, seu primo Roger só quisera brincar com Rebecca, pelo visto.

— Não foi bem assim, Caroline — retrucou ele.

— Como foi, então?

Dessa vez, foi Ryan a se levantar.

— Há coisas que só a Rebecca poderá te dizer — ele esfregou o rosto, abalado — Eu morria cada vez que tinha que mentir para você. Mas esse segredo é dela, e se queríamos mantê-la conosco, precisávamos aceitar.

No fim, nenhum dos Hunter tinha sido legal com Rebecca. Caroline tentava entender essa mágoa, embora se sentisse excluída e traída. Mas os outros que a feriram eram adultos, ela só fora uma menina manipulada.

— Tem razão, Ryan — respirou fundo e

PERIGOSAS ACHERON

tentou controlar a emoção o máximo que podia — Há coisas que só Rebecca, Laura e Nicholas podem me explicar.

— Eu sempre quis... — ele ajoelhou em frente a ela — Carol, eu sempre quis te contar. Mas tinha medo que isso fizesse Rebecca fugir e a mamãe viesse a me culpar.

Certamente Laura o faria. Havia acabado de recuperar a filha, e seria um novo choque ter que perdê-la. Caroline estava tentando entender, embora, no fundo, todo esse segredo, a forma que a mantiveram à margem e excluía a machucassem.

— Aquele Natal que liguei para sua casa e ouvi um choro de bebê, era Rebecca?

Ele assentiu, abaixando a cabeça, e foi um novo golpe no coração desavisado de Caroline.

— Ah, Ryan!

— Não era meu, Carol — ele lamentou, e ela sentiu uma gota de lágrima cair sobre a mão dela

— Não era um segredo meu, embora eu devesse ter contado.

Ela se sentia dividida entre a mágoa de ter passado anos vivendo a base de uma mentira e o sofrimento que via em Ryan. Mas ela o amava. Mesmo sabendo de tudo, continuava amando-o como antes.

— Preciso falar com Rebecca — disse, ao vê-lo apoiar o rosto conturbado no colo dela — Tirar essa história a limpo de uma vez por todas.

Não era como se exigisse uma explicação, mas porque Rebecca fizera Ryan e os pais deles mentirem para ela por todo esse tempo, Caroline sentia que tinha o direito a respostas e até mesmo de dar uma oportunidade de Rebecca se justificar.

— Vou providenciar isso — murmurou ele com tristeza — Você ainda me ama?

Caroline respirou fundo, fechando os olhos, a resposta para essa pergunta pulsando em seu

PERIGOSAS ACHERON

coração.

— Amo, Ryan — confidenciou — Ainda amo, mas estou muito magoada com todos vocês. Como posso voltar a confiar em você? Preciso pensar e remoer tudo isso. O que me contou não é fácil de aceitar. Vocês me excluíram de tudo, como se eu não importasse.

Ele apertou suas mãos de forma tensa.

— Mas me importo com você, sempre me importei. A cada vez que mentia eu morria um pouco, Carol. Eu sinto muito...

— Mas o segredo não era seu — disse ela em uma voz débil — Ainda assim, foi mentira, Ryan. Posso te entender, você sempre desejou o carinho de Laura, mas dói me sentir traída assim. Preciso absorver tudo. Até falar com Rebecca, será difícil conseguir entender. Sete anos, Ryan, foram sete anos de mentiras de todos.

Ele beijou as mãos frias e trêmulas dela antes

de ficar de pé.

— Só nunca esqueça que eu te amo, ok?

Caroline assentiu, as lágrimas grossas, pesadas e sentidas, escorrendo por sua face abalada.

— Eu vou voltar a Londres e providenciar esse encontro — disse ele — Você terá seu tempo para pensar.

Não era assim que ela queria que os dias maravilhosos que passaram juntos terminassem, mas Ryan tinha jogado uma bomba sobre sua cabeça. Queria rever Rebecca, mas também sentia medo.

Como seu irmão Michael receberia a notícia que a mulher que ele mais amou estava de volta à vida deles? Não faria com Michael o que eles fizeram com Caroline e nem permitiria que Rebecca exigisse esse segredo dela. Já houvera mentiras demais.

— Eu amo você — murmurou Ryan, antes de

PERIGOSAS ACHERON

sair.

—Amo você também — sussurrou Caroline,
para a porta que Ryan havia fechado atrás dele.

Capítulo 20

Seu coração estava sangrando, mas o peso em seus ombros, o fardo que havia carregado por tanto tempo, finalmente havia ido embora. Ryan não era inocente, ele sabia que no momento que revelasse a verdade para Caroline, arriscaria perder o pouco que tinham construído nos últimos dias juntos.

Revelar o grande segredo a Caroline foi como pular da montanha mais alta sem paraquedas, e ainda se sentia em queda livre, mergulhando cada vez mais rápido em direção à escuridão.

Ele não podia culpá-la por exigir esse distanciamento entre eles. Sendo justo, recebera muito pouco pelo que havia feito. Mentiou, escondeu fatos importantes e traiu a confiança de Caroline.

Agora, vendo do ponto de vista de Caroline, da dor que ela apresentou ao saber a verdade através dele, Ryan deu-se conta de como todos haviam sido cruéis com ela.

No momento, tudo com que ele podia contar, era com a esperança de que o amor que sentiam um pelo outro fosse forte o bastante para que Caroline viesse a lhe perdoar. E mesmo que o desapontamento dela se mostrasse maior, que a mágoa falasse mais alto, Ryan esperaria e lutaria por ela. Ele moveria céus e terra para ter de volta em seus braços a garota que amava.

Mas ainda havia um longo caminho até isso realmente acontecer. A começar com Rebecca, a quem precisava avisar que já revelara todo o passado. Só que Rebecca e o restante de sua família haviam retornado a Uptown, enquanto Ryan estivera em Paloma Plage com Caroline.

E aquela não era uma conversa que poderia

PERIGOSAS ACHERON

ser feita por telefone. Além disso, precisava convencer Rebecca a ter uma conversa com Caroline, apresentar Olivia e fazê-la pedir desculpas por todos os anos que manteve a menina afastada de sua família paterna.

Então, ele usaria o tempo que Caroline havia pedido a ele para pensar a seu favor. Resolveria as pendências que havia deixado em Londres ao sair às pressas para Paloma Plage e voaria até Uptown.



Raeden dizia que sorvete e assistir uma boa comédia romântica resolviam qualquer problema de um coração partido. Elas tinham dois grandes potes de sorvete e uma lista de filmes para escolher, quando a campainha tocou.

— Deixa que eu atendo — disse Raeden, pulando do sofá — Continue escolhendo os filmes.

Caroline imaginou que fosse o porteiro ou

PERIGOSAS ACHERON

algum vizinho pedindo algo emprestado. Ela não estava muito animada para filmes, aliás, desde que Ryan havia saído de seu apartamento, há dois dias, não vinha se sentindo animada para muitas coisas, além de dançar.

Era para tudo estar sendo perfeito. Apesar da forma dramática que encerrou seu compromisso com Louis, quando retornou à Paris e à companhia de balé eles haviam conversado. Agora, ele estava com Maya e ambos concluíram que foram mais amigos do que namorados. O que fizeram durante todo tempo que estiveram juntos foi sufocar os sentimentos que nutriam por outras pessoas, insistindo em uma relação que nunca teria dado certo. Pela dança e todos os envolvidos no balé, eles tentariam conviver amistosamente.

Caroline deveria, nesse momento, estar compartilhando com Ryan a alegria de finalmente estar livre para ele, para viverem esse grande amor

PERIGOSAS ACHERON

que sentiam. Mas ela estava magoada. Sabia que perdoaria Ryan, assim como Rebecca e todo restante da família Summer, mas, no momento, sentia-se ferida. Precisava deixar a ferida ganhar cicatriz.

— Há um homem lá fora — Raeden retornou, apreensiva — Disse que é advogado e que precisa falar com você.

Caroline não fazia ideia de quem era e o que poderia desejar com ela. Seguiu para a porta onde um homem vestindo terno escuro a aguardava.

— É a senhorita Hunter? — ele perguntou, levando uma das mãos para dentro do terno, de onde retirou um cartão elegante.

— Caroline Hunter — respondeu ela, colhendo o cartão.

— Sou Alfred Barrot. Represento os donos desse apartamento — esclareceu ele — Vim informá-la de que eles desejam a propriedade ainda

PERIGOSAS ACHERON

essa noite.

Tudo o que Caroline conseguiu fazer durante os primeiros segundos foi encará-lo, chocada.

— Como disse? — indagou, atordoada.

— Algo relacionado aos pagamentos. A senhorita tem até hoje à noite para sair — disse ele, começando a se afastar — Ou será despejada.

— Mas como... — confusa, ela olhava entre o homem se afastando e o cartão do escritório dele tremulando em suas mãos — Por quê?

O advogado de ar invocado entrou no elevador sem dar maiores explicações, e Caroline estava nervosa demais para exigir isso dele. Esse apartamento tinha sido providenciado pelo pai dela, e em nenhum momento Max havia entrado em contato, avisando que Caroline e Raeden não poderiam ficar mais ali.

Ainda com as mãos trêmulas, procurou seu telefone e ligou para o pai. Não obteve êxito em

PERIGOSAS ACHERON

contatá-lo, nem na empresa, nem em casa.

— O que faremos? — indagou Raeden — Devemos procurar um hotel? Procurar outro apartamento? Devo falar com meus pais?

Caroline não conseguia dar uma resposta para nenhuma de suas perguntas. Elas eram dançarinas em formação, dedicavam a maior parte de seu tempo aos ensaios e estudos. Ganhavam uma bolsa-auxílio, mas um apartamento bem localizado e confortável como o delas exigia mais recursos.

— Vou ligar para o Michael — avisou Caroline.

Com toda certeza deve ter acontecido um grande mal-entendido durante todo o tempo que ficaram ali.

— Michael? — gritou exasperada ao ouvi-lo atender — O que está acontecendo? Por que acabei de receber a visita de um advogado dizendo para sair daqui até à noite?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fique calma — disse ele — É um engano que está sendo resolvido. Ah, nós... Papai precisou vender alguns imóveis. Já estou cuidando disso.

Seu pai estava sofrendo de graves problemas financeiros que o obrigara a se desfazer de tudo o que tinham? questionou-se Caroline. Max e Michael estavam escondendo isso dela?

Parecia que as mentiras em volta de sua vida nunca pareciam ter fim.

— O papai está bem? O que aconteceu?

— Nada que você deva se preocupar, querida — disse ele — Foi apenas um engano, como afirmei. Como estão as coisas por aí?

Caroline sabia que Michael estava mentindo, e a mudança de assunto só comprovava o fato. Algo estava errado com sua família, e ela precisava descobrir o que era.

— Louis e eu terminamos — murmurou ela — Ele estava tendo um caso com outra bailarina.

PERIGOSAS ACHERON

Não que isso a machucasse como Michael deveria estar pensando, o motivo de sua voz trêmula se devia a Ryan, mas falar sobre ele e o desentendimento que tiveram acabaria envolvendo Rebecca, e não era dessa forma que desejava contar a Michael. Esperava a chance de poder ir a Uptown, ou que o irmão fosse vê-la.

— Eu lamento muito — disse Michael — Ficaré melhor sem ele.

— Eu sei — porque só havia uma pessoa com quem Caroline se sentia feliz e completa — Acredita que perder o apartamento me preocupou mais do que terminar com Louis? Dançar é tudo o que eu tenho, Michael. Faz eu me sentir mais perto de nossa mãe.

E Caroline estava cansada de perder as coisas, seja pessoas ou lugares que considerava seu lar.

— Nada disso será tirado de você — ouviu,
PERIGOSAS ACHERON

após um longo suspiro dele — Eu juro.

— Acredito em você — afirmou e fez um sinal para Raeden, que buscava informações.

Ela avisou a Michael que Raeden a esperava com um pote de sorvete que se arrependeria de ter tomado no dia seguinte, se despediram e ela encerrou a ligação.

Contou à amiga que Michael tinha prometido cuidar do assunto e que ela não deveria se preocupar. Contudo, ela mesma não conseguiu prestar atenção no filme, tampouco pregar os olhos à noite.

Mas enquanto esteve se revirando na cama e olhando para o teto, uma constatação se recusava a sair de sua cabeça: precisava fazer uma visita urgente à sua cidade natal.

Capítulo 21

Encontrar a casa vazia e silenciosa não era algo que Ryan costumava presenciar. Havia sempre as risadas de Olivia ecoando pelos corredores, ou as vozes dos avós atrás dela, tentando acompanhar o ritmo de uma criança travessa e esperta.

— Onde estão todos, Tessa? — ele se dirigiu à cozinha, após verificar cada cômodo importante na residência, sem encontrar ninguém.

— O Sr. e a Sra. Summer estão viajando com a pequena Olivia — lembrou a governanta, encarando-o como se ele estivesse com algum problema mental — As senhoritas Rebecca e Brianna foram...

— Para Uptown — concluiu por ela, levando

a mão à testa.

Ryan tinha esquecido completamente que seus pais haviam saído em uma pequena viagem de férias com Olivia e que de lá encontrariam Rebecca e Brianna, que haviam voltado a Uptown para que Rebecca assumisse, ao lado de Alex, a presidência da SBI.

Desde que ele tomara coragem de ir ao encontro de Carol e após finalmente ter revelado seus sentimentos, tivera toda a sua atenção voltada para ela. Ryan queria aproveitar o tempo que tinham para fortalecer o novo status da relação entre eles. De velhos amigos de infância, a duas pessoas completamente apaixonadas.

— Eu realmente esqueci que meus pais tinham viajado com Olivia — murmurou ele, mais para si mesmo, ao sair da cozinha.

Isso era um grande balde de água fria sobre seus planos. Ele poderia ligar para Rebecca e dizer

PERIGOSAS ACHERON

que Carol já sabia de tudo; bem, quase tudo. Não tivera coragem de contar as atrocidades que Stacy e Roger haviam feito à sua irmã, tampouco sobre o pedido de ajuda que Caroline havia feito aos seus pais há alguns anos e que foi deletado por Rebecca, ainda no aeroporto rumo a Londres.

Não, todas essas verdades precisavam ser reveladas por sua irmã, ponderou Ryan. As duas precisavam ter uma conversa honesta e importante. Ryan também precisava ir a Uptown e exigir de Rebecca que finalmente parasse de se esconder.

Mas ele não poderia sair da cidade antes de resolver algumas pendências na faculdade, principalmente sobre a exposição que estava pensando em fazer. Ajeitaria tudo para que pudesse partir, e enquanto isso, daria a Carol o tempo que havia pedido.



PERIGOSAS NACIONAIS

A dança sempre conseguia mantê-la longe de tudo. Da saudade que sentia da mãe, de sua família em outro país, em como muitas vezes se sentira sozinha, e o amor por Ryan, que passara anos e anos tentando sufocar. Mas a dança não estava sendo suficiente agora para manter a mente de Caroline desconectada do mundo. Entre um giro e outro, um passo mais exigente e elaborado, e um giro gracioso com salto no ar, a mente dela ficava muito distante.

— Ai! — ela caiu, levando as mãos apressadamente até o tornozelo torcido.

Louis, que tardiamente tentou segurar seu voo no ar e havia desabado próximo a ela, a encarou com ar preocupado.

— Carol? Você está bem? — ele se arrastou até ela, tocando seu ombro — Você saltou no momento errado. Droga! Onde anda sua cabeça hoje?

PERIGOSAS ACHERON

Caroline sentiu os olhos lacrimejarem, tanto pelo pulsar doloroso e insistente no tornozelo, quanto pela vergonha que a acometia por ter se mantido distraída. Estivera pensando no pai e seus problemas financeiros, em Rebecca e todas as coisas que precisava ouvir e dizer a ela, e principalmente em Ryan.

Vivia em conflito entre o amor e saudade que sentia dele, e a decepção e mágoa por sua omissão em todos os anos que lhe negaram a verdade.

— Desculpe, Louis — lamentou, as lágrimas agora corriam soltas por suas bochechas — Eu me distraí. Eu não...

— Tudo bem — ele passou os braços pela cintura dela, ajudando-a a se erguer — Consegue ficar de pé?

A resposta de Caroline foi um gemido angustiado ao tentar firmar os pés. O tornozelo começava a inchar, e ambos notaram que o acidente

havia sido mais grave do que puderam imaginar ao caírem.

Os minutos seguintes foi como um borrão para ela. O diretor da companhia afastou os curiosos que tentaram se aproximar deles, depois providenciou que Caroline fosse enviada ao atendimento hospitalar.

— Foi uma bela torção — disse o médico simpático que a atendia — Você precisará ficar de repouso por algumas semanas.

— Semanas? — indagou ela, tentando se erguer da maca, mas ao movimentar o pé, a dor lancinante a fez recuar — O senhor disse semanas?

— Duas ou três semanas, no mínimo — alertou ele — Isso se tiver cuidado.

— Mas eu não posso! — ela se desesperou — Eu sou a primeira bailarina. Eu... eu...

A dança era a vida dela. E a companhia faria uma pequena turnê com o espetáculo que estavam

PERIGOSAS ACHERON

ensaiando, começando por Londres. Isso significaria mais tempo perto de Ryan e muitas oportunidades de tentar se acertar com Rebecca.

— A Raeden ficará no seu lugar até que possa voltar — respondeu Louis, que estivera a maior parte do tempo ao lado dela — Agora você tem que se cuidar, Caroline. O papel será seu quando estiver novamente pronta.

Não era isso que afligia Caroline. É claro que ser a bailarina principal, mesmo que ainda no final de sua formação, era importante e motivo de orgulho, mas o que a fazia feliz mesmo era dançar, sendo no grupo de apoio, como no papel principal. Sem a dança, ela não sabia quem era.

— Todos estaremos esperando por você — confortou Louis.

Como bailarino que se dedicava muito, ele sabia como ela poderia estar se sentindo, e Caroline ficou grata por, apesar de não serem mais um casal,

PERIGOSAS ACHERON

Louis estivesse sendo um grande parceiro de dança com ela.

— Considere isso como miniférias — sugeriu ele.

Ela assentiu, secando suas lágrimas. Desde o Instituto Juliet até ali, ela havia se preparado muito, se dedicado aos estudos e dado tudo de si, ignorando coisas que a maioria dos jovens costumavam fazer, como irem a festas, viajar e passar todo tempo livre com os amigos. Sempre fora estudar e praticar balé um pouco mais.

— Acho que você pode ter razão, Louis — disse, aceitando ajuda para passar para a cadeira de rodas, onde seguiria para a imobilização no tornozelo — O que não tem remédio...

Talvez não fosse de todo ruim. Ela queria voltar a Uptown e conferir de perto como as coisas realmente estavam em casa. A afirmação de Michael, de que tudo corria bem, e que resolveria

qualquer problema (embora o do apartamento ele tivesse mesmo resolvido) não a deixou convencida. E também poderia ir a Londres. Rever Ryan e encontrar Rebecca.

— A sua receita — disse o enfermeiro, trazendo sua mente de volta ao presente — E se seguir as orientações do doutor, logo poderá retornar aqui e tirar a imobilização.

Caroline sorriu, agradecida, deixando que Louis a guiasse na cadeira de rodas até o seu carro. Precisaria de muletas, então providenciaram um par antes que ele a levasse até o apartamento dela.

Ao se acomodar no banco, viu que havia três ligações perdidas de Ryan e duas mensagens na caixa postal. Desde que discutiu com Ryan — foi o que Caroline definiu o que aconteceu entre eles a Raeden — não havia falado com Ryan. Ele estava respeitando seu pedido de espaço para pensar. O que ela não tinha contado era com a enorme

PERIGOSAS ACHERON

saudade que sentia dele. Queria poder esquecer tudo e tê-lo de volta.

“Oi, Carol... eu...hum... Sei que ainda precisa de tempo para pensar e digerir tudo o que eu falei...”

Seus olhos voltaram a ficar marejados ao ouvir a voz triste de Ryan ao telefone.

“Sei que mereço isso. Bem... eu sinto a sua falta. Eu sinto muito a sua falta e... quero que se lembre que amo você.”

Ela secou o rosto e o virou para a janela, desejando impedir que Louis a presenciasse em um momento delicado, quando a segunda mensagem de voz iniciou.

“Vou precisar passar alguns dias fora de Londres, mas prometo a você que vou resolver tudo. Então... bem... eu te amo.”

O aviso de Ryan mudava completamente os planos de Caroline. Então, sua primeira parada teria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que ser Uptown, ao encontro de sua desajustada família.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 22

A intenção de Caroline era fazer uma surpresa, chegando em casa sem que ninguém a esperasse, mas devido às suas condições físicas atuais, seria mais prático e menos desgastante que Michael fosse buscá-la no aeroporto. Então, após comprar a passagem e fazer suas malas, decidiu entrar em contato.

Caroline equilibrava o telefone entre o rosto e o ombro, enquanto tentava fechar a mala que havia aberto para guardar um item que havia esquecido, enquanto esperava a ligação ser completada.

— Residência Hunter.

— Olá, Sra. Dickson — saudou ao reconhecer a voz da governanta — É a Carol.

— Ah, Caroline, que bom ouvir sua voz — disse ela com entusiasmo — Já faz algum tempo que não nos falamos. Por que não está aqui hoje? Ainda não consegui entender isso.

Caroline finalmente fechou a mala, saindo de cima dela, sua expressão era tão confusa em relação à pergunta da senhora quanto a mulher parecia em relação à sua ausência.

Era algum dia especial que havia esquecido? Não era o aniversário de seu pai ou irmão, tampouco de sua falecida mãe, que ocorrera no mês passado.

— Sra. Dickson, onde devo colocar o bolo de casamento? — ouviu uma voz ao fundo.

Bolo de casamento? Quem estaria se casando?

— Desculpe, Sra. Dickson? — chamou Caroline — Eu ouvi alguém dizendo “bolo de casamento”? Quem está se casando?

— Quem está se casando? Ora, menina, seu irmão, é claro, e você deveria estar presente.

O tom de reprimenda na voz da senhora não passou despercebido a Caroline. A velha governanta sempre pareceu um general ditando ordens, que no fundo eram carinhosas. Mas ela estava presa à surpresa de saber que Michael estava se casando e ela não havia sido avisada.

— O Michael está se casando hoje? — indagou, em um tom débil.

Ela ouviu um suspiro do outro lado e sons de lamento.

— Você não sabia? — a pergunta foi feita em um tom de pesar — Agora faz sentido.

— Sra. Dickson — murmurou Caroline, com a voz trêmula — Eu quero falar com o Michael, por favor.

— Claro, querida — disse a senhora — Eu vou chamá-lo.

Caroline segurou o telefone com tanta força, até os nós nos seus dedos ficarem duros. E seu coração batia descompassado no peito enquanto cada minuto que esperava parecia se arrastar.

— Carol?

— Me diz que foi tudo um engano... — pediu ela, sem conseguir que um soluço escapasse da garganta — Que você não está se casando sem ter me falado nada.

— Droga! — disse Michael, e sua respiração pareceu mais pesada — Eu não queria você envolvida nisso, Carol.

A confirmação do que ela queria que Michael negasse foi como uma facada sendo cravada em seu peito.

— Você não me queria envolvida no seu casamento, Michael? — indagou, sentindo uma dor visceral.

Estavam longe, em países diferentes, mas
PERIGOSAS ACHERON

ainda eram irmãos. Aquela ainda era sua família, não era?

— Foi Stacy que te pediu isso?

A víbora nunca gostara dela e sempre viu Caroline como um obstáculo em seu caminho até o altar com Michael, mas nunca imaginou que o irmão cedesse aos caprichos da noiva e a excluísse de algo tão importante para ele como seu casamento.

— Não foi a Stacy — disse Michael — Não foi com ela que me casei.

Agora as coisas pareciam ainda mais confusas para ela.

— Eu me casei com a Rebecca — confessou Michael.

Caroline abraçou sua cintura, sentia o estômago revirar e muita falta de ar. Tentou manter a calma e respirar fundo antes de perguntar: — Rebecca? Aquela Rebecca?

— Olha, Carol, as coisas se complicaram. O papai está indo para uma clínica de recuperação — disse ele com tristeza — Ele é viciado em bebida. A Hunter não vai bem e a nossa situação financeira está muito complicada.

Ele fez uma pausa, enquanto Caroline tentava absorver tudo.

— Eu só quis proteger você, enquanto resolvia tudo.

— Mentindo para mim? — indagou furiosa, secando as lágrimas quentes e grossas escorrendo por seu rosto — Escondendo seu próprio casamento com ela. Com ela, Michael, a Rebecca! Me excluindo de tudo!

Gritava ao telefone, mas não conseguia se controlar.

— Eu sinto muito! — lamentou ele — Sei que errei, mas...

— Vai para o inferno, Michael! —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esbravejou ela — Quando eu precisei da sua proteção e cuidado, você não me deu. Não me trate como uma idiota agora.

— Carol...

— Nossa conversa acabou — disse, curvando-se sobre si mesma — Felicidades para você.

Encerrou a ligação antes que a dor e desespero a fizessem dizer coisas mais duras.

Por que todo mundo à sua volta mentia? Por que todas as pessoas que amava e se importava não retribuía seus sentimentos e consideração da mesma maneira? Era uma sucessão de enganos e palavras não ditas, que fazia seu coração despedaçar.

— Mamãe, sinto sua falta — o choro incontrolável que fazia todo seu corpo sacudir a fez se encolher na cama — Por que ninguém se importa comigo?

PERIGOSAS ACHERON

Rebecca, Laura, Nicholas, Ryan e Michael, todos mentindo e a excluindo dos momentos mais importantes de suas vidas. Das verdades que mudariam tudo para ela. Caroline nunca se sentiu tão só, nem mesmo quando a mãe faleceu e aquele foi o momento mais doloroso de sua vida.



Quando Brianna havia ligado avisando sobre o casamento de Rebecca e Michael Hunter, Ryan estava em Paris. Ele desejava ver Caroline antes de viajar para Uptown, talvez explicar a ela o motivo da sua viagem repentina, mas aquela notícia o havia deixado desnortado.

O que Rebecca estava planejando? E por que Michael havia aceitado a proposta? Já que Brianna se recusava a passar informações por telefone, Ryan recorreu a Alex. Não teve grandes resultados, se havia uma coisa que Rebecca sabia fazer bem,

PERIGOSAS ACHERON

além de se esconder, mentir e manipular as pessoas à sua volta quando precisava, era manter a fidelidade das pessoas que a amavam.

Alex alegou que se precisava de respostas, deveria ser Rebecca a dá-las. Então, eles foram juntos a Uptown e foi Laura a recebê-los em casa.

— Eu já contei a verdade a Carol — disse Ryan, quando a mãe o levou para o quarto dela para terem aquela conversa — Quer dizer, quase tudo.

Ele andou pelo quarto, esfregando o rosto de uma forma desnorteada.

— Esse casamento... Tudo isso — ele abriu os braços — Eu saio de mentiras para entrar em outras. Que merda a Rebecca quer?

Laura podia ter passado a tratá-lo como um filho, Rebecca e Brianna a tratá-lo como um irmão, mas em momentos como esse, Ryan se sentia um intruso na família. Mendigando amor e consideração.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sinto muito — disse Laura, antes que um pranto sentido a fizesse se calar — Eu sinto muito, Ryan. Eu nunca quis ferir você ou Carol, eu só...

Ela cobriu o rosto, mas seus ombros sacudiam enquanto chorava.

— Eu senti tanta dor — disse Laura, a verdade disso refletida no tom de suas palavras — Senti tanta dor quando a levaram de mim. E aquela dor durou anos. E quando a tive de volta, nos meus braços...

Laura olhou para as mãos trêmulas.

— Embora Rebecca não fosse mais o bebê que arrancaram de mim — disse ela, olhando-o desesperada —, ainda era minha garotinha e não podia perdê-la de novo. Eu não podia, Ryan.

Não era preciso que Laura explicasse, desde menino ele acompanhou sua busca dolorosa e desesperada pela filha sequestrada.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu faria tudo para não a perder novamente, e no caminho, envolvi você — confessou ela, levando as mãos ao peito — Mas você também é meu filho, Ryan, do coração. Nasceu do meu coração, e sinto muito tê-lo magoado.

— Você não me magoou — disse ele, unindo-se a ela na cama — Mas a Rebecca sim, e ainda faz isso, com suas ações egoístas.

— Ela está ferida — fungou Laura — E eu preocupada com minha filha, mas principalmente com Olivia, que só deseja ser amada pelo pai dela.

De todos eles, a pessoa mais inocente e que poderia sair machucada era Olivia. Todos os anos que se manteve em silêncio, arriscando ter o ódio e desprezo de Caroline foi porque acreditou estar protegendo a menina.

— No casamento, Michael mal olhou para Olivia — Laura soluçou mais uma vez — Ele vai

PERIGOSAS ACHERON

machucá-la, Rebecca vai machucá-la e sairá ainda mais ferida do que já está.

Deus, quando esse tormento teria um fim? Ryan estava cansado de se sentir preso em uma areia movediça, afundando cada vez mais. Alguém tinha que parar Rebecca.

— Ela precisa falar com a Carol. Precisa contar tudo — exigiu ele — Sei como se sentiu no passado, mamãe.

O ar lhe faltava apenas em pensar na possibilidade.

— Porque se eu perder a Carol — a dor em seu peito fez com que o massageasse — sinto que vou morrer.

Laura o abraçou, afagando seus cabelos enquanto acariciava seus cabelos com carinho.

— Iremos falar com a Rebecca — afirmou Laura — Prometo que vamos resolver tudo. Não vai perder Caroline. Vocês chegaram até aqui. Isso

quer dizer que o amor de vocês é forte demais.

Ele queria, sinceramente, acreditar nas palavras dela.



Laura também havia pedido a Ryan um pouco mais de calma e paciência. Mais calma e mais paciência, como se naqueles anos todos não tivesse nada além disso.

— Ryan, você está aqui! — Olivia surgiu gritando em seu quarto e pulou sobre ele na cama.

Ele tinha passado quase uma hora tentando ligar para Caroline, suas ligações sendo direcionadas para a caixa postal.

— Eu tenho um segredo para contar para você — ela sussurrou, colocando as mãos em formato de concha na boca.

Ainda rindo de tanta empolgação infantil, ele sentou na cama, colocando a espevitada criança em

seu colo.

— A minha mamãe casou com meu papai — sussurrou ela — Agora, eu tenho um papai, sabia?

Olivia foi uma criança cercada de muito amor. Da própria Rebecca, dos avós, dos tios que viam em Brianna, Ryan e até mesmo de Alex e sua irmã, Abigail. Sim, ela era cercada de muitas pessoas que a amavam, mas a presença paterna lhe fazia falta. Nos últimos três anos, não havia nada que a garotinha falasse mais além do desejo de conhecer Michael. Sua felicidade e empolgação eram genuínas e doces de ver.

— Mas ele não sabe ainda — disse ela em um tom lamentoso — A mamãe disse que primeiro ele tem que gostar de mim.

Essa revelação fez Ryan sentir como se alguém enfiasse a mão em seu peito e arrancasse seu coração de dentro dele.

— Você acha que ele vai gostar de mim,

PERIGOSAS ACHERON

Ryan?

Ele passou a mão na testa dela, afastando os cachos caindo em seus olhos, prendendo as mechas atrás da orelha.

— Ele não irá gostar de você, Olivia — disse ele brandamente — Irá te amar, porque é impossível não amar uma garotinha tão especial.

Ela sorriu quando ele apertou a ponta do queixo dela.

— E por que você me ama? — crianças e suas perguntas capciosas, pensou ele — Eu quero saber, para fazer meu papai me amar bem rápido também.

O nó ainda preso em sua garganta meio que o impedia de conseguir falar.

Por que Rebecca não dava um fim logo a todos os seus planos malucos e acabava com as angústias da menina e de todos eles?

Laura tinha razão em sua preocupação com a

PERIGOSAS ACHERON

filha. Parecia que Rebecca havia se perdido e não estava conseguindo mais se encontrar. Ela sabia que, no fundo, sua irmã era uma pessoa boa, mas estava afogada em ódio, mágoa e desejo de vingança, levando todos eles com ela para o seu barco naufragado.

— Bem, você é uma garotinha muito bonita — disse ele, e Olivia se remexeu inquieta em seu colo — E também é muito esperta. Além de ser a pessoa mais carinhosa, acolhedora e doce que já conheci.

Não era a absoluta verdade, há muito tempo, ele tinha conhecido uma menina bem parecida, tagarela e amorosa como Olivia. Uma garotinha que a vida havia machucado muito e Ryan tinha sido um dos motivos de sua tristeza.

— A mamãe disse que eu tenho que ser boazinha. Eu vou ser boazinha com meu pai, Ryan — disse ela em um tom sonhador — E aí ele vai

PERIGOSAS ACHERON

gostar de mim, vai sim.

— É claro que ele vai, meu amor — disse, abraçando-a forte.

O cheiro de perfume infantil era tão doce, que fazia o coração de Ryan aquecer.

Somente alguém muito frio ficaria imune à encantadora Olivia. Carol iria amar conhecer a sobrinha. Isso lembrava a Ryan que precisavam resolver logo esse assunto. Seguindo o último pedido de Laura, ele daria esses primeiros dias para que sua irmã se ajustasse à nova casa e ao casamento, para colocar Rebecca contra a parede. Contudo, se recusava a magoar a criança esperançosa em seu colo. Os adultos teriam que encontrar uma forma menos caótica de se acertarem, deixando essa pequena, inocente e amorosa menina longe das confusões que criaram.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 23

Caroline não entrou em contato com Michael novamente, mas tinha ligado para casa e pedido quase que secretamente que a governanta fornecesse o telefone e endereço da clínica para onde Max havia sido enviado. Ela também ignorou todas as ligações e mensagens que Ryan enviava.

Ele sabia sobre o casamento do irmão dela com Rebecca? Ou o casal tivera um rompante romântico que os levou ao altar, ignorando todas as pessoas importantes à sua volta? A verdade é que não dera muito espaço para Michael se explicar. Sentiu-se traída mais uma vez, e a ferida ainda a machucava.

Quem poderia culpá-la? Em um curto espaço

de tempo, descobriu não apenas que Rebecca estivera perto dela o tempo todo, como ela e Michael agora eram novamente um casal.

— É aqui, senhorita — disse o motorista de taxi ao estacionar diante da propriedade.

Apesar de ser uma clínica de recuperação, Caroline se encantou com o lugar. Havia um lago bonito com patos nadando e pessoas lendo, pintando ou descansando sobre a grama que parecia macia.

— Deixe-me ajudar com as malas — ofereceu o homem, ao notá-la tentar equilibrar a perna.

— Aqui está bom, senhor — disse ela ao chegarem à recepção — Obrigada por sua gentileza.

O homem a encarou com pesar, na certa concluindo que a ida de Caroline até ali fosse em benefício próprio. Ela não se preocupou em

PERIGOSAS ACHERON

desfazer o engano e se dirigiu à recepcionista.

— Eu vim visitar Maxwell Hunter — informou à mulher, que encarou suas malas com curiosidade — Acabei de chegar de Paris, vim direto do aeroporto.

A mulher enrugou a testa e empurrou os óculos, os deslizando por seu nariz.

— O Sr. Hunter ainda não pode receber visitas — disse a mulher em um tom irritantemente profissional.

Mas Caroline não tinha saído de tão longe para visitar o pai para ter seus planos frustrados. Queria, como precisava, do seu abraço e conselhos sábios.

— Desculpe, Sra.... — ela se inclinou no balcão para olhar o nome no crachá fixado em seu uniforme — Weston. Mas ele é o meu pai e eu realmente vim de muito longe para vê-lo. Não irei sair daqui sem fazer isso.

Poderia ter sido a teimosia dela ou as lágrimas ameaçando transbordar de seus olhos, mas a mulher suspirou, indicando que cogitava ceder.

— Tudo bem, mas terá que ser apenas alguns minutos — alertou— O doutor não ficará muito feliz com isso. Os primeiros dias de tratamento são os mais delicados, é recomendado que os pacientes não vivam emoções muito fortes. Você entendeu?

Caroline vacilou por um momento. Seu pai estava ali para se tratar. A presença dela poderia mesmo ser prejudicial a ele?

— Eu acho que... entendi.

— Vou deixar suas malas aqui atrás do balcão — disse a mulher — Depois poderá me acompanhar. Ele está no jardim.

A cada passo saltitante que Caroline dava, sentia o coração mais apreensivo. A última vez que visitara a família, Max tinha passado mais tempo na Hunter do que em casa com ela. E ela constatou

que o pai também nunca fora visitá-la em Paris. Ele tentava esconder seu alcoolismo dela.

Não foi preciso que a Sra. Weston indicasse onde Max estava, Caroline o avistou sentado em um banco, olhando um antigo álbum de fotos.

— Papai?

Ele ergueu a cabeça devagar e seu olhar carinhoso caiu sobre ela. Embora Max estivesse ali, enfrentando uma batalha difícil e que fisicamente estivesse muito diferente do homem bonito e atraente que Caroline se lembrava, essa era a primeira vez, desde que a mãe dela morreu, deixando-o viúvo, que ela via um pequeno vislumbre do que ele já fora no passado.

— Filha — ele depositou o álbum ao seu lado no banco e esticou as mãos para que ela se aproximasse — É tão bom vê-la, meu amor.

Caroline se jogou nos braços do pai como se ainda fosse aquela menininha que ele carregava nos

PERIGOSAS ACHERON

braços sempre que caía ou se machucava. Ela sentiu muita falta desse abraço. De se sentir protegida e amada. De ser vista outra vez.

— Papai, eu... eu preciso tanto de você.

Max a apertou forte, dizendo que ele estava ali, ao lado dela, e que nunca mais iria a deixar. Ele também pediu perdão. Fora um homem fraco, mergulhado na própria dor, que o impedira de ver que seus filhos também sofriam e precisavam dele.

— Sua mãe ficaria muito decepcionada comigo — disse ele, tornando a pegar o álbum de fotos — Eu estou.

Caroline mancou em frente a Max e segurou sua mão.

— Cada um lidou com a perda da mamãe à sua maneira — murmurou.

Ela estava chateada com Ryan, mas, no fundo, nutria aquela sensação de que eles encontrariam uma forma de se acertarem, aliás,

PERIGOSAS ACHERON

estariam juntos nesse momento, se não fosse Caroline a pedir um tempo para digerir as coisas.

— Pai... — ela mordeu os lábios, indecisa se era correto trazer o assunto à tona — Você sabia sobre Rebecca?

A Sra. Weston havia afirmado que não aconselhava que Max vivenciasse emoções fortes.

— Sobre ser a filha dos Summer e ter estado com eles todo esse tempo? — indagou ela — Ainda estou tentando absorver que Michael e Rebecca tenham se casado.

Max, de todos eles, foi o que mais esteve frágil durante todos os anos de afastamento de Rebecca. Mas ainda doeria a Caroline que seu pai também tivesse escondido isso dela.

— Só soube há alguns dias — esclareceu Max, fazendo o coração de Caroline se acalmar — Filha, é muito mais complicado do que você imagina. Se há alguém que merece ser culpado, sou

PERIGOSAS ACHERON

eu. Se tivesse ficado forte e prestado atenção em tudo à minha volta. Se tivesse cuidado dos meus filhos...

Era visível que Max atormentava a si mesmo. Tudo teria sido diferente se ele tivesse sido um pai mais presente, e não apenas um homem afogado em sua dor, mas Caroline não estava ali para fazê-lo se sentir ainda mais culpado, podendo, de alguma forma, prejudicar seu tratamento. Ela queria ver Max feliz e curado.

— As coisas foram como tinham que ser — o interrompeu— Agora, tudo que precisa fazer é ficar bem.

Eles já haviam sofrido muito e por muito tempo.

— O que está vendo? — olhou para o álbum, disposta a enterrar o assunto que angustiava Max, pelo menos por agora.

Ele colocou o álbum diante dela, folheando

PERIGOSAS ACHERON

algumas fotos.

— Reorganizando fotos e resgatando memórias — respondeu, com um sorriso saudoso — Dizendo ao meu coração que ainda poderá existir muitos momentos felizes como esses.

— Essa é a mamãe?

Os dedos dela passaram pela imagem da garotinha sorrindo para a foto. Sempre sentiria falta da mãe, mas hoje, podia afirmar que não doía tanto.



Basta!

Ryan tinha esperado tempo demais. Não apenas os dias que estivera em Uptown dando espaço a Rebecca, ele esperara anos, tendo um segredo que não pertencia a ele, preso em sua garganta. Sua irmã iria ouvi-lo, conversaria com Carol e consertaria toda a confusão que ela tinha armado.

— Eu gostaria de falar com Rebecca Summer
— disse ele, quando a empregada atendeu a porta
— Quer dizer, Rebecca Hunter.

A mulher o analisou por um tempo que ele começou a achar constrangedor.

— Você é? — disse ela, como se estivesse tendo uma conversa interna — Acho que te conheço.

— Sou Ryan Summer — ele começou a dizer
— O irmão de...

— Ah, mas é claro — ela o puxou para dentro da casa — O jovem Ryan. Você se tornou um belo rapaz. Sou a Sra. Dickson, a governanta, não lembra?

Para ser sincero, ele não lembrava muito bem. Estivera poucas vezes na residência Hunter, sendo a última vez quando Olivia Hunter faleceu.

— Entre, entre... — a senhora foi dizendo.

Mal dera poucos passos, quando uma
PERIGOSAS ACHERON

discussão acalorada, próximo à escada, tirou sua atenção da simpática governanta. Michael acusava Rebecca de alguma coisa, e ela parecia confusa e ferida.

Ela pousou a mão em seu peito, na tentativa de que isso viesse a acalmar Michael, mas ele a encarou com desprezo e a afastou de um jeito brusco.

— Eu olho para você e só vejo mentiras — Ryan ouviu Michael acusar a irmã, enquanto acelerava o passo até eles.

Ele temia que a situação pudesse sair do controle. Hunter não tinha fama de ser um homem covarde e violento, mas era visível que estava no limite com Rebecca.

Ao que Ryan percebia, a sede de vingança de Rebecca começava a cobrar o seu preço.

— Mamãe!

Eles não viram Olivia se aproximar. O

PERIGOSAS ACHERON

próprio Ryan só notou ao ouvi-la chamar pela mãe. Enquanto o casal se encarava, raivosos, a menina os assistia, assustada.

— O que está acontecendo aqui? — ele deu a Michael um olhar intimidante.

Rebecca estando certa ou tendo provocado a discussão entre eles, era sua irmã, seu instinto de proteção falava mais alto do que seu aborrecimento com ela. E se isso não fosse o bastante, Olivia já havia presenciado o suficiente.

— Rebecca? Você está bem?

Michael se afastou ao ouvir a pergunta de Ryan, confirmando, pelo olhar angustiado que deu a ele, que não era um homem violento. E fez algo que o surpreendeu.

— Não está acontecendo nada — disse Michael, secando uma lágrima nas bochechas de Olivia.

Ryan percebeu que ele estava dividido entre

PERIGOSAS ACHERON

consolar a menina e desaparecer dali, e infelizmente a segunda opção venceu. Michael partiu sem olhar para trás.

— Por que você brigou com o meu pai? — Olivia encarou Rebecca com os olhos lacrimosos e acusadores — Por que brigou com meu pai e o fez ir embora?

Ela tentou explicar à menina que não tivera a intenção de fazer isso, mas Olivia a atacou novamente, antes de sair correndo, dizendo que se o pai não gostasse de Rebecca, ela também não gostaria.

— Ryan! — Rebecca cobriu o rosto com as mãos, sufocando o choro — O que eu fiz?

Se ele fosse uma pessoa mais cruel, diria à irmã que isso era consequência das decisões erradas que havia tomado até ali, mas o sofrimento de Rebecca o comovia.

— Minha filha me odeia — pranteou ela ao

PERIGOSAS ACHERON

ser abraçada por ele — Ela me odeia.

— Seria impossível odiar você, querida.

Não eram palavras apenas para confortá-la. Ryan sempre estivera naquele dilema, dividido entre as escolhas ruins de Rebecca, que respingavam em todos eles e os fortes laços afetivos que os mantinham ligados.

— Completamente impossível — ele continuou obrigando-a a encará-lo — Ela está apenas chateada pelo que acha que viu. Estava bem tenso entre vocês dois.

Ryan recordou da conversa que teve com Olivia e do imenso desejo que Michael viesse a amá-la. Mas ele também percebeu algo com a discussão que presenciou. Esse casamento sendo precipitado, ou ter acontecido por motivos errados, estava servindo para mostrar que o casal ainda possuía fortes sentimentos um pelo outro.

— Só duas pessoas muito apaixonadas

PERIGOSAS NACIONAIS

transmitem tanta eletricidade e faísca.

Sim, analisando as coisas com mais calma, Ryan estava certo em sua observação. Michael e Rebecca eram como fogo e gasolina.

Rebecca afirmou que o marido não a amava, mas ela estava em pânico com a possibilidade de perder a filha. Ryan poderia arriscar dizer que ela não perderia nenhum dos dois, ao invés disso ele se prontificou a subir e falar com a menina.

Fora ali para pressionar Rebecca e acabara consolando a menina inocente que pagava por pecados que não eram dela. As necessidades de Ryan teriam que ficar de lado mais uma vez, naquele momento, os sentimentos da pequena Olivia eram mais importantes que todos eles.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 24

Caroline estava prestes a se acomodar ao lado do pai, para verem juntos o restante do álbum de fotos, quando alguém chamou por ela.

— Michael! — estendeu a mão para ele, fazendo bico com os lábios — Não sabia que você viria. Me disseram que não era permitido ainda.

— Eu não sabia que você estava na cidade — disse ele — O que está fazendo aqui? E seus estudos e a companhia de balé?

— Peguei alguns dias de licença — ela moveu a perna machucada para que ele notasse — Um pequeno acidente.

Ela sorriu, mas não foi um sorriso que realmente chegou aos seus olhos, e Michael deve

ter percebido isso.

— Você está bem?

— Foi só uma torção. Eu não queria ficar lá choramingando e dando trabalho a todo mundo — murmurou ela — Preferi voltar e ficar com minha família. Decidi vir para cá primeiro, antes de vê-lo e conhecer minha nova irmãzinha.

Se Michael não tinha percebido que Caroline tentava esconder sua tristeza, o sarcasmo e acidez nas palavras dela, com certeza, ele notou.

— Caroline! — Max a repreendeu — Michael teve os motivos dele.

Motivos que ele nunca explicou e que talvez nunca fossem fazer sentido para ela. Eles eram irmãos, e Michael a tinha mantido no escuro sobre o casamento dele. Não apenas sobre o casamento, mas sobre ele e Rebecca, a garota que, no passado, fora sua única e melhor amiga. Estava pronta para jogar essa verdade nele, quando Michael se dirigiu

ao pai, perguntando como ele estava.

— Estou bem. Um dia de cada vez — respondeu Max, voltando a atenção para o álbum de fotos — Estava vendo essas fotos com sua irmã. Fotos de vocês e sua mãe.

Michael se aproximou e Caroline deu mais espaço para que ele ficasse entre eles.

— Essa em particular me chamou atenção — Max retirou a foto amarelada pelo tempo e a entregou a Michael.

Uma garotinha loira estava sentada em um roseiral. Parecia uma pequena dama, mas o olhar travesso que transmitia na foto contrariava a ideia de uma menina recatada.

— Olivia? — indagou Michael.

Caroline achou estranho que Michael se referisse à mãe deles assim.

— Olivia, sua mãe. Ela tinha quatro anos aí — respondeu Max — Olha essa foto também. Essa

é sua irmã aos cinco anos.

Caroline começou a falar algo sobre a foto e sua cara emburrada nela, quando notou a expressão de Michael mudar. Ele parecia querer fugir de um pesadelo.

— Meu Deus! — Michael sussurrou, caindo de joelhos no chão.

Minha filha.

Ele sussurrava sem parar.

Minha filha.

— Minha filha! — repetiu a Max, quando se ajoelhou em frente a Michael — Minha filha, papai!

Max chorava. Michael chorava e Caroline emocionava-se com a emoção que presenciava nos dois, contudo, se sentia perdida.

— Ela é minha filha — continuou Michael, e uma dor avassaladora parecia tomar conta dele.

— Sinceramente, acreditei que já teria se

PERIGOSAS ACHERON

dado conta disso, Michael — Max lançou a ele um olhar recriminatório — Ou que Rebecca...

— Você já sabia? — Michael indagou ao pai.

— Nicholas me contou, mas tive certeza no exato momento que ele me enviou a foto.

Michael tinha uma filha... Rebecca.... Que merda estava acontecendo ali?, Caroline se perguntava.

— Alguém pode me dizer do que estão falando? — exigiu Caroline, encarando Michael. Ela odiava aquela sensação de novamente estar sendo excluída de algo importante para a família — Não só tem uma esposa, como uma filha no pacote?

Seu irmão parecia perdido e indeciso no que dizer a ela.

— Roger e Stacy armaram para separar você e Rebecca — foi Max a dar a resposta que ambos buscavam — Eu não notei isso. Você sabe, sua mãe... — ele recordou o fato que todos eles

lamentavam, o falecimento da esposa — Você não percebeu, ou não quis enxergar a armação, e afastou quem mais amava de você.

E Max contou a Caroline e Michael o que sabia da história. Então, a filha de Rebecca não era do seu primo Roger, concluiu Caroline. Era de Rebecca e Michael. Isso significava que a menina era...

Sobrinha dela.

— Rebecca e você têm uma filha? — Caroline não conseguia acreditar — Michael?

Caroline estava afogada em sua mágoa e decepção, mas não podia deixar de notar que o desespero de Michael era inegavelmente superior ao dela. Ela perdera anos da vida da sobrinha, ele perdera os momentos mais preciosos de sua filha.

— Tudo bem, Michael — Max dava pequenas batidinhas em suas costas — Ainda há tempo de remediar tudo isso. Dá tempo de

PERIGOSAS ACHERON

recuperar tudo o que perdeu.

Enquanto ele era confortado pelo pai, Caroline viu inúmeras expressões de dor surgir no rosto do irmão. Ele relembrava algo que o machucava muito, agora.

— Eu disse que desprezava minha filha — as palavras saíram com um soluço da boca dele — Minha própria filha.

— Michael! — Caroline e Max o repreenderam juntos.

Embora não soubesse os detalhes e nem o que levara Michael a dizer algo como aquilo, para Caroline era inadmissível ele ter dito algo assim, mesmo que a menina não fosse filha dele.

— Desculpem — a Sra. Weston se aproximou — Mas a visita tem de ser encerrada.

Ela os recordou que Max não deveria estar passando por momentos com tanta carga emocional e que Caroline já deveria ter partido. Max garantiu

que a visita dos filhos não lhe fizera mal, pelo contrário, e afirmou a eles, ao se despedirem, que ficaria bem.

Caroline tinha fé que seu pai iria seguir à risca o tratamento. Que ele voltaria a ser o homem que todos admiravam e o pai amado que lhe fizera tanta falta nos últimos anos.

Antes de partirem, Michael prometeu que levaria a filha para uma visita ao pai, e Max entregou os documentos da casa em Greenville. Ao que parecia, Rebecca tinha tomado a propriedade como pagamento de uma das dívidas dos Hunter ao banco de seu pai, e devolveu a Max após o casamento com Michael.

— Como é sua filha? — indagou a Michael, quando eles estavam a caminho de casa.

Ela deveria estar furiosa com Michael, Rebecca, todos os Summer e inclusive com Ryan, no entanto, tudo o que mais queria era conhecer e

PERIGOSAS ACHERON

saber mais sobre sua sobrinha. Como se precisasse recuperar todo o tempo perdido rapidamente.

— Exatamente como você viu na foto — Michael aproveitou o sinal vermelho para olhar para ela.

Então, a menina não tinha apenas o nome da sua falecida e querida mãe, também era muito parecida fisicamente com ela, o que fez a ansiedade de Caroline em conhecê-la aumentar.

— Aquela era a mamãe — ela revirou os olhos — Quero saber como ela é de personalidade.

— Inteligente, meiga, espontânea, corajosa... — a cada palavra, parecia que Michael estufava o peito de orgulho e amor — Como não notei?

— Você sempre foi meio burro — ela não perderia a oportunidade de cutucá-lo um pouco, afinal, era isso que irmãos faziam, brigados ou não.

Caroline sabia que ele teria dado um safanão nela, se não estivesse concentrado no trânsito. Era

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estranho, eles deveriam estar de cara amarrada um para o outro. Na verdade, ela não deveria nem estar no mesmo ambiente que ele, se fosse levar em conta o tamanho de sua mágoa. Mas Olivia conseguia ser mais importante que tudo. Não a conheceu ainda, e a criança já estava mudando completamente a vida dela.

— Michael, você tem uma filha! — ela gritou, empolgada — Pensei que seria só nós para sempre. Até torci para papai conhecer uma viúva alegre e com filhos pequenos. Seria triste nossa família terminar em nós três. Visto que enrolou a Stacy todos esses anos, sabia que nunca se casaria com ela. E eu...

— E aquele seu namorado? O dançarino?

— Não estamos mais juntos, eu te contei, ele me traiu. Sabe que não perdoo traição — ela riu de si mesma. Não era bem assim, afinal, estava ali com ele — Os Hunter não lidam bem com isso.

PERIGOSAS ACHERON

Não. Esse não era o único motivo de não estar mais com Louis, embora a traição dele tivesse sido importante para Caroline encarar seus verdadeiros sentimentos.

— De qualquer forma, não o amava de verdade. Era conveniente estarmos juntos, sabe? Por causa da profissão.

E porque ela nunca tivera coragem de se declarar a Ryan.

— Ela está na escola? — indagou Caroline, assim que chegaram à residência Hunter, não querendo falar de si mesma.

— Olivia não vai para a escola ainda.

— Olivia? — isso ainda a deixava perplexa — Como a mamãe?

— Como a mamãe — ele afirmou.

Eles não encontraram a menina no quarto dela, e Michael avisou que Olivia deveria estar no jardim, mas eles também não a encontraram lá.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Caroline!

— Sra. Dickson — ela abraçou com alegria a velha governanta, que não havia mudado muito no decorrer dos anos — Como vai?

— Onde está a Olivia? — Michael interrompeu a festa delas.

A governanta parecia surpresa com a pergunta dele, e Caroline se perguntou o quão rude Michael havia sido com a filha dele.

— Aquele garoto, Ryan — disse a mulher, se abanando com as mãos — Que agora virou um tipão, a levou para a casa da Laura.

— Ryan está aqui? — Caroline indagou com surpresa.

Era claro que Ryan estaria ali, ele avisou que iria viajar, e deveria ter voltado a Uptown para o casamento de Rebecca. Constatar isso abriu uma nova ferida no coração dela. Ryan havia prometido que não esconderia mais coisas dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aqui não, na casa dos Summer — corrigiu a governanta — Vocês são bons amigos.

Eles foram grandes amigos, e por um tempo curto demais, dois jovens apaixonados, mas Caroline já não sabia definir o que ela e Ryan eram.

— Erámos, sim — respondeu, com a voz trêmula.

— Olha, desculpem — disse Michael — Vocês podem conversar à vontade, mas eu tenho que ir.

— Eu vou com você — informou Caroline, mancando até ele.

Havia comprado muletas, mas as odiava, sentia que mais a atrapalhavam do que ajudavam, por isso as deixou em Paris.

— O que houve com seu pé? — indagou a governanta.

— Eu te conto depois — ela gritou, antes de ser arrastada para fora.

PERIGOSAS ACHERON



Ryan não titubeou um minuto quando Laura pediu que ele a acompanhasse em sua visita no orfanato que Rebecca e Brianna haviam crescido.

— É estranho que ela tivesse tão longe e ao mesmo tempo tão perto — confessou Laura, enquanto eles sentavam em um banco para observar as crianças brincarem.

Se não fosse por Nicholas, que o acolheu quando criança, Ryan também teria crescido em um lar daqueles, administrado por freiras, sonhando que um dia alguém viesse adotá-lo.

— Eu quero fazer mais por essas crianças — continuou Laura — Já que não fiz muito por você e minha própria filha.

Laura era uma mulher bondosa, mas que carregava muita culpa dentro de si, e ela queria remediar sendo generosa com os menos

favorecidos.

— Você me ajudaria, Ryan?

— Claro que sim, mamãe — disse ele, acolhendo a mão dela entre as suas.

E enquanto Laura repassava à mãe superiora seus projetos, Ryan aproveitou para tentar falar com Caroline mais uma vez.

Ele se sentia angustiado. Não sabia se ela ainda estava chateada com ele, pelas revelações que fez, ou se o casamento de Rebecca e o irmão a incomodava. Mas Ryan não soubera dos planos da irmã até que fosse tarde demais.

Se não conseguisse falar com Caroline até o fim daquela semana, iria até Paris e a forçaria a dar uma chance de ele se explicar. Eles se amavam, e Ryan não permitiria que outro desentendimento ficasse entre eles.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 25

Caroline só ficava tão ansiosa assim, e em uma escala bem menor, quando aguardava o resultado de algum teste, e para isso ela se preparava muito bem. Estar prestes a conhecer a sobrinha era algo tão fantástico como assustador.

Será que Olivia gostaria dela? Ficaria com medo? Choraria ou se sentiria assustada? Essas dúvidas cruéis rodeavam o coração dela, enquanto passavam pela segurança na residência Summer e ela tentava acompanhar os passos largos de Michael

— Olá, Sr. Hunter. Não lembro se Rebecca avisou que o senhor viria nos buscar — disse uma jovem ruiva, que descia pela mesma escada que

Ryan e ela tinham escorregado várias vezes pelo corrimão, quando eram crianças — Estava indo preparar um lanche para a Olivia.

— Onde ela está, Ariel? — Michael perguntou à jovem, que ela deduziu ser a babá de Olivia.

— Lá em cima, no quarto. Se o senhor estiver com muita pressa...

— Ariel, não é? — Caroline a interrompeu — Eu sou a irmã do Michael. Por que eu não a ajudo com o lanche, enquanto ele prepara a menina?

Não é que ela estivesse fugindo do grande encontro, mas seu irmão precisava de um momento sozinho com a filha.

Enquanto Michael subia, Caroline acompanhou a babá até a cozinha. Claro que ela crivou a jovem de inúmeras perguntas sobre a sobrinha. Ariel, que era babá da pequena

recentemente, não tinha muito o que falar além do que observou no pouco tempo que estava com ela, mesmo assim, as poucas migalhas que recebia enchiam o coração de Carol de amor.

Quando acreditou que já havia dado tempo suficiente e já não aguentava mais de ansiedade, seguiu Ariel para o quarto de Olivia.

Em frente ao quarto, Caroline observava a cena, estática. Primeiro, ela sentiu como se tivesse levado um grande soco no estômago, depois precisou inspirar fundo em busca de ar. A garotinha era linda e uma cópia assustadoramente fiel de sua mãe, quando jovem.

Como Michael poderia não ter notado antes?

— Desculpe — murmurou Caroline, após dar uma pequena batida na porta — Trouxemos o lanche.

Ela viu Olivia usar o corpo de Michael para se esconder dela. Mas isso não a desmotivou,
PERIGOSAS ACHERON

afinal, ela era a desconhecida ali.

— Eu quero que você conheça uma pessoa — disse Michael, acomodando-a em seu colo — Alguém que irá gostar muito.

Impaciente, Caroline não aguardou o sinal de Michael, avisando que poderia se aproximar, e invadiu o quarto, com a babá ao seu lado carregando a bandeja. Ela sentou em frente a eles, colocando o pé machucado sobre a coxa, imitando uma posição de ioga.

— Meu amor, essa é Caroline — disse Michael — Minha irmã e sua tia. Pode chamá-la de Carol, como todo mundo faz.

Pouco a pouco, ela notou a postura rígida de Olivia começar a relaxar. Michael inalou o perfume dos cabelos da filha, causando em Caroline o desejo de fazer o mesmo. Ela queria tanto abraçar a menina, mas sabia que para chegar ao coração dela, precisava agir com cautela.

— Oi, Olivia — ela sorriu para a menina, tentando impedir que as emoções fossem maiores que ela, e esticou a mão trêmula em sua direção — É um grande prazer conhecer você, meu amor. Seremos melhores amigas do mundo.

Não eram palavras para conquistar sua simpatia, Caroline moveria céus e terra para cumprir essa promessa. Ela viu Olivia olhar para a sua mão estendida por alguns segundos, que para Caroline foram intermináveis. Aquela era a prova de fogo que diria se a menina a aprovava, ou não. E ela nunca sentiu tanto medo da rejeição em sua vida.

Mas para o alívio de todos, a menina sorriu e deixou que sua mão pequenina sumisse na de Caroline.

— Sabia que Carol é bailarina? — indagou Michael.

A menina inclinou a cabeça e lançou um

PERIGOSAS ACHERON

olhar espantado ao pai.

— De verdade?

— De verdade — respondeu Caroline — Com sapatilhas, tutu e tudo o que tem direito. Se quiser, posso te ensinar algumas coisas. E quando eu estiver melhor, serei sua professora particular.

Caroline ainda não sabia como ajustaria sua vida em Paris com a de Olivia em Uptown, mas tinha certeza de uma coisa, aproveitaria todas as oportunidades perto dela.

— Eu preciso falar com a Rebecca — avisou Michael — Tivemos uma despedida não muito afetuosa essa manhã. Na verdade, eu agi como um idiota outra vez. Então, tenho muitas coisas a acertar com ela.

— Vai dar tudo certo — garantiu Caroline, tocando o ombro dele — Pense nesse lindo anjinho que tiveram e tenha fé. Estão casados agora.

O destino tinha uma forma estranha de unir

PERIGOSAS ACHERON

as pessoas, pensou ela.

— Isso é tudo o que importa — ela continuou a dizer, passando os dedos nos cachos macios de Olivia — Não como chegaram aqui, mas que estão juntos agora. Ah, e ela é tão linda, Michael.

Ele sorriu, concordando com a irmã.

— Fica com ela?

— Nem se eu tivesse a maior apresentação da minha vida iria embora — gracejou, mas suas palavras não poderiam ser mais sinceras — Quero recuperar todo tempo perdido.

— Pedirei a Bill que a leve para casa depois — avisou ele — Ficar lá, não é?

O olhar que deu a ele dispensava resposta. Michael deveria estar maluco se achava que se separaria da sobrinha, nas próximas horas seria uma tia grudenta.

— Olivia — olhou com grande esperança para a menina — Eu poderia te dar um abraço?

O sorriso que tanto a fazia lembrar de sua saudosa mãe encheu o coração de Caroline de amor. Era como ter um pedaço da mãe na doce menina. A morte não tinha acabado com tudo, no final das contas, havia a saudade, mas havia as lembranças doces também, e Olivia.

— Claro que sim, tia Carol — o sorriso de Olivia se espelhou na declaração dela.

Tia Carol; nenhuma forma de chamá-la pareceria tão especial. Talvez, um dia, mãe.

Caroline puxou a menina para o seu colo. O perfume adocicado do cabelo dela foi a primeira coisa que percebeu, e conforme o abraço ficava mais forte e carinhoso, sentia como se essa conexão poderosa recuperasse, nesse abraço, os sete anos perdidos.

Elas lancharam e conversaram por um bom tempo. Caroline tinha uma fonte inesgotável de perguntas a fazer para a menina.

Qual sua comida preferida?

Batata frita e sorvete, e não nessa ordem, mas juntos, igualzinho a Michael. Os dois tinham gostos similares e peculiares em relação à comida.

Qual o conto de fadas preferido de Olivia?

Para o constrangimento de Ariel, a babá, era A Pequena Sereia. E isso foi um dos motivos a pesar para que a jovem fosse contratada.

Um pouco da curiosidade dela foi sanada pelas respostas da menina, mas havia detalhes que só Rebecca poderia dizer, como a gestação, seus primeiros anos, qual foi a primeira palavra que Olivia aprendeu.

E Carol ouvia o tagarelar de sua sobrinha sobre sua melhor amiga, Abbi, que parecia ser uma menina tão doce quanto ela e o tio Alex, que morava na casa nos fundos da propriedade Summer, quando uma empregada surgiu no quarto para avisar que o motorista havia chegado para PERIGOSAS ACHERON

levá-las para casa.

Enquanto a babá ajudava Olivia a organizar as coisas para irem embora, Caroline saiu furtivamente do quarto e foi até a empregada.

— Com licença — chamou a mulher antes que ela chegasse à escada — Sabe me dizer se o Ryan está em casa?

— Não, senhorita — respondeu, para o desapontamento de Caroline — Saiu com a Sra. Summer.

Caroline a agradeceu e voltou para o quarto. Queria, como precisava, rever Ryan, mas talvez fosse melhor não o encontrar agora. Estava feliz por ter conhecido Olivia, mas isso não diminuía o desapontamento que sentia por ele ter escondido coisas dela.



Ter visitado o orfanato fez bem a Ryan, pelo

menos o ajudou a não pensar tanto e se atormentar por Caroline. Nas ligações que ela não atendia e mensagens que não respondia a ele.

Outra coisa, ou melhor, pessoa, que o ajudaria a manter sua mente longe dos problemas até começar a resolvê-los era Olivia. Como ele amava a menina e toda sua esperança de conseguir o perdão de Carol estava voltado nela. Quando ela a conhecesse, entenderia que Ryan só quis proteger a menina das ameaças egoístas de Rebecca e da possível e dolorosa indiferença de Michael.

Ryan tinha errado, todos eles haviam errado, e ele não queria se eximir da culpa, mas ele agira com o coração.

Chegaram a casa e receberam, com surpresa, a notícia que Olivia já havia retornado ao lar.

— O motorista veio buscá-las — disse a empregada — E a irmã do Sr. Hunter a levou.

Tanto Laura quanto Ryan olharam a

PERIGOSAS ACHERON

empregada com choque.

— Caroline está aqui? — balbuciou Ryan, não aguardando a confirmação da empregada ou manifestação de sua mãe.

Não em Paris, ignorando as mensagens dele com toda razão, mas em Uptown.

Atordado, ele saiu em disparada em direção à porta. Caroline poderia se desviar das tentativas dele de entrar em contato com ela, mas não ignoraria a presença dele.

Ele andava de um extremo ao outro da sala enquanto aguardava que a governanta avisasse à Caroline de sua visita. Sentia-se ansioso e nervoso. Mas toda essa tensão desapareceu quando a viu surgir na escada.

Seu coração foi invadido por um imenso calor ao observá-la descer a escada mancando.

— Carol? — aproximou-se dela, preocupado — O que houve?

— Um pequeno acidente — disse, encarando a mão que ele estendia em sinal de ajuda, dispensando ao passar por ele — Vamos para o escritório do papai.

Ele a seguiu de cabeça baixa, ombros curvados e coração encolhendo no peito. A conversa que teriam não seria novamente um diálogo fácil. E Ryan podia apenas culpar a si mesmo.

— Carol — ele tentou se aproximar dela ao fechar a porta às suas costas, mas ela se afastou, usando a mesa como obstáculo entre os dois.

— Sete anos, Ryan — iniciou ela, a dor impregnada em sua voz — Sete anos longe da Olivia. Isso foi cruel.

Ele não podia negar a verdade disso.

— Estou dividida entre a felicidade de saber que aquela garotinha existe — sua voz tremeu ao dizer e a primeira lágrima escorregou pelo rosto

PERIGOSAS NACIONAIS

dela — E dor de saber que perdi tanta coisa da vida dela. Eu tinha o direito, e foi-me roubado.

— Você tem razão — ele admitiu.

Sabia que isso doía em Carol, mas doía ainda mais nele, porque Ryan foi um dos responsáveis por causar tanta dor e decepção na garota que amava mais que tudo no mundo.

— Não tem justificativa. Não tem desculpa. Não há nada que eu possa dizer que vá amenizar o quanto eu fui e agi errado — disse ele em um fio de voz — Mas o pouco que a conheceu, essa pequena parcela que Olivia deu a você, a fez sentir que faria tudo para protegê-la e não permitir que seja afastada de você.

Caroline escondeu o rosto nas mãos, e quando o encarou de novo, tinha um olhar acusador.

— Não faça como Rebecca, não use a Olivia para me manipular.

PERIGOSAS ACHERON

Foi como ter levado um tapa no rosto. Ou como se alguém enfiasse a mão em seu peito e sem dó arrancasse o seu coração. E ele sabia que merecia isso. Todos eles mereciam se Caroline os odiasse.

— Eu tentei entender a fuga de Rebecca. O distanciamento dela e a recusa em se aproximar de mim — soluçou ela — Mas Olivia?

Ela se apoiou na mesa como se sua dor fosse física. Como se estivesse percorrendo sua pele. Ryan também se sentia assim, com uma dor visceral.

— Você disse que não iria ocultar ou esconder coisas de mim, mas mentiu sobre Olivia.

— Eu disse sobre ela — Ryan se defendeu — E que tinha coisas que somente Rebecca poderia dizer, como o que Stacy e Roger fizeram a ela...

— Mas eu acreditei que Olivia fosse filha do Roger — ela se exasperou — Tudo bem, posso

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

entender que quem concluiu as coisas erradamente fui eu, mas isso não muda o fato de que esconderam Olivia do pai dela, do avô e de mim. As nossas vidas poderiam ter sido diferentes.

Caroline não teria crescido sentindo-se tão solitária. Michael teria tido os momentos mais preciosos da filha e Max teria jogado toda a sua atenção na neta, e não na bebida. Não foi preciso que Carol dissesse isso a ele, Ryan chegara a essa conclusão sozinho.

Rebecca tinha errado e todos eles foram coniventes, agora chegara a hora de pagar o preço. Ryan só esperava que o amor entre ele e Caroline, que tinha sobrevivido a tantas coisas, também sobrevivesse a isso. Que ainda houvesse esperança para eles dois.

— Você me odeia?

Ela secou apressadamente a nova avalanche de lágrimas correndo por seu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu tenho muita raiva — confessou Caroline, sua mão esfregando o peito — Só que eu não consigo odiar você, Ryan. Mas também não sei como lidar com isso. O sentimento de traição e decepção são fortes demais também.

Se ela o amava, ainda havia esperança, sempre havia esperança. Embora todos dissessem que Laura deveria desistir de sua busca enlouquecida pela filha, ela nunca desistiu desse reencontro. Ryan sabia que teria que ter paciência e iria lutar por Carol, provar a ela que embora tenha errado muito no passado, podia ser digno novamente de seu amor e confiança.

— Me fere duas vezes mais; não, infinitamente mais — disse ele, caminhando até ela, e quando estavam frente a frente, segurou o seu rosto com carinho — ser o causador de suas lágrimas. Pode sentir raiva, decepção e até querer distância de mim. Mas não espere que eu vá desistir

de você, meu amor.

Talvez estivesse ultrapassando o limite, mas ele assumiria os riscos de novo. E dessa vez, apostaria para ganhar.

Ele encarou os olhos que o fitavam em conflito. Caroline queria resistir, mas eram escravos do que chamavam de amor.

Ryan passou os lábios no rosto dela, colhendo as lágrimas que ainda teimavam em cair. Ele sentiu a maciez de sua pele, seu perfume doce. O calor que o corpo dela emitia ao dele. E uniu suas bocas em um beijo apaixonado e carregado de sentimentos.

Assim, nos braços do outro, absorvendo um ao outro, não existiam “ses” e “por quês”. Existiam apenas Ryan e Caroline. Ele estava no céu outra vez. Em paz, feliz, com a mulher que amava.

Ele precisava dela, como seus pulmões de uma nova lufada de ar, e foi apenas por isso que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ryan encerrou o beijo, colocando sua testa na de Caroline, enquanto ela também inspirava e expirava rapidamente.

— Tia Carol! — eles ouviram Olivia gritar, enquanto abria a porta.

Ryan quis manter Caroline ainda em seus braços, mas ela se afastou rapidamente.

— Ariel e eu achamos um monte de lenços da mamãe — disse a menina, e ao se deparar com Ryan, que estivera tão próximo da sua tia, franziu o cenho — A gente pode dançar balé agora?

Caroline levou a mão ao pescoço, nervosa, mas sorriu para Olivia. Fora pega fazendo algo que não devia, e não queria que a menina se sentisse confusa.

— Claro que podemos — respondeu Carol, dando a volta na mesa para chegar até ela — Vamos subir e vou te ensinar os primeiros passos de balé.

PERIGOSAS ACHERON

Olivia pulou no lugar, depois avançou até Caroline, abraçando sua cintura.

— Ryan, eu vou ser bailarina que nem a minha tia — informou, animada — Já conheceu ela? Por que você tava abraçando ela?

Eles trocaram um olhar que apenas os dois poderiam ler. Se conheciam mais do que qualquer pessoa no mundo poderia entender.

— Conheço-a desde que era uma menina, assim, quase da sua idade — confessou ele.

— É verdade? — a pergunta foi feita para ele, mas a menina olhava para a tia com um olhar abismado — Mas você nunca me falou dela.

Foi impossível não notar que a declaração deixou Caroline abalada. Foi como puxar mais a casca em volta de sua ferida aberta.

— Isso não é verdade — ele a corrigiu. Não tinha falado de Carol como tia dela, mas havia falado muito sobre ela — Lembra dos quadros e

PERIGOSAS ACHERON

desenhos de bailarina que fazia?

Olivia levou a mão à boca, cobrindo os lábios.

— Era ela? A tia Carol? — indagou Olivia, como se de repente tivesse descoberto todos os segredos do mundo — A sua musa inspiradora. É, sim, você é a bailarina do meu tio Ryan. Ele tem um monte de quadros e desenhos sobre você. A melhor amiga de infância, assim como eu e a Abbi.

Ele viu a expressão de Caroline mudar. Estava claro que ela brigava consigo mesma.

— Meu amor, por que não sobe e ajeita tudo com Ariel? — sugeriu Caroline, afagando as bochechas coradas — Já subo para me unir a vocês.

— Tá bom, mas não demora — disse ela, animada, mas quando alcançou a porta, virou-se em direção aos dois — Você ainda vai me levar para tomar sorvete amanhã, não é, Ryan?

Como toda criança, Olivia nunca esquecia de

PERIGOSAS ACHERON

uma promessa feita, e ele havia feito isso aquela manhã, quando a levava para a casa dos pais dele.

— Vou, sim.

Ter mentido para Carol ou escondido Olivia dela podia ter abalado profundamente o relacionamento deles, mas a mesma garotinha sapeca poderia construir uma ponte que os ligaria de novo. Pelo menos, ele tinha um bom motivo para voltar à mansão Hunter no dia seguinte.

— Legal! E a tia Carol pode vir com a gente, não é?

Caroline estava agitando a cabeça e comprimindo os olhos para que Ryan negasse. Estar arrependido de tudo que fez, ou melhor dizendo, não fez, não o tornava de um dia para outro um anjo. E os fins justificavam os meios. O beijo que trocaram foi prova suficiente para ter certeza que conseguiria reconquistar sua amada.

— Se ela quiser — disse ele, ao abrir um

PERIGOSAS ACHERON

enorme sorriso que deixou Caroline zangada — Vou adorar que venha com a gente.

— Ela quer, sim — Olivia respondeu por ela e a encarou com olhar de súplica — Não quer, tia Carol?

Assim como Ryan tinha certeza que Carol seria incapaz de negar o pedido de Olivia, ela sabia que usara a criança para se aproximar dela. Era errado? Sim, mas no amor e na guerra cada um usava as armas que possuía.

E Ryan tinha uma pequena granada chamada Olivia.

Capítulo 26

Caroline tinha todos os motivos do mundo para estar magoada com Ryan. Ela estava tentando agir com sensatez e com maturidade. Qualquer pessoa no lugar dela teria feito um escândalo ao descobrir tantas mentiras. Mas ela estava buscando ver o lado bom de tudo, como os momentos que passava com Olivia e a esperança da recuperação do seu pai. Diante disso, todo o resto, mesmo as mentiras, deveriam perder a significância.

Todos a enganaram, isso era gravíssimo, mas, no fundo, não eram pessoas más. Só que ela precisava de tempo. Entre pensar como uma pessoa evoluída e agir como tal, eram coisas diferentes. E ela precisava de espaço, talvez ficar um tempo

sozinha, algo que parecia que Ryan não estava disposto a permitir. E era por isso que estava tão zangada com ele. Ainda por cima, havia usado Olivia para manipular a situação.

Caroline estava encantada pela sobrinha. Se alguém lhe perguntasse se acreditava em amor à primeira vista, não titubaria em afirmar que sim. Tinha se apaixonado por Olivia no momento que colocou seus olhos emocionados nela. Ryan sabia que seria sua fraqueza e usava isso em benefício próprio. Isso não era justo. Não era fácil absorver tudo isso, e no momento, Caroline estava furiosa com ele.

— Carol? — Michael surgiu na porta do quarto da filha — Posso falar com você?

— Eu volto logo — ela disse a Olivia, quando deu sinais que iria protestar pela interrupção.

Depois de deixarem Ryan no escritório,
PERIGOSAS ACHERON

sorrindo como um bobo, elas tinham subido ao quarto da menina para providenciar as improvisadas roupas de balé, para que Olivia tivesse suas primeiras aulas, dadas por sua nova tia preferida.

— Pela sua cara, as coisas não foram muito bem com a Rebecca.

Michael parecia tão ou mais perdido do que quando saiu da residência dos pais de sua esposa.

— Ela quer o divórcio — proferiu ele.

— O quê?

— Rebecca disse que me deixava livre — disse ele em um tom cansado — Sabe o que significa? Além de perdê-la, posso perder minha filha.

Ela estava prestes a dizer que não era bem assim, mesmo que se divorciassem, Michael tinha seus direitos de pai.

— E eu não vou perder nenhuma das duas —

afirmou ele — Vou reconquistar a Rebecca e o amor da Olivia.

— Daquela pequena você já tem — Caroline suspirou — Você precisa ver como os olhos de Olivia brilham quando fala de você, meu irmão.

— Então me resta reconquistar minha mulher — disse ele, e pelo olhar angustiado, Caroline sabia que ele diria algo que possivelmente ela iria discordar — Não consegui dizer a verdade. Que já sei de tudo.

— Mas você não foi até ela para fazer isso? — indagou, exasperada.

— Se eu dissesse a Rebecca que sei de tudo sobre a Olivia e principalmente sobre os motivos dela em ter partido, achará que estou me sentindo culpado — explicou ele — Ou que a quero de volta apenas por Olivia. Ela é orgulhosa, Caroline.

Isso ninguém poderia negar, o orgulho de Rebecca mantivera os Hunter longe da vida dela

PERIGOSAS ACHERON

por sete longos anos.

— Quer agir como.... Não! — Caroline esfregou a nuca já tensa — Quer que eu aja como se nada tivesse acontecido?

— É só por um tempo. Algumas semanas, talvez...

— Michael! — ela protestou com energia — Eu não acho...

— Rebecca me pediu o divórcio, Caroline — ele a lembrou — Significa ir embora e levar minha filha.

Sabia dos motivos de Rebecca ter forçado aquele casamento, se vingar de Michael por tudo o que sofrera e talvez ainda sofresse por ele, mas ela não conseguia acreditar que após todos os segredos serem revelados, ela fosse capaz de separar pai e filha. Se Rebecca tinha liberado Michael do compromisso, significava que já não conseguia colocar seus planos de vingança em prática. E se

PERIGOSAS ACHERON

não conseguia seguir adiante, era porque seus sentimentos por ele não mudaram.

— Você ainda irá amar alguém, Caroline. Se sentirá perdida e muitas vezes idiota. Mas também, seu único objetivo será que esse alguém seja feliz, independentemente da sua felicidade, porque você só conseguirá ser plenamente feliz se ele também estiver.

Aquelas palavras foram cruciais para fazê-la começar a ceder. Bem, ela estava tentando passar por cima de tudo o que aconteceu e perdoar Ryan, porque mesmo que estivesse zangada, ela o amava muito e a vida sem ele não parecia fazer sentido.

— Nesse caso, acho que a minha estadia aqui será mais breve do que eu pensava.

Ela não iria se intrometer nas loucuras de Michael. Mas não conseguiria mentir e fingir quando era completamente contra isso.

— Vai embora?

— Olha, vou ficar calada, mas não posso mentir se as coisas não saírem como quer — disse ela — Mas se sua intenção é reconquistá-la, precisam de um tempo só para vocês.

Mas ela não pretendia voltar a Paris, pelo menos por enquanto.

— Vai para um hotel?

— Vou para Greenville. Já era minha intenção quando cheguei aqui. Paz e tranquilidade; é tudo o que eu preciso — informou ela — Sua preocupação deveria ser outra. O que vai dizer à sua filha?

De tudo o que já foi dito, Ryan estava certo em uma coisa: nenhum deles tinha o direito de magoar Olivia. Isso Caroline não iria permitir.



Tudo ficaria bem, Ryan dizia a si mesmo durante o caminho de volta à sua casa. Com a raiva de Caroline ele sabia lidar. Casais brigam muitas

vezes, e provavelmente eles teriam outras discussões pelo caminho. O que não saberia aguentar seria a indiferença dela, o desprezo, a morte do sentimento que os ligou a vida toda.

Então tudo bem ela ter ficado brava por ele ter usado Olivia como motivo para estar perto dela, contanto que ele estivesse.

— Mamãe?

Ele encontrou Laura no quarto que Olivia tinha na casa e que agora seria usado sempre que a menina fosse visitar os avós.

— Sinto falta dela — murmurou Laura, mas não havia grande tristeza em sua voz, a vida seguia seu curso e ela conseguia entender — Mas contanto que esteja feliz, ficarei também. E eu vou ocupar minha cabeça com o orfanato.

— Há muitas coisas que precisam ser feitas por lá — Ryan estava feliz que Laura ocupasse seu tempo com alguma coisa e que isso ajudasse outras

peessoas — Eu sei que fará um bom trabalho.

— Espero que sim — ela fechou a gaveta onde estivera organizando as roupas de Olivia e convidou Ryan para ocupar a cama ao lado dela — Mas você quer me pedir alguma coisa.

Ele ficou constrangido.

— Conheço os meus filhos, Ryan — disse ela com humor — O que você quer?

Laura realmente o conhecia, ou passou a conhecer melhor durante os anos seguintes à sua promessa de recompensar o tempo perdido, em que se recusou a vê-lo como devia, o filho do seu coração.

— Como sabe — iniciou ele — Carol está na cidade.

— Pensei em visitá-la amanhã com seu pai — informou ela — Há muitas coisas que precisamos dizer e um pedido de perdão a fazer.

Assim como Ryan, o casal esteve próximo o

PERIGOSAS ACHERON

máximo possível de Caroline, o que tornava ainda mais difícil mentir para ela.

— Cada vez que eu penso sobre isso, vejo como estive errada — disse Laura — Olivia, a mãe deles, nunca teria feito isso a você e Rebecca. Eu me sinto muito mal.

Ryan buscou suas mãos gélidas e frias.

— Olivia nunca teve a dor de ter um dos filhos arrancados dos seus braços — murmurou ele — Perder a Coral, ou imaginar que posso perdê-la... Nossa, me faz perder o ar. Eu vi como sofreu, mamãe, a cada dia. Todos nós erramos. Não que justifique, mas somos humanos.

— Espero que Carol pense igual a você e um dia possa me perdoar — suspirou ela — Mas, se não, essa é minha penitência.

— Ela vai perdoar a gente — garantiu ele — Talvez a gente só tenha que conquistar isso. E aí que entra o meu pedido.

— Eu posso negar alguma coisa a você?

Ryan achava que não existia nada que Laura conseguisse negar a um dos seus filhos, por isso fazia o possível para nunca abusar da generosidade e carinho dela.

— Um jantar aqui em casa — disse ele — Em homenagem a Carol, como boas-vindas a Uptown.

— Um jantar?

— Eu sei que a Carol disse que precisa de tempo e espaço, e em Paris concordei com isso — explicou ele — Mas eu tenho medo.

— Medo?

— Eu passei, pelo menos, os últimos cinco anos amando a Carol de longe, negando o que eu sentia. Eu tenho medo que outro apareça e ocupe meu lugar no coração dela.

Era um pensamento um tanto egoísta, Ryan precisava admitir, mas os apaixonados às vezes

PERIGOSAS ACHERON

eram assim. Ryan apaixonado era.

— Você está falando do Louis?

— Eles não estão mais juntos. O desgraçado a traiu — retrucou Ryan — O que não é muito diferente do que eu fiz, traí a confiança dela.

— Eu sempre soube que vocês nasceram um para o outro, meu querido, desde a primeira vez que os vi — disse ela, tocando com carinho o rosto dele — O amor é assim mesmo. Max, Olivia, Nicholas e eu fizemos muita confusão antes de ficarmos juntos. Eu vou oferecer esse jantar e vou ajudá-la no que precisar de mim.

Talvez essa cumplicidade entre eles tivesse demorado um pouco mais a acontecer, mas sentia agora, o que passou a infância toda desejando de Laura: amor de mãe.



Definitivamente, Olivia era uma criança

PERIGOSAS ACHERON

muito especial, pensou Caroline, enquanto observava, com um enorme sorriso no rosto, a garotinha tentar imitar os passos de balé que ela havia ensinado.

— Cruza... Abre... Fecha — instruiu Caroline — *Derriere*.

Rindo e usando uma das gavetas da cômoda como barra, Olivia seguia as orientações da tia com animação. Ariel falava para que ela tivesse cuidado, mas a menina estava se divertindo demais para levar em conta o excesso de cuidado da babá.

— Olha só quem está aqui — Carol dirigiu sua atenção até a porta, de onde vinha a voz de Michael.

Seu olhar encontrou o de Rebecca. Ela sempre se perguntou como reagiria ao rever sua antiga amiga. Sentiria raiva? Decepção? Mágoa?

Um pouco de tudo isso, não podia negar. Mas Rebecca tinha presenteado os Hunter com algo que

PERIGOSAS ACHERON

se tornava cada dia mais precioso para eles: Olivia. O que eram os sentimentos ruins, diante de uma garotinha tão doce e inocente?

— Caroline — murmurou Rebecca.

— Oi, Rebecca — Caroline notou o quanto ela parecia nervosa e decidiu que teria que partir dela a iniciativa de quebrar o gelo — Ah! Deixa disso.

Se aproximou de Rebecca, puxando-a para um abraço.

— Estou feliz em te ver — murmurou Caroline no ouvido dela — Senti sua falta.

Ela nunca deixou de pensar em Rebecca e como gostaria de revê-la mais uma vez. Agora a vida delas estavam mais ligadas do que nunca.

— Também senti, Carol — confessou Rebecca — Será que poderíamos conversar?

Caroline olhou rapidamente para Michael. Como dizer tudo o que precisavam uma a outra, se

PERIGOSAS ACHERON

agora era ela a esconder fatos importantes?

— Claro — depois ela se dirigiu a Olivia: — Pratique um pouquinho com Ariel. Depois eu volto e ensino coisas novas.

Ao invés de seguirem para o quarto que Rebecca ocupava com Michael, elas seguiram para o quarto que fora dos pais de Caroline.

— Deixei minhas coisas aqui, se não se importar — disse Caroline ao entrar — Queria ficar mais próxima...

Não foi preciso que concluísse a frase, Rebecca entendia. Cada canto daquele quarto lembrava a mãe de Caroline e os momentos especiais que viveram com ela ali.

— Sua filha é linda — disse Caroline, ao sentar na cama e pegar um retrato da mãe sobre a mesinha de cabeceira — Fiquei muito tocada por ter dado o nome da minha mãe.

— Eu prometi a Olivia — Rebecca caminhou

PERIGOSAS ACHERON

em direção à poltrona que havia próximo à cama — Que daria o nome dela à minha filha.

Ela observou Rebecca alisar o tecido florido com carinho e soltou a pergunta que não era mais capaz de segurar: — Ela é filha de Michael, não é?

Caroline não iria estragar o plano do irmão, por mais louco que acreditava ser, mas ela não poderia agir como, ele fingindo que nada acontecia.

— É difícil explicar — sua voz saiu trêmula e receosa — Quando eu soube... aconteceram muitas coisas...

Rebecca caminhou até ela e segurou a mão dela.

— Tudo bem, Rebecca. Não me deve explicações agora — disse ela, retribuindo o aperto em sua mão quando sentaram lado a lado. Não exigiria respostas, embora as desejasse demais — De certa forma, entendo algumas coisas.

O que mudaria remoer o passado? Não

PERIGOSAS ACHERON

apagaria suas lágrimas, nem traria de volta tudo aquilo que havia perdido. Em vez disso, olhou para o retrato onde seus pais apareciam felizes no dia de seu casamento.

— Quando ela partiu... — um sorriso veio acompanhado de uma lágrima — Todo mundo partiu também. Você foi embora. Michael e papai estavam aqui, mas suas mentes e corações, não. Só ficou a Stacy, e ela foi muito eficaz em dizer como eu seria indesejada quando ela e Michael se casassem.

Como permitiram que uma mulher fria e egoísta como Stacy pudesse ter ditado o destino deles?

— Então eu parti também. Por muito tempo, só a dança me importava. Me fazia me sentir mais próxima da mamãe. Eu abandonei o meu pai quando ele mais precisava de mim. Então, todos nós temos alguma coisa para lamentar — confessou

Caroline, permitindo que as emoções emergissem nela — Aquele dia no enterro... Stacy tinha falado que você não iria. Que havia ido embora com Roger e não importávamos mais para você.

E foi a segunda perda dolorosa de Caroline. Como Rebecca podia ter dado as costas à mulher que a amou como uma filha?

— Eu quis estar ali. Eu quis muito ter estado ao lado dela.

Por alguns segundos, tudo o que fizeram foi se abraçarem e dar vazão aos sentimentos que as governavam. Tristeza pelo o que perderam, remorso pelo que fizeram e, acima de tudo, saudade por alguém que não iria voltar.

— Me desculpe por ter sido tão seca e indiferente naquela época — Carol se afastou, mas manteve as mãos grudadas nas dela — Talvez, se eu não tivesse sido tão orgulhosa, você teria me contado. Eu teria ficado. Meu pai não teria sofrido

tanto e...

— Você era só uma menina — Rebecca apressou-se em dizer — Só uma menina, sentindo-se perdida.

— Tem razão. De nada adianta mexer no passado agora — Caroline secou uma lágrima e sorriu para ela. Havia muito a se dizer ainda, mas daria a Michael a oportunidade de refazer o seu lar — Ficarei em Greenville até meu pé melhorar.

— É grave?

Caroline explicou que não era tão grave e a relembrou do seu jeito meio desastrado, por isso o acidente.

— Não era desastrada. Era distraída — rebateu Rebecca — Mas por que ficará em Greenville, e não aqui? Sabe que Ryan está na cidade?

Caroline sempre acreditou que tinha escondido muito bem seus sentimentos por Ryan e

PERIGOSAS ACHERON

nunca havia desconfiado dos dele, mas o que parecia, estava óbvio para todas as outras pessoas.

— Não! — explicou sobre os motivos de não ficar na cidade: — Meu médico disse que preciso de paz e tranquilidade.

Além de muito repouso, o que ela não vinha fazendo.

— O ar puro me fará bem.

— Mas acabou de chegar. Olivia gostou tanto de você — insistiu Rebecca — Temos tantas coisas a dizer. Tenho tanto a te dizer.

Rebecca queria mesmo unir todas as peças soltas, ou havia algo mais que temia dizer a ela? Será que ficar ao lado de Michael, agora que ele havia decretado reconquistá-la, era o que a assustava?

— Tanto a colocar no lugar também — disse Caroline, e vendo que falara demais, calou-se rapidamente — Veja, serão só algumas semanas.

Passarão rápido. Liguei para Olivia todos os dias, e podem me visitar quando quiserem.

— Ryan gostaria de tê-la por perto — a nova tentativa de Rebecca parecia deixá-la em um caminho sem saída, e Caroline deu a ela um olhar angustiado.

Seu desentendimento com ele precisava ser resolvido no tempo dela, e principalmente quando se sentisse pronta.

Capítulo 27

A convivência de Caroline com crianças era praticamente nula. Mas o pouco tempo que passava ao lado de Olivia ensinava muitas coisas. Elas são inquietas, cheias de energia, não possuíam filtro ao falar e conversavam muito. O que no momento estava servindo de grande ajuda a ela.

Seria no mínimo estranho dividir a mesma mesa que Ryan na sorveteria, para apenas levar o creme adocicado e frio à boca.

— Eu gostei da escola nova — dizia Olivia, ao narrar sua aventura na escola nova, que tivera com a mãe naquela manhã — A Abbi pode estudar lá, então a gente vai poder...

Ela parou abruptamente de falar, a colher

com sorvete parando no ar, não porque fosse degustá-lo, mas para encarar Ryan e Caroline com atenção.

— Vocês estão de mal?

Ryan afundou um pouco na cadeira e ela baixou a cabeça. Olivia, além de esperta, era muito sensível às pessoas em volta dela.

— Por que você acha isso? — Caroline resmungou, mexendo nas bolas de seu sorvete até que formasse uma calda.

Olivia suspirou como se sua paciência com os adultos estivesse acabando mais rápido que o sorvete de frutas em sua taça.

— O Ryan só olha pra você — acusou a menina — E você não olha e não fala nadinha com ele desde que entramos no carro. Que nem minha mãe faz quando tá zangada comigo. Tá brava com ele, tia Caroline?

Boa pergunta, pensou ela. Tinha motivos para

PERIGOSAS ACHERON

sentir muita raiva de Ryan, mas, no fundo, não sentia. Queria poder perdoá-lo como tentava fazer com Rebecca, mas ainda se sentia magoada.

— É você está brava? — Ryan reforçou a pergunta de Olivia e ela sentiu um empurrão em seus pés por debaixo da mesa.

Ao encará-lo, viu traços de humor brilhando em seus olhos. Ele ficava lindo quando agia como um garoto levado. Mas Caroline jurou a si mesma que não iria ceder tão facilmente. Ryan precisava entender que, por mais que o amasse, e amava muito, o que ele fizera foi errado. A lição tinha que ser dura o suficiente para que se lembrasse antes de tentar algo tão estúpido como esconder coisas dela novamente.

— O seu tio Ryan fez uma coisa muito feia — disse a Olivia, desviando o olhar dele — O que sua mãe faz quando, faz algo muito, muito errado?

— Ela me coloca de castigo — respondeu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Olivia, coçando o nariz — O tio Ryan está de castigo?

Caroline assentiu, mas o sorriso diabólico, ela destinou a Ryan.

— Ela disse que você está de castigo — murmurou Olivia, se inclinando para ele — Você não deveria tomar sorvete.

— Diga a ela que eu posso suportar todos os castigos que quiser me dar — murmurou ele para Olivia — Menos deixar de vê-la.

Divertindo-se com sua função de telefone sem fio, Olivia repetiu a Caroline o que Ryan disse a ela.

Eles prosseguiram com o mesmo jogo durante todo o resto da tarde, até que Olivia se zangou com os dois.

— Você deveria perdoar o tio Ryan — disse Olivia a Caroline — E você tem que prometer não fazer mais nada de muito, muito ruim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Voltando a cutucar Caroline com o pé, debaixo da mesa, Ryan ergueu a mão esquerda.

— Eu juro nunca mais fazer algo de muito ruim — jurou ele.

Embora estivessem brincando com Olivia, Caroline queria muito acreditar no que ele prometia.

— Agora beija ela, tio Ryan — sussurrou Olivia.

Ryan se inclinou sobre a mesa. Os olhos cheios de expectativas da criança dificultavam muito Caroline de querer se esquivar. Ela levou as mechas de cabelo para trás da orelha e permitiu que ele depositasse um beijo estalado em sua bochecha, mas desejava, no fundo, ser beijada em outro lugar.

Após isso, ter feito dois adultos teimosos fazerem as pazes, Olívia dedicou sua atenção ao que realmente lhe importava, o sorvete delicioso e já quase derretido em sua taça enorme.

PERIGOSAS ACHERON

— A gente vinha muito aqui, lembra?

A última vez que estiveram ali foi para Ryan se despedir dela.

— Também vim com Rebecca e Michael.

Apesar de tudo, o lugar trazia doces recordações aos dois. E quando deixou, como ele dizia, suas duas garotas preferidas de volta à residência Hunter, Caroline sabia que um pouco da camada de mágoa que ainda nutria por ele havia derretido feito manteiga. Talvez, assim também fosse seu coração.

As surpresas não tinham terminado para ela naquele fim de tarde. Enquanto Ariel conduzia Olivia ao banho, Caroline foi avisada pela governanta que havia uma visita.

Laura digitava algo em seu telefone e não notou Caroline se aproximar. Era estranho para Caroline. Antes de todo esse vendaval passar pela vida deles, tivera uma relação amistosa com Laura.

Ela sempre se fizera presente para Caroline, em suas ligações ou visitas que fazia a ela em Paris.

O que mais ainda doía em Caroline não era Rebecca ter decidido riscá-la e todos de sua família da vida dela e Olívia. O que doía mais era saber que as pessoas que conviveram com ela, que a acompanharam ao longo desses anos, esconderam esse segredo e nunca cogitaram dizer a verdade.

Como perdoar e sufocar o sentimento de traição? Ela estava tentando, mas não era fácil.

— Laura — a cumprimentou assim que o olhar finalmente se ergueu para ela.

— Caroline... — ela se ergueu do sofá, deu dois passos vacilantes e recuou um — Eu sinto muito.

Talvez se esse encontro tivesse acontecido naquele dia que Ryan revelara o passado a ela, Caroline tivesse respondido que sentir muito não mudava o ocorrido. Não consertava as coisas, nem

PERIGOSAS ACHERON

amenizava a dor. Mas ela vinha há tantos dias remoendo a história. Ouvindo a mesma, e ao mesmo tempo, diferentes versões. Ela já havia perdido tanto de tantas pessoas, que por ela mesmo, queria olhar para frente e ter o direito de recomeçar.

— Dizer isso agora parece tão irrelevante. E que nada justifica eu agir como agi — murmurou Laura, olhando, envergonhada, para as próprias mãos — E que fui egoísta agarrada ao medo de que contrariar Rebecca a levaria, junto com Olivia, para longe de mim. Mas eu sempre te amei, Caroline, e mesmo de longe, Nicholas e eu cuidamos de você.

— O apartamento em Paris — murmurou Caroline — e as remessas de dinheiro que recebia...

Ela quase tinha sido despejada do apartamento que dividia com a amiga, e soube, por Michael, que havia sido parte do plano de Rebecca

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em obrigá-lo a se casar com ele.

— Nicholas providenciou tudo.

— A Juliet?

— Os últimos anos, sim. Em uma das visitas ao seu colégio, pedimos à diretora que nos comunicasse qualquer coisa que você pudesse precisar — condessou ela — E quando Max, pelos motivos que deve saber, deixou de enviar os pagamentos das mensalidades, passamos a cuidar de todo o resto. E tínhamos Ryan nos informando de tudo.

Os Summer a excluíram de uma parte importante da vida deles, mas, ao mesmo tempo, nunca a deixaram desamparada. Ter ido para a Juliet, conhecer Raeden e as outras amigas, dedicar-se à dança, foi o que ajudou Caroline a continuar vivendo.

— Não sei o que dizer — murmurou ela — É como ter dois pesos em uma balança.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu entendo... — sussurrou Laura — Só não culpe Ryan por isso. Tudo o que ele fez foi por mim. Nós mentimos, mas o amor do meu filho por você sempre foi sincero. Só acredite nisso.

Era o que mais ela precisava acreditar no mundo. Que apesar de tudo o que todos eles já sofreram, o amor de Ryan era real.

— Eu não consigo — sussurrou Caroline, fechando os olhos, tentando assim segurar as lágrimas ameaçando molhar o seu rosto.

Quando voltou a abri-los, Laura segurava a bolsa contra o peito e a encarava com um olhar inundado de tristeza e dor.

— Eu não consigo odiar vocês — confessou, em uma voz quase sufocada — Uma parte de mim diz que eu devo, mas não consigo, tia Laura. Sinto que já perdi tanto.

Existia uma diferença de pessoas que faziam mal às outras porque eram cruéis e frias, como PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Stacy e Roger, com a mulher que tomara decisões erradas, ferindo o seu coração.

— Mas eu simplesmente não consigo —
diante de seu desabafo sincero, Laura caminhou até Caroline, a abraçando.

— Eu sei que até o perdão há um longo caminho pela frente, meu amor — murmurou Laura ao secar o rosto de Caroline, afagando os cabelos dela com o mesmo carinho que a mãe dela teria feito — Mas eu sou paciente. Leve o tempo que precisar.

Fora disso que Caroline tinha passado um bom tempo sentindo falta, o abraço afetuoso como esse. E uma das poucas, mas importantes coisas que sua mãe pudera ensinar a ela antes de partir, era que mágoa e rancor só faziam mal a quem o sentia. Perdoar o outro não era fraqueza, era mostrar a si mesmo o quanto uma pessoa melhor conseguimos ser.

PERIGOSAS ACHERON

— Estou tentando — murmurou, enxugando o rosto, e as duas se acomodaram no sofá — Você pode me contar a sua versão de como tudo aconteceu?

E enquanto Laura narrava sua versão dos fatos, de como enxergara a história deles nos últimos anos, Caroline buscava manter o coração aberto, talvez não para buscar justificativas que acalentassem seu coração, mas mantendo-o aberto para compreender.

Ouvira dizer que a verdade tem três lados, a sua, a do outro e a que não beneficia ninguém. Era nesse meio-termo que Caroline iria seguir.

— Mas a minha visita não foi apenas para isso — disse Laura, antes de se despedirem — Vou oferecer um jantar de boas-vindas a você, hoje à noite, lá em casa.

— Eu não acho que...

— Ah, por favor — Laura deu a ela um olhar

suplicante — Sabe o quanto sonhei finalmente em ter vocês todos reunidos? Brianna, Ryan, Rebecca, Olivia, Michael, você e Max...

Embora ambas soubessem que a ausência dele era devido à sua luta para ficar bem para a família, Max era uma peça importante naquela família. Não havia forma melhor de se intitularem.

— Todos juntos novamente e sem encobrir nenhuma mentira?

— Bem, não exatamente sem mentiras — alertou Caroline.

— O que quer dizer?

Ela contou sobre o pedido de divórcio que Rebecca fizera a Michael e os planos dele em reconquistá-la.

— O Michael não aprendeu nada com tudo que minha filha fez? — indagou Laura, exasperada — Mentir machucou muita gente.

— Vocês deram sete anos para que Rebecca

PERIGOSAS ACHERON

se sentisse pronta a encarar a verdade —
argumentou Caroline, defendendo o irmão — O
que são algumas semanas para Michael?

— É justo — concordou Laura.

Capítulo 28

Ryan poderia estar sendo otimista demais, ou com excesso de segurança, como Brianna quis provocá-lo ao contar sobre sua tarde perfeita na sorveteria com Caroline e Olivia. Mas ele sentia que a relação dele com o grande amor de sua vida voltaria aos dias perfeitos de Paloma Place. Esperança era tudo o que ele tinha e se agarraria a ela.

Por isso, ele caprichou no visual para o jantar daquela noite e foi o primeiro a ir para a sala esperar os convidados chegarem.

— Qual a gravidade da minha participação nessa história? — ele ouviu a voz de Brianna às suas costas — E quanto tempo acha que vou

PERIGOSAS NACIONAIS

precisar até que Caroline me perdoe?

Ela tinha sido a única que não vira Caroline ainda, então a apreensão de Brianna era muito compreensiva.

— Você mal teve contato com a Carol — ele alisou os ombros dela, tentando deixá-la mais calma — Se ela é capaz de perdoar a nós, conseguirá entender que você não teve culpa de nada.

Brianna foi a que mais bateu o pé e repreendeu Rebecca, alertando que as decisões dela poderiam voltar-se contra todos eles, mas ela se mantivera cega pela mágoa e desejo de vingança.

— Ainda assim — disse ela com pesar —, fiz parte de tudo isso. Não seja condescendente comigo.

— Estou sendo justo... — Ryan começou a dizer, mas foi interrompido por Laura e Nicholas, que se juntaram a eles.

PERIGOSAS ACHERON

Laura parecia tão ansiosa com a noite em família que havia preparado, que os dois decidiram não a preocupar com suas dúvidas e apreensões. E quando a campainha soou, ela mesmo se dirigiu à porta para abri-la.

— Que bom que vocês chegaram — disse aos convidados quando eles começaram a entrar — Carol, está ainda mais linda desde a última vez que a vi. Não concorda, Ryan?

Ele assentiu e viu Caroline sorrir encabulada, diante da intensidade do olhar que ele lhe dava.

Ryan observou Olivia correr para os braços do avô, Rebecca e Brianna se unirem em um abraço e Laura juntar-se a Michael rumo à sala, ficando apenas ele e Caroline ainda parados na entrada.

— Esse jantar... — iniciou ela, olhando-o com repreensão — foi obra sua, não é mesmo?

Ele se aproximou um pouco para perto dela, passando suavemente a ponta dos dedos em seu

PERIGOSAS ACHERON

braço. Viu que seu toque mexia com ela tanto ou mais quanto mexia com ele, e não conseguiu evitar sorrir.

— Eu disse que não posso ficar longe de você — a lembrou.

— Não somos mais adolescentes, Ryan — protestou ela, baixinho — Se quer falar comigo é só me dizer. Então, direi se quero isso, ou não.

Essa garota não era fácil, meditou ele. O que não era de todo ruim. Ter que lutar por ela só a fazia se tornar cada vez mais especial para ele.

— E você quer? — um passo a mais, e eles estavam tão unidos quanto o local onde se encontravam podia permitir.

Olhos nos olhos e um desejo incontrollável de fazer todo o muro de sentimentos conflitantes que os separava ruir.

— Falar com você? — sua pergunta veio acompanhada de uma respiração descompassada.

— Ficar comigo.

Os lábios de Caroline se abriram para respondê-lo, contudo, nenhum som foi emitido de sua boca. Ryan só conseguia admirar os lábios brilhosos e generosos que ele ansiava beijar. Sentiu a mão dela em seu peito, não para afastá-lo, ela se apoiava nele enquanto aguardava o momento de ser beijada.

— Ei, vocês dois! — ouviram o chamado que os fez se afastarem como dois criminosos prontos a um delito — Venham se juntar a nós.

Foi um péssimo momento para Rebecca surgir, mas pelo seu olhar, Ryan percebia que a irmã estava preocupada que estivessem iniciando uma briga. Ela não poderia estar mais equivocada sobre isso.

Mas a noite estava apenas iniciando. Ryan encontraria uma forma de ter outro momento a sós com Caroline, e dessa vez ninguém iria atrapalhá-

PERIGOSAS ACHERON

los.

Antes do jantar, eles se acomodaram na sala. A conversa seguiu para um campo aberto. Ninguém queria tocar no passado e as feridas que ele abria em seus corações. Caroline falou sobre suas aventuras no balé; não foi rude com Brianna, mas também não teve muitas oportunidades de ter uma conversa mais profunda com ela. Ryan falou sobre seu curso de arte e suas expectativas ao convite para realizar um *vernissage* em alguns meses. Algumas vezes o assunto mudava para negócios entre Rebecca e Nicholas, e Laura citou o baile beneficente que daria em prol do orfanato que passou a ajudar.

O jantar transcorreu bem, tendo apenas um toque de tensão no final, quando Michael pediu para trocar algumas palavras em particular com Laura e Nicholas.

— O que será que ele quer dizer a eles? —

indagou Rebecca a Brianna.

Caroline e Ryan se entreolharam. Ambos sabiam quais os objetivos de Michael, mas não podiam interferir.

— Você não disse que ele quer reconquistar você? — indagou Brianna, fazendo Rebecca ficar encabulada.

— Eu não consigo entender o Michael — murmurou Rebecca, meio que perdida em si mesma.

— Mamãe? — Olivia puxou o braço dela — Podemos ver a Abbi e o tio Alex?

Desde que chegaram, a pequena não falava em outra coisa. Rebecca assentiu, deixando o trio em um longo e constrangido silêncio, que Laura quebrou, retornando do andar superior.

Ryan aproveitou que Brianna tentava arrancar alguma informação dela para se aproximar de Caroline.

— Podemos dar uma volta no jardim?

Apesar de concordar, ela não aceitou a mão que Ryan estendia para ajudá-la a caminhar. Ele levou as mãos trêmulas aos bolsos, temendo fazer algo impulsivo e estúpido com elas, como agarrar e beijar Caroline, como desejou toda a noite.

— Você disse que não iria mais mentir para mim, Ryan, mas não me contou sobre o casamento de Michael e Rebecca.

— Eu não sabia, soube um pouco antes de chegar à cidade. A procurei no balé e no apartamento — explicou — Liguei incontáveis vezes e deixei dezenas de recados.

— Eu me machuquei — disse ela, encarando o pé imobilizado — E a forma que descobri sobre o casamento também não foi nada agradável. Não podia falar ou lidar com você naquele momento. Acreditei que tinha me escondido a verdade de novo.

Ryan suspirou e sentou em um banco de madeira próximo a eles.

— Ainda está com raiva? — indagou ele, com o olhar atordoadado — De mim?

Caroline respirou fundo e saltitou até o banco onde ele estava.

— Esse é o grande problema — ela olhou para o céu, onde uma bonita lua brilhava — Eu queria estar. Deveria estar. Eu tento ficar, mas não consigo.

Ela passou os dedos na madeira onde a mão dele estava, como se quisesse tocá-lo, mas ainda resistisse a isso.

— Eu sei que a saudade que sinto — confessou ela, voltando a olhar para ele — e mais forte que a mágoa, a decepção e a raiva que deveria sentir.

Ryan, além de não ter o direito de culpá-la por seus receios, a entendia. Ele mesmo tinha

PERIGOSAS ACHERON

dificuldade de perdoar a decepção que tinha consigo.

— Eu amo você, Carol — o fervor contido na declaração dele fez os lábios dela tremerem — Amei por tanto tempo que não sei como fazer diferente. Se você puder confiar apenas nisso e...

Ela ergueu a mão, pausando um dedo sobre os lábios dele.

— Eu confio — o sorriso que lhe deu fez o coração de Ryan, que parecia ter permanecido congelado em seu peito desde sua separação, voltar a pulsar — Eu também te amo. Acho que, no fim, apenas isso deve importar. Ryan Summer, eu te amo.

Soltando um grunhido, Ryan agarrou-lhe a cintura e a puxou para seu colo. Segurou com firmeza seu pescoço, deixando o rosto inclinado para que a boca dela estivesse posicionada para o beijo apaixonado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Caroline se contorceu em seu colo e ele a tocou em cada parte do corpo que tivera saudade. Tomou seus lábios com força e fome, até que fossem obrigados a respirar. Beijou seu pescoço, causando arrepios nela, e um gemido desesperado foi emitido por eles quando pressionou com a mão o seio sensível.

A outra mão voltou sofregamente aos cabelos dela e Caroline cravou as suas nos ombros largos de Ryan. Ela estava trêmula, e ele se sentindo febril por seu toque.

Ryan se ergueu, sustentando-a em seu colo. Dezenas de beijos eram espalhados pelo rosto dela, enquanto repetia que a amava. Chegaram rapidamente ao quarto dele, mas para os apaixonados pareceu levar tempo demais.

Ele acendeu a luz e bateu a porta atrás deles com o calcanhar. Deslizou-a delicadamente por seu corpo até que os pés voltassem a tocar o chão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Varreu-a de cima a baixo com o olhar, e seus olhos ficaram em chamas ao ver Caroline segurar a barra do vestido, passando-o pela cabeça.

— É tão linda — murmurou ele, passando suas mãos pela cintura dela, puxando-a para junto dele o máximo que era possível.

Ele uniu suas bocas em um beijo tépido, e entre beijos, sussurros e carícias, livraram-se de suas roupas. Com a mesma força do desejo que a encarava, Caroline demonstrava sua admiração por ele. Deitou-a carinhosamente sobre a cama. Beijou-a da curva do pescoço à sua intimidade pulsando por seu toque. Caroline perdeu-se no mundo prazeroso que ele a carregava. E quando ele uniu os seus corpos, fazendo deles um só, Ryan foi gentil, atencioso e intensamente apaixonado.

— Amo você — sussurraram juntos quando alcançaram o ápice do que eles chamavam de amor.

PERIGOSAS ACHERON



Caroline acordou languidamente e com os beijos suaves de Ryan percorrendo seu ombro, até fazer um sorriso deleitado se formar em seu rosto. Sentia-se radiante como se dançasse em nuvens feitas de algodão. Era essa felicidade que dava certeza a ela que havia tomada a decisão certa ao perdoar Ryan. Deixar o passado para trás e pensar apenas no futuro feliz que os dois construiriam pela frente.

— Que horas são? — perguntou ela, no momento que Ryan depositou um beijo em seu pescoço.

Ele se afastou um pouco para olhar o relógio em seu pulso.

— Passa das nove horas.

Caroline sentou-se apressada na cama, esticando o lençol para cobrir os ombros nus.

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois de sentar, apoiou as costas na cabeceira.

— Da manhã? — olhou em volta do quarto, atordoadas — Eu dormi aqui?

Flashes da conversa no jardim e a madrugada apaixonada que tiveram vieram com força suficiente para clarear a cabeça dela.

— Ai, Ryan — tentou esconder o rosto no lençol, o que ele não permitiu — O que seus pais irão achar?

— Não sou um adolescente cheio de hormônios, Carol — provocou ele, segurando seu queixo.

— Não é o que parece — ela revidou.

Eles tinham se amado pelo menos três vezes, pelo que ela se lembrava, e isso a fez sentir o rosto arder. Era praticamente inexperiente nesse setor, acordar acompanhada após uma intensa noite apaixonada era algo que ainda estava aprendendo a lidar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nunca trouxe ninguém aqui — confessou ele — Nem em nossa casa em Londres. Eles sabem que você é diferente, Carol. Sabe que o meu pai foi o primeiro a perceber que eu era apaixonado por você?

Enquanto falava, trouxe-a para os braços dele. Algo contra qual não protestou, e não protestaria mesmo se quisesse.

— Verdade?

— Na sua primeira apresentação de balé. E eu nunca escondi da mamãe meus sentimentos por você — ele beijou seus cabelos e a apertou mais em seus braços — Então, não se preocupe com eles ou com o que irão pensar. Ficarão felizes de nos ver finalmente juntos.

Isso era bom e importante para Carol. Depois da mãe falecida e o pai agora em reabilitação, Nicholas e Laura eram o mais perto que Caroline tinham de figuras paternas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu preciso ir para casa — ela deu um beijo rápido nos lábios dele, antes de começar a se levantar — Eu nem avisei que passaria a noite fora.

— Primeiro, nós vamos tomar um banho juntos — disse ele, abraçando-a por trás, impedindo que desse mais um passo para longe dele — Depois eu a levo para casa.

— Falando em casa — iniciou Caroline, quando Ryan a conduziu para o banheiro — Eu vou para Greenville.

Os braços de Ryan ficaram rígidos em volta dela, e ele virou Caroline para ele. Confusão e angústia transfiguravam o rosto dele.

— Mas eu pensei que a gente...

— Ryan, está tudo bem — ela segurou o rosto dele com carinho — Não estou fugindo de você, mas dando um tempo para que Michael e Rebecca se acertem.

— Eu que não estou entendendo nada.

PERIGOSAS ACHERON

Caroline fez a ele um breve resumo de como andavam as coisas entre a irmã dele e seu irmão e revelou as intenções de Michael para reconquistar a esposa.

— Não acha que já permitimos que nossa família se intrometesse demais entre nós dois?

— Você tem razão, mas não é apenas por isso que vou até Greenville — disse ela, passando uma mão no peito dele — É lá que a minha mãe está e faz muito tempo que não visito seu túmulo. Preciso fazer isso, Ryan.

Ele inclinou a cabeça para beijar a palma da mão que ela mantinha em seu rosto, concordando.

— Você pode ir comigo, se quiser.

— Deseja que eu vá a Greenville com você?
— ele abriu um sorriso que expressava toda felicidade que o convite lhe causava.

— Eu gostaria muito.

— Diga que irá até a lua, e estarei ao seu lado

— murmurou, fazendo Caroline derreter.

Esse era o homem lindo que ela amava e agora se permitia amar sem remorso ou culpa. O homem que a fazia completa. E com essa certeza de que eram perfeitos um para o outro, Caroline rezava internamente que nada mais no mundo se colocasse entre eles.

Capítulo 29

Desde seu retorno a Uptown, Caroline tinha enfrentado o pai, o irmão, Rebecca, Laura e Ryan, buscando respostas e expondo seus sentimentos, mas nenhum deles fez seu coração ficar pequeninho, como a pequena Olivia fazia ao se despedirem. A garotinha havia conquistado seu coração de forma inexplicável.

— Você promete que vai voltar? — Olivia abraçava sua cintura com força e lhe lançava um olhar marejado.

— Sempre e sempre — prometeu Caroline, alisando seus cachos macios — E você poderá me visitar em Greenville. Vamos nadar no lago, passear a cavalo, dançar pelo campo e colher muitas flores

bonitas para enfeitar nossos cabelos. O que acha disso?

— Vai ser supimpa! — ela pulou, quase desequilibrando Caroline.

— Prometo que ligo todos os dias, Ok?

Os olhos de Olivia, de tristonhos, brilharam de alegria e esperança.

— E eu vou treinar com Ariel e Abbi todos os passos de balé que me ensinou, tia Caroline — ressaltou Olivia, toda animada.

Ryan chegou para buscar as malas e levá-las para o carro, e Caroline aproveitou os poucos minutos para se despedir de Rebecca e Michael.

— Tem certeza de que não quer ficar? — indagou Rebecca.

— É sempre bem-vinda aqui — reforçou Michael.

Ela mancou até o hall de entrada e abriu um sorriso ao observar Ryan guardar suas malas no

carro. Ir para Greenville não era apenas para dar aos recém-casados espaço para se acertarem. Ela queria viver com Ryan sua própria lua de mel. Logo ele voltaria para Londres, para terminar sua especialização e se concentrar em seu *vernissage*, e Caroline teria que voltar a se dedicar ao balé com muito mais afinco que antes, para compensar as semanas de ausência.

Ela e Ryan tiveram pouco tempo vivendo em romance, antes do mundo ter desabado na cabeça deles, então, queria aproveitar com Ryan cada minuto de paz, felicidade e amor, que poderiam dedicar um ao outro.

— Sei que sou, mas... — ela indicou com um gesto de cabeça Ryan que se aproximava, e deu um sorriso sonhador — precisamos nos dedicar a nós.

— A minha irmãzinha está crescida — Michael bagunçou um pouco os cabelos dela — Quando isso aconteceu?

Quando ela esteve a quilômetros de casa? Longe da família, de todos que amava e conhecia? Quando precisou cuidar de si mesma, sentindo-se, na maior parte do tempo, perdida e sozinha?

Mas Caroline não fez nenhuma dessas indagações. O passado ficaria para trás, tinha jurado a si mesma. Tudo o que viveu, ou foi obrigada a enfrentar, fazia parte do seu crescimento. E todas as coisas, no final, a levaram até Ryan.

— Podemos ir? — ele se aproximou dela, passando o braço em sua cintura.

Caroline assentiu e ambos fizeram uma breve despedida a todos.

— Tia Caroline! — ouviu a vozinha doce gritar por ela — Tia Caroline!

Olivia agarrou novamente a cintura dela, antes que Ryan a ajudasse a entrar no carro.

— Eu queria dizer que amo você — a

PERIGOSAS ACHERON

declaração foi feita de um jeito tão terno, que foi impossível para ela controlar as lágrimas que vertiam de seus olhos.

— Eu te amo mais, minha princesinha — ela se agachou e beijou o nariz da menina, dando-lhe um abraço bem forte e apertado — Eu te amo mais, meu amor.

E foi nesse momento que, o que ainda pudesse restar de mágoa no coração de Caroline, derreteu em seu peito feito gelo ao sol.

Enquanto Ryan manobrava o carro, Caroline observava a menina correr de volta para os pais. Uma pequena fadinha incorporada em uma criança sapeca.



O caminho foi regado a música e, vez ou outra, por disputas acaloradas entre o casal. Ryan queria ouvir rock in roll; Caroline, música clássica.

PERIGOSAS NACIONAIS

E ao fazerem uma parada em um restaurante de estrada, ela o arrastou até o banheiro mais próximo para acertarem um desentendimento musical, que Ryan já nem se lembrava mais, com beijos e carícias que os levaram a algo mais.

Chegaram à casa de campo ao anoitecer. O pouco que Ryan viu foi o suficiente para deixá-lo encantado com o lugar.

— Espere! — ele circulou o carro rapidamente, e antes que ela colocasse um dos pés para fora, a segurou em seu colo — Eu carrego você.

— Que rapaz galante — Caroline provocou, contagiando-o com sua risada.

Ryan a carregou para dentro, aguardou que ela abrisse a porta e só a soltou ao colocá-la no sofá, para poder voltar ao carro em busca das bagagens. Na volta, encontrou Caroline analisando a dispensa.

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos ter que ir ao mercadinho da vila amanhã, ou morreremos de fome — avisou ela.

— Ou podemos viver de amor — Caroline suspirou e Ryan a puxou, aconchegando-a em seus braços — Tudo bem, eu acho que vi um restaurante aconchegante quando passamos pela cidade, resolve pelo menos o jantar.

— Sei de qual está falando. Meus pais costumavam levar Michael e eu até lá — um novo suspiro escapou dos lábios dela — Tenho doces lembranças, dessa casa e tudo isso.

Se dependesse de Ryan, as doces lembranças dela seriam multiplicadas.

— Sabe, Ryan — ela enrolou a camiseta dele em seus dedos e o encarou com um olhar malicioso — Foi uma viagem bem cansativa. Alguns minutos relaxando na banheira não seria nada mal, seria?

Ele entendia muito bem a insinuação que Caroline lhe dava e sorriu, deliciado com essa nova

PERIGOSAS ACHERON

mulher que apresentava a ele. Sensual, curiosa e deliciosamente audaciosa em relação ao sexo.

— Eu acho... — ele se curvou sobre ela, pegando-a outra vez em seu colo — que é uma ideia perfeita.

Ryan sempre amou Caroline com seu coração, agora podia demonstrar esse sentimento com seu corpo e alma, e isso o fazia se sentir completo.

O restaurante era exatamente como Caroline se lembrava, aconchegante e romântico. Misturar as lembranças do passado com as que criava ao lado de Ryan fazia o coração dela suspirar.

— Aqui é tão bonito — ela pegou a taça de vinho, levando-a aos seus lábios risonhos.

Ryan buscou sua mão livre sobre a mesa e acariciou seus dedos com carinho.

— O que tenho à minha frente... — clichê ou
PERIGOSAS ACHERON

não, ele acreditava fielmente no que dizia — é muito mais bonito.

— Você é um galanteador, Ryan.

— Correção — disse ele, levando a mão dela aos seus lábios — Sou um homem apaixonado.

O jantar foi servido e eles conversaram dos encontros e desencontros que tiveram no passado.

— Eu ia dizer que te amava naquele dia — murmurou ele, brincando com os dedos dela sobre a mesa — Então eu vi vocês dois. Pareciam íntimos e apaixonados. Meu coração foi quebrado por você mais uma vez, Srt^a. Hunter.

— Eu nunca soube que estive na sorveteria aquele dia. Louis falava da Maya, e eu de você — explicou ela — E se a gente poderia um dia consolar um ao outro. Mas, naquele dia, só a dança me importava, já você, era meu sonho secreto.

— Sonhos sempre podem tornar-se realidade — disse ele — Quer saber com o que estou

PERIGOSAS NACIONAIS

sonhando agora?

Pelo olhar malicioso que Ryan lhe dava, Caroline tinha uma certa intuição.

— Com o quê? — cada partícula dela vibrava de antecipação.

— Uma cama... — ele acariciou o seu pulso — lençóis brancos. Você.

— E o que você está esperando para tornar esse sonho realidade?

Ryan não precisava de um convite, mas a declaração de Caroline foi um incentivo mais que suficiente. Mal conseguiram chegar até o carro antes de se agarrarem, e o máximo que conseguiram chegar foi na estrada que dava para a casa de campo.

A cama e os lençóis brancos?

Seriam usados, muitas e muitas vezes. Mas não naquele primeiro momento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 30

Caroline passou a ponta dos dedos nas letras que representavam os nomes dos seus pais esculpidas na árvore e encarou com pesar as que um dia foram as iniciais dos nomes de Rebecca e seu irmão Michael. Eles deveriam ter marcado o tronco quando estiveram ali, alguns anos atrás, tendo seu fim de semana romântico, onde provavelmente fizeram a pequena Olivia.

— Acha que a gente poderia... — ela olhou para baixo, procurando uma pedra ou alguma coisa pontuda — Marcar nossos nomes também?

Ryan a ajudou a achar algo que pudessem usar como estilete e começou a esculpir o desenho na árvore.

— Sabe, eu sempre achei a história dos meus pais a mais linda do mundo — confessou ela, observando as letras no tronco ganhar forma — E quando era menina, sonhava viver um amor igual. Amar e ser amada de forma tão grandiosa.

— Eu a amo de forma grandiosa — ele sorriu, tímido, e se afastou para que ela observasse de perto a finalização de seu trabalho.

Não era um coração, mas as asas de um anjo, onde os nomes deles estavam esculpidos, sustentando as asas que pareciam querer voar.

— Asas de anjo? — ela indagou, surpresa.

— Que nosso amor voe para onde nós estivermos.

Ryan a viu levar a mão à garganta, em um gesto denunciando o quanto ficara emocionada, e seus olhos umedecerem, comovidos. O coração batia forte no peito.

— Ah, Ryan, você é minha kryptonita —

PERIGOSAS NACIONAIS

Caroline pulou nos braços dele, radiantemente feliz — Mas ao contrário.

— Ao contrário? — ele sorriu, divertido.

— Porque você me deixa mais forte — ela esfregou o nariz em seu queixo — Amar você faz com que me sinta a pessoa mais forte do mundo.

Eles se beijaram, e por um longo momento, o mundo parecia só deles, feito para eles, como qualquer casal apaixonado acreditava. Apesar de não querer, mas precisar, Ryan deixou que Caroline se afastasse. Colheram algumas flores, que levaram para enfeitar o túmulo da mãe dela.

Ryan esperou todo tempo que ela pudesse precisar, viu suas lágrimas de saudade, ouviu suas declarações emotivas e foi seu apoio quando precisou de um. Ele amava Caroline por tudo o que observava e admirava nela. Era forte e ao mesmo tempo frágil. Passou por grandes tristezas na vida, mas ainda tinha o coração puro.

PERIGOSAS ACHERON

Ele queria protegê-la do mundo.



Caroline aproveitava os raios de sol de fim de tarde que aqueciam seu corpo e apreciava a brisa suave lambendo seu rosto, quando sentiu gotas geladas pingarem em seu braço.

— Ryan!

Deveria estar furiosa com ele por sacudir os cabelos molhados em cima dela, mas a luz do sol, batendo contra o corpo masculino, a pele que parecia brilhar feito ouro e os músculos bem definidos que completavam o conjunto a fizeram emudecer.

— Perdeu a voz, querida? — ele se ajoelhou diante dela e suas mãos desceram e subiram suavemente pelos braços de Caroline.

— É... hum... — sua garganta pareceu ficar ainda mais seca, quando os dedos de Ryan

correram pelo decote de seu biquíni — Acho que perdi.

— Talvez eu consiga fazer você perder mais alguma coisa — murmurou ele em tom claramente malicioso.

— Algo como o quê? — ela levou as mãos às costas, seus seios empinaram para frente e os olhos de Ryan saltaram sobre eles, famintos.

Ela puxou os dois fios que prendiam a peça em seu corpo e sentiu-se vitoriosa ao ouvir o gemido angustiado que Ryan emitia.

— Sua capacidade de respirar — disse ele, preenchendo as mãos com os seios dela — Porque a minha razão você já tirou de mim.

Ele trocou suas mãos pelos lábios, e entre carícias e lambidas que a faziam convulsionar nos lábios e toques de Ryan, Caroline viu-se perder o ar como Ryan havia prometido.

Tendo o lago, o céu, toda a natureza em

PERIGOSAS ACHERON

volta, eles se amaram, tornando-se um só mais uma vez.



Quem ama cuida. Caroline sempre acreditou nessa expressão. Por isso foi tão difícil para ela ficar por tanto tempo longe de casa e da sua família. Mas Ryan sempre estivera por perto, sendo seu apoio e suporte, mesmo quando ela não percebia isso.

E nesses dias, seus cuidados com ela pareciam estar mais aflorados e intensificados que nunca. Não que ela estivesse reclamando. Apreciava ser amada e bem-cuidado por ele.

— Tem certeza que quer ir? — indagou Ryan.

Caroline alisou a crina do cavalo mais uma vez, antes de olhar para ele.

— Meu pai me ensinou a cavalgar desde

menininha — insistiu ela — Acho que aprendi a cavalgar antes mesmo de saber como se anda.

— Eu não sei... — ele sentia-se receoso.

Afastando-se da égua dócil que havia escolhido para cavalgarem, Caroline se aproximou dele, segurando o rosto aflito com as duas mãos.

— Você tem que jurar que será cuidadosa — insistiu Ryan, contrariamente sendo vencido por ela.

Caroline não tinha ideia do poder que tinha sobre ele.

— Meu pé machucado não será problema — disse ela, voltando para frente de seu cavalo — É só me ajudar a subir.

Depois de acomodá-la e verificar se estava tudo bem, Ryan montou em seu garanhão preto, soltando um palavrão ao ver Caroline galopar em direção ao campo aberto.

— Você tem que viver, Ryan! — ela virou

para trás, exibindo um sorriso radiante na direção dele — Yah! Yah!

Embora o coração dele pulasse no peito, a cada salto que ela dava, ao passar por obstáculos no caminho, era quase que impossível não se deixar contagiar com a alegria e a vitalidade que via nela.



Ryan olhou para a mesa no centro da sala, conferindo mais uma vez se tudo estava lá e em seus devidos lugares. O prato com o queijo fatiado, as torradas, a marca de geleia de uva que Caroline amava, pãezinhos crocantes que ele havia acabado de tirar do forno, cookies com gotas de chocolate, uma taça com morangos suculentos, chantili e uma garrafa de vinho.

Enquanto ele atiçava o fogo na lareira, Caroline estava no andar de cima, ao que ele imagina, ainda aproveitando a banheira, quando ele

apenas tomara uma ducha rápida, depois de eles voltarem de um romântico passeio durante toda aquela tarde, conhecendo uma pitoresca cidade vizinha.

Pela primeira vez em muito tempo, Ryan se sentia feliz e com a alma leve. Sem segredos, sem culpa, sem arrependimentos. Apenas tendo dias maravilhosos com a garota que fazia seu coração se apaixonar a cada dia. Ele sempre acreditou que Caroline seria alguém permanente em sua vida. Depois que assumiu, pelo menos para si mesmo, que a amava, sabia que, mesmo se nunca ficassem juntos, nunca amaria outra mulher como a amava.

Suas almas e corpos estavam sincronizados, como se tivessem sido esculpidos no mesmo molde. E se completavam como duas peças se encaixando perfeitamente. E essa certeza, de que eram feitos um para o outro, de que estava em sua pele como ela estava na dele, que o fez percebê-la

na escada, sem ter que precisar virar para trás. Mas ele o fez, pois apenas alguns minutos longe dela pareciam longos demais.

E quando a viu parada no último degrau, tão linda em uma camisola preta e sexy, cada centímetro em seu corpo reagiu à visão estonteante.

— Era isso que você estava aprontando? — sussurrou ela, caminhando até ele em passos lentos e sensuais. Não era intencional. Seu porte de bailarina dava essa graciosidade a mais a Caroline, e Ryan se encantava.

— As noites aqui são mais frias — disse ele, ao segurar os braços dela e puxá-la para si — Pensei que pudéssemos passar algumas horas em frente à lareira.

— Eu moro em Paris, a cidade do amor — disse ela, se aconchegando mais a ele — Mas nada poderia ser mais romântico que isso.

— Competir com Paris não é uma tarefa

PERIGOSAS ACHERON

muito fácil — ele fez uma careta e mordeu o lábio inferior para controlar um sorriso malicioso — Mas vou tentar chegar à altura essa noite.

— Bom, você já tem uma grande vantagem sobre Paris — disse ela, enquanto Ryan a fazia balançar em seus braços.

— Ah, é?

— Você — Caroline sussurrou, ficando nas pontas dos pés para tocar os lábios deles nos seus.

Beijos regados a muitos sussurros e declarações de amor. Ryan a conduziu para as almofadas distribuídas no tapete felpudo e os serviu de vinho e morangos. Eles degustaram da fruta enquanto bebiam e brincavam com o chantili. Até as provocações se tornarem mais sérias.

Ele deitou Caroline no chão, afastou a alça fina de sua camisola para baixo de seus ombros, expondo um dos seus seios. Usou a fruta para lambuzar o bico dos seios com o creme adocicado,

levou o morango aos lábios dela e o mamilo enrijecido à sua boca. Enquanto Caroline se dividia entre degustar a fruta e gemidos causados pelo prazer que Ryan lhe dava, ele repetia o processo em seu outro seio.

Em poucos minutos, estavam ambos nus. Os morangos, o chantili, as carícias que trocavam entre si, levavam seus corpos à erupção. Ryan encaixou as pernas de Caroline em volta dele, buscou os seus lábios com fome e a beijou apaixonadamente, e quando finalmente deslizou para dentro dela, seus olhares estavam conectados.

— Eu te amo — sussurrava, entrando e saindo de dentro dela.

Paris era a cidade do amor, ou dos apaixonados, mas o que eles viviam ali era muito mais além disso. Era todo um universo sendo construído.

— Ryan! — Caroline gemeu, tombando a

PERIGOSAS ACHERON

cabeça para trás quando os espasmos de prazer ganhavam força dentro dela — Ryan...

Ela o fazia se sentir como se voasse muito alto, depois desabasse em queda livre. O prazer animalesco o fez se despejar dentro dela.

Caroline era o seu mundo.



Se um dos pés de Caroline não estivesse machucado, com toda certeza ela estaria dançando e fazendo piruetas pela cozinha, enquanto preparava o café da manhã surpresa para Ryan. Ela queria retribuir todo o carinho e os mimos que ele fazia com ela.

Foram dias maravilhosos, pensou. Não! Maravilhoso não era bom o suficiente para expressar como tinham sido especiais os dias que passara em Greenville com Ryan. Eles andaram a cavalo, explorando os arredores, nadaram nus no

lago e fizeram amor dentro dele. O que a levou até o hospital local para trocar a imobilização, mas os dois não se importaram.

Dormiram na campina olhando as estrelas. Tomaram vinho, fizeram amor em frente à lareira e dançaram agarradinhos em frente a ela. Essas foram apenas algumas das coisas especiais que fizeram. E hoje, seria um dos últimos momentos juntos e de privacidade na casa, antes de a pequena Olivia chegar para passar o fim de semana com eles. Na semana seguinte, os dois teriam de abandonar esse ninho de amor carregado de romantismo e voltar à dura realidade de suas vidas. Caroline ao balé e Ryan à faculdade.

— Está um cheiro bom — disse Ryan, fazendo Caroline saltar em frente ao fogão.

— Ai! — ela levou o dedo, que havia queimado na frigideira, à boca — Merda!

— Desculpe — ele a encarou com

PERIGOSAS ACHERON

preocupação, pegando a mão dela — Deixe-me ver isso.

Ele passou os dedos delicadamente onde a vermelhidão começava a se formar e levou a mão de Caroline para baixo da torneira.

— Sinto muito, amor — suas desculpas eram angustiantemente sinceras — Não quis assustar você.

Apesar de a queimadura ser um pouco incômoda, Caroline sorriu. Ela amava quando Ryan se referia a ela assim, meu amor.

— Tudo bem — ela retirou a mão de baixo da água e o beijou rapidamente nos lábios — Eu estava muito distraída. Não foi sua culpa.

— Distraída com o quê? — Ryan ocupou a cadeira que foi indicada a ele — Eu posso saber?

Antes de responder, ou para evitar responder, Caroline desligou o fogão, depois pegou a panela na frigideira e levou a pilha que vinha

PERIGOSAS ACHERON

fazendo a um prato em cima da mesa.

Os pensamentos dela estiveram na noite maravilhosa que tiveram fazendo amor no tapete, e que se estendeu ao quarto quando Ryan a acordou na madrugada, ao levá-la para a cama.

— Nada de importante — o sorriso indolente dizia o oposto.

Mas Ryan a conhecia bem e, principalmente, conhecia o olhar travesso que ela lhe dava.

— Caroline... — ele agarrou a barra da camisa dele, que ela usava.

— Estava pensando em ontem à noite — confessou ela, o que fez Ryan sentá-la em seu colo — E nas outras noites também e...

Foi impedida de continuar quando Ryan a puxou para um beijo cheio de paixão. Os lábios dele brincavam com os dela, enquanto os dedos faziam carícias atordoantes em sua nuca. Caroline soltou um gemido abafado e Ryan pressionou o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

corpo mais contra o dela, mostrando o quanto sentia-se excitado.

Não demorou muito para que o café da manhã fosse esquecido à mesa e eles alimentassem seus corpos com algo bem diferente de comida. Porque, juntos, eram como fogos de artifício explodindo no céu.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 31

Como Caroline havia prometido a Olivia, elas visitaram o celeiro, alimentaram os animais, atiraram pedrinhas no lago, disputando quem conseguiria ir mais longe, e no momento, a menina tentava convencer Ryan a arriscar alguns passos de balé com ela.

— Mas meninos também dançam — disse Olivia, que parecia cada dia mais aprimorar seu olhar de cachorrinho pidão — A tia Carol me disse.

— Meninos dançam — rindo e pulando para longe delas, Ryan tentava escapar do agarre das duas — Mas esse menino aqui, simplesmente tem dois pés esquerdos.

E ele foi salvo de mais um ataque das duas,

PERIGOSAS ACHERON

quando seu telefone começou a tocar.

— Oi, Brianna — as duas começaram a confabular um novo plano de como convencer Ryan, quando Caroline viu o sorriso dele apagar — Como isso?

— Olha, meu amor — Caroline ajoelhou ao lado dela e apertou o queixo dela com carinho — Por que não colhe um pouco daquelas flores ali, perto do lago, para a gente enfeitar a mesa do jantar?

Como Ryan continuava ao telefone, Olivia percebeu que o balé teria que ficar para depois, as flores iriam mantê-la distraída por um tempo.

— O que aconteceu? — ela questionou assim que ele tirou o aparelho do ouvido — Ryan?

Ele olhou na direção onde Olivia saltitava, brincando com as flores que estava colhendo, depois olhou apreensivo para Caroline.

— Era a Brianna — murmurou ele, buscando

PERIGOSAS ACHERON

as mãos dela — Stacy sofreu um acidente de carro.

Caroline o encarou, confusa. A última notícia que tivera da ruiva ardilosa, era que havia conhecido um homem rico e que terminara o noivado com Michael para ficar com ele. O acidente de Stacy era lamentável, mas Ryan mal a conhecera, e o que isso poderia afetar a vida de algum deles?

— Eu não...

— Você sabe que a Rebecca só casou com o Michael porque ela queria se vingar, certo?

Ela assentiu. Isso por pouco não havia custado o amor dos dois e a chance de serem uma família.

— Não foi apenas do Michael que ela quis se vingar — disse Ryan — Mas principalmente de Roger e Stacy.

Então ele contou como Rebecca havia enganado Roger, armando para que ele devesse

PERIGOSAS ACHERON

muito dinheiro a um importante rei do crime, e com isso ter que passar a fugir e se esconder em buracos imundos. E que o marido rico que Stacy acreditou ter laçado não se passava de Alex, fingindo ser um conde.

— A Rebecca sequestrou a Stacy e a manteve como refém? — se não fosse o próprio Ryan a narrar toda história, ela jamais teria acreditado em algo como isso.

— Stacy foi para a Inglaterra porque quis — disse Ryan, mas logo percebeu que sua tentativa de justificar as ações de Rebecca era fraca — Mas, sim, foi mantida no palacete de Alex, contra a vontade dela.

— Esse Alex foi o mesmo que fez meu pai vender a Hunter para Rebecca?

— Carol, você sabe que a Rebecca...

— Sim, devolveria tudo, como devolveu essa casa, mas, Ryan — ela suspirou, esfregando o rosto

com as duas mãos — É errado. E como está a Stacy?

— Pelo que Brianna disse, foi muito grave. Rebecca e seu irmão foram para lá — disse ele — Brianna quis saber se podemos ficar com Olivia até eles conseguirem resolver as coisas.

Os dois olharam para a pequena inocente, entretida com o seu buquê de flores. Ela aceitou o abraço de Ryan e fez uma pequena prece para que ações e desejo de vingança que Rebecca tivera não viessem a fazer Olivia sofrer.



Caroline parecia estar olhando as chamas trepidarem na fogueira e a dança bonita que elas faziam, mas seus pensamentos estavam muito longe, Ryan sentia isso.

— No que você está pensando? — indagou ele, passando sobre os ombros deles a manta que

havia pegado no cesto.

— Stacy, Rebecca, Michael... — murmurou ela, aconchegando-se mais no peito dele — Olivia... nós.

Tudo o que ela sabia através de Brianna era que o acidente de Stacy tinha sido mais grave do que imaginavam. Que ela lutava para se manter viva e que se conseguisse teria metade do corpo desfigurado. Stacy nunca fora uma boa pessoa para ela. Nunca a tratou como amiga ou cordialidade, mas nunca teria desejado esse fim para ela.

— As coisas vão se acertar — Ryan esfregou o braço dela, não porque ela estivesse com frio, mas para confortá-la — Você vai ver.

Uma das coisas que Caroline mais admirava em Ryan era que tinha uma fé que às vezes lhe faltava, além da sua capacidade de esperar o melhor de tudo, enquanto ela tinha uma angustiante sensação de que tudo estava prestes a mudar mais

uma vez. Mas ela não queria estragar a primeira noite que estavam tendo sozinhos com pensamentos negativos.

Com a babá de Olivia, que havia chegado no dia seguinte à ligação de Brianna, e a própria um dia depois, eles revezavam para manter a garotinha entretida ao ponto que não perguntasse ou sentisse tanta falta dos pais.

— Você tem razão — ela sorriu, afastando todos os pensamentos ruins da cabeça — Tudo ficará bem.

Com ele, sentia que poderia enfrentar todos os dragões que pudessem surgir. Sua Kryptonita ao contrário.



Eles despertaram quando as sombras da árvore já não os protegiam do sol.

— Eu queria que todos os dias fossem assim

— murmurou ele dando um beijo nela, que tentou se esquivar, advertindo que deveria estar com hálito matinal, o que não importaria a Ryan, mesmo se ela estivesse — Acordar com você, não importando onde estivermos.

Nas próximas semanas seria impossível, já que Caroline teria que se preparar com afinco para retornar ao balé e a companhia tinha uma temporada de espetáculos agendadas em Londres, mas após isso, Ryan teria que ficar entre Paris e Londres, pois apesar de sua especialização estar chegando ao fim, ele ainda teria um vernissage importante para organizar.

— Daremos um jeito — afirmou ela enquanto arrumavam as coisas — Ter dois países entre a gente nunca foi impedimento para nós.

Só que a saudade seria massacrante, pensou Ryan. Mas o importante não era apenas que estivessem juntos, eles queriam ficar juntos, isso

PERIGOSAS ACHERON

sim era o que importava.

— Eu levo as coisas para dentro — disse ele, quando se aproximaram da casa — Você poder votar a descansar.

— Vou tomar um banho e desço para ajudar a fazer o café da manhã — disse, jogando um beijo para ele quando chegou à escada.

Sozinha e debaixo do chuveiro, Caroline voltou aos pensamentos que a atormentavam. Stacy e como o que acontecera a ela poderia afetar todos eles. Talvez Brianna tivesse alguma informação nova que pudesse acalmar o coração dela. Então, após se arrumar, dirigiu-se ao quarto dela.

A porta estava entreaberta quando se aproximou. Brianna falava ao telefone. Começou a se afastar, mas ao ouvir o nome de Rebecca, retornou.

Brianna contava sobre Olivia e o medo da menina que os pais tivessem ido embora,
PERIGOSAS ACHERON

abandonando-a. Também falaram sobre o tal Alex, que parecia chateado com Rebecca por ter sido envolvido em seu plano macabro de vingança. Bom, ele não era criança e fizera as escolhas dele, pensou Caroline. Não havia inocentes nessa história, além de Olivia.

— E quanto ao resto? Fico feliz que Michael esteja aí com você, ainda mais sabendo de tudo — Caroline escutou, e já estava prestes a se afastar novamente, sentindo-se inconveniente por ouvir uma conversa alheia, quando o que ouviu a seguir a manteve parada no vão da porta. — Contou realmente tudo? Até mesmo sobre a ligação que Caroline fez à sua mãe, quando fomos embora? Disse a ele que apagou a ligação para que ela não ficasse com a gente?

Primeiro, ela tentou assimilar o que Brianna dizia com o passado. E quando a revelação a levou de volta àquele dia, o dia que esteve desesperada,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentindo-se mais perdida e sozinha, precisando do apoio e do amor de Laura, Caroline precisou se escorar contra a porta para não cair.

Laura não tinha ignorado a ligação, evitando uma complicação como ela em sua vida, como pensou naqueles anos todos; Rebecca tinha roubado isso dela. Apagando o recado que deixara como se não importasse nada.

— Oh, merda! — Brianna esbravejou quando o rangido na porta a fez virar para trás — Droga! Droga!

Caroline já não ouvia mais nada. A necessidade que tinha de se afastar dali a deixava cega. Com as lágrimas correndo livremente pelo rosto, desceu correndo a escada.

Quando aquilo iria acabar? Quando revelações e decepções como essas parariam de feri-la? Quanta dor seu coração já ferido seria capaz de suportar?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 32

Ryan não era um grande Chef na cozinha, mas quando se mora em uma casa onde havia criança, saber pelo menos colocar leite e cereal em um prato era fundamental.

— E quando a mamãe e o papai vão voltar? — indagou Olivia, antes de levar uma colher recheada de cereal à boca.

Ele tinha sido surpreendido pela mesma pergunta, alguns minutos depois de ter entrado na cozinha para limpar e guardar os utensílios que haviam utilizado na noite anterior.

— Eu acho que em breve — Ryan bagunçou os cabelos dela, fazendo-a rir.

— Estou com saudade dela — Olivia largou o café da manhã de lado e se pendurou na mesa para observar Ryan melhor — E estou faltando na escola.

Haviam decidido, no dia anterior, que retornariam a Uptown. Dar a Olivia rotina e normalidade a faria sentir-se mais segura em relação a ausência dos pais.

— Bem...

— Desculpe, Sr. Summer — Ariel cruzou o arco da porta, descompassada — Eu não a ouvi sair da cama.

— Você estava dormindo e roncando — Olivia delatou a babá, que levou a mão ao rosto vermelho, causado pela sinceridade sem filtro da criança — E eu estava com fome, por isso desci. Mas o Ryan já me deu café da manhã.

Ele piscou o olho para a babá e fez um sinal de

PERIGOSAS ACHERON

que estava tudo bem. Quando toda família morava em Londres, ele tivera muito momentos assim com Olivia. E ele sentia saudade de ocasiões como essa.

Ryan estava prestes a comunicar Olivia que eles voltariam a Uptown e ela à escola, quando uma agitação vinda da sala chamou sua atenção.

— Caroline! — ele viu a porta da saída sendo batida e Brianna descer as escadas correndo — Espera, por favor!

— Brianna? — a alcançou no mesmo momento que ela atingiu a porta — O que está acontecendo?

Ele nunca vira sua irmã tão transtornada. Brianna sempre se mostrou equilibrada e sensata. Pensava antes de agir, e apesar de sempre optar pela franqueza, tinha cuidado em falar com as pessoas. Não costumava se exaltar por pouca coisa.

— Ah, Ryan — ela cobriu o rosto com as mãos, mas um soluço escapou de seus lábios — Eu fiz
PERIGOSAS ACHERON

uma grande besteira.

Ryan segurou os seus pulsos e afastou suas mãos do rosto angustiado e banhado de lágrimas.

— O que aconteceu?

— Você tem que ir atrás da Caroline — soluçou Brianna, empurrando-o em direção à porta — Vá atrás dela, Ryan.

Ele tinha inúmeras perguntas para fazer, mas o mais importante era encontrar Caroline e saber o que houve entre as duas para fazê-la sair de casa tão transtornada, deixando Brianna se sentindo abalada e culpada.

E Ryan a avistou sair do estábulo montada na mesma égua que cavalgou alguns dias atrás. Gritou por ela, mas estava longe demais, ou Caroline atordoada demais para ouvi-lo.

— Eu preciso de um cavalo — disse ao senhor que cuidava da manutenção da propriedade —
PERIGOSAS ACHERON

Urgente, por favor.

A cada minuto que se passava e o senhor levava para tirar o cavalo da coxia e selar para ele, Ryan ficava mais apreensivo. Caroline era uma excelente amazona, mas não estava emocionalmente bem.

— Eu disse que ela não deveria sair assim — disse o senhor ao entregar as rédeas a Ryan — Os jovens nunca escutam.

E Ryan sabia o quanto teimosa Caroline podia ser.

— Gary, avise a Brianna que fui atrás da Carol.

— Sim, senhor.

Ryan esporeou o cavalo e saiu galopando com urgência. Tentou seguir os rastros que Caroline deixava pelo caminho, mas na maior parte do tempo foi guiado por seus instintos. Procurou ao redor do lago, e as pegadas recentes na areia molhada indicavam que ela havia passado por ali.

Averiguou na campina e na árvore que carregava um pouco da história de cada um deles, mas foi trilha de matos e flores amassadas que deu a ele a direção para onde ela havia seguido.

Ele a avistou cruzando o atalho que levava a estrada. Impulsionou o cavalo para que galopasse mais depressa, chamando por ela a cada metro que avançava. Havia uma inquietação comprimindo o seu coração que não conseguia explicar. Algo estava errado e ele não gostava nada do que sentia.

— Caroline!

Precisava que ela parasse, que o deixasse chegar mais perto. Que ele...

Tudo mudou em uma fração de segundos. O rápido olhar que ela deu para trás em direção a ele. O tronco de árvore caído na direção que ela cavalgava velozmente, o salto mal calculado e as patas traseiras do cavalo enroscando na raiz da

árvore, parando-o abruptamente, levando Caroline a ser arremessada no ar, rolando alguns metros à frente.

Ryan observou tudo isso, cada detalhe como se os visse em câmera lenta. Ele não deve ter levado mais do que meio minuto para se livrar do seu choque e disparar até Caroline, mas ele sentia como se, naqueles torturantes minutos, tivesse passado uma eternidade.

— Carol! — ele saltou do cavalo a pouco metros dela, encurtando o restante da distância correndo — Caroline?

Ajoelhando-se ao lado dela, Ryan tocou sua face com cuidado. Desespero e pavor turvavam seus olhos, mas ele os comprimiu com força para controlar as lágrimas.

— Caroline — suas mãos tremiam quando tocou delicadamente o pescoço dela, o alívio de saber que

a vida ainda pulsava dentro dela não diminuía a gravidade do que ele via — Meu amor, por favor...

Ele sabia que precisava manter a calma, mas a dor e a angústia ganhando força em seu coração o levavam a perder a racionalidade.

— Meu amor, fala comigo — viu suas lágrimas tocarem o rosto dela, embora tentasse muito contê-las, já não era algo que conseguia — Carol... fala comigo, meu amor.

Ryan nunca se sentiu tão impotente na vida. Nunca teve tanto medo. O desespero que um dia tivera por medo de perdê-la, causado por tantos anos de segredos e mentiras, não se equiparava a isso.

— Você vai ficar bem — murmurou ele, passando os dedos trêmulos e gelados sobre a face dela — Vai ficar tudo bem.

Ele precisava de todo seu autocontrole e tomar

PERIGOSAS ACHERON

as medidas para que Caroline recebesse socorro. Ryan tateou os bolsos da calça em busca do celular e urrou desesperado para o céu quando se recordou que o havia deixado na mesa da cozinha.

Levou as mãos à cabeça, tentando pensar com clareza. Sabia que não podia movimentar Caroline até os paramédicos chegarem, mas eles estavam no meio do nada, e ao menos que alguma alma bondosa surgisse na estrada deserta, não teria qualquer tipo de ajuda.

Ryan tinha que retornar. Pensar em abandoná-la sozinha, mesmo que para conseguir socorro a ela, estilhaçava o coração dele.

— Eu tenho que ir — ele se curvou, colando sua testa na dela, afagando carinhosamente seus cabelos — Eu preciso buscar ajuda.

Essa era uma decisão que precisava ser tomada, mas não era fácil de se seguir. Ele temia que algo

pudesse acontecer a ela no momento que se distanciasse, mas Ryan também tinha consciência que poderia estar correndo contra o tempo para salvar a vida de Caroline.

— Eu tenho que ir... — repetiu mais uma vez, antes de dolorosamente começar a se afastar dela — Preciso buscar ajuda.

Era como se repetir isso pudesse impulsioná-lo. Ele fechou os olhos e caminhou às cegas até seu cavalo, se olhasse para trás, não conseguiria continuar.

Cavalgou como se disso dependesse a sua vida, e realmente dependia. Sem Caroline, sua vida seria dolorosamente vazia, apenas ossos e pele, já que seu coração estaria sempre com ela.

— Aguenta firme, meu amor — repetia isso e esperava que sua oração chegasse até ela.

Foi com alívio e um pouco de esperança

PERIGOSAS ACHERON

renovada que ele avistou movimento próximo ao lago.

— Gary! — o senhor galopou até ele, após avistá-lo também — Preciso de ajuda, Caroline caiu do cavalo, preciso da ambulância... um telefone... eu tive que deixá-la, não queria, mas eu tive que...

— Se acalme, menino — disse o senhor, tateando os bolsos — Odeio isso, mas minha mulher me faz carregar para todos os lados. Diz que um dia posso precisar, e ela tinha razão.

Gary estendeu o aparelho a Ryan, era um modelo antigo, mas desde que servisse para o propósito que precisavam, socorrer Caroline, não importava a ele. Após ligar para a emergência e relatar o ocorrido e onde estavam, ele retornou.

Foram os minutos mais aterrorizantes de sua vida. Nunca quis sair de perto dela, mas sabia que

se não houvesse agido assim, a teria perdido para sempre.

— Avise a Brianna o que aconteceu — Ryan orientou o senhor, segundos antes de entrar na ambulância.

Apesar de estarem no hospital e Caroline receber os devidos cuidados, a angústia no coração de Ryan não diminuiu. O coração falhava no peito a cada vez que via uma enfermeira ou um médico passar no corredor. E rezar fervorosamente para que sua amada sobrevivesse e ficasse bem, já não tinha a mesma força de quando ela foi resgatada.

Ele sentia que desmoronava um pouco mais a cada batida do relógio.

— Ryan! — ele estava encolhido contra uma parede, quando ouviu Brianna chamar por ele — Como ela está?

Os olhos angustiados deles responderam mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

do que suas palavras poderiam dizer. Ele se viu amparado no abraço de Brianna, permitindo-se mostrar a fragilidade que realmente sentia.

— Vocês são parentes da Srta. Hunter?

Um médico se aproximou alguns minutos depois.

— Sou o namorado dela — respondeu ele — E Brianna é minha irmã.

Não era tempo ou momento para explicar como sua família era complicada, mas, ainda assim, uma família era formada.

— Como a Carol está? — Ryan fincou os dedos nas palmas das mãos ao emitir a pergunta.

Parecia-lhe que seu coração estava parado no peito, aguardando a resposta.

— Teve os primeiros atendimentos, foi medicada e dentro de algumas horas deverá acordar

PERIGOSAS ACHERON

— disse o médico, fazendo Ryan respirar aliviado novamente, ele acreditava que era a primeira vez desde que a viu cair do cavalo — Teve um corte na cabeça, mas não há sinais de uma concussão. Mas ela apresenta uma lesão na medula. Vamos precisar realizar mais alguns exames para identificar a gravidade. Por enquanto, podem vê-la por alguns minutos, se desejarem.

— Eu gostaria muito — afirmou Ryan, e junto a Brianna, seguiram até o quarto que uma enfermeira indicava.

Ryan estacou na porta assim que a avistou na cama. Os arranhões e hematomas que começavam a surgir não foram o que o fez sentir como se tivesse levado um soco poderoso no estômago, mas sim constatar como ela parecia frágil e o quanto ele estivera perto de perdê-la.

— Tudo bem, Ryan — Brianna sussurrou,

tocando suavemente o ombro dele — Carol ficará bem.

Ele passou as mãos apressadamente no rosto, secando as lágrimas. Sorriu agradecido a Brianna, antes de caminhar até o leito de Caroline.

— Senti tanto medo — sussurrou baixinho, quando levou a mão dela aos seus lábios — Não posso perder você.

Passou a mão dela em sua face enquanto declarava o quanto a amava e era importante para ele.

— Eu preciso avisar o Max — disse Brianna, se colocando ao lado dele — Eu devo fazer isso, não é?

Ele apenas assentiu com um movimento de cabeça. Ryan não sabia o quanto a notícia do acidente poderia afetar Max na clínica e sua recuperação. Mas ele era o pai dela, e Caroline já

PERIGOSAS NACIONAIS

passou por muitos momentos difíceis na vida sem a presença do pai e do irmão.

— Ao papai e a mamãe também — disse ele — E o Michael e a Rebecca.

Brianna olhou rapidamente para o relógio em seu pulso.

— Bom, já é meio tarde lá — alertou ela — Mas avisarei aos demais.

Ryan sentia alívio que Brianna estivesse ao lado dele e pudesse cuidar de detalhes como aquele. Ela era sensata e sabia agir com tranquilidade em momentos tensos como aquele. Ele não seria mais capaz de pensar racionalmente e nem tomar decisões até que os olhos de Caroline se abrissem e ouvisse dos próprios lábios dela que tudo ficaria bem. Ainda carregava dentro de si a amargura de ter precisado deixá-la sozinha e ferida para que pudesse buscar o socorro a ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vou mais sair de perto de você —
prometeu ele, beijando seus lábios delicadamente.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 33

Alguém segurava sua mão e acariciava o nó de seus dedos. Pessoas sussurravam baixinho próximo a ela. A boca estava seca. Queria abrir os olhos, mas eles pareciam pesados. Isso foi tudo o que Caroline notou ao despertar.

— Ryan? — ele foi a primeira pessoa que ela viu, e era ele que segurava sua mão, afagando-a com carinho.

— Oi, meu amor — ele se curvou sobre ela com um sorriso e o dorso de sua mão fez uma carícia nas bochechas dela — Eu estou aqui.

Ela piscou os olhos e tentou olhar em volta do quarto. Viu Laura e Nicholas próximos à porta,

sorrindo calidamente para ela. Ao lado esquerdo deles estava Max, sentado em uma cadeira, as mãos cruzadas, sustentando o queixo. Ele tinha lágrimas nos olhos ao fitá-la. Brianna estava ao lado de Max, a mão apoiada no ombro dele, com um ar angustiado.

— O que aconteceu? — ela virou o rosto em direção a Ryan.

— Você caiu do cavalo — disse ele, seu polegar deslizando pelo rosto dela — Está no hospital.

Poderia ser efeito dos remédios que deram a ela, ou ainda estivesse despertando, o que explicava sua mente confusa. Ela gemeu ao tentar se movimentar. A cabeça doía e o corpo parecia ter sido atropelado por um caminhão.

— Há quanto tempo estou aqui?

— Desde ontem — respondeu Ryan.

Tanto tempo, pensou ela. Forçou sua mente o

PERIGOSAS ACHERON

máximo que conseguia para refazer seus últimos momentos de consciência. Lembrou da sua noite perfeita com Ryan em frente ao lago. O retorno para casa na manhã seguinte. Ela tinha ido para o quarto tomar um banho e...

De repente, foi como se sua mente fosse atacada por um bando de pássaros. Cada palavra que se recordava era como duras picadas em sua cabeça.

Rebecca, seu pedido de ajuda que nunca chegara a Laura e Nicholas. A dor e decepção de ter descoberto aquilo.

— A minha cabeça — Caroline levou uma mão até ela e apoiou a outra no colchão para tentar levantar.

E enquanto Ryan dizia para que voltasse a se deitar, afirmando que se mantivesse calma, e os demais sussurravam entre si baixinho, Caroline se deu conta de algo que a deixou paralisada de pavor.

Tinha algo errado. Tinha algo muito errado acontecendo com ela.

— Ryan? — chamou baixinho por ele, enquanto pressionava as pernas com as mãos — Ryan!

O grito dolorido que emitiu alarmou Ryan, como fez com que todos a olhassem com preocupação.

— Filha?

Ela sentiu a mão de Max acariciar seus cabelos. Mas as lágrimas grossas, quentes, pesadas e carregadas de dor e desespero a impediam de vê-lo.

— As minhas pernas... — as palavras saíam atropeladas pelos soluços que emitia — As minhas pernas, pai. Por que eu não sinto as minhas pernas, papai?

O mundo era um verdadeiro caos em volta dela, e Caroline só queria tentar entender o que estava acontecendo. Ouvia as palavras desconectas à sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

volta. Mãos e dedos a tocando. Ouviu uma porta ser fechada. Alguém lhe fazia perguntas, e ela só conseguia se questionar: Por quê?

Por que isso estava acontecendo?

Por que suas pernas não se moviam quando tentava mexê-las?

Por que isso estava acontecendo com ela?

O que havia de errado?

Por que Deus estava permitindo que isso acontecesse?

O que ela havia feito de errado?

Iria andar outra vez?

Iria dançar?

Por quê? Por quê? Por quê?

E conforme a lista de questionamentos em sua cabeça ia aumentando, sentimentos obscuros começavam a nascer em seu coração e ganhar uma

PERIGOSAS ACHERON

proporção assustadora.

Dor. Tristeza. Negação. Raiva. Desespero. A desoladora certeza que viver perderia todo o sentido. Tristeza. Raiva. Dor. Negação.

As lágrimas e o grito entalado em sua garganta pareciam sufocá-la.

Não. Não. Não. Por que isso havia acontecido? Por que com ela? Já não tinha chorado todas as lágrimas que uma pessoa poderia ter? Já não sofrera o bastante?

Havia sido uma boa garota. Tentara entender Max e Michael por tê-la abandonado por tanto tempo, ambos tiveram suas razões e tinham sofrido também. Ela colocou o amor que sentia por Ryan acima da mágoa e da decepção que havia causado nela, porque o amor era tudo que importava no mundo. E perdoara Rebecca por ter mantido Olivia afastada dela e de toda a sua família. Desejara

recomeçar. Virar a página.

Por que o único momento de fraqueza, a qual a dor de saber ter sido repelida mais uma vez, havia se voltado contra ela?

Tinha seus defeitos como todo mundo, mas não era uma pessoa má como Stacy ou Roger. Então, por quê? Por que estava sendo castigada dessa maneira?

— Caroline, eu sou o Dr. Lynn — a voz estava próxima demais do seu ouvido, mas ela era incapaz de abrir os olhos — Vamos levar você para alguns exames, tudo bem?

Ela não respondeu, nem mesmo fez um sinal com a cabeça ou com as mãos. Talvez não tivesse apenas perdido o movimento das pernas. Dar-se conta disso também poderia ter arrancado a sua voz.

— Vai ficar tudo bem, minha filha — Max

PERIGOSAS ACHERON

sussurrou no ouvido oposto ao que o médico havia falado com ela.

Sentiu, além do toque carinhoso de Max ainda seus cabelos, a mão de Ryan segurando firmemente a dela.

— Estou aqui com você, amor.

Por quanto tempo? A pergunta veio como uma flecha afiada atingindo o seu coração. E Caroline nem mesmo sabia se conseguiria ficar consigo mesma. Alguma coisa estava mudando, e era sombrio demais para que ela conseguisse suportar.



Assim que o médico e a enfermeira deixaram o quarto com Caroline, levando com eles seu maior motivo de acordar e dormir sorrindo, Ryan desabou no chão. Ele cobriu o rosto com as mãos e curvou-se em si mesmo.... e chorou.

Ver a mulher que amava tendo que enfrentar algo tão difícil o fazia se sentir impotente. Ele trocaria mil vezes de lugar com Caroline. Ele daria a sua vida por ela sem precisar pensar uma única vez. O coração dela estava despedaçado, mas o de Ryan não estava diferente.

— Ei, Ryan, você precisa ser forte — a mão pressionando seu ombro e a voz que se dirigia a ele era de Max — Nossa menina vai precisar.

Ele ergueu o olhar para Max. Havia dor, mas também parecia existir uma força interna que ele sabia que iriam precisar, que Caroline iria precisar. Foi essa força de Max que fez Ryan se erguer do chão. Ele não podia arrancar do coração toda a dor e desalento que ela estava sentindo, mas ele podia ser o apoio que ela precisava. Ele tinha que ser forte.

— É culpa minha — Brianna sussurrou, logo em

seguida seu corpo foi sacudido por um pranto desolador — Se ela não tivesse escutado a minha conversa com a Rebecca, se não tivesse escutado sobre a ligação que Rebecca apagou, isso não estaria acontecendo.

— Que ligação? — indagou Laura ao acolher Brianna em um abraço — Do que está falando, Brianna?

Ela contou aos pais de Rebecca e ao restante no quarto o que havia acontecido há sete anos. Quando Rebecca, levada pela mágoa, tomara a decisão que fazia todos sofrerem agora no presente.

— Minha culpa — Brianna soluçou mais uma vez, recebendo um abraço apertado de Laura.

O silêncio instaurado no recinto era quebrado apenas pelo choro baixinho de Brianna e sussurros quase inaudíveis de Laura, tentando convencê-la que tudo ficaria bem.

— Não foi culpa sua, Brianna.

— A culpa é da Rebecca! — acusou Ryan — As mentiras dela nos trouxeram aqui. Machucando quem não merecia.

E de certa forma, Ryan se sentia culpado também. Ele também havia guiado Caroline até aquele cavalo e, conseqüentemente, à sua queda, que poderia ter um fim trágico.

— Foi um acidente — afirmou Max, apoiando as costas contra a parede fria — Todos nós temos alguma coisa do passado para lamentar aqui, algumas coisas a se arrepender, mas se agirmos ou pensarmos dessa forma, se seguirmos por esse caminho, iremos esquecer o mais importante, ajudar e apoiar Carol a enfrentar seja lá o que for que tiver que vir pela frente.

— O Max tem razão — disse Nicholas, se pronunciando pela primeira vez desde que entrara

PERIGOSAS NACIONAIS

no quarto — Nós temos que fazer o que não fizemos no passado. Nos manter unidos, como uma família deve ser.

Ryan admitiu que Max estava certo. Podiam culpar uns aos outros e a si mesmos infinitamente, mas nada mudaria o passado. Não era sobre eles e como lidavam com a culpa que carregavam dentro de si. Era sobre Caroline e de como ela precisaria de cada um deles.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 34

Ryan não queria sair de perto de Caroline após vê-la ser trazida de volta ao quarto, mas também queria estar presente na sala do médico, quando Max recebesse o diagnóstico final. Além disso, segundo a enfermeira, Caroline estava sonolenta e logo sucumbiria aos remédios que lhe deram para que ficasse mais calma. Laura e Brianna haviam ficado em seu lugar, velando o sono dela e prontas para auxiliá-la no que fosse precisar.

— Bom, Sr. Hunter, a sua filha teve uma lesão medular — iniciou o médico, mostrando uma imagem para que eles pudessem acompanhar e entender melhor suas explicações — T7-L5,

classificada como....

Ele tentava acompanhar o que o médico dizia, mas sua mente só se perguntava o quanto o acidente havia sido grave.

— Isso quer dizer que ela não irá andar mais, doutor? — indagou Max, toda sua angústia transparecendo no rosto dele.

— Nada é uma certeza. Já vi muitos milagres acontecerem — disse o médico — Com a cirurgia e a fisioterapia seguidas corretamente, há chances de que ela possa voltar a andar novamente, mas...

Mas? Por que sempre havia um “*mas*”?, pensou Ryan. Eles simplesmente não podiam apreciar a felicidade em saber que Caroline poderia voltar a mover as pernas?

— Pode não ser como antes — avisou ele em um tom invejavelmente tranquilo — Será um processo difícil que poderá deixar algumas

PERIGOSAS ACHERON

sequelas.

— O que o senhor está tentando dizer... — precisei de alguns segundos para respirar — É que ela não irá dançar mais?

Meu coração parecia ter congelado no peito enquanto aguardava a resposta dele.

— Veja só, que ela volte a andar, já será um grande milagre — explicou ele — E ainda assim irá depender do quanto Caroline irá se dedicar à recuperação. Não será um caminho fácil. Vocês passarão por momentos difíceis.

— Eu vou estar ao lado dela — disse Ryan com determinação — Sempre.

Tanto Max como o Dr. Lynn encararam Ryan por um momento.

— Como eu disse, será difícil. Ela passará pela fase da negação, tristeza e muita raiva do mundo — tudo o que médico dizia não o assustava, Ryan

PERIGOSAS ACHERON

amava Caroline e enfrentaria tudo o que viesse ao lado dela — Ela pode querer afastar vocês, e muito do que falar será com esse objetivo. Precisam estar preparados.

Max bagunçou os cabelos, exasperado.

— Como se preparar para uma coisa dessas?

— Eu sugiro que além da cirurgia e da fisioterapia, ela também tenha acompanhamento psicológico.

— Faremos tudo o que precisar, doutor — disse Max — A minha filha irá voltar a andar.

— Vamos acreditar que sim — o Dr. Lynn sorriu.

Enquanto Max cuidava das questões burocráticas e a transferência de Caroline para um hospital em Uptown, que poderia atender o caso dela melhor do que o pequeno hospital de Greenville, Ryan retornou para o quarto.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ryan dispensou Laura e Brianna para que fossem descansar um pouco, prometendo fazer o mesmo em breve. Ele colocou a cadeira ao lado da cama de Caroline, onde passou as horas seguintes mantendo a mão dela na sua e só a soltava quando Max entrava, obrigando-o a sair para comer alguma coisa ou ir ao banheiro.

“Não será fácil”, ele recordou o aviso que o médico havia dado. Amar Caroline nunca tinha sido fácil, mas ficar longe dela, isso sim era algo que Ryan nem conseguia imaginar viver.



Caroline abriu os olhos, mas o seu desejo profundo era nunca mais ter que abri-los. Não ter que enfrentar a realidade que a esperava e principalmente, a dor que fazia seu coração desintegrar dentro do peito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Já havia chorado tanto desde o momento que se descobriu incapaz de mover as pernas, até durante todos os exames que realizaram nela. Os únicos momentos que não chorava e se desesperava era quando estava dormindo, por isso ela não queria mais ter que abrir os seus olhos. Queria ficar naquele mundo escuro que tinha passado a ser sua vida.

Ela fungou, passou apenas uma das mãos pelo rosto molhado, já que seu outro braço estava imobilizado, não apenas pelos fios ligados a ele, mas porque Ryan mantinha sua mão presa a dele.

Olhou-o por um instante. Estava todo torto e parecia bem desconfortável na cadeira pequena demais para ele. Ressonava baixinho e sua expressão tinha um ar carregado, o corpo tenso. Tão bonito, pensou ela. O sonho de qualquer garota. O sonho dela.

PERIGOSAS ACHERON

O pensamento fez com que um soluço escapasse dos seus lábios. Ryan se mexeu na cadeira e logo seus olhos preocupados estavam nos dela.

— Oi — ele sussurrou, se ajeitando próximo a ela — Oi, minha linda.

Outro soluço, e de repente um rio de lágrimas saltava dos olhos de Caroline. Ela sentiu a mão dele em seus cabelos quando fechou os olhos e os lábios cálidos de Ryan tocando os dela, depois suas bochechas e a ponta do nariz.

Por que a vida estava sendo tão má? Há dois dias, eles estavam fazendo planos. Ryan compartilhando com ela o sonho de fazer seu vernissage e Caroline animada com a temporada em Londres com a companhia de balé, que os deixariam ainda mais próximos. Dividiriam um apartamento e, após isso, eles refletiram sobre a possibilidade de Ryan se juntar a ela em Paris.

Agora Caroline nem mesmo podia se levantar da cama. Estava condenada, e era injusto manter Ryan preso a um futuro tão impiedoso quanto o dela.

— Vai ficar tudo bem — Ryan disse docemente, e por mais que tentasse, jamais conseguiria enxergar a escuridão crescendo dentro dela — Vou chamar o Dr. Lynn, tudo bem?

Nada estava bem, e Caroline tinha uma dolorosa certeza de que nunca mais ficaria. Mas ela estava cansada, física e emocionalmente. Sua alma estava cansada, mesmo sabendo que esse era apenas o início de uma jornada muito difícil. Ela assentiu com a cabeça e observou Ryan sair rapidamente.

Ele não retornou sozinho, Max e o doutor entraram no quarto junto com ele. E ela ouviu as explicações do médico do que havia acontecido quando caiu. A cirurgia que precisava fazer e o tratamento a seguir. Seu pai e Ryan dizendo que

estariam ao lado dela e que juntos superariam essa fase difícil.

Caroline queria apenas saber sobre uma coisa.

— Vou poder dançar novamente?

Ela encarou cada um deles, vendo uma resposta diferente em seus rostos. O médico parecia hesitante e buscando as palavras certas, Max carregava uma tristeza que tentava ocultar e Ryan transbordava amor e uma confiança que em Caroline faltava. Por que não tinha a fé e a esperança que via brilhar nos olhos de Ryan?

— Primeiro concentre-se na sua cirurgia e no seu tratamento — disse o Dr. Lynn — Uma etapa de cada vez. Eu não vou mentir para você, Srta. Hunter. Voltar a andar já será uma grande vitória.

Em poucas palavras, a possibilidade de ao menos conseguir levantar da cama era incerta. A dança sempre foi sua vida. Sua companhia nos

PERIGOSAS ACHERON

momentos mais solitários e difíceis. Ter que abrir mão dela, sem a certeza de que poderia andar novamente, fazia a ferida no coração de Caroline crescer um pouco mais.

E não importava quantas vezes Max acariciava os cabelos dela, dizendo que tudo ficaria bem, e que Ryan secasse com doçura suas lágrimas e lhe inundasse de encorajamento e palavras carinhosas. Por dentro, ela estava destruída.

— Eu quero ficar sozinha — anunciou quando os soluços diminuíram, permitindo-a falar.

— Caroline...

— Sozinha, Ryan — murmurou ela, rejeitando o conforto que ele lhe dava — Deixem-me sozinha, por favor.

Nenhum deles, por mais que se esforçassem, poderiam imaginar a dor lancinante que parecia congelar cada osso em seu corpo, entender a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

imensa desesperança assolando seu coração e a amargura de saber que o sonho de dançar, que acalentou a vida toda, estava sendo destruído.

Ela queria ficar sozinha com a sua dor. Era como se tivesse adormecido e acordado no corpo de outra pessoa. Lidava com sentimentos obscuros e incompreensíveis até para si mesma. Tornava-se alguém que nem mesmo ela conseguia reconhecer, amarga e fria, uma pessoa que não desejava que alguém mais pudesse ver.



Ryan andava de um lado a outro na sala de espera. Já havia se passado muitas horas, e as poucas vezes que uma enfermeira apareceu para dizer que a cirurgia estava ocorrendo como o esperado, não era o suficiente para mantê-lo mais calmo.

PERIGOSAS ACHERON

— Já acabou — Michael surgiu na porta, e a atenção de todos foi voltada para ele — Caroline será enviada ao quarto em alguns minutos. Tudo ocorreu bem.

— Graças a Deus! — Max respirou aliviado.

Laura e Brianna se abraçaram e Nicholas cravou o genro com novas perguntas. Enquanto os demais circulavam ao redor de Michael, desejando saber mais detalhes de como tinha sido a cirurgia, Ryan se arrastou até uma poltrona, onde deixou seu corpo cansado e tenso desabar.

— Ela vai ficar bem, Ryan — Brianna foi até ele e se ajoelhou ao lado dele, segurando firme suas mãos.

Ele tinha certeza sobre isso e queria que Caroline também acreditasse. Depois que deram a notícia a ela, ainda no hospital em Greenville, ela havia se entregado a uma apatia que deixava Ryan

preocupado. O Dr. Lynn, assim como o Dr. Garword, o médico responsável pela sua cirurgia, haviam alertado que isso poderia acontecer e que deveriam ser pacientes com ela.

Só doía demais em Ryan ver Caroline sofrer como sofria. Mas ele precisava ser forte, por ela e por ele mesmo.

E Ryan foi o segundo a ter permissão para entrar, logo após Max, no momento que o quarto foi liberado para que pudessem fazer companhia a Caroline, mesmo ela ainda estando adormecida pela anestesia. Se Michael havia ficado aborrecido por ter sido deixado para depois, não se manifestou de imediato.

— Como ela está? — Ryan perguntou, fechando a porta, entregando a Michael um copo de café.

— Ela vai ficar bem, Ryan — a entonação continha mais uma pergunta esperançosa do que

uma constatação de um fato.

Todos repetiam isso na esperança de que dizer em voz alta pudesse realmente fazer acontecer.

— Ela vai, sim — sussurrou ele, ocupando a cadeira do outro lado de Caroline, cobrindo a mão dela com a sua — Eu não vou embora, Michael.

Ele se lembrou da crise que Caroline tivera momentos antes da cirurgia, quando levada pelo medo e desespero, pediu que a deixassem em paz.

— Não importa o quanto ela peça — o nó em sua garganta parecia ganhar mais volume — O quanto ela chore ou grite comigo. Não vou deixá-la.

Os olhos de Michael caíram sobre ele por um longo tempo. Ryan sabia que estava sendo analisado. A intensidade em suas palavras despertava a curiosidade em Michael. Ele sabia o longo caminho que Caroline e ele percorreram até

PERIGOSAS ACHERON

conseguir ficarem juntos.

— Carol vai agir como qualquer pessoa na situação dela... — Michael confirmava o que os médicos já haviam dito a todo eles.

Seja por honestidade, como parecia, ou para alertar Ryan do que ele poderia a vir enfrentar. Não importava. Ele não iria desistir.

— Ela não vai me afastar — e esse também era um aviso para todos que os cercavam.

— Você a ama?

Mais do que a própria vida.

— Amo.

Não era preciso dizer mais do que isso. Michael entendia tudo.



Por quanto tempo mais ela precisaria ficar ali,

Caroline se perguntava, olhando para o teto. Estava cansada dos olhares piedosos de todas as pessoas que iam visitá-la, dos cuidados nas palavras, de se sentir analisada. Ela só queria ir para casa, que fechassem as cortinas do quarto e que todos a deixassem em paz.

Fazia um tempo que mantinha os olhos cravados no teto, remoendo isso, quando um movimento vindo da porta chamou sua atenção.

— Oi, Caroline.

Rebecca. A garota que no passado havia considerado uma grande amiga, como um membro de sua família, para ser mais exato. Alguém a quem Caroline só havia dado amor e confiança. A mesma pessoa que no momento que mais precisou de um abraço amigo, havia lhe virado as costas.

Rebecca, que conhecia Stacy, que sabia mais do que ninguém o quanto a jovem poderia ser cruel,

PERIGOSAS NACIONAIS

em um momento que Caroline estava sensível com a perda da mãe e seus familiares não enxergavam a tristeza que a assolava. Ela não tinha apenas afastado Caroline de sua vida, devido a mágoa e rancor que nutria por Michael; Rebecca havia impedido que os pais dela dessem a Caroline o que precisava: amor.

Foi por isso que a dor da decepção tinha sido demais para ela suportar. Que havia montado aquele cavalo, mesmo não estando emocionalmente segura para isso. Não podia culpar Rebecca pelo acidente, afinal, fora mesmo um acidente, mas as atitudes vingativas e egoístas a levaram àquele fim.

Roger morto. Stacy deformada e Caroline com a possibilidade de nunca mais voltar a andar. Sim, Rebecca tivera sucesso em sua vingança, mas outras pessoas inocentes, que nunca fizeram nenhum mal a ela, caíram pelo caminho.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sinto muito, querida — a confissão foi feita em um pedido controlado de choro, que não se sustentou por muito tempo — Sinto muito ter afastado você naquela época. Pela forma dolorosa que descobriu isso...

Ela não conseguiu concluir. As lágrimas que corriam abundantes em seu rosto pareciam ser sinceras, mas, infelizmente, para Caroline o arrependimento dela chegava um pouco tarde demais.

— Eu sei que talvez nunca vá poder me perdoar — ela engoliu um soluço e tentou conter as lágrimas com as costas da mão — Mas eu a amo muito, estarei sempre aqui.

Estarei sempre aqui...

Eu nunca vou te abandonar...

Ficarei sempre ao seu lado...

Ouvia isso de tantas pessoas, tantas vezes. O que
PERIGOSAS ACHERON

nenhuma delas parecia entender é que já não importava mais. Não tinha motivos ou vontade de viver, nem queria ouvir palavras bonitas para que se sentisse bem. Dentro dela, já não existia nada, sentia como uma casca vazia, onde havia apenas mágoa e dor. Uma dor tão grande. A falta de fé e esperança que a impelia a desistir de tudo.

Que sentido havia na vida sem suas pernas, sem a dança, sem se sentir uma garota normal, correndo e dançando por aí, sem sonhos?

Sem Ryan...

— Ryan? — Caroline chamou por ele — Pegue o lápis e o bloco de desenho, por favor.

Ele os havia trazido, naquela manhã. Já que Caroline se recusava a falar com ele, e o mesmo era teimoso demais para continuar ao lado dela, havia passado as horas a desenhando.

— Entregue a Rebecca — disse a ele quando o

PERIGOSAS ACHERON

viu se aproximar da cama.

Caroline notou o olhar confuso da outra, que recebeu os objetos com um olhar confuso.

— Vingança. Escreva.

Ela olhou enquanto a mão trêmula de Rebecca fazia o lápis deslizar na folha branca.

— Agora apaga.

Pegando a borracha, Rebecca fez novamente o que ela pediu.

— Você pode tentar apagar, Rebecca — Caroline disse em uma voz apática — Mas as marcas continuam aí.

Não era possível passar uma borracha em tudo o que Rebecca havia feito, assim como os sonhos de Caroline não poderiam ser reparados. Ela foi humilhada e tivera seu coração ferido por Stacy, Roger e até mesmo Michael, mas Caroline havia

perdido tudo, e o pouco de esperança na vida que havia lhe restado. E a vida sem isso não era nada.

E enquanto os sentimentos de Caroline saltavam, desolados, através de seus olhos, e a culpa e o arrependimento afluíam nos de Rebecca, Max se aproximou. Ele pegou a folha e o lápis que a nora ainda segurava e escreveu sobre o papel manchado de lágrimas.

Perdão. Ergueu a folha para que todos olhassem.

— Deixa marcas muito mais bonitas — disse ele em um tom emocionado e olhou com carinho para Caroline — Assim como o amor, minha filha.

O pranto, sufocado em sua garganta, a obrigava a ser libertado, e os soluços profundos que emitia levaram Ryan e Max a abraçarem. Ela queria tanto ter o poder de fazer toda essa mágoa e desespero dentro dela ir embora. Que poder perdoar Rebecca

PERIGOSAS NACIONAIS

a afastasse dos sentimentos tão ruins rondando e ganhando espaço em seu coração.

Poderia ser a garota que todos acreditavam amar. Poderia ao menos tentar manter a Caroline de antes dentro de si?

— Rebecca? — a chamou quando a viu alcançar a porta — Eu não odeio você.

Perdoando Rebecca, Caroline conseguiria perdoar a si mesma?

Ao receber o abraço dela, precisava acreditar que sim.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 35

Ryan acreditava que assim que Caroline estivesse de volta ao seu lar, a casa onde cresceu e tinha memórias felizes e doces, um pouco da grande tristeza que ela sentia iria embora. Mas a conversa que ele, Max, Michael e Rebecca estavam tendo com o Dr. Garword não era muito encorajadora.

— Vocês têm que entender que essa depressão que a Caroline carrega — ele voltou a se concentrar nas explicações do médico — vem de antes do acidente, que nesse momento se agravou.

Um soluço baixinho interrompeu a narrativa do médico, e Ryan olhou na direção de onde havia

escapado o som.

— É tudo culpa minha — lamentou Rebecca.

Sim, Rebecca tinha certa responsabilidade no abalado estado físico e psicológico de Caroline, mas cada um deles naquela sala possuía uma culpa para carregar. Ela não mentiu e deixou Caroline afastada da verdade, sozinha.

— Eu abandonei a minha irmã — disse Michael — Fui eu que virei as costas para todos, pensando apenas nas minhas feridas.

— Não. Eu era o pai, fui eu que deixei a bebida ser mais importante que vocês —Max lastimou-se.

Ryan estava prestes expor sua culpa, como todos faziam, quando o Dr. Garword se manifestou.

— Todos são culpados? Todos são inocentes? O que isso importa? — indagou ele, analisando cada um — Vocês não estão no banco dos réus. Eu não sou o juiz. Estou apenas apontando um fato que

PERIGOSAS ACHERON

pode ajudar a vocês a seguir um caminho. Caroline tem anos de uma depressão e melancolia que deveria ter sido tratada.

Passava na cabeça de Ryan um filme dos últimos sete anos. Ainda menina, Caroline perdeu a mãe que tanto amava. Foi esquecida pela família de quem precisava. Os Summer, amigos e mais próximos de família, haviam virado as costas para a jovem perdida. Foi para um país longe de tudo que conhecia. Ela só tivera as amigas da escola, e o mais importante para si, a dança, que agora poderia ser arrancada dela para sempre.

Sim, houvera anos de tristeza que Caroline teve que enfrentar sozinha. Que provavelmente tentou esconder de todos, mas não capaz de esconder de si mesma. E toda essa dor sendo acumulada no coração dela, com esse acidente havia explodido.

— Eu aconselho que, além do tratamento pós

cirurgia, ela tenha acompanhamento psicológico — aconselhou o Dr. Garword — E para qualquer um de vocês que ache que possa precisar. Esse será um caminho longo e doloroso para todos vocês, principalmente para você, Sr. Hunter. Pedir ajuda não nos faz mais fraco.

Para ficar ao lado da filha, Max tinha trocado a clínica onde iniciou o tratamento contra o alcoolismo por uma com regras mais flexíveis, próximo à mansão Hunter. Ele teria que ter o dobro de força de vontade para continuar sóbrio como estava.

— Vou providenciar isso — disse Max, e o Dr. Garword entregou um cartão a todos eles de uma especialista que ele conhecia.

Ryan iria procurar ajuda, ele faria qualquer coisa para manter Caroline ao seu lado.



Todos faziam o possível para que ela se sentisse em casa e bem. Um cômodo no andar de baixo tinha sido escolhido e adaptado para ser o seu novo quarto. A largura da porta, para que passasse a cadeira de rodas, foi aumentada. Barras e apoio no banheiro foram providenciados, a pia e interruptores foram rebaixados.

Eles pensavam no conforto dela, mas tudo que Caroline conseguia ver era que, para eles, para todos à sua volta, era um sinal de aceitação. Assim como ela, ninguém acreditava que pudesse ser a mesma garota radiante que um dia fora. Porque aquela menina estava morta, pelo menos dentro de si. Era um recipiente que a cada dia se enchia mais de tristeza, solidão e raiva do mundo.

— Você aperta esse botão e a cadeira se

movimenta — disse Rebecca — Esquerda e direita, e assim você para.

O olhar esperançoso que ela lhe dava ao demonstrar como utilizar a cadeira de rodas motorizada que providenciaram para ela era o mais honesto possível. Desde sua visita ao hospital, Rebecca fazia o possível e o impossível para se redimir com Caroline. Vivia à sua volta e foi responsável pela maior parte das mudanças na casa. Mas como Caroline disse em seu quarto de hospital, suas boas intenções e esforços não mudavam nada. Não diminuía a dor que sentia todas as vezes que fechava os olhos à noite para dormir e nem fazia com que suas lágrimas fossem menos dolorosas.

A tristeza e o vazio no peito que Caroline sentia pareciam não ter fim, e não seria a cadeira idiota, os exercícios que a fisioterapeuta e Ryan a

impulsionavam a fazer, como as palavras de incentivo que ouvia todos os dias, que mudariam isso.

Quanta dor existia nela, quanto desespero e angústia, que a cada respirada pareciam-lhe sufocar. Cada dia era uma corda bamba e vacilante. Passava por inúmeros e quase incontroláveis tipos de sentimentos. Havia dias que acordava apática como hoje, outros que descontava a raiva em qualquer pessoa que tivesse coragem de passar mais do que um minuto ao lado dela, e os que a depressão era tão intensa, que nada à sua volta importava.

— Você é igual a Abbi agora, tia Carol — destacou Olivia, em toda a sua inocência, olhando para ela — Agora a gente pode correr lá fora e brincar todas juntas.

Olivia era a única que conseguia chegar ao

PERIGOSAS NACIONAIS

coração dela sem muito esforço. Com ela, Caroline não conseguia ser cruel, e por mais que estivesse triste, bancar a indiferente. Olivia era o pequeno pedaço de céu que sempre conseguia arrancar um sorriso seu, mas também invocava uma nova desesperança em seu peito.

Tinha planejado empregar toda a sua energia e sonhos em torno do balé. E era jovem e com todo um futuro pela frente, por isso, por mais que amasse Ryan, não tinha pensado em casamento e filhos num futuro próximo, mas sabia que um dia isso iria acontecer.

Não mais agora. Nada de caminhar até Ryan na igreja, exibindo um sorriso bonito e um vestido dos sonhos. Não dançariam a valsa dos noivos durante a festa. Não teriam uma lua de mel perfeita e nem saberia como era a alegria de carregar um pequeno pedaço deles dois em seu ventre.

PERIGOSAS ACHERON

E não era só ver na pequena Olivia algo que talvez jamais pudesse ter, Rebecca também era um lembrete todos os dias. Sua segunda gestação, ainda mais esperada por todos, era como um tapa em Caroline todos os dias. Rebecca havia encontrado seu final feliz, e ela só via dor e decepção à sua frente.

— Eu posso andar nela um pouquinho? — Olivia se inclinava na cadeira de rodas e olhava com grande esperança para Caroline.

Para a menina era apenas um brinquedo para deixar seu dia mais emocionante. Para Caroline, o objeto que a confinaria ao seu pior pesadelo.

— Não é um brinquedo, meu amor — disse Rebecca, passando a mão suavemente pelos cachos da filha — É o que irá ajudar a tia Carol a se locomover pela casa.

— Pode usar, Olivia — Caroline se manifestou

contra Rebecca — Pode usar o quanto quiser, isso não me importa.

As palavras feriam Rebecca e ia contra o pedido de Michael para que tentasse ser mais amável com sua esposa, principalmente pelo seu estado gestacional. Mas a acidez de Caroline não era algo exclusivo à sua cunhada. Teria falado o mesmo se fosse Max ou Ryan no quarto. No fundo, não gostava de fazer as pessoas sofrerem, só não conseguia controlar a raiva pulsando e queimando dentro dela.

— Carol...

— Eu quero descansar — disse ela, virando o rosto para a janela — Vá embora.

— Mas a Dra. Holtz deve chegar em alguns minutos.

Caroline esqueceu que era dia de receber a visita da psicóloga. A verdade era que estava cansada de

PERIGOSAS ACHERON

se ver rodeada por tantos médicos.

— Bom, ela pode ficar sentada aí e esperar calada, como tem feito em todas as seções.

Se recusar a falar com a médica era algo que aborrecia Max. Ele insistia que Caroline deveria tentar se abrir e colocar para fora um pouco do peso que carregava no coração. Mas ela não sentia vontade e nem tinha forças para isso.

Normalmente, essa reação deixava claro às pessoas que queria ser deixada sozinha.

— Tudo bem, querida — disse Rebecca, em um sussurro cansado — Vamos, Olivia.

Ela ouviu os passos arrastados de Rebecca seguindo em direção à porta. Fechou os olhos com força para impedir que as lágrimas denunciassem sua fragilidade e mordeu os lábios para controlar os soluços querendo escapar de sua garganta.

Estava pronta para uma nova onda de dor que

PERIGOSAS ACHERON

faria seus ossos gelarem, quando sentiu um pequeno toque em seu rosto. Olivia lhe deu um beijo e a presenteou com um lindo sorriso antes de sair do quarto, correndo. Não foi capaz de eliminar toda tristeza em que Caroline se afogava, mas era como se uma boia fosse jogada em direção a ela.

E nesse dia foi capaz de falar com a médica pela primeira vez e revelar a ela uma decisão que há alguns dias povoava sua cabeça.

— Eu quero ir para Greenville — disse a Max, quando ele fez companhia a ela no jantar.



Ryan aguardou que a sessão com a Dra. Holtz terminasse para falar com ela. Ele desejava saber o quanto a terapia vinha surtindo efeito e se também deveria procurar apoio médico. Ele vinha se portando, pelo menos na frente de sua amada, como

uma rocha. Ignorava suas crises de raiva, não permitia que suas palavras ferinas o machucassem e colava seu coração partido todas as vezes que a via sofrer ou chorar.

Os dias eram difíceis, exaustivos mentalmente e psicologicamente desesperadores. Ele ouvia coisas como:

“Por que não me deixaram morrer?”

“Quando você vai embora?”

“O que eu sentia nunca foi amor de verdade”.

“O que você sente é pena, e não amor”.

‘Não preciso de você, Ryan!’

“Você é tão inseguro e fraco que precisa de uma inválida para se sentir melhor”.

A última era a preferida de Caroline e que ela sabia que o feria profundamente. Mas Ryan sabia também que era uma tentativa desesperada de o

afastar.

— Por que me afastar — disse a médica em um tom emotivo — Se o que mais desejo é estar ao lado dela, ajudando-a a enfrentar tudo isso?

A Dra. Holtz, uma simpática senhora na casa dos cinquenta anos, o encarou com compreensão.

— Voltar a andar é uma incerteza para Caroline. Digamos que não seja possível e sua paraplegia seja permanente — iniciou ela — Ela acredita que estaria prendendo você. Que apenas a sua honra, ou pior que isso, sua pena, o prende a ela. Até quando você aguentaria tudo isso? Quando decidiria ir embora, encontrar alguém que, aos olhos dela, é normal e perfeita para você?

— Ela é normal! — retrucou Ryan — A cadeira de rodas não a define. Eu a amo acima de qualquer coisa.

— Ela quer que você parta agora, do que quando

PERIGOSAS ACHERON

for doloroso demais ver você partir. Sei que está cansado de ouvir isso, mas precisa ter paciência, Sr. Summer. Ela irá enxergar isso, se não pelo amor, pela dor.

Mais dor?

Ter paciência não era um problema para Ryan, ele a amou por anos, escondido. O medo de que Caroline mergulhasse cada vez mais nesse mundo sombrio e que nunca mais conseguisse sair dele, isso sim, o assustava muito.

— Você está indo bem — disse ela com suavidade — Mas se acha que precisa de mais ajuda e aconselhamento, tenho alguém para lhe indicar.



Depois de convencer Max de que ir para a casa de campo traria um efeito positivo em sua

PERIGOSAS ACHERON

recuperação e o feito considerar o pedido dela, Caroline tinha uma tarefa também muito importante.

Afastar Ryan de sua vida. Não completamente, seria sempre parte de sua família, mas os destinos deles seguiriam outros caminhos. E isso lhe doía tanto quanto não poder andar. Mas agora ele ficaria livre dos seus ataques de mau humor, de ter que carregá-la onde a cadeira de rodas não podia avançar, da rotina que passara a ser sua vida, de casa para o hospital, das crises ora de raiva, ora de tristeza, dos pesadelos que a cercavam à noite.

— Eu vou para Greenville continuar meu tratamento lá — disse a Ryan assim que ele se acomodou na poltrona ao lado de sua cama — Uma enfermeira irá comigo, então, a partir de hoje você poderá seguir com sua vida.

Ryan a encarou por um longo tempo, precisando

desse momento para assimilar o que ela havia dito. Então respirou fundo e levantou, andando silenciosamente pelo quarto.

— Está me dispensando? — mais do que surpresa, havia uma dor nos olhos dele que fez Caroline desviar os dela — Pedindo que eu vá embora?

Não era a primeira vez que exigia isso de Ryan, mas agora havia tomado medidas para isso. Era ela que se afastava.

— Olhe para mim! — o pedido carregado de dor a impeliu a isso. Já havia presenciado as lágrimas dele antes, mas, naquele momento, sabendo que era o fim, a machucava de forma gigantesca — Está me pedindo para ir embora?

— Libertando você! — berrou em desespero e respirou fundo para se obrigar a manter a calma — Você é um artista incrível, Ryan. Sensível e

PERIGOSAS NACIONAIS

talentoso. Não é justo que fique preso a...

— Por favor, Caroline! — ele a calou, pela primeira vez olhando duro para ela — Você não é responsável pelas minhas escolhas.

— E seus estudos? Seu vernissage. Até quando irá cancelá-lo por mim?

— Até quando for preciso — disse ele — Isso não é importante agora.

— Mas deveria ser, e um dia irá ser. Como se casar, ter filhos...

— E por que acha que não podemos fazer isso? Quem disse que não poderá engravidar? Você nem tenta seguir o tratamento corretamente.

— Por que não está ajudando — ela cobriu o rosto com as mãos — Não sinto as minhas pernas. Acho que nunca mais vou sentir. Não vou condenar você a uma vida de incertezas, Ryan. Eu não posso.

PERIGOSAS ACHERON

Ela deveria seguir sozinha, sempre foi sozinha, no final das contas.

— Carol... — ele levou a mão aos cabelos, exasperado — Nada no mundo é uma certeza. Mas existe uma coisa que sei, sem nenhuma sombra de dúvida: o meu amor por você.

Se Ryan queria tocá-la com suas palavras, estava indo na direção correta. O coração de Caroline, assim como sua alma, precisava, mesmo que ela se recusasse a ouvir isso.

— E se você desistiu da gente, vou lutar ainda mais por nós dois, e até mesmo contra você — a convicção que havia nas palavras dele a mantiveram surpreendentemente calada — Pode me chamar de louco, de obcecado e ou qualquer outra coisa que acredite me desencorajar. Mas não é só você daqui para frente, somos nós. Então se empenhe mais, pois nada do que me disser me fará

ir embora. Você pode aceitar isso, ou lutar contra.

E após jogar todas essas verdades sobre ela, Ryan saiu para que Caroline pudesse refletir sobre tudo o que havia sido dito a ela.

Ele realmente a amava e seria uma rocha pelos dois.

Capítulo 36

Fazia algumas semanas que eles estavam em Uptown. Os primeiros dias haviam sido mais tensos. Caroline se recusava a falar com Ryan ou responder a qualquer tentativa dele de aproximação. Então, muitas vezes ele apenas sentava em seu quarto para desenhar ou pintar algum quadro novo. O silêncio não era algo que o incomodava, quando estava trabalhando podia passar horas concentrado e desligado do mundo. Mas para Caroline, o som, a música e a dança eram uma extensão dela mesma. E foi naquela tarde, enquanto a pintava, observando-a em sua cadeira de rodas, tendo como fundo a paisagem lá fora, que a viu se comunicar com ele.

— Por que ainda está aqui, Ryan?

A pergunta não o pegou de surpresa. Ele via o mesmo tipo de questionamento silencioso em seus olhos todos os dias. Às vezes, ela o olhava quando acreditava que ele não estivesse notando, e Ryan poderia arriscar dizer que a angústia que via transfigurar o seu rosto eram questionamentos sobre quando ele se cansaria da teimosia dela em tentar afastá-lo e fosse embora para sempre.

— Eu gosto desse lugar — disse ele, largando os pincéis em um recipiente solúvel, limpando as mãos em um trapo manchado de tinta — É tão bonito e calmo aqui.

Ao lado dela, ele observou as montanhas não muito longe, o lago que àquela distância lembrava a prata derretida, as flores coloridas na campina, o campo vasto e verde.

— Eu não entendo... — murmurou ela, suas

mãos apertavam com força os braços da cadeira de rodas — Depois de tudo o que eu disse. A forma cruel com que o tratei, eu não entendo. Por quê?

Ryan virou a cadeira de rodas, colocando-a de lado, e se ajoelhou em frente a ela. Ele afastou as mechas de cabelo que encobriam o rosto dela e as colocou com carinho atrás da orelha. Em seguida, fez com que os dedos rígidos se desprendessem do braço da cadeira, entrelaçando-os nos dele.

— Quando eu olho para você, Carol... — disse ele docemente — Eu vejo você, e não a sua cadeira de rodas. Eu vejo aquela garota que me fez me apaixonar por ela. É por isso que estou aqui. Porque você está aqui dentro o tempo todo.

Ele levou a mão dela até o seu peito, onde o coração batia acelerado.

— Você ainda não sabe como agir ou como viver usando a cadeira de rodas. E não sei como

PERIGOSAS NACIONAIS

viver sem meu coração — disse ele, agora levando a mão dela ao seu rosto emocionado — Porque se eu cruzasse aquela porta e atendesse o seu pedido, esse seria o meu fim. Meu coração ficaria aqui, enquanto o resto de mim, ele vagaria sem sentido pelo mundo. Então, nunca mais me peça para ir embora, pois sou egoísta o suficiente para não ir.

Talvez a venda de dor que manteve Caroline cega por todos aqueles meses finalmente estivesse caindo, ou seu coração, já cansado, finalmente tenha desistido de lutar, e quando Ryan a abraçou, após o soluço dolorido que emitiu, ela não o repeliu. E nem rejeitou o beijo apaixonado que ele lhe dava.

E ele suspirou nos lábios dela, Caroline suspirou nos dele, o coração de ambos suspiraram. Havia tanta saudade. Embora fisicamente estivessem tão próximos, os corações tinham ficado distantes.

PERIGOSAS ACHERON

— E te amo tanto — sussurrou ele, ao colar a testa na dela — Eu te amo tanto, Caroline.

Ele a beijou mais uma vez, e outra vez, até que seus corpos sedentos um pelo outro queimassem. Ryan escorregou a mão pelas costas dela e passou o braço abaixo de suas pernas, e ainda com as bocas unidas, ergueu-a em seu colo. Levou alguns delirantes segundos para Caroline perceber para onde estavam indo, o que estava prestes a acontecer.

— Ryan... — ela olhou para a cama, depois para ele com pavor — Eu acho que não...

Ele voltou a unir suas bocas, silenciando-a com um beijo intenso. Apaixonado e exigente o suficiente para fazer Caroline ignorar seus receios por um momento. Quando ele a depositou na cama, passou os dedos delicadamente no pescoço dela e depositou beijos suaves em seu queixo e no canto

da boca.

— Você sente isso? — sussurrou ele, mordendo delicadamente o lóbulo de sua orelha — E isso?

Ele afagou os seios dela por cima da roupa.

— Eu... sinto — Caroline fechou os olhos quando a boca dele seguiu uma trilha de beijos que ia do seu rosto ao colo.

Ela sentia os afagos de Ryan, seus toques, seus beijos, cada carícia que ele dedicava a ela. E isso a fez se sentir novamente viva. Então, quando ele agarrou a barra de sua blusa, expondo seus seios desnudos, sentiu-se emocionada com o desejo que via brilhar nos olhos de Ryan. E um brilho de desejo também refletiu em seus olhos quando o observou arrancar a camisa, presenteando-a com a imagem do peito amplo e inegavelmente atraente aos seus olhos.

Ryan inclinou-se sobre ela e beijou a curva de

PERIGOSAS ACHERON

seu pescoço, arrancando um gemido dela. Caroline acreditou que sua atual condição física a fizesse incapaz de sentir outras partes sensíveis de seu corpo e não tornaria a sentir desejo, mas Ryan provava o quanto ela esteve equivocada.

— Eu sempre a achei a garota mais linda... — disse ele, esfregando a ponta do nariz do pescoço às bochechas dela — Doce... e perfeita.

E Caroline acreditou não apenas no que Ryan falava, ela via a admiração através de seus olhos.

Com cuidado, Ryan os livrou das últimas peças de roupa. E ele foi doce e carinhoso com ela, ensinando-a a se redescobrir, a encontrar os pontos sensíveis em seu corpo que lhe despertavam prazer. A cada toque, a cada carícia, a cada contato dos lábios de Ryan na pele dela, ajudavam Caroline a se entregar um pouco mais. E quando eles finalmente se uniram, tornando-os um, Caroline

PERIGOSAS NACIONAIS

teve a gloriosa certeza de que nos braços de Ryan ainda podia se sentir mulher. Uma mulher completa, capaz de amar e ser amada de volta.

— Eu não sabia que ainda podia... — ela escondeu o rosto no peito dele, envergonhada — Dar e sentir prazer.

O ato em si foi diferente. Recorreu de Ryan mais paciência e de Caroline confiança, mas eles encontraram juntos um novo jeito de se conectarem. E tinha sido bonito e especial.

— Se não se recusasse a falar com os seus médicos — iniciou ele, afagando os cabelos dela, espalhados em seu peito — Saberá que existem outras vias nervosas em atividade em seu corpo. E que, sim, você é capaz de dar e sentir prazer. O mundo não acabou para você, Carol. Você só precisa encontrar uma forma nova de viver dentro dele. E vou sempre estar ao seu lado.

PERIGOSAS ACHERON

— Faz muito tempo que não falo isso, Ryan, mas... — ela ergueu a cabeça para poder olhar em seus olhos — Eu te amo.

E com um sorriso iluminando o seu rosto quando Ryan buscou seus lábios, uma pequena luz, que ela acreditou que havia perdido para sempre, começou a brilhar suavemente em seu coração.

A luz da esperança.



Embora ter Caroline novamente em seus braços, após o acidente, tivesse sido perfeito, e que repetir a experiência nos dias seguintes tornou-se momentos inesquecíveis para os dois, a vida não virou um conto de fadas, como Ryan previu. Caroline ainda passava por oscilações de humor, havia dias que acordava melancólica, navegando entre o medo e a raiva proveniente das exaustivas

sessões de fisioterapia, e às vezes, ela mergulhava na tristeza profunda que o angustiava.

Ele tinha que mostrar a Caroline que a vida era mais que sua cadeira de rodas. Por isso, Ryan tinha imaginado e programado um dia especial para eles.

— O dia está lindo lá fora — ele pulou da cama e foi em direção às cortinas, abrindo-as completamente — Nós vamos dar um passeio.

O protesto de Caroline não havia sido apenas por Ryan fazer a claridade cegar seus olhos por um momento; ela não saía de casa para passear ou tomar ar puro. As únicas vezes que saiu foi para ir até Uptown consultar o Dr. Garword, e o dia que Olivia a convenceu a ajudá-la a escolher um vestido para o baile que teria em sua escola.

— Ryan... — o chamado tinha um tom recriminatório, mas ele não ligava.

Caroline sufocava dentro daquela casa e

PERIGOSAS ACHERON

carregava Ryan consigo, alguém precisava pensar pelos dois. Provavelmente ela faria um escândalo e tentaria afastá-lo com palavras duras e ofensivas, mas ele já se acostumara, ou melhor, aprendera a lidar com sua forma agressiva de o rebater.

— Amor — ele se arrastou pela cama, estirando-se ao lado dela, tirando o braço que encobria seus olhos — Você pode deixar que eu cuide de tudo silenciosamente, ou pode fazer isso reclamando o tempo todo. Não me importa. Mas vamos aproveitar o dia.

Talvez Caroline estivesse em seu dia melancólico. Embora isso deixasse Ryan triste, de certa forma agia a favor dele. Normalmente era a enfermeira que a ajudava e auxiliava a tomar banho, se vestir e outras atividades básicas, só que esse fim de semana era sua folga e Ryan amava cada oportunidade que tinha de poder ser carinhoso

e atencioso com Caroline.

E ela não protestou quando a ergueu da cama e a carregou até a banheira que ele havia preparado para eles. Nem se manifestou quando ele teve a iniciativa de banhá-la. O que ela via como uma prova de sua incapacidade, Ryan enxergava como um gesto de carinho, ele teria feito o mesmo se Caroline pudesse andar, e gostaria que ela pudesse enxergar isso.

Para a surpresa dele, Caroline foi participativa ao escolher a roupa, optando por um vestido florido que o agradava muito. E não reclamou quando empurrou a cadeira até a penteadeira e ele mesmo penteou seus cabelos, enquanto ela observava o lindo dia através da janela.

Assim como na mansão Hunter, a casa em Greenville havia sido adaptada para receber Caroline. Um elevador foi providenciado para que

ela pudesse circular entre os andares da casa, sem precisar recorrer a ninguém, proporcionando mais independência.

— Ainda sabe como se usa? — indagou Ryan, apontando o elevador ao alcançar os primeiros degraus da escada.

Caroline olhou para fora do quarto, depois em direção à escada como um ratinho assustado, receoso em explorar um novo território. Vê-la frágil abalava o coração de Ryan, mas ele se manteve firme, principalmente por ela.

— É só um botão idiota — resmungou ela.

— Ótimo, espero você lá embaixo.

Em uma das visitas que Max e Rebecca fizeram a Caroline, Max havia alertado Ryan que ele não deveria se antecipar a todas as necessidades dela. Sua filha precisava começar a ter iniciativa e saber como dominar suas limitações. Talvez fosse a

PERIGOSAS NACIONAIS

pontada de culpa que Ryan ainda carregava, ou o fato de amá-la tanto que o impelia a querer facilitar a vida para ela, mas Max tinha razão, a melhor ajuda que poderiam dar a Caroline era fazê-la encarar de frente suas adversidades.

Levou um pouco mais de vinte minutos para que ela finalmente surgisse no vão da porta da cozinha, a tempo de ver Ryan guardar os últimos itens do piquenique dentro do cesto sobre a mesa.

E ele não se ofereceu para conduzir a cadeira, tampouco a convidou para acompanhá-lo para fora, mas não foi capaz de esconder o sorriso de satisfação quando a viu seguindo ao seu lado.

Houve dois ou três momentos em que Caroline precisou de ajuda para se locomover no caminho íngreme até o lago, e Ryan havia feito de forma divertida, que ao invés de fazê-la se sentir incapaz, arrancou algumas risadas dos lábios dela.

PERIGOSAS ACHERON

Ele estendeu a manta debaixo de uma árvore com uma bela vista para o lago, e após acomodar Caroline sobre ela, dedicou sua atenção em esvaziar a cesta, enquanto ela observava a paisagem e o leve voar de aves rente à água calma.

— Eu amava vir aqui quando criança — disse Caroline, ao receber o copo de suco que ele lhe entregava — Esqueci como era lindo, deveria ter voltado mais.

Mesmo vivendo ali já há alguns meses, pouco os dois haviam explorado o local. E eles poderiam usar o lago para que Caroline se exercitasse um pouco mais, pensou Ryan.

— Michael, papai e eu adorávamos jogar pedras na água e disputar até onde conseguíamos ir — ela pegou alguns pedregulhos no chão e arremessou contra o lago.

Não havia atingido mais do que alguns metros,

mas Ryan estava feliz que Caroline estivesse compartilhando com ele momentos tão doces. E ele incentivou que ela falasse mais, e eles se divertiram bastante com os relatos engraçados da infância dela.

Ele a levou para molhar os pés no lago e eles adormeceram aconchegados embaixo da macieira florida, sob a manta. E no fim do dia, quando o sol caía no horizonte, fizeram o percurso de volta a casa.

— Carol...

Ryan observou com apreensão Caroline parar em frente ao estábulo, onde o velho cuidador conduzia um dos animais. O mesmo animal que ela tinha montado no dia do acidente.

— Eu não sinto raiva — disse ela, afagando a mão que ele havia colocado em seu ombro, antes de se afastar dele para se aproximar do cavalo — E

nem medo. Não foi culpa dela.

A égua sacudiu a cabeça e aceitou mansamente o carinho que Caroline fazia em seu focinho. As duas pareciam se entender bem.

— Sabia que a equoterapia é um método terapêutico muito bem recomendado? — indagou Ryan.

Nos meses que se seguiram ao acidente dela, ele fez uma vasta pesquisa sobre tudo o que pudesse ajudar Caroline em sua recuperação e processo de cura. Nunca tinha sugerido o tratamento com os cavalos, porque acreditou que ela tivesse desenvolvido algum trauma em relação a eles. Ouvir a negativa de Carol deixou Ryan muito mais animado. Tudo que ela precisava fazer era começar a lutar por sua recuperação, e em último caso, aprender a lidar com sua vida nova. Não faria diferença para ele seja lá qual fosse o resultado. Ela

era mais que uma cadeira de rodas e Ryan desejava que ela pudesse se ver como ele a enxergava.

— A gente pode falar com o Dr. Garword e ver o que ele pensa sobre isso — sugeriu Ryan.

Ela ficou silenciosa por um instante, apenas acariciando o cavalo enquanto meditava sobre a proposta de Ryan, e ele já estava se preparando para uma recusa, como ela fazia quando não queria fazer a fisioterapia, quando um sorriso foi dado a ele.

— Tudo bem.

Esse foi o segundo momento mais feliz do dia para Ryan, o primeiro havia sido quando Caroline aceitou fazer o piquenique no lago com ele. Ele sentia que, aos pouquinhos, estava derretendo as placas de gelo que ela havia colocado em volta do próprio coração.

E ele ainda não havia encerrado as atividades

para aquele dia. Após deixar Caroline no quarto, para descansar um pouco, foi diretamente para a cozinha. Não era muito habilidoso, mas sabia cozinhar o suficiente para terem um jantar aconchegante e romântico.

Por volta das oito horas, enviou uma mensagem a Caroline e pediu que ela descesse. Esperou-a na escada com um buquê de flores que ele mesmo havia colhido há alguns minutos, na campina. Sabia quais eram as preferidas dela, e quando a viu levar as flores ao rosto para sentir o perfume, o doce sorriso que deu a Ryan fez o coração dele saltar no peito, feliz.

— Eu não sou tão criativo na cozinha — disse ele, dando espaço para que ela pudesse ver a mesa que ele tinha montado próximo à lareira — Fiz o melhor possível.

As mesmas flores do campo que havia colhido

para fazer o buquê que presenteou Caroline, ele também enfeitou a mesa. Um balde com o vinho preferido dela estava sobre a mesa, e os talheres devidamente organizados.

Caroline guiou a cadeira de rodas até o vão na mesa reservada a ela e observou enquanto Ryan apagava as luzes e acendia as velas.

— Planejou tudo isso enquanto estive dormindo? — indagou ela, impressionada.

Ele se acomodou à mesa ao lado dela e buscou sua mão, levando-a aos lábios.

— Uma parte ontem — confessou ele — Os detalhes finais enquanto estive descansando.

Ele quis muito que eles saíssem de casa e aproveitassem um pouco da beleza lá fora, mas se Caroline tivesse se recusado, Ryan não desistiria facilmente de fazer desse dia perfeito.

— Eu queria que você soubesse que não é o fim

PERIGOSAS ACHERON

— disse ele, levando a mão dela aos lábios e ao rosto dele — Podemos ter muitos momentos como esse, talvez adaptar uma coisa ou outra, mas podemos ser felizes. Você pode ser feliz, Carol, e eu desejo muito que seja comigo.

Ela levou a mão ao rosto, tentando encobrir suas lágrimas emocionadas. Puxou-a para mais perto dele e descobriu seu rosto, secando-o com seus beijos.

— Amo você, minha menina linda — repetiu isso várias vezes, e passaria a eternidade dizendo isso, até que ela acreditasse.

Depois de vê-la mais calma, puderam finalmente apreciar o jantar e o clima intimista causado pela luz de velas. Após a sobremesa, Ryan se ergueu da cadeira e foi até o aparelho de som, onde havia deixado a música rolando baixinho. Ele escolheu a música que achou perfeita, não apenas para a noite,

como para o que queria dizer a Caroline.

Quando o som dos instrumentos começou a soar, Ryan se virou para ela. Ele gingou o corpo, e quando a voz de Sinatra, cantando *I love you baby*, ressoou no ambiente, Ryan fez a voz dele sobressair.

“Você é linda demais para ser verdade”

Ao mesmo tempo que acompanhava a letra, Ryan se aproximava de Caroline com um sorriso nada mais que sedutor em seu rosto.

“Não consigo tirar os olhos de você e tocá-la seria uma sensação celestial”

A cena o fazia se lembrar de um filme que Caroline adorava, mas eles não estavam na escola ou tinham plateia. O que Ryan precisava dizer a Caroline era só para ela.

“Sonho tanto em te abraçar”

— Ryan! — ela ergueu a mão em direção a ele, com o intuito de que o gesto o fizesse parar — Não!

Mas o sorriso encantador que dava a ele era o incentivo que o levava a continuar. Ele parou em frente à cadeira de rodas, segurou-a com firmeza e a fez deslizar pela sala enquanto cantava.

“Eu te amo, baby. E se você concordar, eu preciso de você para aquecer a noite fria”

Ele girava com Caroline pela casa, como teria feito se ela pudesse andar, porque a cadeira de rodas não a impedia de nada, e era isso que Ryan queria provar a ela.

“Eu te amo, baby. Acredite em mim quando digo. Oh, menina bonita, não me despreze, eu imploro...”

Já ao fim da música, Ryan a pegou em seu colo, dançando com Caroline em seus braços, e olhando

em seus olhos, cada vez mais feliz e emocionado, ele sussurrou para ela a última parte da canção.

— Agora deixe-me amá-la — sussurrou ele, seus lábios bem rentes aos de Caroline, que estavam trêmulos enquanto tentava segurar a emoção — Amor, deixe que te ame.

— Ah, Ryan — fungou, antes de aceitar o beijo apaixonado que ele lhe deu.

Você poderia usar dezenas de palavras para dizer a alguém o quanto a amava, mas a melhor forma era demonstrando isso, e pelo menos, por essa noite, Ryan acreditava ter conseguido.

Capítulo 37

As visitas de Max sempre deixavam Caroline mais animada, principalmente porque, a cada uma delas, percebia o quanto o pai havia mudado para melhor. Havia surgido minúsculas linhas de expressão ao redor dos olhos e alguns fios brancos nas têmporas, devido aos anos de descuido e sofrimento que ele enfrentou, mas no Max de hoje, esses sinais de maturidade deixavam o pai dela ainda mais atraente. Um homem maduro que qualquer mulher se atreveria a admirar. E Caroline pensou em como sua mãe estaria hoje, se estivesse viva. Com certeza os dois ainda formariam um lindo casal, tão perfeito como ela se recordava.

— Bem, vocês já sabem que é um menino, estamos aguardando ansiosos a chegada dele — disse Max, acreditando que trazer boas notícias de casa pudesse ser um incentivo para a filha retornar — O seu irmão está muito feliz, precisa ver.

— Principalmente porque, dessa vez, poderá ver o filho nascer — disse ela.

Max desfez o sorriso que sustentava e a olhou com firmeza e respirou fundo, antes de se dirigir a ela.

— Filha, já conversamos sobre isso — alertou Max — Remoer o passado não vai nos levar a lugar algum.

— É, realmente, eu não vou — ela queria poder também fazer como eles e apagar os últimos anos de sua mente, mas sempre que abria os olhos, todas as manhãs, tinha um lembrete muito duro — É difícil esquecer, papai, quando essa cadeira me

recorda todo maldito dia.

E não sendo capaz de encarar o olhar desapontado de Max e o angustiado de Ryan, ela dirigiu a cadeira de rodas até a varanda. Um dos piores sentimentos que Caroline odiava sentir era a raiva, causada pela inveja. Não se julgava uma pessoa ruim, embora nos últimos meses teve momentos que foi desagradável com alguma pessoa de sua família, e principalmente com Ryan. Mas não podia evitar, sempre que ouvia falar de Rebecca e sua gestação feliz, sentia um pouquinho de inveja da família perfeita que ela estava construindo ao lado de Michael.

Nas últimas semanas, ela viveu dias perfeitos com Ryan. Eles saíram para explorar o lugar, até nadaram duas vezes no lago, em que se sentiu livre e imensamente feliz em estar na água, como também se esforçou para finalizar cada exercício

exigido pela fisioterapeuta. Pesquisou e estudou com Ryan tratamentos alternativos a cavalo, e pretendia levantar a hipótese com seu médico. Começava a querer sonhar com dias melhores no futuro, mas ouvir falar de Rebecca e do bebê, resgatou dentro dela aquela escuridão que tentava vencer.

A voz maldosa dentro dela não titubeava em dizer que não era justo todos serem imensamente felizes, enquanto ela via seus sonhos morrerem. A dança, uma vida feliz ao lado de Ryan, filhos...

Ela vivia em um conflito interno que a desgastava muito. Sabia que nutrir esses sentimentos obscuros não era justo com ninguém. Rebecca, Michael e a pequena Olivia mereciam um “felizes para sempre”.

— Filha?

Ela sentiu a mão carinhosa de Max afagando

PERIGOSAS NACIONAIS

seus cabelos, mas não teve coragem de olhar para ele. Sabia que havia agido mal e de certa forma se envergonhava por isso.

— Eu sei o quanto está sendo duro enfrentar tudo isso — disse ele — E dei-lhe todo o tempo que eu achava que precisava para assimilar o aconteceu, mas, Carol, não há mais o que fazer. Você tem de encarar isso de frente.

Max era sempre muito cuidadoso com ela, mas também era o mais firme. Talvez o único que realmente fosse firme.

— Eu tenho medo, papai — um soluço escapou de sua garganta e ele se ajoelhou em frente a ela — E se eu nunca mais puder andar? Se eu nunca mais puder dançar?

Max passou a mão gentilmente pela bochecha dela, secando suas lágrimas.

— Então, você poderá fazer outras coisas.

PERIGOSAS ACHERON

Poderá aprender a amar outras coisas — incentivou ele — Eu sei que a dor às vezes nos faz pensar que sim, mas a vida não acabou.

Mas ela não queria ter que encarar outras possibilidades, Caroline queria sua antiga vida de volta. O que talvez não pudesse mais ser possível. Ela conseguiria ver o mundo com outros olhos?

— Por que não volta para Uptown? — questionou Max, com um sorriso encorajador — Você sabe que lá as chances de tratamentos são bem melhores.

Em Uptown ela teria mais opção, mas também ficaria sempre de frente com tudo que a causava dor.

— Vou voltar para a Hunter para ficar no lugar de Rebecca, até o bebê nascer — informou ele — E não quero deixar de te ter por perto.

Caroline sabia que Max continuaria a fazer as
PERIGOSAS ACHERON

viagens desgastantes para visitá-la, mesmo após um dia cansativo de trabalho, e apesar de gostar de tê-lo por perto, não achava justo impor isso a ele. Estava feliz pelo pai voltar a tomar as rédeas de sua empresa e novamente ter um foco. Ela não queria ser para ele o que sentia ser para todos, um fardo.

— Você pode vir nos finais de semana — sugeriu, abrindo um sorriso que esperava o convencer — Além disso, Ryan está aqui e ele pode dizer que melhorei bastante.

— Carol...

— Não estou pronta para voltar, papai — implorou — Por favor.

Max a analisou por um momento, chegou a abrir e fechar a boca umas duas vezes, antes de se inclinar e beijar carinhosamente a testa dela.

— Tudo bem, minha filha — murmurou ao abraçá-la — Tudo bem. Faça como quiser.

PERIGOSAS NACIONAIS

Cada um tinha uma forma de enfrentar seus problemas ou obstáculos, Caroline ainda estava tentando encontrar a dela.



Ryan gostava das visitas de Max, porque sua presença calma e os conselhos sábios sempre davam a ele uma direção.

— Eu tentei o que você disse — disse ele, seguindo até uma rocha onde se sentou — Tentar ser mais firme.

Eles haviam saído para caminhar enquanto Caroline estava com a enfermeira que a auxiliava e a fisioterapeuta que ajudava no tratamento.

— Ela disse que melhorou bastante — citou Max, ocupando um lugar ao lado dele.

Ryan sorriu.

PERIGOSAS ACHERON

— A gente sai de casa agora — disse ele — Não na vila, claro. Ela não gosta de gente a encarando, já basta as vezes que temos que ir a Uptown para consultas de rotina.

Embora Ryan soubesse que isso era importante, todas as vezes essas viagens contribuíam para Caroline voltar mais arisca e retraída.

— Mas eu sinto que essas pequenas mudanças estejam fazendo bem a ela — contou ele — Sabe, Carol não ficou com trauma dos cavalos, e estamos pensando em equoterapia.

— Isso é muito bom — Max estava realmente muito feliz com essa nova possibilidade de tratamento e que a filha estivesse disposta a encarar — Vou falar com o Dr. Garword.

Max colocou a mão no ombro de Ryan e o apertou de leve.

— Você é um bom rapaz, Ryan — disse ele em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um tom emocionado — Um grande homem, na verdade. Nunca terei palavras suficientes para agradecer tudo o que faz por minha filha.

— Eu a amo — confessou ele, engolindo o nó que parecia preso em sua garganta.

— Sei disso, filho. É esse amor que a tem feito, mesmo que não pareça ou perceba, ganhar forças.

— Eu queria que também a fizesse parar de sofrer — confessou ele.

— Isso apenas Caroline poderá fazer por si mesma — disse Max — Independente de qual seja seu destino. E ela irá se dar conta disso. Conheço minha menina.

E como sempre, Max deu a Ryan uma nova dose de esperança para enfrentar o que viesse pela frente.

E diferente da grande parte das vezes, eles encontraram Caroline muito mais disposta após os PERIGOSAS ACHERON

exercícios desgastantes. Até ajudou Max e Ryan no preparo do jantar e na arrumação da mesa. Eles tiveram uma noite feliz em família, como há muito tempo não vinham tendo.

E cada vez que Max observava discretamente os dois juntos e o entrosamento entre o casal, tinha a plena certeza de que foram feitos um para o outro. Ele voltava no tempo, lembrando de como ele e a esposa também tiveram momentos felizes naquela casa. E pensar na doce Olivia não doía mais tanto quanto antes.



Ao olhar para o bebê adormecido em sua cama, Caroline sentiu uma nova chama de amor aquecer o seu peito. Não iria mentir, poderia, por vários momentos, ter sentido mágoa por Rebecca, em outros até mesmo raiva, mas ela não podia negar,

os filhos dela a conquistavam de uma forma assustadora, e não seria diferente com o pequeno Brian.

Se Olivia foi uma das responsáveis por unir novamente a família, o bebê chegou para reafirmar isso. Todos estavam, de certa forma, diferentes. Michael havia se tornado um homem, um verdadeiro chefe de família. Rebecca estava mais calma e feliz, embora, vez ou outra, Caroline a pegasse olhando-a com tristeza, e ela sabia que essa melancolia era causada por ela. Max estava radiante com o neto e Ryan encantado com o bebê. Crianças realmente enchiam a casa de felicidade e esperanças renovadas.

— Tia Carol? — Olivia, que estava sentada no colo dela, a abraçou apoiando o queixo no ombro dela — Posso perguntar uma coisa?

Ela detectou a apreensão na pergunta da menina

e afagou os cabelos dela.

— Claro que sim, meu amor — disse com doçura para ela — Sabe que pode me perguntar qualquer coisa.

Caroline sentiu o peito da criança movimentar e logo depois ela soltar um ar pesado.

— O meu papai ainda vai gostar de mim?

O questionamento a pegou de surpresa. Como filha mais nova, ela não passou por dúvidas como aquela. Mas ela conhecia bem a sobrinha, não era uma dúvida boba de uma criança enciumada. Sua insegurança vinha do fato de ter conhecido o pai há bem pouco tempo, diferente de Brian, que já nascia e cresceria contando com o amor de Michael.

Caroline não tinha dúvidas que seu irmão e Rebecca tratavam a filha com muito amor e carinho, mas um bebê recém-nascido exigia muita atenção e cuidados dos pais. Ela falaria com os dois

PERIGOSAS ACHERON

para que tivessem uma conversa com ela, mas, por ora, trataria de acalmar o angustiado coração infantil.

— Olha só, meu amor — segurando-a pelos ombros, Carol a afastou para que pudessem se olhar nos olhos — O seu papai ama você grandiosamente.

Ela olhou em volta do quarto, e quando viu o objeto que poderia elucidar sua explicação, apertou o botão, levando as duas na cadeira de rodas até a penteadeira.

— É como se você fosse esse vidro de perfume — disse, entregando a Olívia, depois fizeram o caminho de volta à cama — E o amor do seu papai fosse esse travesseiro fofinho. Você acha que esse travesseiro cabe dentro do frasco?

Surpresa e ao mesmo tempo feliz, Olívia sacudiu a cabeça, fazendo os cachos em volta do

seu rosto balançarem.

— É exatamente assim que os seus pais te amam —
— continuou Caroline.

— Eles me amam tudo isso?

— É tanto amor, que nem cabe no coração —
ela sorriu e apontou para o bebê — E também sobra
muito amor para o Brian e outros irmãos que você
possa ter. Me diz uma coisa, você ama o papai e a
mamãe?

— Um montão também.

— E a vovó Laura, os seus vovôs, sua tia
Brianna, o Ryan...

— A Abbi, a Ariel, a Sra. Dickson... — Olívia
seguia empolgada a longa lista de pessoas que ela
amava, enquanto Caroline a ouvia, sorrindo —, a
minha professora.

— E o Brian também certo?

As duas olharam para o bebê dormindo na cama, que pareceu dar um pequeno sorriso.

— Eu amo o meu irmãozinho — sussurrou Olívia.

— Porque a gente consegue amar muitas pessoas — Caroline passou os dedos pelo rosto dela com carinho — De infinitas maneiras.

Então, Olívia fez algo que além de surpreender a tia, a marcou de uma forma terna para o resto de sua vida.

— Eu também amo você, tia Caroline — ela segurou o rosto dela com suas mãos pequenas e delicadas — Toda noite eu e mamãe reza para que você fique boazinha logo. E eu sei que você vai ficar, minha amiga disse que, sim.

Caroline já viu Olívia em suas brincadeiras com a amiga imaginária, isso não era novidade para ela. Agora, saber que era uma parte importante das PERIGOSAS ACHERON

orações da menina a emocionou.

— Você reza para que eu saia da cadeira? — perguntou, tocada.

— Não. Para que você cure o seu coração — disse a menina — O papai disse que ele tá dodói.

Como uma menina como ela conseguia ser tão sábia? A limitação física entristecia Caroline, mas realmente, a maior parte de sua dor estava no coração. Era ele que precisava ser curado antes de tudo.

— Porque se você fica triste, todo mundo fica. E, às vezes, eu vejo a mamãe chorando com a sua foto na mão.

Dizer que se sentia surpresa em saber isso seria mentira. Caroline sabia que Rebecca carregava no peito a culpa pelo que tinha acontecido a ela. Era impossível não enxergar isso nos olhos dela, até porque, muitas vezes, em seus momentos mais

PERIGOSAS ACHERON

tristes, alimentara essa ideia.

— Eu não gosto de ver você e mamãe chorando
— lamentou Olívia — Mas vai ficar tudo bem. Eu
te amo do tamanho desse travesseiro.

— Ah, Olivia — ela abraçou a menina que se
encostara em seu peito e apertou forte — Eu te amo
tanto.

Ela não queria chorar, ou não devesse para não
assustar a criança, mas ela nunca precisou tanto
liberar a angústia que carregava há tanto tempo em
seu peito.

Capítulo 38

Um dos motivos de terem retornado à Uptown, além de ver o bebê que havia nascido, era para saber o quanto o tratamento que Caroline passou a seguir com mais seriedade estava surtindo efeito, mas a resposta do médico não foi muito animadora.

— Sua lesão foi em uma região delicada — disse, ilustrando o que dizia em um boneco ao lado dele — Possivelmente será necessário mais uma ou duas cirurgias.

Ryan buscou a mão dela, mas Caroline o afastou. Ele sabia o quanto era duro para ela ouvir que seus esforços da última semana não tiveram grandes progressos, mas o importante era que ela

estava lutando. Agora, só precisava acreditar.

— E o mais importante, Caroline, é que continue a se dedicar aos exercícios...

— Por quê? — Caroline o interrompeu — Por que tanto empenho para promessas vazias? Ninguém tem certeza de nada.

O médico a encarou em silêncio, depois olhou brevemente para Ryan. A reação de Caroline era esperada por ele, a maioria dos pacientes em uma situação como a dela reagiam igual.

— Porque os exercícios estimulam os músculos e os deixam mais fortes, até mesmo para a cirurgia. Para que tenha qualidade de vida. Para que possa executar coisas do seu dia a dia sozinha, como sentar, deitar, dirigir e até praticar esportes. A sua vida não acabou só porque deseja isso — disse ele com a calma e paciência que um médico deveria ter, mas sem perder a firmeza — Ninguém ao seu

redor pode fazer essas coisas por você, tampouco ir em busca da cura. Você pode voltar a andar, talvez. Pode ficar na cadeira de rodas, também, mas você não é só isso. Há centenas de pessoas enfrentando os mesmos obstáculos. Pessoas corajosas que decidiram lutar, todos os dias. Seja um exemplo para você e tantas outras pessoas.

Ryan só percebeu que segurava a respiração quando precisou de mais ar. O Dr. Garword, assim como Max, sabia ser duro com Caroline quando precisava. Era duro para ele presenciar isso, mas Ryan tinha noção de que havia ocasiões que isso era necessário. Por amar muito Caroline, ele tendia a querer protegê-la, mas nem sempre dava para acordar alguém de um pesadelo com palavras doces, às vezes era preciso sacudir seus ombros.

— Estou de acordo com a equoterapia, se aplica no seu caso, Caroline — continuou o doutor e

PERIGOSAS NACIONAIS

entregou a Ryan um cartão que tirou de sua gaveta — Mas não podem simplesmente pegar os cavalos que tem, é necessário todo um programa. Podem visitar essa clínica ou contratar profissionais especializados nisso. Nesse ínterim, vou reunir a equipe médica e estudaremos a necessidade de uma nova cirurgia.

Claro que o puxão de orelha do Dr. Garword não surtiu efeito imediato em Caroline. Havia todo um processo para ela assimilar tudo isso. Primeiro sentia raiva, convicta que ninguém conseguia compreendê-la, depois ficava introspectiva e deprimida, e só após algum tempo conseguia reagir positivamente sobre o que tentavam fazê-la enxergar.

— Eu vou preparar um banho para você — disse Ryan ao chegarem em casa — Vai se sentir mais relaxada.

PERIGOSAS ACHERON

Caroline guiou a cadeira de rodas até a janela, onde ficou observando silenciosamente o jardim que sua mãe, quando viva, adorava cuidar.

Ryan a ajudava a tirar as roupas e a entrar na banheira, quando seu telefone tocou sobre a pia. O número que identificou no visor o deixou um pouco incomodado. Como Caroline gostava de ficar um tempo sozinha, aproveitando a água e espuma em volta dela, e ele não queria que ela se preocupasse com o motivo da ligação, decidiu atender fora do quarto.



A banheira sempre a fazia sentir o corpo mais relaxado, mas dessa vez o que mais precisava era de uma pausa de sua mente. A conversa com o Dr. Garword mexeu com ela. Foi até o consultório cheia de expectativas e esperanças, apenas para

saber que poderia passar por mais um longo e doloroso procedimento cirúrgico.

Ela deveria saber que as coisas não mudariam como num passe de mágica. E por mais que agora viesse se esforçando mais em seguir o tratamento, não tinha garantia de nada. Sua vida era um grande ponto de interrogação.

Estava cansada de ter e perder as esperanças, era como estar sempre presa em uma montanha-russa. Subindo e descendo a cada dia. Talvez devesse aceitar que a cadeira de rodas fosse sua realidade para sempre. E se isso acontecesse mesmo, sobre uma coisa, diante de todas as verdades que o Dr. Garword havia jogado na cara dela aquela manhã, uma era completamente certa: Caroline precisava começar a agir sozinha.

Então abriu os olhos e limpou as lágrimas escorrendo por suas bochechas. Começaria nesse

momento. Pegou duas toalhas em cima do banco ao lado da banheira, inclinou o tronco o máximo que conseguiu para que suas mãos conseguissem alcançar a cadeira de rodas e a puxou para perto dela. Jogou uma das toalhas secas para não molhar o assento e a segunda sobre o braço da cadeira, para que pudesse se secar ao sair.

As primeiras tentativas foram frustradas, pois ela tinha se esquecido de travar as rodas, e sempre que tentava sair da banheira a cadeira de rodas deslizava para longe dela. Quando finalmente ajustou esse detalhe, Caroline respirou fundo e fez uma nova tentativa. O problema era que seus braços estavam cansados dos esforços anteriores e seu corpo pesava mais do que ela havia imaginado. Antes de conseguir se sentar, seus braços escorregadios perderam a estabilidade, e rapidamente ela se viu desabando em direção ao chão duro e frio. No anseio de tentar se equilibrar,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fez com que a cadeira tombasse ao seu lado, ruidosamente.

— Carol? — Ryan gritou por ela ao entrar no banheiro, apavorado.

Ele ajoelhou-se diante dela, segurando com cuidado sua cabeça.

— Eu só queria sair da banheira — ela começou a soluçar — Eu só queria sair da banheira.

— Tudo bem, Carol — murmurou ele beijando a testa dela, após se certificar de que estava bem — Está tudo bem.

Ele sentia orgulho que ela resolvera dar aquele passo, embora tivesse terminado daquela maneira.

— Não está nada bem — ela chorou, desolada — Por que eu não morri naquele dia? Por que...

— Não diga isso! — ele a obrigou a encará-lo, embora suas próprias lágrimas o impedissem de ver

PERIGOSAS ACHERON

muito bem — Nunca mais diga isso. Por favor, não diga isso.

Ryan não sabia se consolava Caroline ou a si próprio. Pensar que poderia tê-la perdido naquele dia, quando a encontrou ferida e desacordada, o assustava tanto quanto no ocorrido.

— Eu amo você, Carol — ele a tirou do chão e a levou para o quarto — Meu coração teria morrido junto.

Mas Caroline só conseguia pensar uma coisa: viva ou morta, ela era um fardo para Ryan. Ele não mereceria ter toda sua juventude, seus planos e sonhos colocados de lado por causa dela. Que não era capaz de executar a simples tarefa de entrar e sair de sua cadeira de rodas.



Caroline queria nunca ter vindo a Uptown. Onde

PERIGOSAS ACHERON

sempre se sentia mais infeliz e incapacitada do que em Greenville, além do fato de que as piores coisas aconteciam ali.

Depois da sua visita ao médico e a queda da cadeira, trancou o coração novamente, e teria retornado imediatamente ao campo, se Rebecca, Michael e principalmente Olívia não tivessem insistido para que ficassem para o almoço de domingo que faziam em volta da piscina.

Ficou mesmo pela sobrinha, a quem não conseguia negar nada. Mas enquanto os demais comiam, bebiam e pareciam ter um dia divertido, o desejo de Caroline era estar longe dali. Onde pudesse simplesmente se entregar à tristeza que crescia em torno de sua alma.

— Olha, tia Carol! — Olívia gritou por ela — Eu vou pular.

Ela sorriu para a menina animada, dando os

instantes de atenção que ela desejava, mas logo seu olhar caiu sobre algo igualmente importante. O sorriso de Ryan se desfez ao atender o telefone. Ele disse algo rapidamente e se afastou de Michael, com quem conversava.

Uma das vantagens da cadeira motorizada que Max havia providenciado para Caroline era a facilidade de se locomover rapidamente, melhor do que se usasse as próprias pernas.

Quem teria ligado para deixar Ryan tão atordoado? E o que queriam com ele?

Não era a primeira vez que uma ligação o deixava assim. Mas esses questionamentos de Caroline foram deixados de lado por outra cena que presenciou. Brianna vinha do escritório de Max. Parecia tão afogueada que não notou Caroline do outro lado do hall. Logo em seguida, e um tanto intrigada, observou Max saindo do mesmo

escritório tocando os lábios, com um sorriso bobo no rosto.

Ela não queria que ele a visse, e como seu quarto ficava na direção contrária, guiou a cadeira para longe dele.

O que seu pai fazia no escritório sozinho com Brianna?

Eles trabalhavam juntos agora, mas o que podiam ter de tão importante na Hunter, que os obrigavam a ter reuniões fechadas no escritório dele, em dia completamente familiar?

— Eu sei... — Caroline ouviu o sussurro de Ryan através da porta entreaberta — O senhor tem sido muito atencioso. Mas eu não posso sair daqui agora. Talvez ela faça outra cirurgia, então eu realmente não tenho uma data a lhe dar.

Ela não precisou ouvir muito ou de um tempo maior para saber com quem Ryan estava

PERIGOSAS ACHERON

conversando ao telefone.

— Eu entendo. Obrigado pela oportunidade, de qualquer forma — lamentou ele — Sim, eu direi, caso mude de ideia ou alguma alteração aconteça. Até logo.

Caroline encarou a porta, incerta se deveria ou não entrar no quarto. Passou tanto tempo lamentando o que lhe aconteceu e desesperada pelo futuro cinza à sua frente, que havia ignorado algo também muito importante. Que Ryan havia se anulado completamente, tornando-a sua única e maior prioridade na vida.

— Carol? — ele abriu a porta, se deparando com ela — Está aqui faz muito tempo?

O suficiente para notar algo sobre si mesma. Era vergonhosamente uma egoísta.

— Quem era ao telefone?

O questionamento desconcertou Ryan e ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

retornou ao quarto, sentando na cama. Passou a mão pelos cabelos, exasperado, e finalmente a encarou.

— Não era importante.

Ele mentia.

— Quem era ao telefone? — pressionou mais uma vez — O dono da galeria, não é? Sobre o vernissage que você tinha planejado fazer?

— Ele só queria ver alguns detalhes.

— Eu sou o impedimento — Caroline sentiu as lágrimas nublar seus olhos — Primeiro a faculdade, e agora um dos sonhos mais importantes para você.

Ryan saltou da cama e ajoelhou ao lado dela, buscando suas mãos.

— O que aconteceu só adiou os planos por um tempo, amor — disse ele, com uma convicção que

PERIGOSAS ACHERON

Caroline gostaria de poder acreditar.

Hoje, Ryan via as coisas assim, mas depois que os anos se passassem e que ele enxergasse todas as oportunidades que deixou de lado por causa dela, a mágoa viria e ela não conseguiria viver com isso.

— O que exatamente ele disse?

— Caroline...

Ela não iria ceder.

— Ele não sabe se conseguirá manter algumas datas livres, na galeria.

— Então, sim, a culpa é minha.

— Olha, esse ano — ele deu de ombros — Ano que vem, não importa.

Importava para ela. E embora Ryan fingisse que não, ela sabia que era importante para ele também. Caroline observou seus ombros curvados. Ryan parecia tão cansado quanto se sentia. As coisas não

estavam sendo nada fáceis para nenhum dos dois. E não conseguiria ser feliz sabendo que o fazia infeliz.

E se ao menos ela tivesse um fio de esperança a que se agarrar, talvez as ideias que começaram a se formar em sua cabeça e a decisão que tomaria fossem um pouco menos dolorosas.

— Você quem sabe — murmurou, tentando mostrar indiferença — Estou cansada. Poderia me ajudar a me deitar?

Aliviado, ou quem sabe cansado demais para uma nova discussão, Ryan assentiu.

— Sabe... — disse Caroline, quando ele ajeitou o travesseiro para ela — Vi uma coisa curiosa antes de vir para o quarto. Brianna saindo do escritório do papai, um tanto perturbada.

Ela o olhou atentamente.

— E meu pai saindo do mesmo escritório com

PERIGOSAS ACHERON

um sorriso meio suspeito.

— Humm... — ele se inclinou para ajeitar as cobertas.

— O que você sabe, Ryan? O que está acontecendo que eu não sei?

— Não sei te dizer.

— Não sabe, ou essa é apenas mais uma das verdades que escondem de mim?

Ryan sentou na cama e inspirou fundo.

— Inicialmente, pode parecer um pouco confuso e difícil de você entender — disse ele — Mas a Brianna... ela sente uma admiração pelo Max desde menina.

— Mas ela o conheceu quando... — Caroline abriu e fechou a boca, chocada — Minha mãe ainda era viva.

— Não é como você pensa, Carol — Ryan foi

em defesa de Brianna — Brianna nunca desrespeitaria sua mãe, ela gostava da Olívia. Era só uma coisa de menina e que agora, depois que voltamos, bom, os dois estão um pouco mais próximos, acho que os sentimentos podem estar aflorando.

— Mas o meu pai ainda ama a minha mãe! — ela se exaltou— Ele sempre irá amar.

— Caroline, o seu pai está vivo. Eu tenho certeza que a Olívia...

— Não! Isso é ridículo, Ryan — ela sacudiu a cabeça, se recusando a dar ouvidos ao que ele falava — É nojento. Brianna só é alguns anos mais velha que eu. Ela poderia ser a filha dele.

— Mas ela não é — rebateu Ryan — E se os dois decidirem ficar juntos, não vejo problema.

Durante toda a sua vida, Caroline tinha visto o amor dos pais como algo único e especial. Max ter PERIGOSAS ACHERON

se afogado na dor após ter perdido a esposa a entristecia, mas aos olhos dela era mais uma prova de como o amor entre eles era único. Muitas vezes pensou no pai conhecendo outra mulher, mas nunca realmente acreditou nessa possibilidade, e se acontecesse, seria apenas porque ele desejaria uma companhia.

Brianna e Max era errado, de todas as formas. A idades pesariam em algum momento e seu pai sairia machucado mais uma vez.

— Eu nunca vou aceitar isso.

— Não é você quem decide — Ryan a encarou com indisfarçável desapontamento — Eu só peço uma coisa: mesmo que não entenda, apenas não magoe a Brianna. Ela não merece isso.

— Por que você se importa tanto? Ela nem é sua irmã de verdade.

Do dia que saiu do hospital a essa discussão

PERIGOSAS ACHERON

tola, Caroline disse e fez coisas que deveria se arrepender, para tentar afastar Ryan. Mas ele soubera contornar e aguentar cada palavra ríspida com paciência, até finalmente ser ela a começar a desistir.

Uma vez disse a Ryan que ele era sua kriptonita ao contrário e que o amor dele a fortalecia. As fraquezas de Ryan eram as pessoas que amava, a sua família.

— Eu não acredito que me disse isso — acusou ele, perplexo.

Brianna e Rebecca eram suas irmãs de coração, assim como Laura e Nicholas eram seus pais. Usar isso contra ele teve o efeito pior do que imaginara.

— Eu... — Ryan balançou a cabeça e saiu do quarto, infeliz.

Caroline deixou a cabeça tombar contra o travesseiro, encarando o teto, enquanto as lágrimas

PERIGOSAS NACIONAIS

grossas deslizavam até seu pescoço. Ela não havia sido apenas horivelmente cruel sobre suas últimas palavras ferinas; ela havia mentido.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 39

O clima andava meio tenso desde que eles voltaram de Uptown. Caroline se mantinha distante e Ryan não conseguia mascarar a decepção que ainda sentia pelo que ela havia dito. Ele não sabia como andava, ou se havia algum relacionamento em andamento entre Brianna e Max, mas ele conhecia a irmã. Os sentimentos dela por Max sempre foram os mais sinceros possíveis.

Ryan não via um possível relacionamento entre eles como algo inaceitável e nojento, como Caroline havia insinuado. Havia uma relativa diferença de idade, mas Max ainda era um homem interessante e atraente para qualquer mulher. E se os dois se apaixonassem, qual era o problema?

Ele entendia que, inicialmente, Caroline pudesse ter dificuldade em aceitar, afinal, ela sempre foi apegada aos pais e via o casamento deles como modelo, mas como destacou a ela, Max estava vivo, e depois de tudo que passou e sofreu após a morte da esposa, merecia reconstruir a vida, e Ryan não via ninguém melhor que Brianna para exercer essa função.

Tinha doído que Caroline usasse sua família para atingi-lo, como seu calcanhar de Aquiles. Ela mais do que ninguém sabia como aquele garotinho inseguro na infância sonhou com o amor de uma mãe que tinha acabado de perder; com o amor de Laura. E quando isso finalmente aconteceu, e no pacote ganhou duas irmãs, o significado de família, começou a fazer todo sentido para ele.

Mas esse ainda não era o dilema. Mesmo que Caroline usasse os que amava contra ele

novamente, Ryan poderia suportar, mas seria um verdadeiro inferno ter que ficar entre os que amava e ela. Que ela ainda estivesse brava com Brianna, por junto a Rebecca ter mentido por anos, era justo. Que não visse com bons olhos a relação dela com Max, compreensivo; mas Ryan não podia aceitar que Caroline fosse malvada com sua irmã, porque, pela primeira vez, teria que ser duro com ela.

Por isso, os dias que seguiram ao retorno a Greenville, passava boa parte do tempo pintando, enquanto Caroline voltava a se isolar no quarto. Ele não iria forçar as coisas, deixaria que ela, em seu tempo, abandonasse o casulo. Dessa vez, o primeiro passo não seria dele.

Ele mergulhava o pincel na mistura de tinta que começava a diluir, quando o seu telefone começou a tocar.

— Você precisa me ajudar!

Ele sorriu ao ouvir a voz acelerada de Brianna e achou engraçado que estivesse justamente pensando sobre ela.

— Quem você matou e onde esconderemos o corpo?

Ao contrário da risada que ele esperava, ouviu um gemido sofrido.

— Brianna, está tudo bem? — ele largou o pincel e ocupou pela primeira, vez desde que começou a pintar, o banco que havia trazido com o cavalete.

— Estou ótima... Bem, na medida do possível, nessa situação — ela pediu um minuto para falar com alguém, que se realmente tivesse levado todo esse tempo, o teria deixado maluco de preocupação. — Lembra do programa de apadrinhamento de Laura?

— No orfanato?

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele esteve com ela quando a mãe expôs suas ideias de como ajudar o orfanato a Madre Superiora. O apadrinhamento consistia em adotar uma criança em datas especiais e passar algum tempo com elas, além de suprir todas as suas necessidades durante o ano. Para casais que não podiam ter filhos e temiam a adoção de crianças mais velhas, era um excelente começo. Em contrapartida, essas crianças recebiam a atenção e carinho que tanto sentiam falta.

— Isso. Bom, a Rebecca adotou um menino. Só que ela não poderá cumprir com o seu papel — ela fez uma pequena pausa para respirar — Ela pediu que Max e eu ficássemos em seu lugar, já que Michael e Olívia estão doentes.

Ryan apreciava essa nova versão de Rebecca, mais leve, feliz e que buscava o bem das pessoas, ao invés de vingança a quem havia machucado seu

PERIGOSAS ACHERON

coração.

— Temos um garotinho, e é aniversário dele — continuou Brianna — Max acha que Greenville seria um lugar legal para ele ficar. Sabe, o lago, os cavalos, essas coisas.

Max estava certo sobre isso, o receio de Ryan era Caroline.

— Você pode cuidar desses detalhes? — a empolgação na voz de Brianna o impediu de compartilhar aquele receio — E um bolo. Pode ir à vila encomendar o melhor bolo que já viu?

— Tudo bem. Esse garotinho terá o melhor bolo que ele poderia sonhar.

— Você é a pessoa mais incrível de todo mundo! — ela gritou no telefone, fazendo-o afastar da orelha por alguns segundos. Podia jurar que ela estava pulando no lugar — O melhor irmão que uma garota poderia ter.

Eles não eram irmãos de sangue, como Caroline havia ressaltado, mas o carinho que sentiam, no caso deles, valia muito mais que qualquer laço de sangue.



Caroline não tinha problema algum que trouxessem o garotinho para passar o fim de semana com eles, ainda mais um menino órfão, precisando de um pouco de amor e atenção. O motivo de seu desgosto era Brianna.

— Ainda não entendi por que ela tem que vir.

— Uma das regras do programa, é que tem que ser um casal.

— Mas eles não são um casal! — exclamou ela
— Entendo e concordo que é preciso tomar cuidado com a segurança das crianças, mas a Madre conhece meu pai, conhece você, e eu estarei aqui.

Então, a Brianna não precisa vir.

— Foi um pedido da Rebecca.

— Agora entendo. Rebecca... — Caroline levou a cadeira de rodas até a janela, dando as costas a Ryan — As duas sempre foram como unha e carne. Ela sabe que Brianna dá em cima do meu pai.

— A Brianna não dá em cima do seu pai — disse ele, aborrecido — Eu não sei se Rebecca sabe sobre os sentimentos dela. Ela nunca quis ouvir falar nada da família Hunter.

Caroline, assim como o restante de sua família, havia decidido colocar uma pedra nessa parte nebuloso do passado, mas não deixava de doer um pouco sempre que o assunto era levantado.

— Você pode ficar no quarto, como sempre faz — a amargura na voz dele não passou despercebida a ela — Não precisa participar de nada.

Seu coração se contorceu, então se recordou por
PERIGOSAS ACHERON

que fazia isso. O distanciamento era para o bem de Ryan. Ele merecia ter a oportunidade de ir atrás de seus sonhos, sem que ela fosse o obstáculo em seu caminho.

— Bem, se ela vier, eu não vou mesmo.

— Muito bem — ela ouviu os passos pesados dele o levarem para fora do quarto — Só não seja cruel com o garoto e principalmente com Brianna.

Magoada, ela virou a cadeira em direção à porta.

— Acha que seria malvada com uma criança?

— Não... com o menino, não.

Mas já com Brianna... Não foi preciso que ele concluísse esse pensamento.

Quem era ela? Quem era o homem de olhar duro que a encarava? O que os dois estavam se tornando um para o outro?

Quando Ryan saiu, deixando-a na companhia do

PERIGOSAS NACIONAIS

silêncio, Caroline permitiu que seus sentimentos finalmente viessem à tona. Ela chorou, abraçada a si mesma. Sentia um frio que parecia vir do mais profundo de sua alma. Estava sozinha, com a sua dor, e parecia mergulhar cada vez mais dentro desse mar negro que a consumia. A última parede em seu castelo de felicidade estava desmoronando, e a marreta estava em suas mãos.



Eles estavam no quarto selecionado para Brianna, durante aquele fim de semana. Max, que dividiria o outro quarto com o pequeno Luke, que pedira assim, e Ryan tinha que confessar que ficou aliviado. Caroline já não estava muito feliz com a presença de Brianna, ver o pai compartilhando a mesma cama que ela a faria surtar, com toda certeza.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu acho que vocês estão superprotegendo-a — disse Brianna, fazendo com que Ryan a encarrasse com atenção — Sei que é uma prova muito dura, mas Carol tem um lar, pessoas que a amam, e mesmo uma mínima possibilidade de tratamento. Se ela não entende isso com amor, acho que está na hora de aprender com a dor.

— Mais? — indagou ele, em um tom de defesa.

Embora estivesse chateada com Caroline, ele tinha acompanhado de perto cada etapa do sofrimento dela. Ela nunca foi a menina mimada, que às vezes aparentava ser. O problema era que, agora, os sentimentos ruins que atormentavam seu coração falavam mais alto que a garota doce que conheceu a vida inteira.

— Sabe que Max disse algo similar a isso? — perguntou Ryan — Talvez vocês tenham razão. Sempre quis protegê-la, mas não dá para protegê-la

dela mesma e dos monstros que cria na própria cabeça.

Ryan se esticou na cama, olhando para o teto. Brianna deitou ao lado dele, olhando para o alto também.

— Quando o Nicholas me adotou, eu queria provar o tempo todo que ele não teria do que se arrepender. Eu era como um fantasma naquela casa, nunca fazendo nada de errado — disse ele — E também queria que a Laura gostasse de mim.

O que só aconteceu um pouco antes de Laura finalmente reencontrar a filha, podendo aquietar seu angustiado coração de mãe.

— Quando a Carol vinha nos visitar, me seguia por toda parte — ele emitiu um sorriso nostálgico — Sempre tagarelando no meu ouvido. Ela me aceitou e gostou de mim, sem que eu precisasse me esforçar muito.

Ela abria tão facilmente o coração para as pessoas como fechava, concluiu ele.

— Eu sempre soube que ela ficaria na minha vida — confessou ele em um tom emocionado — Eu só queria que ela me deixasse ficar na dela também.

Brianna era uma pessoa naturalmente emocional, não foi surpresa para Ryan vê-la expressar seus sentimentos com o que lhe contava.

— Ah, Ryan — ela fungou, piscando os olhos para afugentar as lágrimas — Um dia ela irá se dar conta do homem maravilhoso que você é.

— Quem sabe — ele deu um sorriso que não chegou aos seus olhos, mas se permitiu continuar acreditando nisso — Talvez o segredo seja eu deixar de ser tão maravilhoso, ou estar sempre à disposição dela.

Havia uma parcela de humor no que ele disse,
PERIGOSAS ACHERON

mas, no fundo, existia um fundo de verdade.

— Mas chega dos meus problemas — Ryan pulou da cama, esfregando as mãos — Estamos aqui por aquele menino. Programei algumas coisas e quero saber o que acha.

— O que você tenha planejado, eu tenho certeza que será maravilhoso — Brianna também se levantou, juntando as mãos em oração — Apenas me diga que conseguiu encomendar o bolo.

— Sim, encomendei o melhor bolo que o garotão poderia ter.

Ryan sentiu carinho pelo menino assim que pusera seus olhos nele, quando chegaram. Seu jeito tímido e olhar desconfiado fizeram Ryan lembrar dele mesmo na infância, antes de conhecer Caroline.

— Você é a melhor pessoa e irmão do mundo!
— ela passou sobre a cama para poder abraçá-lo,
PERIGOSAS ACHERON

enquanto riam.



Caroline estava na janela, quando observou o carro se aproximar. Viu Max saltar do carro, abrindo a porta para que Brianna e o garotinho que parecia acanhado, agarrado a ela, saltassem do carro. Viu quando Ryan saiu da casa, animado para recebê-los. E muito mais do que a emocionante cena familiar. Observou a forma que Max colocou as mãos na cintura de Brianna e que as mesmas permaneceram lá mais tempo do que deveria. Ela notou o olhar e sorriso que os dois trocaram ao observar Ryan se agachar para tocar os cabelos do menino.

Se Caroline precisava de alguma prova de que alguma coisa acontecia entre Max e Brianna, os poucos minutos que os observou da janela,

confirmou. Foi mais que um choque para ela, deixou Caroline confusa e desnorteada.

— Aqui está, Caroline — ela desviou o olhar da janela, onde ficou com o olhar perdido enquanto tentava assimilar o que vira, quando a enfermeira se colocou ao seu lado — Exatamente o que me pediu.

Caroline analisou o embrulho de presente que a mulher lhe entregava. Não pretendia participar das atividades festivas que Ryan planejou, mas havia pedido que a enfermeira comprasse para ela, em uma de suas idas à vila, um presente que acreditava que deixaria o menino feliz.

— É perfeito, você pode colocar ali?

Ela indicou o lugar no closet onde deveria ficar guardado o presente de Luke.

— Vejo você na segunda? — indagou Caroline, antes que a enfermeira pudesse se retirar.

Caroline não queria deixar transparecer o quanto

PERIGOSAS ACHERON

a ausência da mulher a deixava em pânico. Sempre que Cleo não estava, Ryan se encarregava de ajudá-la, mas ela não queria recorrer a ele nesse fim de semana. De alguma forma, teria de se virar sozinha, e no fim das contas era bom, logo Ryan estaria completamente longe da vida dela.

— Estarei aqui, senhorita — disse a mulher antes de sair — Deixei tudo organizado como me pediu, e se precisar, sabe como me localizar.

— Obrigada, Cleo, tenha um bom fim de semana.

Uma das coisas boas com o estremecimento de sua relação com Ryan, se é que algo de bom poderia ser tirado dali, era que deu espaço para que a simpática senhora se aproximasse mais. Ouvia e seguia com mais atenção os conselhos dela.

— Posso entrar?

O rosto de Max, com metade do corpo dele,
PERIGOSAS ACHERON

surgiu na porta entreaberta.

— Oi, papai.

Apesar do grande conflito que carregava dentro de si — e sendo honesta, um pouco de mágoa — Caroline amava imensamente o pai.

— Que bom que está acordada — disse Max, ainda da porta — Tem alguém muito especial que eu gostaria muito que você conhecesse.

Caroline levou a cadeira próximo à porta, onde Max entrava com um garotinho que tinha a cabeça tão abaixada que seu queixo tocava o peito. Ela sabia como era aterrorizante e intimidante se ver diante de completos desconhecidos. Qualquer reação de Luke dependeria de como ela iria se manifestar.

— Luke, essa é a minha filha, Carol — Max iniciou as apresentações — E esse é o Luke.

Ela se aproximou um pouco mais e esticou a

PERIGOSAS ACHERON

mão em direção ao menino. Permaneceu com ela estendida, até que, para o seu alívio, Luke não apenas aceitou sua tentativa de aproximação, como deu um sorriso tímido para ela.

Foi como se ela tivesse regressado alguns anos no tempo, e apesar de fisicamente serem muito diferentes, Luke a fazia se lembrar de Ryan, o garotinho acanhado que conquistou seu coração. Assim como havia acontecido com Olívia, foi amor à primeira vista.

— É muito legal conhecer você — disse ela, sorrindo, e para sua surpresa, recebeu um enorme sorriso em retorno.

E quando ergueu seu olhar de volta para Max, recebeu uma piscadela de agradecimento dele.

Caroline tinha sido categórica ao dizer a Ryan que não participaria de nenhuma atividade que Brianna estivesse envolvida, mas não foi capaz de

sustentar a mesma birra, quando Max relembrou a tarde divertida que haviam programado para Luke, principalmente após conhecer o menino.

Então era mais do que frustrante para Caroline tentar pegar o vestido que gostaria de usar naquela tarde, em um dos cabides no closet.

— Caroline? — a voz de Brianna às suas costas a fez se enrijecer — Quer que eu a ajude?

Caroline recordou de sua discussão com Ryan, naquela manhã, após tê-lo ajudado a cuidar dos últimos detalhes para recepcionar o menino, e que ele tentou fazer com que ela mudasse de ideia sobre aproveitar o dia com eles. Diante de sua recusa, Ryan chegou a insinuar que grande parte da implicância que Caroline nutria em relação a Brianna era devido ao ciúmes e medo de perder o amor de Max também. O que ele, e talvez a própria Caroline, custasse a reconhecer, era que existia

muito mais do que isso.

Brianna sempre contou com a amizade de Rebecca, que nunca tentou a afastar dela. Teve Laura e Nicholas, que a acolheram como pais, e o mais importante, o carinho incondicional de Olívia. Não era apenas por Max. Caroline sentia que enquanto Brianna somava, ela apenas perdia.

— Eu não quero nada de você — afastou de perto dela a cadeira de rodas — Pensando bem, acho que há, sim, algo que possa fazer. Você pode ir...

— Caroline!

O chamado de Ryan vindo da porta, impediu que Caroline seguisse com sua reação agressiva.

— Desculpe — pediu Brianna, antes de sair do quarto — Eu... Carol, eu sinto muito, mesmo.

Por ter mentido com Rebecca? Por ter guardado segredos? Ou por agora também conquistar o

PERIGOSAS ACHERON

coração de Max?

Parecia que havia duas Caroline dentro dela, a que sabia que poderia estar sendo injusta e a que não conseguia se afastar da frustração e mágoa.

— Não faça isso — pediu Ryan — Se não por mim, talvez por Max, ou pelo Luke

Embora parecesse, Caroline não queria chatear o pai e muito menos magoar o garotinho. Já bastava ser mais uma decepção para Ryan.

Ela foi até uma das mudas de roupa que a enfermeira havia deixado em uma cadeira.

— Não se preocupe — murmurou ela — Eu não vou ser um problema para vocês.

— Carol...

— Espero que vocês se divirtam, Ryan — ela o dispensou, fugindo para o banheiro.

Ela ligou a banheira, escolheu seus sais de

banho preferidos, deixou as toalhas em uma altura acessível para quando precisasse usá-las. Teve um pouco de dificuldade em tirar a saia e parte de baixo do conjunto de lingerie, mas não se afogou ou caiu da cadeira de rodas, quando mudou para a banheira cheia de espuma. Movimentos naturais para qualquer pessoa, mas que para ela significavam muito.

Mas seu sorriso vitorioso morreu rapidamente, ao constatar que Ryan não estava ao seu lado, e que não havia ninguém mais a quem culpar, além dela mesma, por comemorar sozinha uma de suas primeiras conquistas.

Capítulo 40

Eles saíram para pescar, e Ryan teve que convencer Brianna de que aquilo, era sim, uma brincadeira divertida, principalmente quando Max fingiu ter uma briga entre o peixe e a sua vara, arremessando-o desajeitadamente dentro da água, fazendo com que todos rissem e o seguissem para dentro do lago. Jogaram bola na grama até que suas roupas ficassem secas e fizeram um piquenique à sombra de uma árvore quando pararam para descansar.

Na volta para casa, Ryan sugeriu que visitassem o estábulo e Luke tivesse seu primeiro contato com os animais. Embora ele não tivesse demonstrado sua alegria em palavras, os olhos dele brilhavam e

PERIGOSAS ACHERON

os sorrisos descontraídos surgiam com mais facilidade do que quando chegou.

A grande surpresa, pelo menos para Ryan, aconteceu durante o jantar, quando Caroline apareceu à mesa empurrando sua cadeira de rodas. Os primeiros minutos seguiram tensos e desconfortáveis, mas se suavizaram quando ela entregou a Luke o bloco de desenhar e um conjunto de lápis de cor, que pelo grande sorriso que ele dava a ela, tinha sido seu presente favorito.

— Onde está o bolo, Ryan? — Brianna surgiu atrás dele, na cozinha — O Luke está ansioso por isso.

— O Luke está ansioso por isso, ou você?

Desde que mostrou a ela o enorme bolo, confeitado e colorido, Brianna ficou ansiosa com a reação de Luke.

— Acho que as duas coisas — disse, colocando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

os pratos e talheres sobre a bandeja, enquanto Ryan se ocupava com o bolo — Eu fiquei feliz por Caroline ter decidido.

Ryan também havia ficado, mais do que Brianna e a própria Caroline poderiam perceber.

— Vamos.

Retornaram à sala, e depois de Brianna acender as velas, eles cantaram parabéns a Luke.

— Está na hora de dormir, não é, garotão? — disse Max, ao ver Luke bocejar pela terceira vez.

— Vamos colocá-lo na cama — murmurou Brianna, para Ryan e Caroline.

Enquanto Ryan deu a ela um amoroso sorriso de boa noite, Caroline a encarou com rancor. Parecia que a breve trégua para a comemoração do aniversário do menino havia acabado.

Eles observaram o casal sair da cozinha com a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

criança, e Ryan esperou que o som das vozes se distanciasse até desaparecer, para se aproximar de Caroline.

— Sabia que você é a única que tem a perder com essa birra? — perguntou, exasperado.

Caroline poderia ter tido um dia perfeito com eles, mas preferiu ficar isolada, vendo-os se divertir pela janela. Sim, ele a tinha visto lá, quando retornaram do estábulo.

— O Luke é maravilhoso.

— Sei que é — retrucou ela — Gosto dele.

— Você também já gostou da Brianna. Seriam boas amigas, se você tentasse. Por que não dá a ela mais uma chance?

— Você sabe o porquê — ela acionou o botão que fazia a cadeira se movimentar e começou a se retirar da cozinha.

PERIGOSAS ACHERON

Ryan a interpelou antes que chegasse à sala.

— O que eu sei é como isso é uma besteira — insistiu Ryan — Se Max e Brianna se amam, nada deve ser mais importante que isso.

— Nem eu?

Ele notou o queixo dela tremer e os olhos umedecerem, magoados.

— Ou tudo o que a minha mãe foi para o meu pai? Todos os anos juntos e a linda história que construíram?

Ryan esfregou os olhos, cansado. Parecia que tentava dialogar com uma porta oca.

— O seu pai nunca irá esquecer ou deixar de guardar lembranças doces da sua mãe, Carol — de quantas formas diferentes ele poderia dizer que uma coisa não anulava a outra? — Ele só está apaixonado outra vez.

— E depois que essa paixãozinha acabar? — insinuou ela — Porque um dia vai acabar. Ela só é uma garotinha por quem ele está encantado.

— Você está errada, Caroline — aquela era uma guerra vencida, onde apenas o tempo seria capaz de mostrar como ela estava errada — Sabe, eu não consigo entender. Em que parte de tudo isso você se perdeu?

Ryan queria conseguir entender no que ele havia falhado. Achou que todo amor que sentia por ela a faria ficar mais forte. Que sua atenção e carinho a ajudaria a vencer seus obstáculos. Que os dois poderiam enfrentar o mundo, se precisassem. Mas em algum momento, Caroline começou a se fechar mais, e junto com o muro que erguia em volta de si mesma, o mantendo de fora, tornando seu coração amargo.

Ele a deixou sozinha para que refletisse sobre

sua pergunta e foi para o estábulo, onde passaria aquela noite.



Caroline não havia tido uma noite de sono tranquila, e em consequência, passou a manhã toda trancada no quarto. As palavras de Ryan martelaram em sua cabeça por horas. Vivia um dilema. Parte de si tinha consciência de que Max merecia ter uma nova chance de felicidade, e que ela deveria apoiar o caminho que ele escolhesse para si. Enquanto a parte egoísta, de certa forma rancorosa, receava que o possível relacionamento com Brianna a afastasse do pai, mais uma vez.

Oscilar entre o que era certo e a mágoa enraizada em seu coração a impeliam a fazer, começavam a deixá-la cada vez mais tensa e esgotada. Talvez Caroline devesse conversar com o

pai e saber dele se seus sentimentos eram profundamente verdadeiros. Infelizmente, a oportunidade teria que ficar para mais tarde. Caroline viu Max sair pela porta de entrada assim que chegou à escada.

Da janela, o observou caminhar em direção ao lugar que sempre fora especial para ele e a falecida esposa.

Então, ela não esteve totalmente errada, ou sendo propositadamente malvada, como Ryan a acusava, concluiu Caroline. E seu pai poderia até se sentir tentado pelos encantos de uma garota bonita como Brianna, mas seu coração sempre pertenceria à mãe dela.

— Onde está o Max?

Caroline soltou a cortina, voltando a cobrir a janela, e usou as mãos livres para virar a cadeira de rodas em direção a Brianna. Do outro lado da sala,

ela podia avistar Ryan e Luke distraídos, desenhando.

— Vamos até a cozinha — murmurou Caroline. O que ela precisava dizer a Brianna só interessava a elas.

Apesar de Brianna não ter ficado totalmente convencida com o tom cordial de Caroline, ela a seguiu mesmo assim.

— Deseja saber onde meu pai está — disse Caroline, encaixando a cadeira na mesa da cozinha, apoiando as mãos unidas — Bem, ele foi conversar com a minha mãe. Ele sempre faz isso quando vem me visitar.

Levou alguns segundos para Brianna assimilar a informação com o pequeno veneno incrustado na frase.

— No cemitério, você quer dizer?

— Lá, não — respondeu Caroline — No lugar
PERIGOSAS ACHERON

especial para eles. Perto da campina. Deve ter ouvido falar.

Se não por Rebecca, pelo próprio Ryan, disso ela tinha certeza.

— Papai vai mandar exumar o corpo dela... — soltou Caroline, estudando bem a expressão de Brianna.

O que não era verdade, mas ela queria testar até onde realmente iria o amor que Ryan afirmava que Brianna sentia pelo pai dela e o respeito pela memória de sua mãe. Porque Max até poderia estar apaixonado por ela, mas a história que construía com a esposa jamais seria apagada.

— Vai colocar as cinzas da mamãe ali. É um gesto bonito, não é? Eu sempre achei o amor deles tão lindo. Sempre sonhei com um igual. Um amor que nem mesmo a morte pode apagar do coração.

Se o desejo de Caroline era feri-la, estava

PERIGOSAS ACHERON

seguindo na direção correta. Brianna encolheu-se no lugar e a encarou como se realmente sentisse algum tipo de dor.

— Nunca foi minha intenção, Caroline... — Brianna começou a dizer, dando alguns passos vacilantes até ela.

— Sei que sua intenção pode não ter sido ocupar o lugar da minha mãe — Caroline a interrompeu rudemente — Afinal, meu pai ainda é um homem atraente, sedutor. Mas você deve saber que, para ele, não passa de sexo, uma distração com uma mulher jovem e bonita. No fim, só haverá uma mulher no coração dele: a minha mãe.

E mesmo demonstrando estar extremamente abalada, para a surpresa de Caroline, Brianna não se debulhou em lágrimas ou fugiu, chorando. Ela a encarou com coragem e firmeza.

— Sei que ele sempre amará a Olivia. E nem

desejo que ele apague as memórias que eles têm juntos. Que todos vocês guardam — disse Brianna, com a voz trêmula — Mas eu também amo o Max e posso fazê-lo feliz, se ele permitir isso.

Caroline soltou uma risada debochada, mas, na realidade, sentia medo.

— Alguma vez ele disse que a ama?

A resposta de Brianna poderia mudar tudo. A falta dela deixou Caroline um pouco mais confusa, novamente brigando entre o correto e os sentimentos conflitantes que a consumiam.

— O que você tem contra mim, Caroline? — indagou Brianna, magoada — O que eu fiz para você?

Talvez o grande problema entre elas era que, diferente de Rebecca, as duas nunca tiveram uma conversa. Nunca foram sinceras e diretas, como agora.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que você me fez? Ah, tirando o fato de que sempre quis ocupar o lugar da minha mãe? Que você e Rebecca passaram anos mentindo para mim? Que afastaram Laura e Nicholas no momento que mais precisei? — questionou ela, e agora que abriu essa porta, era impossível recuar — Que quando eu perdi minha mãe, meu pai e meu irmão, pareciam não ligar a mínima para os meus sentimentos? Que por culpa das duas estou presa a essa cadeira de rodas e que talvez eu nunca volte a andar e dançar. Que quer afastar o meu pai de mim, como afastou Laura, Nicholas e Ryan? Quer mesmo saber o que tenho contra você, Brianna?

Enquanto ela teve e ainda tinha tudo, Caroline via-se com nada. E isso era muito difícil de suportar.

— Nós éramos muito jovens naquela época, e a Rebecca estava cega de dor...

PERIGOSAS ACHERON

— Não justifica! — Caroline berrou, calando-a — Nada justifica ou consertará o que vocês fizeram, e o fato de estar presa a essa maldita cadeira.

Brianna sabia que ela tinha razão. Caroline sabia que não estava completamente certa, pelo menos no que se referia ao acidente. Mas eram mágoas demais e feridas profundas que apenas agora estavam sendo encaradas de frente.

— Sinto muito — murmurou Brianna.

Talvez Caroline não acreditasse, mas o coração de Brianna estava carregado de culpa, tristeza por ela, e dor.

— Não... Sua pena não mudará as coisas — Caroline proferiu amargamente — Você pode me odiar agora, mas faço por você o que não fizeram por mim. Estou contando a verdade. Meu pai quase se destruiu, tentando lidar com a morte da minha

mãe. Ele a ama de uma forma que você nunca poderá imaginar. Transcende a tudo. Você é uma bela distração, mas logo irá perceber que nunca poderá chegar ao coração dele. Além disso, ele poderia ser seu pai. Você só tem alguns anos a mais do que eu. É uma situação ridícula, que cedo ou tarde, chegará ao fim.

Caroline desviou brevemente o olhar quando a viu começar a secar as lágrimas que começaram a cair pelo seu rosto.

— Eu o amo — confessou Brianna, segundos antes de um soluço escapar de sua garganta — Amo de verdade.

— Eu acredito — dessa vez, não havia tanta raiva e rancor nos olhos de Caroline, mas uma espécie de pena, que para Brianna parecia muito pior — Acontece que ele não pode amá-la. E se não acredita em mim, vá até lá e veja com os seus

próprios olhos.

Agora era com ela e Max. Se existia mesmo entre eles o amor que Ryan e ela faziam questão de exaltar, nada do que Caroline disse teria importância. E ela sabia que tinha sido excessivamente cruel, mas despejou o que acreditava.

— Está acontecendo algo?

Ryan? Há quanto tempo ele esteve atrás dela?, Caroline se perguntou, antes de virar em direção a ele e se deparar com seu olhar zangado. Nos últimos dias, havia feito com que se afastasse consideravelmente dela. Hoje, poderia estar erguendo entre eles um muro intransponível.

— Bree?

— Vou caminhar um pouco — respondeu Brianna, tentando passar por ele.

— Está chorando? — insistiu Ryan, ao segurar o

PERIGOSAS ACHERON

braço dela e dar a Caroline um olhar questionador — O que você disse a ela, Caroline?

Ela se encolheu na cadeira. Embora ferisse, não podia culpar Ryan por ir em defesa de Brianna. Ele a alertou sobre isso. Só que isso não fazia doer menos. Estava errada, sabia disso, mas ela só queria, no fundo, ainda ser a mais importante para ele.

— Nada, Ryan — afirmou Brianna, conseguindo se soltar — Estávamos só conversando. Preciso mesmo de ar fresco. Fica de olho no Luke para mim.

Brianna saiu apressadamente da cozinha, deixando Caroline intrigada.

Por que não a havia acusado e reportado a Ryan todas as acusações raivosas que Caroline jogou sobre ela?

— Carol?

Certo, naquele momento, Caroline tinha preocupações bem maiores do que tentar entender o porquê de Brianna não ter pago na mesma moeda, e jogado Ryan contra ela.



Quando ele viu Caroline e Brianna saírem sorrateiramente da sala, Ryan acreditou que elas pudessem estar se dirigindo à cozinha, para terem uma conversa onde iriam acertar todas as suas diferenças e que Carol entenderia que sua irmã era uma garota maravilhosa.

Ele continuou desenhando com Luke, dando tempo suficiente para que as duas abrissem o coração e dessem uma chance a outra. Conhecendo Brianna, ele sabia que ela só conseguiria ser plenamente feliz com Max se os filhos deles os abençoassem. Conhecendo Caroline, sabia que ela

encontraria uma amiga incrível em sua irmã. Se as duas baixassem a guarda, teriam muito o que ganhar uma com a outra.

— Está muito bonito, Luke — disse ele, passando a mão na cabeça do menino — Quem são?

Ele não esperava uma resposta. Dos dois dias que passou com ele, só tinha escutado sua voz uma vez, no dia anterior, quando jogaram na grama, e ele chamou Brianna de tia, ao pedir que lhe passasse a bola.

— Esse é o tio Max — disse Luke, apontando o desenho de um boneco de gravata — E essa é a tia Brianna.

Ele também tinha feito um sol brilhante, um lago e a árvore onde eles haviam feito o piquenique.

— Está muito...

PERIGOSAS NACIONAIS

Ryan parou de falar quando ouviu um grito vindo da cozinha. Luke também olhou apreensivo naquela direção, e ele não queria que o menino se sentisse assustado.

— Continue a desenhar — sorriu para ele com carinho — Eu quero um desenho meu também.

Luke assentiu e voltou sua atenção para uma nova folha de desenho. Ryan levantou do chão, onde passou os últimos minutos com o garoto, e caminhou apressadamente até onde vinha as vozes exaltadas.

A tensão entre Caroline e sua irmã era tão grande, como se ele pudesse esticar sua mão e sentir o atrito entre elas. Brianna estava abalada, mas não quis revelar a Ryan o que havia acontecido. Ela escapou, deixando-o sozinho com Caroline, a quem ele não deixaria fugir sem uma resposta.

PERIGOSAS ACHERON

— O que você disse a ela, Carol?

Brianna teve um passado tão difícil, ou até mesmo mais difícil que Ryan. Assim como Rebecca, ela havia crescido em um orfanato, uma contendo com o amor e carinho da outra, quando perderam as esperanças de que alguma família surgisse para adotá-las. Ela não fazia alarde por qualquer coisa e nem se deixava abalar por qualquer besteira. Brianna era uma das pessoas mais sensatas e justa que Ryan conhecia.

— Eu disse a verdade. O que ninguém mais se atreve a dizer, nem mesmo você, Ryan — acusou ela — Que ela me tirou tudo. Por culpa dela e da Rebecca, sou o que me tornei. Que o meu pai não a ama!

— Como você sabe? Falou com o Max?

O silêncio dela dizia tudo.

Ryan já sentiu na própria pele a versão maldosa

PERIGOSAS ACHERON

e irada de Caroline. Ele tinha certeza que ela não hesitou em despejar sobre Brianna todas as mágoas que carregava no peito. O relacionamento com Max só foi a cereja do bolo.

— Eu faria qualquer coisa para que você não estivesse passando por isso — disse, as emoções emergindo do fundo de sua alma — Eu me colocaria no seu lugar. Não há um único dia em que eu não sofra por você e peça que consiga se recuperar logo.

Mais do que uma expressão derrotada, Ryan tinha um olhar profundamente triste. Ele se sentia incapacitado, frustrado, infeliz de não apenas por não poder ajudar Caroline, mas por não conseguir salvá-la de si mesma. E com isso, ele se perdia também.

— Tudo o que já me disse, tudo o que já me acusou, não importa — disse ele, abrindo os braços,

PERIGOSAS NACIONAIS

depois tocando o peito, onde seu coração começava a desmoronar — Era comigo. Sabia que aquela garota falando, não era a menina que me encantou desde a primeira vez que a vi. Eu só tinha que ter paciência e esperar a Caroline que eu amava voltar para os meus braços. Eu fiz tudo! Tentei tudo. Mas nada foi suficiente. Eu não consigo mais alcançar você, Carol.

— Aquela Caroline ficou lá, caída — ela soluçou, escondendo o rosto, enquanto chorava — Ela não pode chegar até mim, você também não pode.

Ryan olhou para o teto, buscando controlar seus próprios sentimentos, mas era muito difícil. Fazer e dizer o que precisava a ela feria o seu coração de inúmeras maneiras.

— Sabe, a sua dor deveria fazer você querer ser uma pessoa melhor — disse ele, o sofrimento

PERIGOSAS ACHERON

desfigurava sua face bonita — Quando a gente vê o outro sofrer, sentimos compaixão, porque sabemos como é ter essa escuridão dentro de nós. Você sabe, no fundo, que a Brianna não merecia nada disso.

Ryan sabia que suas palavras estavam ferindo-a, mas não mais do que a ele mesmo. Não estava sendo duro com Caroline apenas para magoá-la, como ela havia feito com Brianna, mas como sua última tentativa de fazê-la enxergar o caminho terrível que estava tomando.

— Você está nessa escuridão, mas você não é isso — ele respirou fundo antes de prosseguir: — A única que pode abrir a porta e trazer a luz de volta para a sua vida é você, Carol. Eu não consigo mais assistir isso.

Ryan tinha jurado ficar sempre ao lado dela, mas não poderia continuar a fazer isso, se significasse assistir lentamente a sua destruição.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele se ajoelhou diante dela. Afastou suas mãos trêmulas do rosto, e tocou as bochechas molhadas de lágrimas.

— Eu amo você, Carol — fez uma carícia suave, enquanto o coração encolhia no peito ao vê-la tão machucada e frágil — É a única certeza de tudo isso. Eu amo você.

Ele tocou os lábios dela. Eram mais do que duas bocas se unindo, mas duas almas se conectando.

— Quando decidir que pode sair desse limbo onde resolveu se esconder, vou estar do outro lado — ele a afagou —, com minhas mãos estendidas, esperando que atravessasse a porta.

Ele não estava desistindo dela; ele lutava pela última vez para trazer Carol de volta para perto dele, mesmo que, com isso, precisasse se afastar dela. E com essa decisão difícil, Ryan entregava a ela seu próprio coração machucado.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sempre vou estar te esperando — respirou fundo, erguendo-se — Não demore muito. Meu coração ficará aqui com você. Espero que te ajude.

Tocou seus lábios pela última vez, esperando que isso desse a força necessária para seguir em frente.

Capítulo 41

Caroline observou, da janela, Ryan colocar sua última mala no carro. Suas mãos pousaram contra o vidro, e preso em sua garganta queimava o grito em que imploraria para ele ficar. Em seu peito ardia a necessidade de dizer a ele que o amava, que era a pessoa mais importante da sua vida. Que sem ele, tornava-se triste e vazia. Que a dor ganhando força em seu coração, ao ver que estava perdendo-o, era forte demais para que conseguisse suportar.

Mas ela não fez nada ou disse as palavras certas para que Ryan recuasse; ela não confessou a ele, no último instante, seus verdadeiros sentimentos. Com as lágrimas praticamente cegando-a, ela apenas o olhou partir.

Levou a mão ao peito. Sentia tanta dor, como se alguém arrancasse de dentro de si o que era essencial para continuar vivendo. Suas lágrimas eram incontroláveis, os soluços que emitia enquanto se curvava na cadeira de rodas roubavam-lhe o ar. Era como ter mil mortes em uma só. Ter mil facadas atravessando o seu corpo.

— Srta. Hunter? — mãos carinhosas a tocaram, mas Caroline só conseguia concentrar-se na sua dor — Está se sentindo mal, Caroline? O que...

— Ele foi embora, Cloe! — o grito parecia vir do mais profundo de sua alma — Ele... ele foi embora.

O pior para Caroline não era Ryan ter partido. Ela não tinha mudado de ideia em relação a ele ter o direito de seguir seus sonhos, sem que ela fosse um impedimento. Uma pedra em seu caminho. O que a fazia se sentir ainda mais dilacerada, era que

Ryan partisse levando no coração tanta decepção e mágoa dela. Não apenas pelo que disse a Brianna, em seu momento de raiva, mas por todas as vezes que deixou que sua dor, sua fúria pela situação que vivia, que na desesperança, o tivesse usado como alvo.

Ryan nunca se queixou, nunca desmoronou, nunca se virou contra ela, até o momento que o levou ao limite.

— Aí... — seu peito doía tanto, e ela se agarrou ao abraço que a enfermeira lhe dava, como se fosse a única luz de salvação em tanto sofrimento — Eu o perdi para sempre.

— Sempre é uma palavra muito forte, menina — ouviu a mulher sussurrar — Tudo vai se ajeitar, eu tenho certeza.

Para Cleo, era uma pena ver a bonita história entre os dois jovens acabar daquela maneira,

porque era incontestável o amor que sentiam um pelo outro. Ela acompanhou a dedicação do jovem rapaz por Caroline, e a forma que a via sofrer em seus braços fazia o coração dela chorar.

— Tudo vai se resolver, menina — murmurou ela, secando as lágrimas em suas bochechas, apenas para ver novas correrem pelo rosto dela — Venha se deitar um pouco.

Caroline estava impotente, não apenas por sua condição física, a dor enraizada em seu coração, e que se espalhava por todo seu corpo, a fazia incapaz de se movimentar sem ajuda.

— Tome isso — Cleo retirou um comprimido do frasco e entregou a ela com um copo de água — Vai ajudar a descansar. E quando acordar se sentindo melhor, poderá decidir com calma o que deseja fazer.

Caroline assentiu, tomando o calmante.

Precisava desligar a sua mente e com isso fazer a dor em seu coração desaparecer.



Ryan não foi imediatamente para Uptown, como tinha imaginado. Depois de dirigir como um cego, ele se viu em uma pousada em Greenville, esperando, desejando com todas as suas forças, por dois longos e desgastantes dias, que Caroline enxergasse o rumo que estava tomando e o procurasse. Mas isso não aconteceu, e quando Ryan deu-se conta de que não aconteceria, pegou suas malas intactas, fechou a conta, olhou pela última vez para a cidadezinha encantadora, o lugar onde havia enterrado o seu coração, e partiu.

No caminho de volta para casa, recebeu uma ligação tardia de Rebecca, agradecendo pela ajuda que havia dado a Brianna e Max, para que Luke

tivesse um aniversário inesquecível. No breve momento em que respondeu, monossilábico, para ela, quis abrir seu coração, confessar que apesar de ter afirmado no início da ligação que estava bem, ele não estava.

Como alguém conseguiria viver sem um coração batendo no peito?

Mas já que provavelmente ele veria Rebecca em breve, apenas continuou fingindo estar bem, pois acreditava que era melhor contar a verdade quando estivessem cara a cara.

E quando, finalmente, chegou a Uptown, seu destino final não havia sido a casa de seus pais.

— Ryan?

Não foi apenas a expressão de surpresa no rosto de Brianna que ele notou. Ela também parecia profundamente abatida e triste.

— Oi, Bree — se existia um sorriso triste, Ryan
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sabia executar muito bem — Posso entrar?

Recuperando-se da surpresa, Brianna deu dois passos para o lado, para que Ryan entrasse.

— Aconteceu alguma coisa? — indagou ela, ao notar uma das malas que ele segurava e a outra no chão — Caroline?

Ryan soltou a mala e passou a mão nos cabelos já bagunçados.

— Eu sei o que ela disse a você — pelo menos a parte que importava — Ainda não acredito que Carol tenha te falado tudo aquilo.

Seu rosto era puro abatimento e pesar.

— Bom, ela não falou mentiras — disse Brianna, caminhando até o sofá — No fim, acabou me ajudando de alguma forma.

Ryan não acreditava no que sua irmã lhe dizia. Ele observou o casal por todo fim de semana.

PERIGOSAS ACHERON

Embora tenham tentado serem discretos, era palpável a atração e o carinho que tinham um pelo outro.

— Ajudando? — Ryan caminhou até ela e sentou ao seu lado — Você não me parece uma pessoa muito feliz, agora. Você e o Max terminaram?

— Hã... — ela escarneceu — Não tínhamos nada para terminar, Ryan.

Ele balançou a cabeça suavemente, como se avaliasse o que ela tinha dito.

— E a Rebecca sabe?

Esse impasse no relacionamento dos dois afetava a família e a Hunter também.

— Que você parece um trapo humano, precisando de um ombro amigo?

Afinal, Brianna esteve ao lado da melhor amiga,

PERIGOSAS NACIONAIS

a quem considerava uma irmã, em todos os momentos importantes da vida dela.

— Porque falei com ela hoje, e não me disse nada.

Brianna encolheu os ombros e pegou uma almofada, colocando-a sobre o colo.

— Respondi uma mensagem dela, de como tinha sido o fim de semana com Luke, mas não toquei no assunto sobre Max e eu. Precisava de tempo sozinha para pensar.

Ryan esfregou os cabelos mais uma vez e estendeu o movimento ao seu rosto.

— Eu te entendo — murmurou ele.

— E o que faz aqui, Ryan? — Brianna indicou a mala com o queixo — Por que essa mala?

— Deixei a Caroline. Quer dizer, não sei se o termo certo seria deixar. Afinal, nós também não

PERIGOSAS ACHERON

tínhamos nada.

Ele apenas supusera que Caroline o achava tão importante como ela era para Ryan.

— Eu apenas corri para ela mais uma vez. Tentei de todas as formas possíveis provar que o que eu sentia por ela não era pena, e que não me importava se voltasse a andar ou não — continuou ele — Suportei cada palavra ofensiva que direcionava a mim, porque sabia que era a raiva, a tristeza, e a dor falando por ela. Mas não pude aceitar o que fez a você, Brianna. Você não merecia isso.

— Ah, Ryan...

Desde que eles decidiram se ligar um ao outro como uma família, havia nascido entre eles muito carinho e fidelidade. Ryan tomava as dores de Brianna como um bom irmão de verdade faria.

— Se ela não consegue ver isso — ele respirou

fundo —, então, já não é mais a Caroline que aprendi a amar. Não quero em minha vida alguém como a pessoa que ela está se transformando.

Acabariam magoando um ao outro mais do que já haviam se magoado.

Brianna o abraçou. Ele sabia que ela chorava silenciosamente, enquanto ele fazia o possível para controlar suas próprias emoções.

— Posso ficar aqui por uns dias? — pediu ele — Não quero ir para a casa dos nossos pais ou um hotel. Só até eu decidir se fico aqui ou volto para Londres.

— Pode ficar o tempo que quiser. Vou adorar sua companhia.

Um coração partido tentando consolar o outro. Formavam uma bela dupla, no final.

E a solução para o impasse de Ryan veio naquele mesmo dia, algumas horas depois, através

PERIGOSAS ACHERON

de um telefonema.

— É um projeto muito importante, Ryan, que irá acrescentar muito ao seu currículo — ressaltou o professor Fitz — Apesar de você ainda não ter concluído a sua especialização, é um dos melhores alunos que tive. Vai te acrescentar alguns pontos.

Por Carol, para ficar ao lado dela no momento mais difícil da sua vida, ele não concluíra as horas finais e obrigatórias para que se formasse. Ficar ao lado dela sem dúvida alguma tinha sido mais importante, e ele não havia se arrependido da decisão que havia tomado.

— E quanto tempo acha que levaria para finalizar o trabalho?

O professor Fitz o tinha convidado para participar de um projeto de restauração de alguns quadros de um dos museus mais importantes de Londres.

— Dois ou três meses.

Dois ou três meses que ele ficaria longe de Carol.

— Eu posso pensar sobre isso?

— Claro, tenho mais dois alunos na lista — disse ele — Mas vou dar alguns dias a você.

Essa era uma oportunidade única, que outro ex-aluno do professor Fitz jamais deixaria passar. Ryan amava a arte e todo trabalho que poderia realizar com ela, mas uma parte bem grande do seu coração pertencia a uma menina perdida e teimosa.

Talvez esse tempo longe fosse bom para os dois. Caroline precisava avaliar qual a real importância de Ryan na vida dela. Ele quis salvá-la, mas talvez fosse ele que precisasse de salvação.



Nos dois dias após a partida de Ryan, Caroline passou a maior parte do tempo dormindo, chorando, ou pedindo a Cleo que desse a ela mais um calmante.

— Será que poderia me dar outro comprimido?
— já imaginava a resposta que sua enfermeira iria lhe dar, mas decidiu arriscar de qualquer forma — Não estou conseguindo dormir.

Caroline acabara de tomar banho e Cleo a ajudava a se vestir.

— Ainda nem são duas da tarde, querida — disse ela, ajeitando o vestido de Caroline em suas pernas — Mas eu vou lhe trazer um chá e aquele livro que estava lendo ontem.

Na verdade, Caroline não leu uma única linha, usou-o apenas como escudo para que Cleo não tentasse uma aproximação para conversar. Sabia o que ela pensava apenas pelos olhares que dirigia a

ela. Pena. E não pela cadeira de rodas, mas pelo vazio que via dentro dela. O vazio que Ryan deixou quando partiu.

— Obrigada, Cleo.

Quando Cleo se retirou, Caroline olhou para o telefone na mesinha de cabeceira. Meio que havia se tornado uma rotina, buscar o número de Ryan e ficar olhando para ele por um longo tempo. Ela queria ligar e apenas por alguns instantes poder ouvir sua voz. Mas se fizesse isso, sabia que não teria forças para recuar. A primeira manifestação, ao ouvir sua voz, seria cair no choro e pedir para que ele voltasse, e isso não era justo com Ryan.

Então, ela só olhou para o telefone, enquanto suas lágrimas caíam, imaginando o que diriam um ou outro, se pudessem.

“Quando decidir que pode sair desse limbo onde resolveu se esconder, vou estar do outro lado,

com minhas mãos estendidas, esperando que atravessasse...”

Com as lágrimas ardendo em seus olhos, Caroline segurou o telefone com firmeza. O que precisava fazer estava cada vez mais claro em sua mente.

— É Caroline Hunter — disse ela, quando a secretária atendeu — É muito importante, por favor.

Aguardou por alguns minutos, e quando a voz de Max surgiu na linha, sentiu-se desmoronar.

— Papai, preciso que venha me buscar, por favor — ela chorava e balbuciava ao mesmo tempo, enquanto massageava o peito que parecia sangrar — O Ryan foi embora, pai, eu o mandei embora. Isso dói muito.

— Carol? Como assim, o Ryan foi embora? Caroline, respire e comece do início.

— Ele foi embora. Eu o mandei embora...

Sofrer o acidente que a levou à cadeira de rodas foi algo terrível, mas perder Ryan, quando tinha escolhido assim, era um milhão de vezes pior. Caroline precisava mudar isso.

— Vem me buscar — implorou, antes de deixar o telefone cair em seu colo, para cobrir o rosto com as mãos.



Ryan fez tudo no automático. A ligação para o professor Fitz, aceitar o convite, entrar em contato com Gayle Ridge, que agendou seu vernissage para um mês após a conclusão de seu trabalho no museu, e reservar as passagens para que ele e Brianna voltassem à Europa.

Brianna não havia apenas pedido demissão da Hunter, ela tinha aceitado a oferta de trabalho na
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Itália que Fiorenzo, seu antigo noivo, ofereceu a ela, como também estava cogitando dar e ele uma nova chance de serem um casal.

Para Ryan, ela estava agindo precipitadamente. Mas quem era ele para julgar, se também estava indo embora? Sempre acreditou que Rebecca tinha agido mal quando fugiu de Michael, anos atrás, agora ele podia entender.

Ele estava começando a cochilar no sofá, quando a campainha soou e continuou a tocar com insistência. Olhou para o relógio. Nesse momento, Brianna e todos que foram com ela ao aeroporto se despedir já deveriam ter chegado lá.

Quem poderia estar praticamente derrubando a porta?

— Max?

Ele passou por Ryan como um furacão, indo em direção ao quarto de Brianna.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela não está aqui, Max — alertou ele, seguindo-o — Ela nem passou a noite aqui.

Ryan observou Max estacar no lugar e o encarar, confuso.

— Ela deve estar a caminho da Itália agora.

— E você não foi se despedir dela?

Ryan esfregou o rosto sonolento, soltando um suspiro, ainda estava meio atordoado do sono interrompido, e para variar, tinha passado mais uma noite em claro.

— Vou encontrar com Brianna em algumas semanas.

— Para ficar?

— Ainda estou pensando — murmurou ele — Tenho um professor de Arte na faculdade, que me convidou para um novo projeto em Londres.

— Caroline...

PERIGOSAS ACHERON

— Caroline não se importa — Ryan o interrompeu bruscamente, depois se arrependeu da maneira que falou com ele, afinal, Caroline era sua filha — Ela deixou muito claro isso.

— Nem sempre o que dizemos é o que sentimos de verdade, Ryan.

Ele estava falando sobre Carol ou de si mesmo?, se perguntou Ryan.

— Às vezes, descobrimos tarde demais isso. Caroline está em casa. Não deixe a felicidade escapar pelas suas mãos, como eu deixei.

Era isso que ele estava fazendo? Desistindo rápido demais? Deveria ser ele a dar o passo que Caroline se recusava?

Capítulo 42

Caroline acordou se sentindo um pouco desorientada. Levou alguns segundos para reconhecer o quarto que adaptaram para ela, na casa de Uptown. Uma varredura rápida em sua mente a fez recordar as últimas horas. Tinha ligado para o pai, e depois, com a ajuda de Cloe, arrumara todas as suas coisas para voltar para casa.

Max não fez muitas perguntas, apenas a abraçou e ajudou a entrar no carro. Durante o caminho trocaram menos que meia dúzia de palavras. O próprio Max se encontrava aéreo e angustiado por alguma coisa. Ela não o pressionou, porque também precisava remoer sua tristeza e amargura.

Cada dia longe de Ryan, sabendo que sua decisão de o afastar poderia fazer com que o perdesse para sempre, era desesperador. E não tinha a ninguém mais para culpar além de si mesma, e isso a estava matando lentamente.

— Que bom que já acordou, minha querida — Caroline desviou o olhar da janela e se deparou com a governanta na porta — Há uma ligação para você.

— Uma ligação?

— O menino Summer — a resposta da Sra. Dickson fez o coração de Caroline saltar desenfreado dentro do peito.

Ryan estava na linha, querendo falar com ela! A felicidade esmagadora que sentiu logo foi massacrada pela dura realidade. Não podia voltar atrás. Seria egoísta com Ryan, e por mais que ele pudesse ter partindo acreditando na Caroline fria

PERIGOSAS NACIONAIS

que ele havia deixado para trás, abria mão de sua própria felicidade por ele.

— Diga que não posso atender — disse ela, levando a mão ao peito, pois a dor que começava a latejar ali era intensa demais para conseguir suportar.

— Mas, menina...

— Não quero falar com ele, Sra. Dickson! — ela berrou, cobrindo a cabeça com a coberta.

Não queria que seu sofrimento fosse um espetáculo para outras pessoas.

— Como quiser, minha filha.

Ficou muito claro no tom de voz da senhora que ela discordava completamente da decisão de Caroline, mas acatou com desgosto a decisão que ela tomou.

PERIGOSAS ACHERON



Caroline tinha todo o plano traçado em sua cabeça. Bem, o que ela acreditava ser um bom plano. E seguiria em frente, por mais que as circunstâncias atuais a machucassem. Ninguém merecia amar e ter alguém pela metade. Ryan não merecia isso. Ela voltaria a ser completa para ele, e quando isso acontecesse, o traria de volta. Não havia terminado, com certeza não havia terminado, eles só tiveram que dar uma dolorosa, mas necessária, pausa. Até que ela ficasse bem, até que se sentisse mais forte. Era o justo com ele, que sempre se doara por ela. Era a vez de Caroline repetir o gesto com grandiosidade. E ela precisava acreditar nisso. Acreditar que, sim, estava fazendo o certo.

Ela havia ficado muito tempo tendo pena de si

mesma. Muito tempo sentindo raiva da vida e das pessoas que, de alguma forma, a direcionaram até onde estava. Mas a sua vida precisava ser mais do que dormir e acordar chorando. Mais do que, em meio a dor, desejar nunca mais ter que abrir os olhos. Além de Ryan, amava o pai, o irmão, seus sobrinhos, Rebecca e tantas outras pessoas. Ainda tinha muito que oferecer a eles e receber de volta. E mesmo que nunca mais pudesse voltar ao balé, como primeira bailarina, poderia contribuir e ainda se alimentar da sua arte de alguma forma.

Sim, foi preciso ver Ryan entrar naquele carro e partir para longe dela, para finalmente chegar a essa conclusão. Estava infeliz, porque ela mesmo se condenava à infelicidade.

Contudo, chegar a essa conclusão não foi algo fácil para ela. Acreditar em uma ideia e segui-la eram coisas completamente diferentes. Acreditar

que fez o melhor para Ryan, para que ele tivesse sua chance de brilhar e conviver dia a dia com as consequências disso, tornavam-se coisas opostas.

E refletia por um longo tempo sobre isso, quando uma nova batida na porta chamou sua atenção.

— Posso entrar?

Caroline colocou o máximo de forças nas mãos para conseguir fazer seu corpo deslocar na cama e ela poder escorar as costas contra a cabeceira.

Rebecca caminhou cautelosamente até ela, sentando aos pés da cama.

— Acabamos de vir do aeroporto — disse Rebecca, e essa revelação fez o peito de Caroline se apertar.

Teria ido se despedir de Ryan? Havia sido por isso que há algumas horas ele tinha ligado? Para lhe dizer adeus?

— Brianna estava indo embora.

— Embora?

Caroline sabia que se Ryan não tivesse feito isso, faria em breve, afinal, depois dela, a família era a única coisa que o prendia na cidade. Mas a arte era sua segunda paixão. E cedo ou tarde, ele voltaria para Londres e retomaria a carreira de onde parou, antes de ela ter virado seu mundo de ponta-cabeça e ter chacoalhado tudo, como um furacão.

— É meio complicado. Não sei o que Max falou a você, mas...

— Brianna ama o meu pai — diante de sua hesitação, ela completou: — E é bem possível que ele a ame de volta. Já sei dessa parte, Rebecca. Brianna já me contou.

Ainda era confuso e bem difícil para Caroline entender e aceitar que Max poderia amar outra pessoa, além da sua mãe. Mas sabia que não era

PERIGOSAS ACHERON

justo impedir que seu pai voltasse a reconstruir a vida ao lado de quem decidisse escolher.

— Eu só não queria novamente esconder algo de você — murmurou, encarando as próprias mãos — A última vez que fiz isso...

Pensando com calma e com justiça, Caroline era obrigada a admitir, que não deveria ter saído a cavalo, estando emocionalmente abalada, tinha culpa em seu acidente. Pois fora exatamente isso, um acidente. E mesmo que houvesse de fato um culpado, isso não mudaria as coisas.

— Não foi sua culpa. Sim, ouvir o que você tinha feito me machucou, mas não foi culpa sua, da Brianna, minha, do cavalo ou qualquer um que eu tenha culpado até hoje.

— Fico feliz que possa pensar assim — balbuciou Rebecca, e havia lágrimas em seus olhos quando os ergueu para Caroline — Acho que eu

nunca vou pensar diferente.

Caroline acreditava que ficar à mercê da cadeira de rodas era a pior coisa que poderia lhe acontecer, mas ao observar a tristeza e arrependimento que Rebecca carregava dentro de si, percebia que havia prisões mais angustiantes. Perdoar o outro não era fácil, mas tentar perdoar a si mesmo era bem mais difícil. Esperava que um dia ela conseguisse. E Caroline tinha uma leve desconfiança de que Rebecca só encontraria a completa paz para sua alma, quando as pessoas que amava e foram prejudicadas por sua sede em fazer justiça pudessem finalmente ser felizes.

— Você estava dizendo que Brianna estava de partida — ela decidiu mudar de assunto — Quer dizer que ela não foi?

Rebecca desviou o olhar para o chão. Caroline tinha uma breve suspeita do que ela receava dizer.

— O Max surgiu alguns minutos antes — confessou ela — Ele pediu que ela não fosse. Eles realmente se amam muito, Caroline.

Dessa vez, e porque estava encarava seus sentimentos de uma perspectiva diferente, Caroline não se sentiu traída.

— Tudo bem — suspirou e até conseguiu sorrir para Rebecca — Não posso dizer que estava torcendo por isso, mas não vou ser um impedimento para a felicidade do meu pai. Depois de tudo o que ele passou, é mais que justo que tenha uma segunda chance.

Rebecca soluçou e voou para os braços de Caroline, a abraçando.

— Obrigada — suas lágrimas induziram as de Caroline, e as duas se abraçaram forte — Obrigada, querida.

— Eu preciso falar uma coisa importante —

PERIGOSAS ACHERON

disse Caroline, quando finalmente puderam se separar — Suponho que o papai esteja com a Brianna nesse momento, certo?

Rebecca assentiu, enxugando os olhos.

— Mas o Michael está em casa?

— Com a Olívia. Ela não ficou nada feliz quando soube que Brianna estava indo embora. Ele foi dar as boas notícias a ela.

E Caroline tinha certeza que a sobrinha ficaria muito feliz. Se existia algo a aprender com a criança, era amar. Amar sem justificativas e sem reservas.

— Pode trazê-lo aqui?

No breve momento que Rebecca a deixou sozinha, Caroline chegou a uma reconfortante conclusão: perdoar era realmente mais fácil e a fazia se sentir muito mais leve. Nutrir sentimentos ruins em relação as outras pessoas, além de

PERIGOSAS ACHERON

cansativo, envenenava mais a quem os sentia. Sentia que um grande peso era retirado de seu peito.

— Estou feliz que esteja de volta, minha irmã — Michael deu batidinhas suaves no queixo dela, que fez tanto Caroline como Olívia, que insistira em acompanhá-los, sorrirem — Mas o que precisa me dizer.

— Eu iriei fazer a nova cirurgia que o Dr. Garword sugeriu — dito isso, ela viu mais do que surpresa nos rostos deles, viu inegável felicidade — Seguir o tratamento à risca e me dedicar como deveria ter feito desde o início.

— Carol... — Michael não tinha palavras para expressar como estava exultante com a notícia, e mesmo que tivesse, o nó em sua garganta o iria impedir.

Então, tanto ele como Rebecca e a pequena

Olívia, que não entendia muito bem por que todos eles estavam chorando, a abraçaram, formando um bolo em volta dela.



Max estava feliz, isso Caroline não podia negar. Assim que ele entrou no quarto dela, a mão unida a uma Brianna apreensiva ao seu lado, ela teve a certeza disso. E mesmo que ainda fosse contra a união dos dois, como poderia roubar do pai a nova oportunidade de reconstruir sua vida?

— Acho que você já sabe por que estamos aqui — disse Max, soltando a mão de Brianna para passar o braço em volta da cintura dela, puxando-a mais para si — Mas antes que expresse sua opinião, quero que veja algo.

Ela observou Max tirar um papel amarelado do bolso e entregar a ela. Seus dedos tremiam ao

segurar a carta.

Max, meu amor.

Por tanto tempo você foi isso.

Meu.

Meu companheiro. Meu confidente. Meu amigo.

Eu queria que você fosse meu para sempre. E eu tive tanto medo de perder isso. Muito mais do que partir. E a cada vez que minha doença avançava, o medo de morrer em seu coração também me feria.

Por isso, a noite passada foi tão importante para mim. A última em que tive você de verdade. Por inteiro. O meu Max.

Às vezes, quando amamos alguém como eu o amo, nós nos tornamos medrosos e um pouco egoístas. Eu jamais deveria ter pedido que guardasse seu coração apenas para mim, porque você tem o melhor e maior coração do mundo.

E eu sei que você me ama. Que haverá uma parte em seu coração que sempre irá me amar. Como irei amá-lo, até que meus olhos se fechem pela última vez. E é em nome desse amor, a parte mais bonita e pura que há em mim, que desejo libertar você.

Faça-me uma nova promessa, meu amor. Ame.

Ame, Max. Ame com toda a força do seu coração. Ame com a mesma intensidade que me amou todos os dias. Deixe que outra mulher seja tão afortunada quanto eu fui e permita-se ser amado como você merece, pois você ama de forma grandiosa.

Dê todos os risos e os abraços que não posso mais. Viva o máximo e intensamente. De onde eu estiver, estarei olhando para você, para ela, e sorrindo.

Seja feliz, querido. Faça essa incrível mulher

feliz.

Meu Max.

Sua sempre,

Olivia.

Antes mesmo de ter finalizado a carta que sua mãe havia deixado para o pai, Caroline se desfazia em lágrimas.

— Eu sempre vou amar a Olivia, de um jeito muito especial — disse Max — Ela sempre soube disso, por isso nos abençoou. Você acha que pode fazer a mesma coisa, minha filha?

Caroline soltou a carta sobre a cama e cobriu o rosto. O amor que os pais sentiram não iria acabar porque Max havia se apaixonado mais uma vez. Toda trajetória deles, as lembranças e os filhos continuariam provando que aquela foi uma das histórias de amor mais linda que ela teve a oportunidade de presenciar.

Ela descobriu o rosto e secou os olhos com as costas das mãos. Encarou Brianna, e para a surpresa da outra, sorriu, estendendo a mão para que se aproximasse.

— Me perdoe por tudo que falei em Greenville — ela soluçou e fez um grande esforço para ser capaz de continuar — Não penso mais daquela forma.

Pelo olhar intrigado de Max, Brianna não tinha contado como Caroline foi mesquinha e rancorosa com ela.

— Você pode perdoar o que Rebecca e eu fizemos? — indagou Brianna em um tom igualmente emocionado — Ou melhor, o que não fizemos há sete anos?

— Eu já perdoei, Brianna.

— Então, eu perdoo você — ela sorriu, buscando a mão dela — Só quero que possamos ser PERIGOSAS ACHERON

amigas.

Caroline assentiu e entendeu que nesse momento e nos que viesse a enfrentar, precisaria muito do apoio de sua família e de todos os amigos que desejariam permanecer ao seu lado.

E depois que a tensão dos primeiros minutos se dissipou, Max e Brianna compartilharam com ela seus planos para o casamento, que ocorreria logo após a cirurgia dela, e a notícia que deixou Caroline mais emocionada e contente, o desejo do casal em adotar o pequeno Luke.



Quando Ryan não estava dedicando seu tempo e atenção ao trabalho no museu, gastava o tempo restante pintando. A mente entorpecida para que não pensasse e o corpo exausto. Foi extremamente difícil e doloroso nos primeiros dias, na primeira

semana. Mas ele estava conseguindo, mesmo que a cada manhã quando abria olhos e cada noite quando os fechava, sentisse que o buraco em seu coração crescia um pouco mais.

— Sabe o que eu acho, Summer? — a jovem de sotaque carregado retirou os óculos, parando na frente dele — Hora de parar para um café.

Mercedes Castañeda foi uma das alunas brilhantes do professor Fitz, e também havia sido convidada para o projeto de restauração no museu. Os dois não poderiam ser mais diferentes. Enquanto Ryan parecia viver com nuvens cinzas e carregadas sobre sua cabeça, Mercedes exalava felicidade e distribuía sorrisos.

— Ah, por favor! — ela puxou a espátula de sua mão antes que ele tivesse oportunidade de protestar — Estamos aqui dentro há...

Ela olhou para o relógio de ponteiro, fixado na

parede atrás dele, fazendo careta.

— Quase quatro horas — ela pulou para longe dele quando tentou tomar seu instrumento de trabalho de volta — É só um café. Se continuar com uma múmia do meu lado, vou arrancar os cabelos.

Ele suspirou, colocando as mãos espalmadas sobre a mesa. Mercedes não estava sendo excessivamente impertinente, durante todas as horas que passavam juntos, Ryan nunca falava nada mais do que o essencial.

— Tudo bem — cedeu ele, apesar de não dar a ela o sorriso que esperava.

Eles seguiram até o café. Mercedes pediu um marroquino com creme, e Ryan uma xícara tradicional, sem açúcar. Enquanto ela conduzia a conversa, compartilhando com ele seus anseios profissionais após aquele trabalho, Ryan tentava

fazer que sua mente não viajasse para um lugar bem distante de Londres.

Com perguntas: Como estaria Caroline? O que ela estava fazendo? Sentia a falta dele como sentia dela? Como estava lidando com relação ao noivado de Brianna e Max?

Nas conversas que tinha com os membros de sua família, evitava tocar e que tocassem no nome dela. Então tinha poucas informações, e ele acreditava que assim conseguiria suportar a separação com mais facilidade.

A quem estava enganando? Bastaria um único pedido dela e ele largaria tudo.

— Ryan?

Ele encarou Mercedes com um envergonhado olhar de desculpas.

— O seu telefone — apontou para o bolso dele — Está tocando.

Ele não poderia se sentir mais constrangido. A prova maior que não prestava atenção em nenhuma palavra do que Mercedes estava falando foi que nem ouviu o seu telefone tocar.

— Desculpe — disse ele, tanto pela ligação que precisava atender, como por ter se mantido mentalmente ausente — Só um minuto.

Ele se levantou, dando alguns passos para longe da mesa.

— Rebecca?

— Ryan, que bom que você atendeu — ela parecia preocupada, e isso fez com que Ryan enrijecesse, tenso.

— O que aconteceu? — seu sexto sentido, ou seu amor que era forte demais, sabia por quem ele deveria perguntar — É a Carol?

Houve um angustiado silêncio. Por tempo suficiente para fazer o coração de Ryan falhar

PERIGOSAS ACHERON

algumas vezes.

— Rebecca...

— Ela pediu que ninguém te dissesse nada — ela respirou fundo antes de seguir, levando Ryan às vias da loucura — Mas eu não acho certo. Não quero mentir mais, mesmo que ela fique brava comigo.

— O que aconteceu, Rebecca?

Aqueles fragmentos de informação estavam acabando com ele.

— Ela está sendo operada nesse momento — disse ela, por fim.

Operada? Caroline estava sendo operada?

A notícia deveria tê-lo deixado radiante, de fato isso acontecia. Mas com a alegria de saber que Caroline estava dando uma nova chance a si mesma, e principalmente à sua recuperação, Ryan

não conseguia evitar a faísca de dor ganhando intensidade dentro dele. Como uma facada sendo cravada em seu peito. No momento mais importante da vida dela, ele estava de fora.

— E como ela estava?

— Sentindo a sua falta, Ryan. Todos nós gostaríamos que estivesse aqui.

Foi como se a revelação arrancasse o chão sob seus pés, as cores à sua volta passaram a se tornar destoantes e todo resto ao redor dele se desfocava.

— Eu preciso que você me mantenha informado de tudo — pediu a Rebecca, retornando à mesa se dirigiu a Mercedes — Eu preciso ir.

Retirou algumas notas da carteira antes que ela viesse a protestar.

— Desculpe. Eu sinto muito.

Em uma situação normal, Caroline ocupava boa

PERIGOSAS NACIONAIS

parte de seus pensamentos. Naquele momento ele queria, ao menos de coração e através de orações fervorosas, ficar ao lado dela.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 43

Caroline devolvia a bandeja vazia para a mesma enfermeira que havia trazido sua refeição, quando Max e sua noiva entraram no quarto. Algo inquietava o seu pai e o mesmo tipo de nervosismo agitava Brianna.

— Caroline? — Brianna se aproximou cuidadosamente da cama, estendendo o telefone a ela — É o Ryan na ligação.

Ela encarou o aparelho, paralisada. Claro, sua cirurgia não ficaria escondida de Ryan por muito tempo. Mais do que respeitá-lo, sua família também o amava, e a surpreendia que todos tivessem conseguido manter a informação em sigilo até ali.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fale com ele, querida — disse Max — Ryan passou todas as horas da cirurgia ligando e depois aguardando notícias suas.

Suas mãos tremiam levemente quando pegou o telefone. Após semanas, essa seria a primeira vez que ouvia a voz de Ryan. Medo e felicidade dividiam espaço dentro dela.

— Ryan? — indagou, receosa.

— Carol... — ela ouviu, ou achou ter ouvido, uma respiração aliviada, antes que a voz dele surgisse novamente — Como você está?

Melhor, muito melhor agora que falava com ele?

— Eu estou bem — murmurou ela.

Muito bem, Caroline! Após tanto tempo, isso foi o melhor que conseguiu dizer?

— Fico feliz em ouvir isso — disse Ryan — Eu só queria dizer que gostaria muito de ter estado ao

PERIGOSAS ACHERON

seu lado.

O pesar na voz dele fez com que Caroline se sentisse terrivelmente mal. Não excluía Ryan, como ele podia estar pensando, ou parecesse naquele momento.

— Carol...

— Ryan... — eles falaram ao mesmo tempo.

— Eu estou orgulhoso de você — sussurrou ele antes de desligar — Cuide-se, meu amor.

Cuide-se, meu amor.

As palavras ficaram flutuando na mente de Caroline por horas, enquanto ela exibia um sorriso esperançosamente apaixonado.

Meu amor. O amor de Ryan. Ela ainda pertencia ao coração dele, da mesma forma que ele sempre esteve no dela. E mesmo que não tivesse conseguido confessar a ele, mesmo a distância,

Ryan continuava a ser a sua kryptonita ao contrário, dando-lhe forças para continuar.



Um mês depois

Diferente da última vez, ficar diante do Dr. Garword, enquanto ele analisava seu progresso clínico, mostrava-se menos intimidante do que na vez em que ela esteve nesse mesmo consultório com Ryan. Caroline se considerava psicologicamente e emocionalmente mais segura e forte.

— Devo dizer que sua recuperação cirúrgica está excelente — disse o doutor, fazendo com que Caroline soltasse o ar gradativamente — Vou liberá-la para que inicie os novos exercícios de fisioterapia na próxima semana.

— Obrigada, doutor.

— É muito bom ver — disse o médico — É bom ver que está empenhada a seguir o tratamento com comprometimento. Qualquer progresso que venha a ter dependerá de você mesma. Todos acreditamos que você é capaz.

— Ela irá seguir tudo à risca, doutor — avisou Max, ao apertar a mão dela — Não é mesmo, minha filha?

Por ela, por Ryan e por todas as pessoas que queriam vê-los felizes.

— Eu vou, papai.

Do hospital, Max a levou até o orfanato St. Thomas. Laura havia pedido, no dia anterior, que Caroline a encontrasse ali, após a sua consulta.

Apesar de Max ser um dos beneficiários da instituição, ela nunca havia visitado o lugar. E ficou impressionada com a quantidade de crianças

PERIGOSAS ACHERON

vivendo ali, esperando a oportunidade de encontrar um lar.

— A minha filha cresceu aqui — disse Laura, ao caminharem pelos corredores, observando as crianças em alguma atividade, ou apenas em algum canto conversando ou brincando — E sempre que eu lembro disso, fico cada vez mais empenhada em fazer com que essas crianças estejam seguras, cuidadas e felizes.

Caroline entendia essa grande necessidade de Laura, de compensar os erros que cometeu no passado com Ryan. O mesmo amor que ela não conseguia dar ao filho adotivo, sua filha biológica havia ansiado por anos.

— O que você faz por todas essas crianças — disse Caroline, buscando a mão de Laura — É muito bonito.

— E faz mais bem a mim do que a elas —

respondeu ela, sorrindo — É por isso que a chamei para vir aqui hoje. Eu acho; não, eu tenho certeza, que você tem muito a colaborar, Caroline.

Como ela, alguém que procurava formas de ajudar a si mesma, seria capaz de ajudar outras pessoas?

— Eu a vejo com Olivia e com Luke quando Brianna o leva até a sua casa — destacou Laura — Você é muito boa com crianças.

Na verdade, as crianças eram muito boas com ela, pensou Caroline, principalmente a sobrinha e seu futuro irmão, se Max e Brianna realmente conseguissem levar adiante a ideia de adotar o menino.

— Você acha que o balé acabou para você — disse Laura — Mas acho que ainda há muito da sua arte e de você mesma que possa compartilhar.

— Eu não estou entendendo — Caroline

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

empurrou a cadeira de rodas, afastando-se um pouco de Laura — Olha para mim. O que acha que posso fazer?

— Olhe para essas crianças — sugeriu Laura, colocando-se ao lado dela outra vez — E responda você mesmo a essa pergunta.

Quando teve a notícia de que não poderia andar ou dançar novamente, Caroline acreditou que todo o sentido da vida acabou para ela. Via na dança a sua forma de contribuir com algo para o mundo. De se sentir alguém especial. Quando isso foi tirado dela tão drasticamente, fechou-se em dor e revolta.

Olhando para esses jovens inocentes, começava a perceber que as pessoas podiam tocar a vida das outras de inúmeras formas diferentes. A dança, independentemente de como mostrada, tornava-se uma delas.

PERIGOSAS ACHERON



Quatro meses depois

— Muito bem, Caroline — incentivou o fisioterapeuta — Mais uma vez e podemos encerrar por hoje.

— Achei que ainda iríamos treinar nas barras hoje — pediu ela, começando a secar o suor em sua testa — Sabe o que acho? Você está ficando mole, Teddy.

Sorrindo, ele ajudou Caroline nos exercícios passivos dos membros inferiores.

— Não há dúvida que seja a cliente mais empenhada que eu tenho — disse Teddy, erguendo e abaixando sua perna — Mas o mundo não foi construído em um dia só.

Ela foi extremamente sincera com o Dr. Garword e especialmente com Max, ao afirmar que se dedicaria a qualquer tratamento que fosse indicado. E Caroline não ficava apenas nas horas de treinamento que tinha no hospital, praticava muito em casa, com o auxílio e os protestos de Cleo, sempre que acreditava que ela estava exagerando demais.

Mas os esforços de Caroline já mostravam alguns resultados: estava fisicamente mais forte, muito mais disposta e emocionalmente mais confiante para executar atividades que antes a deixariam com medo.

— A gente faz a barra e um pouco de esteira na próxima semana — disse Teddy como um irmão orgulhoso — O que o doutor disse sobre os seus progressos?

— Acho que ficou tão surpreso quanto eu —

respondeu ela, soltando um suspiro logo depois — Mas também deixou claro que há muitos meses e dedicação pela frente.

E foram esses meses pela frente, que ultimamente fazia Caroline repensar decisões importantes em sua vida.

— Você é muito forte, Hunter. Trabalho com muitas pessoas, e você é jogo duro — disse Teddy, quando a ajudou a voltar à cadeira — Acredite nisso.

Caroline assentiu, e sustentava um sorriso empolgado quando encontrou Olívia e Brianna aguardando-a no estacionamento.

A amizade e o respeito entre elas evoluíram, desde que Caroline permitiu-se abrir para isso. E percebeu que Brianna era mais do que a jovem amável que todos sempre lhe diziam. Ela era uma ouvinte sábia e atenciosa, sempre que Caroline

precisava conversar.

— Ainda bem que você chegou — Olivia saltitou, animada — Agora a gente já pode ir ver o vestido?

Elas estavam indo para casa de noivas, para que Brianna fizesse os últimos ajustes no vestido de noiva e Olivia provasse pela primeira vez o de florista.

A menina ficou encantada com todos os laços, babados e bordados que continham, no que ela dizia ser, o seu mais lindo vestido de princesa.

— Eu falei com Ryan, essa manhã — disse Brianna, ao subir no degrau em frente ao espelho, para que se olhasse por inteiro — Ele está bastante confiante em relação ao vernissage, em algumas semanas. Se você fosse, seria uma oportunidade maravilhosa de se reverem.

Depois da ligação no hospital, Caroline escreveu

PERIGOSAS ACHERON

e enviou um e-mail para ele. Não esperava que a resposta viesse tão depressa, mas viera, e passaram a se comunicar assim. Não eram declarações românticas, narravam como tinham sido o seus dias, as coisas engraçadas ou curiosas que viam e mereciam ser divididas. Foi como se tivessem voltado aos primeiros anos de Caroline na Juliet e Ryan na faculdade, escrevendo cartas um para o outro.

— Pensei que o seu casamento com o meu pai — disse ela, ajudando a arrumar a barra do vestido de Brianna — fosse o momento perfeito de revê-lo.

Brianna não era a primeira a sugerir isso. Rebecca, Laura e até seu pai Max, em algum momento, tinham incluído a sugestão em alguma conversa que tiveram nos últimos dias.

— Também é — sussurrou Brianna, esquecendo o assunto momentaneamente, quando a estilista

tornou a se aproximar delas para analisar o vestido de noiva.

Enquanto Brianna se mantinha ocupada e discutia os detalhes finais com a senhora, Caroline se dirigiu para a janela, relendo o e-mail de Ryan daquela manhã.

Querida Carol,

Como você deve se lembrar, Londres nessa época amanhece um tanto chuvosa. E você sabe o que isso significa para mim, é bem mais difícil querer levantar da cama, e isso me faz vergonhosamente um homem ranzinza, principalmente por odiar ter que me ver usando guarda-chuva e botas.

Mas nessa manhã vi algo que me levou a repensar sobre esses detalhes, talvez, insignificantes. Uma linda garotinha, com seu gorro, luvas e, claro, resistentes botas, buscava na

calçada por poças de água. Olhando-a rir e se divertir ao observar a água se espalhar, enquanto saltava de um lugar para outro, pude refletir que dias chuvosos são cinzas, mas também podem trazer incríveis surpresas, e que tudo depende de como se encara.

Aquela garotinha, de alguma maneira, me fez pensar em você. Então me conte, que surpresas encantadoras seus dias chuvosos trazem a você?

Seus olhos pesaram ao final do e-mail, e a pergunta de Brianna tornou a fazê-la refletir. Estava pronta para rever Ryan? Ou o mais importante, ele estaria pronto ou gostaria disso?

Capítulo 44

Sua família, o professor Fitz, Mercedes, outros amigos próximos e uma quantidade impressionante de visitantes, faziam do vernissage de Ryan um estrondoso sucesso. Ele deveria estar radiante, e profissionalmente estava, mas ao caminhar com uma taça de champanhe na mão pelo salão, que pouco a pouco começava a esvaziar, Ryan não conseguia evitar sentir como se algo estivesse fora de lugar.

— Summer! Aqui está você — Gayle Ridge encontrou Ryan em um canto da galeria, que havia escolhido para se manter invisível — Magnífico, meu jovem. Devo parabenizá-lo, todos os quadros foram vendidos. Quero uma nova exposição no PERIGOSAS ACHERON

próximo ano e...

— Espera, Gayle, você disse que todos os quadros foram vendidos? — estacou Ryan, vendo nada mais que seu abrir e fechar de lábios — Todos, exceto *O lago*, certo?

Ryan havia decidido que o quadro que havia pintado de uma jovem adormecida, em frente ao lago, não deveria ser vendido. Mas Gayle foi persistente ao dizer que a obra acrescentaria muito à exposição.

— Bem... — ele puxou o nó da gravata, afrouxando-a — Não era a intenção, mas a oferta foi irrecusável.

Ryan levou a mão ao cabelo, exasperado. O quadro não era importante apenas por ser um dos melhores trabalhos feito por ele, mas havia uma grande importância sentimental. Caroline estava retratada nele, em uma cópia quase fiel de um dos

PERIGOSAS NACIONAIS

melhores dias que tiveram em Greenville.

— Quem comprou? — indagou ele — Eu cobrirei a oferta.

— A Meddie não sabe — justificou ele, referindo-se a assistente — Parece que foi um comprador anônimo.

— Droga, Gayle! O que eu disse sobre não vender aquele quadro?

— Eu só achei que fosse insegurança de iniciante.

— Era importante para mim, Gayle. Realmente muito importante — acusou Ryan, tomando a direção onde o quadro estava exposto.

A venda do quadro o aborrecia muito, mas existia outra coisa que o incomodava mais. Sentia o peso da ausência de Caroline. Essa noite e todas as outras que antecederam a essa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Foi importante os meses que Ryan permaneceu em Londres. Finalizou o trabalho no museu com o professor Fitz, o que agregaria muito ao currículo dele. Concluiu sua especialização e realizou um vernissage com sucesso.

Agora estava na hora de ele retornar e outra vez lutar pelo que realmente importava.

Ter Caroline de volta.



— Bom, Cherry. Agora tudo depende de você, boa sorte.

Ela notou as luzes atrás dela sendo apagadas, logo após o homem se afastar, mas sua concentração estava no outro lado do grande salão.

— Deseja que eu a espere lá fora? — Cloe sussurrou, colocando a mão sobre seu ombro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, eu pego um táxi, se precisar — avisou Caroline — Obrigada por até aqui, Cloe.

Apesar de todo progresso de Caroline, sair de casa exigia muito dela. Não apenas pelas dificuldades que enfrentava, mas pela maneira que algumas pessoas a encaravam, e certos olhares de piedade que recebia. Ir de casa ao hospital, às vezes um passeio com Olivia e Luke, era o máximo que ousava enfrentar.

Ela teve medo. Pensou em desistir no último minuto. E muita ansiedade, conforme as horas passavam e seu destino final se aproximava. Mas naquele instante, observando o homem de costas, admirando na penumbra o quadro que trazia doces memórias a ela também, Caroline teve a certeza de que tudo o que enfrentou, toda a coragem que precisou encontrar dentro de si, valeram a pena. Conduzindo sua cadeira de rodas, ela se aproximou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um pouco mais, e quando seus lábios pareciam prontos para chamarem pelo homem a qual pertencia seu coração, ele virou, como se pudesse de alguma maneira, senti-la e ter consciência da presença dela.

Os olhos surpresos de Ryan encontraram os seus. O coração de Caroline, antes frio e pesado, agora levitava, cheio de calor.

— Ryan... — seu chamado por ele não foi mais do que um fraco sussurrar.

A força vinha de suas mãos ao agarrar o apoio da cadeira e em suas pernas, quando conseguiu, por alguns segundos, ficar em pé.

Sorrindo, chorando, com todo amor que sentia, olhou para ele.

— Carol... — ele correu até ela, no exato momento que seu corpo cansado ganhou a briga com sua determinação.

PERIGOSAS ACHERON

Ele afagou seu rosto e ajoelhou diante dela.

— É só o que eu consigo fazer, Ryan... é só o que eu consigo fazer — ela tentava falar, enquanto as lágrimas pareciam querer afogá-la — Eu queria que você fosse a primeira pessoa a ver isso. Eu queria...

Dizer tantas coisas a ele. Abrir seu coração. A sua alma. Mas estava tão sedenta por ele. Se existia uma palavra perfeita para descrever o que sentia, seria essa. Tinha sede de Ryan.

— Carol — ele a tocava e corria o olhar sobre ela como se temesse encontrar-se diante de uma das tantas fantasias criadas por sua mente — Meu amor.

— Eu te amo, Ryan — ela segurou o rosto dele, parecia presa ao mesmo tipo de incredulidade — Ah, como senti a sua falta.

Quatro, cinco meses? Pareciam ter decorrido

PERIGOSAS ACHERON

anos. Um tempo longo demais para que dois corações apaixonados vivessem longe um do outro. Mas quando os lábios saudosos outra vez se tocaram, o tempo não significava mais nada.

— Eu... — Ryan tocou sua testa na dela quando encerraram o beijo prologando e cheio de sentimentos — Como você...

— Antes de tudo — Caroline acariciou seu rosto com ternura — Preciso dizer que fazer você partir foi a coisa mais difícil que fiz na vida. E eu nunca mais farei isso de novo.

— Você está aqui — Ryan beijou os lábios dela — Você está aqui, Carol.

Ryan não sabia se gritava aos quatro ventos ou a prendia nos braços dele, garantindo o que Caroline havia acabado de prometer, não permitir que ela escapasse dele mais uma vez.

— Você estava certo, Ryan — um soluço

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

escapou dos lábios dela, que respirou fundo para controlar a emoção — Aquela não era eu. Ou não era quem eu queria me tornar. Eu precisava mudar, começando por você.

— Eu não...

— Primeiro, eu sentia que você enterrava seus sonhos — ela tocou os lábios dele, calando-o por um momento — Que estava anulando sua vida por mim. Seus estudos, sua arte, essa exposição. Eu não queria ser esse enorme e egoísta obstáculo no seu caminho.

— Eu nunca pensei isso — ele a encarou, ferido — Nunca a olharia assim.

— Eu sei, eu sempre soube — seus dedos acariciaram os lábios dele — Mas precisava enxergar. Ver que a mudança estava em mim. Não era você que via problema em quem eu sou agora, mas eu.

PERIGOSAS ACHERON

Caroline respirou fundo e Ryan roubou um pequeno beijo dela.

— E eu precisava dar a chance — ela olhou a galeria à sua volta — Para que você conquistasse tudo isso.

— Tudo isso, sem você, meu amor, não significa nada. Você é a minha arte, Caroline.

A declaração ardorosa a desmontou. Sacudiu Caroline e a arremessou para os braços dele. Braços que a protegiam do mundo e a mantinham aninhada com seu calor.

— Depois que você partiu, vi o quão vazia eu tinha me tornado. E só conseguia pensar no quanto o queria de volta — ela voltou a dizer em um tom emocionado — Decidi que faria a operação, que teria foco no tratamento e me dedicaria muito. Eu me dediquei muito, Ryan. Sempre que pensava o quanto mais perto de você estava, com mais afinco

eu me dedicava.

— E eu sinto tanto orgulho — as lágrimas em seus olhos quase podiam rivalizar com o lindo sorriso que ele a presenteava — Tanto orgulho, minha pequena corajosa Caroline.

Ela fechou os olhos diante da emoção pesando dentro deles.

— Eu queria vir andando até você — ela confessou, abrindo os olhos — Mas o Dr. Garword disse que... ainda há um longo tratamento pela frente... E eu... eu não podia esperar, não podia esperar por você nem mais um minuto.

Ryan a puxou para si e a beijou, carinhoso, apaixonado e repetidas vezes.

— Não vim caminhando, meu amor — murmurou ela em seus lábios — Mas estou aqui. Estou aqui porque eu te amo. E se você me amar também, isso é tudo o que importa para mim.

— Se eu amo você? — ele pegou a mão dela, levando-a ao seu peito — Sente isso, doce menina? É o meu coração que você devolveu essa noite. Ele sempre pertenceu a você, Caroline.

E foi como se o mundo voltasse a girar no sentido certo. As peças se moviam, se encaixavam, tudo fazia sentido e estava finalmente em seu devido lugar.



Ele a depositou sobre a cama. Ansiosos, livraram-se de suas roupas. Despindo seus corpos, quando já haviam despido seus corações e almas. As mãos dela buscando as de Ryan, os lábios dele explorando cada ponto sensível dela.

Gemidos.

Sussurros.

Pedidos apaixonados.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ryan!

Caroline incendiava, e nunca se sentiu tão consciente de si mesma, de seu corpo, que não fosse com Ryan, nesse momento, tornando-se parte dele.

— Ryan... — gemeu, mordendo seu ombro.

E isso, as sensações, os sentidos e prazer que ele era capaz de arrancar dela, eram uma dádiva. Um presente. Um presente. Que ele recebia de volta com a mesma intensidade.

— Ryan?

Ele desviou a atenção do teto que esteve observando e a encarou com um sorriso preguiçoso.

— Eu posso ter tudo, não é mesmo? — Caroline o olhou, exibindo um ar sonhador.

— O mundo — ele sorriu, acariciando a face dela — E um pouco mais, meu amor.

PERIGOSAS ACHERON

— Nesse caso...

Ela afastou o braço que a mantinha presa a ele e usou os cotovelos para deslizar o corpo sobre o colchão. Ryan assistiu com curiosidade Caroline se alongar, para pegar uma caixinha preta com detalhes em prata, na mesinha ao lado da cama.

Quando deixaram a galeria, Caroline sugeriu a Ryan que em vez de irem para casa, onde toda família dela e dele se encontravam, eles fossem para o hotel onde ela estava hospedada. Teriam um pouco mais de privacidade e algumas horas só para os dois. Mas ele nunca poderia ter imaginado que o pedido viria acompanhado de algo mais.

— Ryan Summer, você me daria a grande honra... — Caroline abriu a caixinha, de onde tirou o anel dourado, com um discreto detalhe em brilhante — de se casar comigo?

Quando o encarou, após deslizar a joia em seu

dedo, o rosto dele exibia nada menos do que um enorme e luminoso sorriso.

— Sim. Sim e sim! — Ryan a puxou de volta para os seus braços, que ele avaliou terem ficado longe dela por um tempo longo demais — Casar com você me tornará um homem imensamente feliz, Caroline Hunter.

— E eu — ela beijou seus lábios, muitas e muitas vezes — serei, com toda a certeza, a mulher mais feliz e apaixonada do mundo.

A vida de Caroline não tinha sido sempre um conto de fadas, mas o “felizes para sempre”, o seu felizes para sempre, ao lado do homem a quem há muito tempo havia entregado o seu coração, esse, sim, estava muito longe de ter um fim.

Epílogo

A maioria dos convidados, e até mesmo Ryan, estavam preparados e ansiosos para ver a jovem noiva entrar lindamente na igreja em sua cadeira de rodas, igualmente enfeitada. E inicialmente quando a marcha nupcial começou a tocar, foi assim. Até Max e Brianna, agora casados, se colocarem ao lado de Caroline, e Rebecca surgir com um andador.

Sorrindo para Ryan, a quem Caroline apenas via, ela se ergueu da cadeira, ficando de pé. Enquanto a maioria assistia o vagaroso avançar da noiva pela nave da igreja, com o olhar emocionado e surpreendido, Ryan enxergava muito além.

Ele via a força. A coragem. Determinação. Perseverança. Esperança. Amor. E Caroline. Ryan sempre veria Caroline, porque para ele, desde o início, nada havia mudado. A cadeira podia ser suas pernas agora, mas ele só enxergava a menina pelo qual seu coração batia mais forte.

Olivia, em seu lindo vestido de princesa, jogou os últimos punhados de pétalas quando Max, Caroline e Brianna chegaram ao altar.

— Cuide bem dela — disse Max, ao entregar sua filha — Agora é o seu bem mais precioso.

— Eu vou cuidar — respondeu Ryan.

Ele teria a chance de assistir às gravações da cerimônia muitas e muitas vezes no futuro, mas no momento, Ryan só conseguia admirar como sua noiva era linda e como seu peito transbordava de amor apenas em vê-la sorrir.

— Caroline, eu a aceito como minha esposa —

PERIGOSAS NACIONAIS

Ryan iniciou os seus votos, quando Luke surgiu com as alianças — Prometo te amar, respeitar e tornar todos os nossos dias felizes, porque hoje você se torna parte de mim.

Caroline piscou, na vã tentativa de afastar suas lágrimas emotivas.

— Ryan, eu o aceito como meu esposo — repetiu ela, sorrindo, a mão tremia levemente ao passar o anel pelo dedo dele — Não existirá um dia em que não iriei te amar, respeitar e fazer de nossas vidas felizes, porque hoje você se torna parte de mim.

Ryan não aguardou até a permissão para que beijasse a noiva fosse dada; assim que a aliança foi colocada em seu dedo, junto com o anel que tinha ganhado com o pedido de casamento, ele puxou Caroline para os seus braços.

E teve chuva de arroz quando o casal saiu da

PERIGOSAS ACHERON

igreja e vivas animados quando chegaram à recepção.

— Senhoras, senhores — a voz no microfone fez com que todos no salão silenciassem — A dança dos noivos.

Ryan estava em pânico. Eles ensaiaram por semanas, mas ele nunca foi tão bom na dança como Caroline. Mesmo na cadeira de rodas, ela era incrível.

— Vai dar tudo certo — ela o surpreendeu com sua coragem novamente, quando posicionou a cadeira de rodas ao lado dele.

A música começou. E Ryan sentiu a mesma confiança que sua esposa sentia, porque sua coragem vinha de Caroline. As luzes em volta foram diminuindo e eles passaram a ser o centro de tudo. Como um só. No mesmo ritmo.

Ele ia para um lado, ela deslizava em sua cadeira

PERIGOSAS ACHERON

de rodas para o outro. As mãos se uniam e afastavam os corpos, eles giravam em torno um do outro. Como planetas graciosamente se alinhando. A valsa mais bonita e sincronizada que qualquer pessoa presente, inegavelmente emocionada, havia presenciado.

Encerraram encarando-se nos olhos. Pronunciando silenciosamente os seus votos. Uma promessa de amor eternizada.

E quando outra música iniciou, abrindo a pista para os convidados, Ryan a pegou em seu colo, enquanto a girava ao ritmo da música.

— Três... dois... — Caroline olhou para trás, onde suas melhores amigas da Juliet se empurravam na disputa para agarrar o buquê, e sorriu — Um!

Ela acompanhou com divertimento a disputa entre Fan, Melanie e Raeden, praticamente

despedaçando o buquê, cada uma ficando com uma pequena parte dele. E Caroline se sentiu feliz ao olhar em volta e ver que todas as pessoas queridas por ela, e que a ajudaram a construir sua história, estivessem ali, presenciando o momento mais importante de sua vida com Ryan.



As surpresas daquele dia incrível não haviam terminado ainda. Eles fariam uma linda viagem de lua de mel, claro, mas a primeira noite, a primeira noite como marido e mulher, eles desejavam ter na casa que agora seria definitivamente o lar deles, em Greenville.

Lar que Caroline abriria as portas para que suas talentosas e promissoras alunas de balé, do orfanato St. Thomas, tivessem aulas, e Ryan teria um estúdio onde teria toda paz e tranquilidade para

criar sua arte.

— Eu tenho um presente para você — disse Caroline, assim que ele cruzou a porta com ela em seus braços, exatamente como dizia a tradição — Pode me levar até seu estúdio?

Ele o fez, e em meio a quadros em branco, alguns iniciados e outros apenas aguardando uma bela moldura, havia um com um lençol branco o cobrindo e que Ryan tinha certeza que não estivera ali antes.

— Pode me levar até lá? — pediu ela, apontando o quadro coberto.

Ele estava curioso. E quando Caroline puxou o tecido, revelando o que havia sob ele, o coração de Ryan saltou.

— O quadro do lago — balbuciou ele, seus olhos emocionados a encararam, surpresos — Mas...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu o comprei naquele dia — admitiu ela, sorrindo — Na mais aterrorizante ideia de que se não me perdoasse, poderia ficar com ele. Eu passaria o resto da vida vendo como você me enxergava. Como sempre me enxergou.

— Eu o fiz para dar de presente a você, quando voltasse — murmurou Ryan, junto com ela admirando a pintura — Se isso não a convencesse de quanto a amava, sinceramente eu não saberia dizer o que poderia ser capaz. Fiquei arrasado quando acreditei que o perdi. Então você veio até mim, e deixou de ter tanta importância.

— Bom, agora ele está de volta — murmurou ela — Exatamente onde deveria estar.

— Nós podemos ter tudo, não é mesmo? — ele reproduziu a mesma pergunta que um dia ela o fez.

— Tudo e um pouco mais — respondeu ela, sorrindo.

PERIGOSAS ACHERON

Isso era bom. Não, era mais do que bom. Aquilo era perfeito. Pois o seu tudo estava exatamente onde deveria estar: em seus braços.

— Eu te amo — Ryan sussurrou ao beijar os seus lábios.

E enquanto o grande amor que sentiam fosse o pilar daquela linda união, a esperança que os guiava nunca iria morrer.